

"Quem nunca ouviu ruídos estranhos durante a noite? Neste livro, esse medo torna-se realidade. É um dos melhores thrillers dos últimos tempos."

— LA Times

NAS

SOMBRA

TRACY

"Um dos thrillers mais brilhantes e assustadores que já li."

— Guardian

SIERRA

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

"Given more time, white soldiers
wouldn't have fought. They were very
tired and exhausted. It was just
a matter of time before they
would have changed sides."
— *LA Times*

MIS

SOMER

TRACY

"The day that the
mass shooting
occurred was
just a day."
— *Seattle*

STERN

AS

Capa

Ficha Técnica

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

AGRADECIMENTOS

Tracy Sierra

NAS SOMBRAS

Tradução
Ana Marta Caio

ASA

Ficha Técnica

Título: Nas Sombras
Autor: Tracy Sierra
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Ana Marta Caio
Revisão: Rui Miguel Rodrigues
ISBN: 9789892362908

Edições ASA II, S.A.
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2024, Tracy Sierra
© 2024, Edições ASA II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.
Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.
www.leya.com

Para a Catherine
A minha mãe

«Tenho uma vasta rede de conhecimentos aqui na Nova Inglaterra.»

O homem¹, em *Young Goodman Brown*, de Nathaniel Hawthorne

1. Uma personagem enigmática que representa o diabo no conto de Hawthorne. (*N. da T.*)

Estava alguém dentro de casa.

De pé na escuridão do quarto do filho, ela via, através da porta aberta e ao fundo do corredor comprido, o patamar ao cimo das escadas íngremes da cozinha iluminado pelo brilho ténue de uma luz de presença.

Aquela luz servia para as crianças, nas suas deambulações noturnas, conseguirem ver as escadas. Para evitar que caíssem, silenciosas e indefesas, enquanto caminhavam dos seus quartos para o quarto dos pais durante a noite, à procura de água, ou reconforto, ou depois de molharem a cama.

A velha casa deixava o vento sibilar-lhe pelas fendas e ranger-lhe as vigas. Os barulhos que produzia a enfrentar a tempestade, a sua respiração ofegante e entrecortada, eram familiares. Mas, por entre tudo aquilo, chegavam ruídos que a paralisavam. Igualmente familiares, mas não àquela hora da noite. Não quando tinha a certeza de ser a única pessoa acordada na casa.

No breve silêncio entre as gélidas rajadas, ouviu-se o chiar de um peso exercido sobre as escadas.

Estás a imaginar coisas.

A sua filha dormia no quarto ao lado. O filho já voltara a adormecer, a poucos passos dela.

Por um momento, a esperança de poder ser o seu marido animou-a.

Para. Isso é impossível.

Mas podia ser a filha de novo a vaguear, sonâmbula. Haviam aferrolhado a porta do quarto da menina que dava para as antigas escadas da frente – um sítio demasiado perigoso para a deixar perambular por lá às cegas. Mas era possível que ela tivesse saído pela outra porta do quarto. Aquela que deixavam destrancada, apesar do sonambulismo da menina e do perigo das escadas da cozinha. A porta que deixavam aberta para ela poder ir à casa de banho de noite, para perceber que, apesar de tudo, era uma menina crescida, confiavam nela, e ela deveria confiar em si mesma.

Sim, isso podia ser uma explicação! E não conseguirias ouvir o intercomunicador dar sinal.

O seu marido instalara um monitor de bebés com sensor de movimento do lado de fora da porta destrancada do quarto da filha, após três noites a encontrá-la de pé, ao lado da cama, no escuro, imóvel e profundamente adormecida.

– O que dizer? – O seu marido encolhera os ombros. – As câmaras são a minha especialidade.

Clic, zum, bip! O monitor acendia-se no quarto deles, e a menina aparecia no ecrã, de passagem, com um aspeto desfocado e pálido por causa da visão noturna da câmara, as retinas a emitir um brilho espelhado, quase animal. Um deles (ela, sempre ela) levantava-se e intercetava a filha antes que ela se magoasse acidentalmente. Guiava a pequena de volta para a cama, afastava-lhe o cabelo escuro dos olhos abertos e vazios, da boca relaxada, e ficava sentada ao seu lado até ela voltar a repousar a cabeça na almofada.

Deve ser isso. Sonambulismo.

E, no entanto, não se conseguia obrigar a mexer-se. Não conseguia desviar os olhos da luz de presença distante. Uma parte de si lembrava-se de que o som da filha naquelas escadas era diferente. Uma parte de si reconhecia que, em todas as deambulações noturnas da sua filha, a pequena nunca chegara a descer as escadas. E os sons vinham das escadas.

Ecoava-lhe na cabeça um trecho distorcido de uma lengalenga, uma das histórias infantis infinitamente lidas que agora permeava a sua consciência.

Se os desejos fossem peixes, teríamos alguns para cozer. Se os desejos fossem peixes, podíamos comê-los e não morrer.

Um baque surdo, uma pausa. Uma mudança completa e instantânea na sua linha de raciocínio.

Bateu com a cabeça.

Isso às vezes acontecia a quem não estava familiarizado com as excentricidades da velha casa. Qualquer pessoa com mais de um metro e oitenta tinha de inclinar a cabeça ou baixar-se para evitar o teto na curva das escadas da cozinha.

Ouviam-se sons finos, raspados, enquanto a pessoa se reajustava. Recalculava. Voltava a mover-se.

Viu dedos a envolverem o corrimão, como patas brancas de aranha.

O intruso subiu lentamente até chegar ao cimo das escadas, as feições diluídas até à invisibilidade pela escuridão e pela forma como a luz de presença brilhava atrás dele, por baixo. Durante um breve instante, ao olhar para aquela silhueta, viu o seu marido. Abriu a boca para o chamar, perguntar como tinha chegado a casa.

Mas o teu marido não bateria com a cabeça. Não tem altura suficiente.

Com este pensamento, veio a clarificação. As extremidades da figura desajustaram-se, convertendo-se num desconhecido.

É um homem.

Era alto. Os seus braços compridos pendiam, soltos. A sua presença tinha aquele travo rançoso familiar, mas distante, de algo errado e decomposto que ela já antes provara, mas não conseguia identificar.

Reconhece-lo? Quem é?

O homem inclinou a cabeça e olhou diretamente para a poça de escuridão que a envolvia ao fundo do corredor.

Objetivamente, logicamente, sabia que lhe seria impossível vê-la. Quantas vezes estivera ela naquele preciso lugar, naquela posição exata? Quantas vezes olhara ela para o corredor escuro e torto que leva à zona mais antiga da casa, onde se encontra agora, no quarto do filho? Tentando perceber, a meio da noite, se a porta estava aberta, se o seu pequeno ali estava, em pé, sem nunca conseguir ver nada senão sombras. Porque aquela luz de presença no patamar, fraca e próxima do chão, impedia-a de ver além do seu fraco alcance. Em todas as vezes, todas, tinha de estar quase à porta do quarto do menino para poder ter certeza de que sim, ali estava o seu filho, fora da cama, a observá-la silenciosamente. Em vez de estar a dormir em segurança.

A luz tem de – deve – cegá-lo.

As sombras transfiguravam o rosto do homem na imagem de um crânio. Negritude total onde deviam estar os olhos. A luz incidia-lhe nos lábios, desenhando um sorriso exagerado. Aquele ser parecia-lhe tão enorme que ultrapassava os limites do razoável. Tão substancial que parecia ter até mesmo a boca, as narinas, os ouvidos cheios de carne.

Faltou-lhe o ar. Era a realidade dele, os detalhes humanos que a sufocavam. O cabelo curto e loiro-escuro espetava-se de lado, como o de uma criança após uma noite de sono. A camisa escura estava apenas meio enfiada nas calças. O homem transferiu o peso de um pé para o outro. Coçou o lado do nariz, depois esfregou o ponto da cabeça onde, provavelmente, havia batido.

Os olhos dela arregalaram-se. Sentia o sangue espesso a pulsar-lhe com força nos ouvidos, ensurdecendo-a. Apercebeu-se de estar a tremer, sendo atingida por um assomo de vergonha pela total incapacidade de controlar o próprio corpo. Lembrava-se dessa vergonha. Viu, na sua memória, um chão de linóleo. Nenhum sinal de luta, nenhum sinal de tentativa de fuga, apenas imobilidade absoluta e arrepiante.

E o tempo. *Tic, tic, tic*, deve estar algures um relógio a dizer. *Tac, tac, tac*, segundos a passar sem serem contados.

Um minuto, dois? Dez? Respira. Pensa. Ele vê-te. Será que consegue ver-te?

O tamanho do homem lembrava-a, asfixiantemente, de quão pequena ela era.

A sombra dele colava-se ao teto, projetada pela luz de presença vinda de baixo.

Ele está na tua casa. Na tua casa!

Era por isto que os seus ouvidos estavam ensurdecidos pelo sangue. Que

o terror a esvaziava, deixando-a como que sem peso.

Uma pessoa capaz de dar tal passo, de abrir tal cortina?

Ah, sim. Uma pessoa assim está determinada.

Mas... talvez ele não seja real. Talvez estas a ver coisas.

Esta ideia derreteu-se dentro dela. O homem podia ser um pesadelo vívido. Ou um dos medos que ela esfregava entre o polegar e o indicador, uma das preocupações que ela roía e polia até se tornarem fantasias mórbidas, de olhos postos, sem conseguir dormir, no teto do quarto.

Onde vais tu buscar essas coisas horríveis? Já chega. Imaginação hiperativa. Um sonho. Um-dois-três, inspirar, expirar, abrir os olhos. E, puf! Ele desaparecerá. Vais ver.

Mas quando forçou os olhos a fecharem-se, e os forçou a voltarem a abrir-se, o homem não havia desaparecido. Pela primeira vez, notou que ele estava de ténis.

Alguns no fundo do seu ser, compreendeu as implicações disso. Ele não podia ter caminhado pela tempestade de neve com aqueles ténis. Imaginou-o sentado no banco do vestíbulo, lá em baixo. Descalçando as botas de neve. Pousando-as cuidadosamente no chão, lado a lado. Tirando os ténis de um saco e calçando-os. Um hóspede consciencioso. Que planeava ali ficar algum tempo.

Ele está muito, muito determinado.

Desviou os olhos para o lado, para ver os flocos de neve a cair. A sua brancura era a única coisa visível lá fora, tocando e depois afastando-se em rodopios da pequena tira de vidro visível entre as cortinas, assentando nos cantos da janela, suavizando-lhes a forma. Antes de começar a tempestade, havia pelo menos trinta centímetros de neve acumulada no chão. À hora de dormir, já eram quase sessenta. Agora – bem, de onde estava, não conseguia ver. Mas sabia que a sua casa, toda a propriedade, o mundo inteiro estavam bem embrulhados.

Ao lado da janela ficava a cama do seu filho. O pequeno encontrava-se enrolado num monte minúsculo, macio, adormecido, o peito a mover-se ligeiramente para cima e para baixo sob o cobertor verde. Um pouco de cabelo e uma curva da sua orelha eram as únicas coisas discerníveis na escuridão.

Enquanto olhava para a forma do filho, sentia no coração um aperto de amor e pânico tão grande que quase gemeu com a dor. Pensou nas suas bochechas macias e cheias, na forma como se encontravam com o pequeno osso do queixo. As proporções doces, quase como um desenho animado, do seu pequeno ser. A tenra barriga arredondada. As pernas e os braços finos, as ancas retas. O seu rapaz pequeno e perfeito, que era uma pessoa completamente formada, por mais minúsculo que fosse. Por mais recente.

E agora?

Que vai acontecer agora a esta pequena pessoa?

Arrastou os olhos de volta para o homem.

Dez segundos? Dez minutos?

Ele estava ali há apenas um instante. Estava ali desde sempre.

Mas não pode acontecer. Isto não pode acontecer. Não a ti.

Estas coisas acontecem. Estas coisas acontecem todos os dias.

Deve ser culpa tua. Que fizeste?

Sentiu um puxão de desespero no fundo da língua.

Fizeste tudo bem, não fizeste? Trancaste as portas. As janelas.

Que fizeste para merecer isto?

Mas ela sabia, melhor do que a maioria das pessoas, que merecer pouco tinha que ver com ter. Estava certa de que quase ninguém tinha voto na matéria acerca das piores coisas que lhe aconteciam.

O homem estava pacientemente quieto na mancha de luz fraca. Tão terrivelmente, aterrorizadamente paciente. Observou-o à escuta dos mínimos sons de vida. Observou-o a escolher os próximos passos.

No breu do quarto do filho, sentia nitidamente atrás de si a presença da porta para o patamar superior das escadas da frente. Em tempos, essas haviam sido as únicas escadas da casa. Do outro lado desse patamar ficava a porta do quarto da menina, que mantinham trancada por fora, para segurança dela.

Na sua mente, via cada um deles como um componente de um esquema. O filho ali, a filha a dormir no quarto. O homem à espera ao cimo das escadas que desciam para a cozinha. Entre ela e a construção moderna anexada à parte de trás da velha casa. Entre ela e o seu quarto, o seu escritório, a garagem. O que significava que estava entre ela e o telefone na mesa de cabeceira. O carro na garagem. A arma trancada no cofre encastrado na parede. As balas para essa arma escondidas no topo do armário do marido. Entre ela e o computador, no quarto de hóspedes, que também servia de escritório. Ali estava ele, entre ela e toda a possibilidade de ajuda, socorro, comunicação e força.

Sentiu necessidade de espetar as unhas em alguma coisa.

Fica quieta, fica quieta! Ele ainda te vê.

Com espanto, percebeu que estava completamente encharcada em suor. Um suor nervoso, viscoso, anfíbio, que deixava o frio agarrar-se-lhe a cada pedaço da pele com uma pressão dolorosa. Aquela humidade tinha-lhe ensopado a *T-shirt* e a roupa interior que vestira para dormir. Por causa disso, o roupão com que se cobrira, como uma barreira contra o perpétuo frio invernoso da casa, colava-se-lhe ao corpo, pegajoso.

O homem tirou algo de um bolso no seu amplo peito. Deixou-o balançar na mão. Um objeto oblongo, pesado mas solto, com um leve oscilar.

SLAP! Balançou-o e acertou na palma da outra mão. O barulho inesperado, o peso, a realidade, as implicações da arma não identificada que ele empunhava varreram-lhe a tensão dos joelhos, de tal modo que teve de fazer um esforço para se manter de pé.

O facto de o homem não usar máscara tornava tudo ainda mais surreal,

neste novo mundo em que toda a gente usava. E ele ali, a fazer aquilo, com o rosto descoberto?

Mas usava luvas. Luvas de plástico branco que brilhavam com a ténue luz de presença.

As impressões digitais são importantes, mas vemos o rosto dele não é, porque nos vai matar.

Sacudiu a cabeça tão depressa e com tanta força que ouviu o som do mar.

Para com isso! Não sejas ridícula, acalma-te, pensa com clareza.

Não. Tu estás a pensar com clareza. Isto é grave. Há muito aqui em jogo. Está tudo em jogo. Não finjas que não. Olha para ele. Sem máscara. Luvas. Tênis secos. Arma. Ele está preparado. Vai fazer-lhes mal. Fazer-te mal. Qualquer coisa que não seja isso é fantasia. Sabe-lo. Sabes os limites que ele já ultrapassou. Ser simpática, pensar positivo... não.

Com uma onda de desespero, viu que já estava tudo acabado. Que poderia fazer senão oferecer-lhe o pescoço e fingir estar noutro lugar? Não havia maneira de lutar contra ele. Sem arma, sem ajuda. Dois filhos pequenos e o seu próprio ser pequeno, fraco e magro. Não havia maneira de vencer, defender, proteger. Enrolou-se sobre si mesma perante o reconhecimento desesperado de que já fizera os cálculos, esboçara todas as opções, e não estava de todo à altura da tarefa.

O medo da dor, o terror do que ele poderia fazer eram antecipações insuportáveis. O pânico crescente no seu corpo petrificado transformava-a num fio elétrico descarnado, embora incapaz de libertar carga.

Esta é a parte do filme que não tens permissão para ver. O que está prestes a acontecer é o que os obriga a cortar para um ecrã preto.

O homem inclinou-se para trás e estalou a coluna, como um corredor a preparar-se para começar uma corrida. A arma peculiar parecia debilitar-lhe a mão.

A face larga virou-se lentamente para o homem olhar para o corredor do anexo moderno. O seu peso a deslocar-se fez o chão gemer debaixo dele.

Ainda esperançosa, ainda desejando profundamente que estivesse a mergulhar na insanidade, que fosse tudo imaginação, disse a si mesma: *Que toque de mestre, cérebro, lembrares-te exatamente de como range o chão naquele ponto.*

O homem deu um passo, depois outro. Ela pestanejou, incrédula, quando ele se afastou dela. Percorreu o corredor do anexo, entrou no quarto dela e desapareceu.

Devido a ele se ter afastado em vez de se ter aproximado, ela sentiu crepitar-lhe na base do pescoço uma fina lâmina de esperança.

Faz alguma coisa.

Estava acordada a meio da noite por causa do filho. Ele acordava-a sempre de maneiras perturbadoras. Arranhando-a com uma unha na pálpebra. Enfiando-lhe o polegar no ouvido. Puxando-lhe habilmente um único cabelo.

Naquela noite, apertara-lhe o nariz até ela acordar com um arquejo, agitando pateticamente as mãos no ar vazio. Seguiu o seu pequeno filho pelo corredor, o corpo minúsculo e ágil mal visível na escuridão profunda. Sabia que era melhor não lhe fazer perguntas sobre o pesadelo que o levava a acordá-la. O filho quase sempre já o esquecera. Tudo o que restava era o sentimento de horror, uma estranheza residual, uma necessidade de ter alguém acordado consigo. Naquela noite, como de costume, ela coçara-lhe ligeiramente o couro cabeludo para o acalmar até ele adormecer.

Os pesadelos do pequeno tinham começado algumas semanas depois do confinamento.

Pensas que escondes os teus medos dos teus filhos, mas eles absorvem-nos como absorveram o teu sangue.

– Alguém consegue dormir nesta casa? – queixava-se o marido. Contava pelos dedos os problemas. – Sonambulismo, terrores noturnos, insónias, pesadelos, demasiado quente, demasiado frio, demasiado molhado, demasiada sede. Demasiado cansado!

– Bem – bocejou ela –, pelo menos tu não tens dificuldade em dormir.

– É verdade – disse ele. – Tenho a muralha da mamã a proteger-me. Porque é que iriam acordar o velho e inútil pai quando podem acordar a mamã ursa? Chamar o peso pesado?

– A quem é que estás a chamar «ursa»? E é a primeira vez que alguém me chama «pesada».

O marido mostrou-lhe o seu sorriso cativante e curvado.

– A pequena mamã, então. É melhor acordar a pequena, minúscula, atraente mamã.

Então, o seu filho acordava-a sempre a ela, nunca ao pai, e ela seguia-o silenciosamente pela escuridão, enfiava-o na cama, *Brilha, brilha, lá no céu, a estrelinha que nasceu*. Afagava-lhe o cabelo preto, afastando-lho das longas pestanas, dos cantos dos olhos já adormecidos. E ficava completamente acordada, sentada ao pé da cama dele, à espera de ver se a falta do seu toque acordava o seu menino, como tantas vezes acontecia, obrigando-a a repetir o processo. Depois, voltava pelo corredor, deitava-se e ficava a olhar para o teto, pensando no novo e estranho medo do mundo. Pensando nas coisas que tinha feito mal. Nas coisas que poderia ter controlado, se tivesse pensado nelas o suficiente, com cuidado suficiente, antecipadamente. Imaginava outros mundos, em que as coisas tivessem corrido de forma diferente. Melhor. Pior.

Não é culpa tua.

A culpa é toda tua.

O homem a desaparecer pela porta do quarto dela era como acordar do sonho do seu filho. Um pesadelo a afastar-se, deixando para trás um tremor de ar estranhamente vazio.

Encontrei ontem na escada um homem que não estava lá nem nada.²

Sentiu a pele estalar. Os dentes descerrarem-se.

Que vais fazer?

Imaginou-se a acordar os filhos, puxando-os para a neve pelas portas da frente antigas, eles a descenderem as escadas atrás dela, um de cinco e outro de oito anos, ambos descalços, de pijama, ela de roupão e chinelos, porque sapatos, casacos, o carro, tudo – *tudo!* – estava do outro lado da casa.

Ele apanhava-nos. Facilmente. Imediatamente. A atravessar a casa ou, se tentássemos fugir, na neve. E é uma distância tão grande até ao vizinho mais próximo. Oitocentos metros? Pelo menos. Pelo menos! E nesta tempestade. E através destes bancos de neve. Frio recorde, disseram. Queda de neve recorde.

Não há tempo, não há tempo. Faz alguma coisa.

Ficou momentaneamente pasmada ao perceber que, pela primeira vez em muito tempo, se sentia viva e, ainda mais surpreendente, queria desesperadamente continuar viva. Mas o seu espanto vinha acompanhado de um terrível medo profundo. Medo da violência cinética do homem. Do que ele poderia fazer com aquela estranha arma. Medo daquela energia potencial libertada sobre os seus filhos. Medo da dor. Nunca lidou bem com a dor.

Alguém lida?

Então, uma possibilidade. No turbilhão preênsil formado pelo seu frenesi animalesco, pela adrenalina e pela impotência, lembrou-se do esconderijo.

2. Início do poema «Antagonish», de Hughes Mearns, escrito em 1899 e, mais tarde, musicado, tornando-se uma canção popular e uma referência frequente em vários contextos da cultura norte-americana. (*N. da T.*)

Mais tarde, pensaria naquilo como estando possuída. Quando viu o homem entrar pela porta do seu quarto, quando se lembrou do esconderijo, parecia-lhe ter sido arrancada ao próprio corpo. Via-se a si própria de fora, confusa com as suas ações, pensando: *Olha o que ela está a fazer. Tu não eras capaz.* Ainda assim, apesar do distanciamento, sentia as mãos a tremer. Sentia o terror ácido na boca.

Viu-se a guardar num bolso do roupão o copo de treino que o filho tinha ao lado da cama para beber água; e a enfiar a «boneca fofinha» para dentro do outro bolso. Viu-se a dobrar cuidadosamente a manta, a pegar no menino adormecido ao colo. Ele mexeu-se, depois relaxou contra o seu corpo. As pernas pequenas e rechonchudas pendiam livres, a cabeça sólida no ombro dela. Respirava o suor familiar da mãe, braços soltos e confiantes.

O filho cheirava a baba. A calor. Um cheiro único e universal.

– Amo-te – sussurrou, abafando a voz no cabelo dele enquanto o segurava, apressando-se na direção do quarto da filha. – Amo-te.

Deslizou o ferrolho à prova de sonambulismo do lado de fora da porta do quarto da filha e entrou. A filha ressonava. Um relampejo da menina bebé, ela e o marido a conterem risos com uma série de puns massivos, de roncoss estrondosos, todos vindos de um ser tão pequeno e angelical.

– Sai ao pai – sussurrara ela com um sorriso trocista, e o marido pousara as mãos nas ancas, soltara um ronco explosivo e dissera:

– Podes crer!

Quase acordara a bebé com a súbita gargalhada.

Sentou-se na cama da menina. Com o filho ao colo, esticou o braço e tocou no ombro da filha. A menina virou-se imediatamente, fechando os punhos para esfregar os olhos com força, como sempre fazia.

– Mamã?

– Chhh, chhh, meu anjo – disse-lhe a mãe, acariciando o cabelo da filha demasiado depressa, febrilmente. – Silêncio. Por favor. Preciso da tua ajuda.

Temos de descer. Descer as escadas da frente.

A filha olhou para cima, com os grandes olhos confusos e à procura de respostas.

Zero apaziguamento nas tuas mãos, na tua voz. Nada a fazer.

– Porquê, mamã?

Porquê, porquê, sempre porquê, só perguntam «Porquê?». Porque é que não se limitam a fazer o que lhes dizes? Porque é que não se limitam a ouvir?

Queria desesperadamente mentir. Proteger a menina do medo. Da realidade. Mas levantou-se, segurando o filho com força, e ouviu-se a dizer:

– Está alguém cá em casa. Alguém mau. Temos de nos esconder. Agora.

O rosto da menina começou a enrugar-se em preparação do choro.

– Não, não! – Conseguiu agarrar-lhe o ombro. – Não temos tempo para isso.

A filha acenou com a cabeça e afastou o cobertor. Os lençóis tinham-lhe puxado a longa camisa de noite vermelha até às coxas, revelando as pernas magras e os joelhos nodosos. As manchas de pele branca, nos sítios em que o pigmento se desvanecera dos pés e tornozelos da menina, pareciam luminosas mesmo à luz da lua enfraquecida pela tempestade. Com a menina de pé, a camisa de noite voltou ao sítio. A menina apertou o seu desgastado «coelhinho rosa» contra o peito.

Engoliu um nó de medo fresco ao ver a beleza da filha. A menina tinha uma graciosidade esguia que pairava à beira daquela ponte medonha e trémula à saída da infância.

É um problema.

Esta não era uma preocupação nova, mas, nas circunstâncias atuais, era mais urgente, mais manifesta. Mais aterrorizante.

Um grande problema.

A filha seguiu-a até ao patamar, fechando suavemente a porta do quarto atrás de si.

Quase nunca usava esta escadaria, porque raramente precisava de ir do escritório do marido, ou da outra divisão da frente, que usavam como sala de jogos, até aos quartos das crianças. Mas os filhos usavam-na frequentemente para irem dos quartos à sala de jogos, e os seus vestígios estavam por toda a parte. A luz da lua enevoada, entrando pela janela ao cimo das escadas e pelas bandeiras sobre a porta ao fundo, permitia uma visibilidade ténue. Estava um cavaleiro de Lego orgulhosamente em cima do corrimão. Um urso de peluche preenchia um canto, de rosto para baixo, claramente tombado do parapeito da janela. Uma fita entrelaçava-se nos barrotes da grade. Estas coisas apunhalavam-na no coração, como se os filhos tivessem desaparecido, como se já tivesse falhado na sua proteção, e esses objetos fossem tudo o que restava deles.

A pele arrepiou-se-lhe com o ar frio que subia pelas escadas. A tempestade lançava pedaços congelados da sua violência através das fendas ao redor das velhas portas lá em baixo. Observava-se a si mesma e chocava-a

perceber que, guardado algures nas dobras da sua memória, estava cada ponto fraco daquelas escadas pouco usadas, cada ponto passível de fazer barulho. Carregando o filho ao colo, pisava com os seus chinelos muito levemente nos pontos fortes dos degraus, uma espécie de descida dançante, saltando até, habilmente, o degrau mais ruidoso.

Que estranho, que estranho, como é que fizeste isso? Isso não é coisa que consigas fazer.

Mas o pé da filha pousou mesmo no meio do primeiro degrau. O barulho produzido rodeou-os, uma condenação ecoante.

Com as portas dos quartos para o patamar fechadas, com o som baixo do vento a raspar pela casa, talvez o homem não tivesse ouvido? Quão perto estaria ele agora? Lá, do outro lado da casa, ele deve ter visto imediatamente os cobertores puxados para trás, o lugar vazio na cama, o telefone no carregador.

Pode estar já a vir nesta direção à tua procura. Ou anda à tua procura no andar de baixo, a pensar que adormeceste no sofá.

– Silenciosamente, muito silenciosamente, segue pela ponta das escadas, em bicos de pés – sussurrou à filha. – Está tudo bem, querida, tu consegues!

– Está bem, mamã. – A menina desceu cuidadosamente, evitando o centro de cada degrau.

Sim. Que miúda bondosa. Que menina corajosa. A melhor de todas.

Ao fundo das escadas, viraram à direita e entraram no escritório do marido dela. Ele gostava do ambiente sombrio. Ela preferia instalar-se sob as luzes ofuscantes do quarto de hóspedes. Do lado de lá das janelas, neve. A deambular, a soprar, a acumular-se.

Deitou o filho delicadamente na poltrona do canto, e ele enrolou-se numa bola quente, ainda a dormir.

Na escuridão, tateou a parede em volta da lareira à procura do painel que se abria para dentro quando se empurrava de uma forma específica.

É aqui, não é? Espera – é mais abaixo. E agora, como é que se faz isto?

De joelhos, percorreu o painel com as pontas dos dedos até o empurrar no ponto certo da maneira certa. Abriu-se para um vazio dentro da parede.

O espaço era irregular. Começava atrás do forno a lenha embutido na lareira da sala de estar e terminava debaixo das escadas. Tentou mapear o espaço na memória, mas não se conseguia recordar bem das dimensões. Não chegava a um metro de largura. Alto na parte de trás, baixo perto da entrada, onde as escadas da frente formavam o teto. Talvez um pouco menos de três metros de comprimento.

Só estivera lá dentro uma vez. Os vendedores mostraram-lhes o esconderijo no dia em que fecharam a compra da casa. Demonstraram como abrir o painel com uma pressão firme no canto inferior esquerdo. Como enganchar o dedo numa parte ligeiramente deformada do canto superior esquerdo para o fechar. Um presente especial, secreto.

Esta revelação do esconderijo tinha-a deixado aliviada. Naquela parte da

casa, com quase trezentos anos, o seu cérebro matemático medira as divisões e, tirando alguma inclinação aqui, algum desnível ali, cada uma tinha as mesmas dimensões da que lhe ficava imediatamente acima ou abaixo. Eram tão idênticas, empilhadas umas sobre as outras, tão simétricas, que havia nisso algo inquietante. Algo inexplicável e difícil de definir que transformava toda aquela racionalidade em irracionalidade.

Quando os vendedores abriram o painel, ela compreendeu. A chaminé central maciça ramificava-se com os seus ductos desordenados, eficientes como as veias e artérias de um coração humano. Os construtores, há muito falecidos, haviam disfarçado aquela anatomia animal pouco atraente ao murar os tijolos torcidos. Isso criara uma coluna agradável, uniforme – e um espaço vazio.

Lembrou-se de ter aprendido nas aulas de história que os primeiros americanos haviam eliminado o nativo, o orgânico, o selvagem. Respiraram as cinzas dos Pequot e entenderam-nas como um lembrete da sua própria união. Observaram as bruxas desfalecer e souberam que os seus atos eram justos porque Deus os permitia. A velha Nova Inglaterra pregava a eficiência e a parcimónia, mas esses ideais eram secundários à pureza. E a pureza requer desperdício.

Assim, por trás daquelas paredes puritanas, esperava o espaço morto. Uma batida no painel de madeira antiga, e ela ouvia a reverberação oca. Se retirasse um pedaço de reboco, se lhe espetasse um dedo, senti-lo-ia a mexer-se no vazio. E atrás daquele painel, debaixo das escadas, em torno das artérias entrelaçadas da chaminé, os construtores haviam deixado o maior e mais misterioso de todos os espaços.

– Porque é que acham que fizeram esta divisão? Que lhe puseram uma porta secreta? – perguntara-lhes o marido dela.

– A rede clandestina de fuga de escravos, ou talvez um local para se esconderem dos nativos – tinham aventado os vendedores. – Os nossos filhos, claro, dizem que está assombrada.

Os olhos do marido brilharam ao imaginar as famílias protegidas, os nativos cercantes, os mortos vigilantes.

Ela não dissera nada, mas tinha outra opinião. Aquele tipo de acesso facilitava qualquer reparação de tijolos e argamassa, caso fosse necessária. A casa antecedia as redes clandestinas de fuga de escravos. E, naquela parte da Nova Inglaterra, o conflito com os nativos cessara muito antes da construção da casa.

– Porquê selá-lo? – teriam perguntado aqueles primeiros construtores na sua imaginação. – Pode vir a ser útil, algum dia.

Depois de se mudarem, o marido arranjou um aspirador industrial. O espaço estava cheio de poeira de argamassa, papel enrolado, entulho geral e alguns ratos já secos. Sendo ela muito mais pequena do que ele, foi quem teve de rastejar e aspirar a sujidade, enquanto ele aparafusava as dobradiças do painel de forma mais segura. Lembrava-se de não se ter conseguido pôr de pé,

mas que fora bastante fácil mover-se pelo espaço de gatas, dada a quantidade de chão entre a face áspera das condutas da chaminé e o lado esburacado do revestimento de madeira de pinho.

Chamara a atenção do marido para um antigo aquecedor elétrico que dava para as escadas, com fios descarnados e o interior enegrecido, mostrando sinais de algo ali se ter queimado. Ele enfiara, com dificuldade, os ombros largos no esconderijo para o desligar e retirar de lá, resmungando e barafustando com a falta de segurança do aparelho. Sempre irritado com a irresponsabilidade dos outros. Sempre satisfeito por consertar algo, torná-lo seguro. Protegê-los, afinal, fazia parte da maneira como ele se via, de tal modo que uma qualquer evidência tangível desse propósito era sempre uma coisa cintilante e bonita. Não importava que tivesse sido ela a encontrar o problema. A diagnosticá-lo. Foi ele quem disse orgulhosamente ao telefone aos pais: «Nem vão acreditar no risco de incêndio que retirei de baixo das escadas...»

– Não sei para que é que usaremos este espaço – refletira o marido. – Dada a temperatura a que provavelmente chegam estes tijolos quando se acende o forno a lenha, não sei. Provavelmente devíamos deixá-lo estar.

Os outros espaços ocultos criados pela chaminé murada foram preenchidos ao longo dos séculos com coisas que aumentavam o conforto. Ductos, fios e tubagens eram visíveis através de portas de acesso mais pequenas e menos escondidas. Tirando aquela única exceção, soluções práticas como armários, prateleiras, canalizações internas e iluminação elétrica haviam eliminado os espaços secretos que acumulavam superstição, especulação e devaneios.

Naquela noite de neve, o esconderijo parecia-lhe completamente diferente do que lhe parecera no dia ensolarado em que o limpavam. A passagem aberta era de um preto puro. Tão escura que, mesmo naquela divisão, a meio da noite, ela a via como um poço ainda mais escuro. Uma boca morta com uma garganta mais profunda do que a obsidiana.

De alguma forma, a profundidade daquela escuridão tornava o resto do quarto mais visível. Viu o filho mexer-se na cadeira do canto. Avançou, mas, antes de conseguir chegar-lhe, o menino acordou e começou a chorar. A mãe tapou-lhe a boca com a mão. A surpresa e a mágoa do filho eram uma coisa tangível que vibrava para fora do corpo dele e a atingia em cheio na barriga com vergonha.

– Chhh, está tudo bem, mas temos de ficar em silêncio, silêncio! Olha, a mana está aqui, vês? E temos todos de ser corajosos e silenciosos.

A cara do menino continuava a ameaçar derreter.

Oh, não, oh, não.

Reconheceu o início dos gritos, do medo doloroso, alto e choramingão. A injustiça de acordar, no escuro, e a mamã pôr a mão na minha boca, tão má, tenho frio, onde estou? Sim, tudo isso legível na careta do seu pequenote. Pressionou ainda com mais força, e o filho agarrou e esgaravatou-lhe o pulso.

– Temos de ficar em silêncio – sussurrou ela. – Temos de ficar em silêncio! Se não ficarmos em silêncio, o monstro apanha-nos!

Ambas as crianças reagiram como se as suas palavras lhes causassem dor. Se ela tivesse dito aquilo em qualquer outro momento, uma delas teria mostrado um sorriso, dito: «Nããã, mamã, estás a brincar! Os monstros não existem!». Mas acordá-los, trazê-los ali para baixo, para o escritório, onde não lhes era permitido brincar, pô-lhes uma mão sobre a boca, implorar por silêncio, rodeados de escuridão, frio, tempestade, sentindo o pulsar do seu medo. O medo de uma mãe. Tudo se juntou numa espécie de terror que os fez recuar. E ficaram em silêncio.

Graças a Deus. Graças a Deus.

Tirou a mão da boca do filho, aterrorizada, contra toda a lógica, com a possibilidade de o ter sufocado, por causa do silêncio dele, da sua imobilidade. Mas não, ele fazia pequenos ruídos fungados.

Então, ambas as crianças começaram a soluçar, a chorar. A frustração invadiu-a.

Não há tempo para isto.

– Não! Não! Vejam, aqui está o esconderijo, é aqui que nos escondemos para ficarmos seguros. – Apontou para o painel aberto. – Estão a ver? Olhem! E estão a ver aqui? – Agarrou no cobertor e na almofada da cadeira e ergueu-os. – Vão ficar aconchegadinhos com isto, certo? E temos a «boneca fofinha», e o «coelhinho rosa», e vamos enroscar-nos aqui e esconder-nos até o monstro se ir embora. Aconchegados com a mamã. Está bem?

Agarrada ao cobertor, à almofada, olhou para os seus rostos arregalados de medo.

Merda, não vai ser fácil convencê-los.

Quanto tempo passara desde que vira o homem? Minutos? Apenas minutos. Mas, ainda assim, demasiado. Que estaria ele a fazer agora?

Mexam-se. Mexam-se! Têm de se esconder.

Sempre que mostrava impaciência, urgência, as crianças reagiam com suspeita e lentidão. Via-se a si própria nos olhos delas. Agitada, a sussurrar, encharcada em suor, a tremer de uma forma que não conseguia controlar, a tentar atraí-las para um sítio sujo e desconhecido.

O quê, tens uma almofada decorativa? Um par de peluches? Mostra-te calma. Leva-os lá para dentro.

Por trás deles, viu o computador do marido na secretária. Fez uma careta ressentida à sua inútil imponência. Ele desligara a *Internet* daquele computador. Dissera que, se não o fizesse, seria demasiado tentador navegar, ligar-se ao *wi-fi*, procrastinar, sair do que ele chamava de «modo de trabalho». Nem sequer levava o telemóvel para o escritório.

– Eu não quero ir para ali.

A filha dela olhava para a abertura do esconderijo, que parecia exalar um hálito poeirento. Cruzou os braços sobre o peito, abraçando-se mais, protegendo os sítios macios.

Eu também não quero ir lá para dentro, miúda, que raio.

Mexam-se, escondam-se!

Sê paciente. Sê paciente e calma e eles vão-te ouvir. É assim que funciona.

– Eu sei – sussurrou. – Mas vamos ser corajosos e ficar em segurança juntos, está bem?

– Não, eu não quero.

A filha recuou um passo.

– Não – disse o filho, escondendo-se atrás da perna dela. Espreitou para a abertura como se algo pudesse saltar dela a qualquer minuto. Comê-lo.

No seu desespero, na sua impaciência, ela compreendeu o impulso das mães-animais predadoras ao devorarem os seus filhos para os proteger, sentindo uma necessidade horrível de os engolir inteiros, de os voltar a guardar dentro de si.

Amo-te tanto que até te comia.

Depois, simultaneamente, olharam os três para o teto. De cima vinha o som inconfundível de passos. Um ruído familiar na casa, mas distorcido. Porque era um som não familiar.

O homem estava no quarto da filha dela.

Juntos, pararam de respirar. Escutaram, cabeças inclinadas para cima, olhos sem pestanejar, como se isso os deixasse ver através do teto. Os três congelados na realidade temerosa do momento.

Ela sabia que era impossível, mas a certeza de que aqueles passos tinham personalidade desceu sobre ela como poeira solta dos soalhos.

Eram fortes. Impacientes. Irados. O movimento de alguém a quem fora prometido controlo total, e se via privado do que considerava seu por direito. Alguém que queria intervir naquilo que realmente importava. Queria jogar um jogo e apostar alto.

Ouviram um baque suave de alguma coisa a ser largada – *atirada?* –, quando esta aterrou no tapete demasiado pequeno. Ouviram-na rolar para o chão de madeira com um estrondo metálico.

Depois, um rugido, uma fúria gutural.

Porque o quarto da filha dela estava vazio. Porque a caminha da menina ainda estava quente.

– Lá para dentro – sussurrou ela – imediatamente.

Desta vez eles não hesitaram.

Atirou o cobertor e a almofada pela abertura escura, fazendo-os desaparecer. Rastejou para o esconderijo e estendeu as mãos para ajudar o filho a entrar, depois a filha. Disse às crianças, que choravam baixinho, para se chegarem mais para dentro, de modo a darem espaço para ela conseguir fechar o painel, mandando-as calar repetidamente. De gatas, girou para puxar o painel e fechá-lo. Mas virou-se demasiado depressa e bateu com a cabeça com força no canto de algo invisível. Com violência suficiente para pensar que ia vomitar. Com tal brutalidade que até viu cores.

Escorria-lhe pelo corpo uma raiva palpitante. Que lhe causava espasmos nos dedos e lhe deixava a coluna a latejar, como lhe acontecia sempre que batia com a cabeça. Com o dedo do pé. Com a canela. A necessidade de culpar algo, qualquer coisa, pela sua própria imprudência. Pela dor. Qualquer coisa que não fosse ela própria.

Maldita coisa... estúpida.

Tens de te mexer. Tens de fechar isso. Mordeste a língua? Não. Então, porque é que te doem os dentes? Porque é que tens um sabor metálico na boca?

Colocou uma mão à frente da testa para se proteger, movimentou-se mais devagar desta vez, e não bateu em nada. Empurrou o painel, que se fechou. Na espantosamente absoluta escuridão, deslizou as pontas dos dedos em redor das bordas do painel para verificar se estava bem-encaixado, sentindo a sua selagem uniforme. Ficou grata por quão inesperadamente fácil fora fechar aquilo. Lembrava-se de como era difícil fechar o painel do lado de fora.

Agora estamos invisíveis.

Encostou o lado ileso da testa à madeira áspera da porta oculta, soltando um suspiro de alívio.

Um pouco de descanso.

Quanto tempo passara? O tempo esticava-se e encolhia.

Pensa bem. Ouviste-o, depois passou menos de um minuto antes de o veres. Ele ficou talvez dois minutos no patamar antes de se afastar de ti. E tu agarraste nos miúdos. O quê, mais dois, três minutos antes de desceres as escadas, de os meteres aqui dentro? Foi só isso. O mundo inteiro desmoronou-se em menos de dez minutos.

– Onde estão? – sussurrou.

– Aqui, mamã.

Sem se levantar, esticou o braço e agitou-o à sua volta para se proteger de outras coisas invisíveis que a pudessem magoar.

– Não se levantem – sussurrou. – Tentem ficar quietos. Aconchegados. Não querem bater com a cabeça como a mamã fez. Vá, vamos embrulhar-nos na manta fofinha.

«Aconchegados». «Fofinha». Sim, palavras calmas, seguras. Como podes falar tão baixo e ser ouvida?

As crianças puseram-se cada uma de um dos lados dela. Ela envolveu-os com os braços e aproximou-os de si.

– Ai, mamã.

– Desculpem, desculpem.

Acalma-te, sê delicada, estás a assustá-los.

A assustá-los ainda mais.

– A mamã está aqui, a mamã está aqui – sussurrou enquanto eles fungavam.

Estou aqui. Vocês estão aqui. Isto é real.

– Agora, acabaram-se os cochichos, está bem? Acabaram-se os choros. Temos de ficar caladinhos como ratinhos.

Pensou nos barulhos dos roedores no sótão.

– Mais caladinhos que ratinhos – disse.

Juntos, enterrados atrás da parede, absorvidos pelo lugar outrora vazio, sentaram-se e puseram-se à escuta.

Parecia-lhe que as coisas estavam a acalmar à sua volta. O pó, a casa, a escuridão. No início, apenas o *tomp, tomp, tomp* pulsado do sangue nos ouvidos, do sangue a martelar no galo crescente na sua cabeça. Pestanejou, desorientada com os fogos de artifício no interior das pálpebras, com o facto de ver mais luz com os olhos fechados do que com eles abertos. Fazia-lhe lembrar uma visita feita a uma gruta com a mãe quando era pequena, uma atração turística algures à beira da autoestrada. O guia tinha apagado a luz, criando este tipo de escuridão, e feito um discurso. Não seria preciso muito tempo, disse ele, para tal falta de luz fazer com que os seus olhos morressem, as retinas destruídas pelo desuso. «É treta», murmurara a mãe no completo vazio daquela escuridão. O calão fizera-a sorrir, sentir-se tão adulta, tão mais inteligente do que o guia. Mas, neste momento em particular, neste lugar em particular, perder a capacidade de voltar a ver parecia-lhe uma certeza.

Três ratinhos cegos, três ratinhos cegos.

A dor latejante na sua cabeça expandiu-se para fora, e ela resistiu ao

impulso de tocar no galo. O silêncio espessou-se em torno deles à medida que o som do seu sangue diminuía de volume. Os soluços do choro das crianças abrandaram. Era difícil, tão difícil, resistir ao impulso de os abraçar novamente.

Bebés, meus bebés.

Está tanto frio aqui. Tens de envolver melhor a manta à volta das crianças. O que é aquela saliência? Ah, sim, o copo de treino no teu bolso. Consegues inclinar-te para trás? Palpar um pouco à tua volta. O chão está frio, mas com a manta...

Depois, os passos recomeçaram. Em simultâneo, retesaram-se os três e sustiveram a respiração.

Quando é que os passos pararam? Como é que não deste por isso? Ele tem estado em silêncio. À escuta?

O seu filho deixou escapar um «Mamã!».

– Chhh.

O menino enterrou a cabeça contra ela, fofinho e familiar no roupão. Enterrou-se a um ponto de surdez entre o braço e o tronco dela. Ela puxou a manta à volta dos ombros dele de forma desajeitada. O facto de o seu menino tão claramente, tão incorretamente, pensar que ela o podia proteger, de se sentir mais seguro quanto mais perto estava dela, era uma facada no seu coração.

Como é possível que eles só te tenham a ti?

Bum. Crac. Um longo crepitar viajou desde as costas deles, passou por cima deles. Sim, reconhecia estes sons. A origem de cada ruído, de cada ponto fraco, era evidente na sua cabeça. Os milhares e milhares de sons do quotidiano eram como farpas coladas à sua memória durante as inúmeras idas noturnas aos quartos das crianças ao longo dos últimos dois anos.

Não os acordes. Não pises aqui ou ali, fecha a porta assim, cuidado com aquela dobradiça, atenção à fechadura. Se os acordares, tens de voltar a adormecê-los.

O homem tinha saído do quarto da sua filha e dirigia-se para o quarto do seu filho. Pisara o soalho superior remendado que produzia sempre um eco vazio por cima da sala de estar. Depois, pousara o pé na prancha longa e fina que percorria quase toda a largura da casa. Sempre que ela a pisava na entrada da casa, ouvia-a ceder a três metros de distância. Quando se mudou para aquela casa, acordou o filho algumas vezes antes de a memória muscular se instalar. Treinada pela casa para evitar os seus pontos fracos.

Parecia-lhe repugnante poder rastreá-lo daquela maneira. Sentir que ele estava a passar por cima de coisas que eram suas, desencadeando memórias dos maternos rangidos e tropeções a meio da noite.

A filha encolhia-se mais e mais a cada ruído, uma tartaruga a recolher incrementalmente a cabeça para dentro da carapaça.

Inclinou-se para onde pensava estar o ouvido da filha na escuridão e sussurrou muito baixinho:

– Está tudo bem, és muito corajosa.

A menina agarrou-se a ela. Passou o nariz no cabelo da filha no ponto em que sabia que o brilho do preto encontrava o choque do branco que enquadrava um lado do rosto da menina. Cheirou avidamente o champô de mel de que a filha gostava e, sob ele, o espesso aroma a bebé, de couro cabeludo e óleo e pele, que ainda não desaparecera com a idade.

Quando é que este cheiro desaparece? Talvez nunca para uma mãe. E ele quer roubá-lo.

Depois veio o baque mudo dos passos no chão alcatifado do quarto do filho, vibrando como um terramoto distante. Aquela estranha agitação no ar, seria ele a abrir o roupeiro? Aqueloutro barulho – ele podia ter ido contra a mesa de cabeceira, que não estava bem nivelada.

Estás a ranger os dentes.

Abriu bem a boca para alongar o maxilar dorido. Virou a cabeça para libertar a tensão crescente no pescoço. Era inútil, com aquele galo pulsante a deixá-la tonta.

Um farfalhar distante. Um vago ruído rebolante. Não conseguia identificar esses sons e esforçava-se por ouvir melhor, por compreender.

A filha respirava agora mais devagar. Mais calma. Para cima e para baixo, inspirava e expirava. À escuta.

Sentiu-se inundada de gratidão por estarem ali, escondidos naquele pequeno esconderijo, em vez de estarem do lado de lá, com o intruso debruçado sobre a filha ou o filho, como estaria neste exato momento. A usar aquela arma indefinida. Outras armas.

Mas agora estás encurralada.

Parecia-lhe que uma mão enorme lhe esmagava o peito.

Encurralaste-os.

As paredes aproximaram-se.

Não havia alternativa. Não havia alternativa senão escondermo-nos.

Esticou-se e procurou ouvir mais alguma coisa.

Talvez, de alguma forma, as coisas não tenham rangido e ele tenha saído. Do quarto, da casa, desaparecido, desaparecido, desaparecido.

Se os desejos fossem cavalos, os mendigos cavalgariam em vez de correr. Se os desejos fossem peixes, podíamos comê-los e não morrer.

BUM.

Os três sobressaltaram-se como veados, costas empedernidas. A menina soltou um grito baixinho, enfiou o rosto ainda mais no roupão da mãe.

O homem estava exatamente por cima deles. O som fora causado por um pé no mesmo degrau que fizera um barulho ensurdecedor sob o pé da filha apenas há alguns minutos. Há uma eternidade. Dentro do esconderijo, foi como um trovão após um relâmpago que passara despercebido, muito próximo e ensurdecedor.

Teria ele ouvido o fraco lamento da filha? O homem ficara imóvel, silencioso.

E então viu-se luz. Acendeu-se a única lâmpada do candelabro que pendia no cimo das escadas. Talvez ele a tivesse acendido para evitar voltar a bater com a cabeça. Sem conhecer as escadas tão bem como ela, tendo apenas a luz fraca da lua chegada pelas janelas para o guiar, talvez o homem tivesse ficado surpreso com aquele primeiro estrondo, surpreso por os degraus serem tão pouco modernamente ociosos.

A luz pingou pelos intervalos entre as tábuas dos degraus. Escorreu através de fissuras aqui e ali, em torno dos nós da madeira. Onde fluiu com maior brilho foi pelo respiradouro, aquele que estava ligado ao aquecedor perigoso e queimado que o marido orgulhosamente arrancara. O respiradouro que tinham deixado encaixado na frente de um degrau, porque não? Mesmo não havendo aquecedor, mesmo sendo aquilo apenas uma janela para o esconderijo, mais valia deixar o ar circular. Mais valia garantir que o espaço inútil não ganhasse bolor, não se tornasse um problema. Uma trabalhadeira tapar aquilo, não sendo absolutamente necessário.

A luz parecia-lhe uma coisa terrível, o fim do mundo. Fera-a como quando era acordada por uma rápida abertura do cortinado e erguia um braço para escudar o rosto, como nos filmes de vampiros a preto e branco. Um silvo e chammas.

Será que ele vai conseguir perceber, agora que a luz está acesa? Será que nos vai conseguir ver?

O retângulo de luz que entrava pelo respiradouro salpicou a bacia do cobertor. Lentamente, vendo a sua mão a tremer tanto que mal conseguia agarrar na ponta, puxou o cobertor para si, para que a luz iluminasse apenas tijolo e poeira. Vazio.

Sentia o medo da filha, o tremor hesitante que a menina abafava contra ela, contra o seu roupão macio. O coração do filho batia como o de um passarinho aprisionado. Chorava. Mas baixinho.

Baixinho o suficiente?

BUM. BUM. BUM. BUM.

Vinha a descer. Cada passo, um aperto no coração, nos pulmões. Sentia o estômago contorcer-se, fazendo tanto barulho que estava certa os denunciaria.

Precisas de ir à casa de banho.

Que ridículo. Que urgência. Aguenta. Como se tivesses escolha.

BUM. BUM. BUM.

Caiu pó sobre eles por entre os degraus da escada.

Não espirres.

BUM. BUM.

Viu os ténis dele através da grelha de ventilação.

Os pés dele eram tão grandes, comparados com os degraus rasos, que tinha de descê-los de lado, como um homem idoso a descer uma colina íngreme. Tinha os ténis amarelados e ligeiramente fissurados. Viu uma bandeira do Reino Unido de lado, já gasta. Atacadores acinzentados caídos.

A luz podia ser uma coisa boa. Cegá-lo novamente. Mesmo que ele reparasse naquele respiradouro, mesmo que olhasse por ele, seria difícil conseguir ver alguma coisa.

BUM. BUM.

Manteve os braços em torno dos filhos, com tanta leveza quanto conseguiu, esfregando-lhes as costas com mãos tão trémulas que cada uma parecia ser um animal independente. Com a luz, conseguia ver as crianças a tremer, tensas e assustadas. Aproximou-se de um ouvido e depois do outro, sussurrando sem som.

– Chhhhh...

BUM.

O homem chegara ao fundo das escadas. Via fragmentos dele através da grelha de ventilação. Calças escuras. Uma camisola escura. Pele clara. A parte de trás da cabeça, louro-escuro e despenteada.

Voltou a detetar um aperto nalgum lugar profundo do seu cérebro, um laivo de algo familiar naquele tamanho imenso dele, naquela silhueta, a sensação de o homem ser alguém que ela havia conhecido há muito tempo. Era a mesma sensação que tinha quando via alguém do outro lado da rua cujo rosto reconhecia, mas não conseguia identificar.

Onde está o casaco dele?

Visualizou-o a tirar um casaco, pendurando-o direitinho por cima das botas de neve que descalçara. Tão educado.

O homem estava de costas para o respiradouro, virado para as antigas portas duplas na frente da casa. Percebia-se um volume no seu bolso de trás.

A arma?

Cor-de-rosa choque, retangular.

O teu telemóvel. Ele tem o teu telemóvel no bolso.

Esfregou a boca, os lábios, para tentar que aquilo lhe parecesse mais real.

Pelo menos viste-o. Pelo menos sabes. E se tentasses ir a correr recuperar o telemóvel, só para seres encurralada no quarto, sem escapatória, sem maneira de telefonar a ninguém?

Fraco consolo.

O homem ficou parado. Provavelmente estava a aperceber-se de que as portas duplas estavam trancadas e aferrolhadas por dentro. Portas mortas, em desuso por serem evidentemente pouco práticas, dada a entrada maior nas traseiras da construção moderna. O homem puxou o grosso ferrolho de ferro, produzindo um ruído alto. Mexeu na antiga tranca. Praguejou num sussurro baixo, tão normal e humano que a desorientou.

Ela sabia qual era o problema, claro. A casa estava cheia de trancas antigas e diferentes, cada uma irritante à sua maneira. Estas portas em particular estavam presas uma à outra com uma tranca bloqueada por uma pequena barra de ferro pendurada num prego. Era sempre frustrante lidar com aquilo, aquela barra solta naquele prego, porque se não se mantivesse a barra

levantada com uma mão enquanto se erguia a tranca com a outra, a barra cairia, balançaria no prego e interromperia o levantamento da tranca, impedindo que se abrissem as portas.

O homem emitiu um grunhido sonoro de descontentamento antes de perceber o truque e abrir as portas. O ar gelado passou pela grelha de ventilação e atingiu-os no esconderijo, o choque fazendo as crianças assustarem-se e tremereem.

Ele espreitou lá para fora, para a tempestade, e rodopiaram flocos à sua volta. Depois, endireitou-se e fechou as portas.

Clique, fez a tranca. Clonque, fez o ferrolho.

O indicador dela rasgou rapidamente e de forma grosseira a cutícula do polegar, e o estômago torceu-se-lhe de forma nauseante.

Quem é ele? Não tens como saber, porque nem sequer o consegues ver. Por completo. Não lhe viste o rosto, tão sombreado na escuridão lá em cima.

O homem moveu-se, desaparecendo da sua vista através da grelha de ventilação. Ela ouviu e sentiu-o abrir a porta do pequeno roupeiro ao lado das escadas e mexer no que lá estava pendurado com um farfalhar. Tendo aparentemente chegado ao fim do que estava a fazer, os seus sons viajaram na direção da sala de brincar. Ouviu-se o barulho de uma cascata de Legos a ser varrida para o lado pelo movimento da porta. Um clique no interruptor da luz, e estavam novamente mergulhados na escuridão.

Reconheceu o som dos brinquedos a serem pontapeados. Ao longo dos últimos dois meses, distanciada e com dificuldade em preocupar-se fosse com o que fosse, muito menos com quão limpa estava a casa, deixara de garantir que as crianças arrumassem regularmente as suas coisas. Como resultado, a sala de brincar ultrapassara em muito a sua balbúrdia habitual. Conhecia a frustração de pisar brinquedos, de tentar navegar naquele quarto. Mas a passagem do homem por aquele espaço infantil era diferente. Para ela, era uma irritação indiferente. Para ele, uma indignação furiosa.

Um estrondo. Qualquer coisa a explodir em pedaços contra a parede. Algo mais a fraturar-se nos soalhos com um estalo.

– As minhas construções! – disse a sua filha num sopro.

Sim, provavelmente.

Era plausível. O homem provavelmente destruíra uma ou mais das construções especiais e gigantes de Lego que a filha mantinha montadas à roda da sala. O castelo que se estreitava e alargava novamente, o navio povoado de criaturas fantásticas, as escadas espirais coloridas que subiam tão alto quanto a filha conseguia alcançar, equilibrando-se num banco.

Imaginou aqueles voos de imaginação demolidos. Sentiu uma onda de raiva impotente ao lembrar-se das horas tranquilas que a filha passara, de cabeça inclinada, mordendo o lábio, construindo e ampliando e girando as minúsculas peças de uma fantasia paciente.

Era uma dor universal, saber que coisas que demoraram tanto a construir haviam sido, podiam ser, tão facilmente destruídas.

Chegou os filhos mais para si.

– São coisas, e as coisas podem ser consertadas – sussurrou. – Eu ajudo-vos a consertá-las. Chhh.

– Aquilo não foi o papá que fez – disse a filha tão baixo que podia ter sido apenas para si mesma. – Pensei que podia ser o papá.

A garganta apertou-se-lhe com saudade, com a esperança ilógica de que o marido pudesse de alguma forma chegar a casa através da tempestade para os resgatar.

Não chores.

– Não é o papá – concordou.

– É um homem grande.

O vazio no estômago afundou-se mais ainda. Precisava urgentemente de ir à casa de banho, de expelir tudo, as suas entranhas em remoinho.

Tens pensado em ti mesma como a única testemunha. Mas não és. Não és! A forma como eles olharam para o teto, seguiram aqueles passos. Lembra-te de como eles se apressaram, direitos ao esconderijo?

Tens desejado ter apenas enlouquecido, durante todo este tempo parte de ti ainda esperava que estivesse apenas a perder o juízo. Fechar os olhos e desejar que tudo desaparecesse.

– Está tudo bem – sussurrou. – A mamã está aqui. Chh.

Que bom seria estar louca em vez de ter razão. Que tudo fosse apenas um colapso psicótico. Que o marido descesse aquelas escadas. Ela saltaria do esconderijo, aliviada – eufórica! – ao encontrar o olhar dele de perplexidade. Veria a expressão dele transitar para horror enquanto ela gaguejasse explicações. Como poderia ela trancar os seus filhos atrás de paredes? Assustá-los a meio da noite? Sentiu-se desvanecer confortavelmente na imaginação dessas consequências lentas, diárias. Raiva, e psiquiatras, e divórcio, e uma cela almofadada. Que adorável, que reconfortante, viver nessa realidade alternativa por um momento, em que a sua mente se desequilibrara e não havia perigo de violência por parte de ninguém além dela própria. Os riscos eram tão baixos! Tão maravilhosamente baixos.

A realidade consegue ser mais desorientadora do que os sonhos.

– Mamã? – A voz do filho tinha um som aquoso, trémulo de lágrimas contidas.

Que rapaz tão corajoso. O melhor de todos.

– Mamã, disseste que os monstros não existem.

Ela baixou a cabeça, sentindo um grande peso descer sobre si.

– Desculpa – sussurrou. – Menti.

Encontrando-se enclausurada na sua própria casa, não foi a primeira vez que se viu obrigada a adaptar-se a uma nova realidade, desejando que o problema fosse a sua própria mente.

Quase dois anos antes, o marido dissera-lhe, no fim de uma chamada telefónica com os pais:

– A minha mãe tem cancro.

Sentiu-se como se tivesse saído de si própria. Pestanejou, a olhar para ele com um ar idiota.

Não, essa palavra, não. Deves estar a ouvir coisas. A imaginar coisas. Há algo errado contigo.

– O quê? Ela tem... o quê?

O marido fez uma longa pausa, a olhar para o vazio, antes de acrescentar:

– O meu pai vai ser um pesadelo.

– A tua... a tua pobre mãe – conseguiu gaguejar.

O marido apoiou a cabeça nas mãos.

– Um pesadelo. Ele nem sequer sabe usar a máquina de lavar.

O pai dela vivia sozinho. A mãe dela fora orgulhosamente poupada, reparando eletrodomésticos, computadores e bicicletas para amigos e vizinhos. Mas, após a sua morte, o pai focou-se obsessivamente em cumprir as advertências da sua esposa para não desperdiçar. Colecionava coisas estragadas, entupindo a casa com elas como se pensasse que a coisa certa, a coisa perfeitamente imperfeita, pudesse manter viva a memória da esposa. Ao longo dos anos, as suas paredes de cadeiras de vime lascadas, colunas de som com fios descarnada, *motherboards* empoeiradas tornaram-se tão impenetráveis que, quando ela lá levava os filhos, ficavam num hotel, expulsos de casa pelas pilhas de adorados e bolorentos memoriais.

No entanto, até o pai dela sabia usar a máquina de lavar.

– O teu pai era um advogado bem-sucedido. Ele é capaz. Talvez revele

estar à altura da ocasião. – Sabia que aquilo era negação pura, e a sua voz vacilou. – Não que não devamos ajudar a tua mãe, obviamente, não estou a dizer isso.

O marido abanou a cabeça.

– Ele não vai mexer um dedo.

Assentiu. Sabia-o. Durante anos, observara silenciosamente o sogro, tentando entendê-lo, tentando compreender as vicissitudes do seu humor. Focara nele a atenção, como se o senhor fosse um espécime sob um microscópio, agindo e reagindo a este ou àquele estímulo. Analisara-o de longe, esperando ter uma imagem completa e telescópica. Tentara fazer-lhe perguntas sobre a infância, as suas crenças, o senhor como um coração de vaca, um feto de porco sobre uma mesa de metal do laboratório, a precisar de ser dissecado para ser percebido.

Quando o marido (na altura, namorado) a apresentou aos pais, no último ano da universidade, uma esperança palpitante invadiu-lhe o coração.

Uma família a sério. Mãe, pai, filho.

Fisicamente, o marido, corpulento e moreno como a mãe, mal se parecia com o pai, alto, de pele e cabelo claros, e magro. Mas, nesse primeiro encontro, ela reconheceu claras semelhanças.

Ambos tagarelas. Atlético. Confiante. Alto. De riso fácil. Capazes de arrancar um sorriso até ao desconhecido mais carrancudo.

– Sabes de que é que eu gosto em ti? Tens conversa que chegue por nós os dois – brincara ela com o marido no início do relacionamento.

Mas era verdade. Ao lado do seu marido extrovertido, ela sentia-se parte das coisas, apesar de falar pouco. Apesar de ser cronicamente incapaz de fazer conversa trivial.

A sua sogra também era calada, só intervinha para elogiar a comida. Comentar o estado do tempo. Encorajar o marido e o filho a partilharem o dia deles.

Será que ela é o oposto de ti, calada porque só consegue dizer trivialidades? Ou será que é como tu, a esconder o jogo por instinto?

Algumas semanas depois de ele a ter apresentado aos pais, estava a estudar no quarto do marido quando ele disse ao pai, ao telefone, que não se ia candidatar a Direito. *Crac!*, foi-se o verniz superficial e colorido da sua primeira impressão, quando o senhor lhe deu um sermão sobre expectativas, dinheiro desperdiçado, em berros estridentes através do telefone.

– Perdeste todo o respeito! Que raio vou eu dizer aos homens do clube?

Um mês depois, o marido disse ao pai que mudara de curso, de Ciência Política para Fotografia – uma decisão efetivamente tomada anos antes, enquanto ia acumulando créditos após créditos em disciplinas de arte. As chamadas tornaram-se constantes, o telefone a vibrar com a fúria do homem mais velho.

– Tu não sabes o que é o trabalho a sério. Queres o quê, fazer parte de um mundinho artístico amaricado? Ser famoso? É humilhante.

Porque é que o marido atendia sempre o telefone?

– Ele vai ultrapassar isto. Cão que ladra não morde.

Mas o pai do marido recusou-se a pagar-lhe as propinas. Quando, mesmo assim, o filho não recuou, não concordou em ir para a faculdade de Direito, e pediu empréstimos para pagar por si mesmo o último ano dos estudos, o pai mudou o foco do seu veneno.

– Não foi assim que eu te eduquei. Trabalhámos toda a tua vida para que fosses advogado. Antes de conheceres *aquela rapariga*, nunca te tinhas comportado assim. Cristo. Ela é desfigurada!

O marido desligou-lhe o telefone na cara. Mas, ainda assim, furioso e a andar de um lado para o outro, atendeu o telefone quando o homem ligou de imediato, apoplético.

– Como te atreves a desligar-me o telefone?

Se é isto que a família dele pensa de ti, é suficiente para acabar com esta relação. O pai dele pode desgastá-lo. Ou desgastar-te a ti. E será que queres mesmo alguém assim na tua vida?

– Eles são a minha família. Sou o único filho deles. Quando começar a ganhar dinheiro, ele vai relaxar.

O marido tinha de ter razão. A família devia valer a pena. O que é que ela sabia, na verdade? Vivera uns nove belos anos, em que a mãe ainda estava viva, idealizados, de certeza, ao ponto de um brilho luminoso de perfeição. Vivera uns anos estáveis, em que a avó se mudara do Alabama para viver com eles, cheios de amor estrito e leal e expectativas claras. Mas, desde a morte da avó, ela ficara sozinha, o pai dedicando-se aos fragmentos despedaçados de coisas que nunca iria reparar.

Para sua surpresa, o conflito redobrou o compromisso do marido, como se ela fosse o símbolo da sua coluna vertebral recém-formada. E, apesar das suas próprias reservas, fechava os olhos e via uma família a pairar, desejada, num belo futuro.

Todas as relações têm desafios, dizia a si mesma, o que era verdade. A família é algo que se constrói, dizia a si mesma, o que, aprendera, era mais complicado.

E havia o marido dela. A forma como lhe beijava a testa. Lhe enxugava os cantos dos olhos depois de ela se rir das suas piadas. Se orgulhava do seu trabalho, emoldurando e pendurando os seus desenhos de patentes preferidos. O braço dele descansava levemente à volta da cintura dela quando entravam numa festa apinhada, e ela pensava: *É aqui que pertencço*.

O marido não a julgava por causa das fortalezas de destroços do pai. Porque é que ela haveria de pôr termo à relação por causa da volatilidade explosiva do pai dele?

Depois da universidade, pai e filho chegaram a uma trégua que exigia que todos fingissem tensamente nunca ter havido qualquer conflito, uma abordagem diametralmente oposta às suas discussões com o seu pai.

Invariavelmente, quando os sogros os visitavam, ela e o marido

agarravam-se, gratos, à banalidade de discutir a chuva. A temporada do golfe. Produtos de limpeza.

A dada altura, ela compreendeu tacitamente os limites da sua civilidade. Entendeu por que razão a sua sogra apenas parecia capaz de falar de trivialidades, refugiando-se numa segurança monótona. O progresso do seu marido na fotografia era assunto proibido. A estabilidade do emprego dela numa grande empresa, como desenhadora de patentes, era igualmente um tema proibido, o rosto do seu sogro endurecendo-se ao recordar que a carreira dela era mais bem paga e mais intelectual do que as tentativas do filho de vender as suas fotografias. Anos mais tarde, o sucesso do seu marido, o facto de as suas fotografias aéreas se tornarem a principal fonte de rendimento deles e lhe permitirem, a ela, trabalhar como *freelancer*, ir buscar os filhos à escola todos os dias, não podia ser reconhecido; era uma prova intocável da falibilidade do velho.

Às vezes, tropeçavam acidentalmente nas margens não assinaladas de um campo conversacional minado. O seu sogro estava certo de que algo não identificável lhe estava a ser roubado lentamente, impercetivelmente drenado. A mais leve referência a qualquer notícia fazia-o esbravejar banalidades sobre como certas pessoas se haviam tornado inaceitavelmente estridentes, excessivamente julgadoras, empertigadas, perversas – uma lista interminável de eufemismos muitas vezes contraditórios e com segundas intenções.

A cada escurecimento do seu humor, a voz da sua sogra baixava para um registo reconfortante.

– Tens toda a razão, querido. Claro que tens.

Ao contrário da mãe, o marido dela deixava silenciosamente o pai enfurecer-se, esperando que a tempestade passasse.

Ignorá-lo é provavelmente melhor do que tentar argumentar, não é? De qualquer forma, o teu marido lutou pelas coisas mais importantes. Parceira. Carreira. Vida.

Ao longo dos anos, o desejo por família, por aceitação, erodiu-se progressivamente, uma pedra gasta pelas ondas.

– Às vezes, não há pura e simplesmente água num poço – lembrou-lhe a voz recordada da avó, no seu sotaque sulista. – Tens de puxar esse balde para cima, querida.

Quando a menina nasceu, a alegria da sua sogra ficou visivelmente manchada pela irritação do velho com o choro da bebé, pela forma como a mera existência da bebé o interrompia constantemente. Ao fim de meia hora de visita no hospital para conhecerem a neta, o sogro saiu silenciosamente para o corredor, vermelho como o bebé, a sogra a apressar-se atrás dele, a pedir desculpa.

– Devíamos tê-lo feito sentir-se mais bem-vindo – insistiu o marido.

Boa viagem. Não há água naquele poço.

No terceiro aniversário do menino, o sogro olhou para o neto com olhos semicerrados, pois o pequenino aninhava-se nos braços dela, chuchando no

dedo e rindo enquanto ela fazia caretas.

– Um autêntico menino da mamã, não é?

– Pois é – atirou ela. – É um bebé.

O sogro levantou uma sobrancelha sabedora.

– Não o podes estragar com mimos como fizeste à rapariga. Os rapazes desfazem um mariquinhas.

Uma fúria abrasadora queimou qualquer resposta da sua garganta.

O marido suspirou.

– Nós não estamos a estragar ninguém, pai.

Ela viu que as palavras do senhor tinham sido desenhadas para lhe cravar uma faca. Girá-la. Pior, reconheceu que o seu sogro acertara numa preocupação futura que ela tentara ignorar, envergonhada pelo modo como lhe roía o coração, insidiosa. Desde o dia em que nasceu, o filho dela era dócil e maleável. Mamava facilmente. Aninhava-se juntinho a ela. Olhava para ela adoravelmente, as pequenas mãos estendidas na sua direção, um pequeno braço a apertar-se atrás do seu pescoço num abraço, a cabeça a descansar alegremente contra o pescoço dela, como se ali pertencesse. Ele dormia com uma das bonecas descartadas da irmã. Levava-a consigo para todo o lado. Chorava quando via alguém magoado, ou se ela levantava a voz. Chorava em todas as manhãs que o deixava na pré-escola, triste por vê-la partir. E ela adorava, sim. O afeto dele. A sua sensibilidade. A sua necessidade despretensiosa de proximidade.

Mas preocupava-se com o mundo.

Menino da mamã. Maricas. Vão desfazê-lo.

Fervia com a possível verdade das palavras do sogro enquanto se afastava daquela face esquelética e provocadora.

Não o deixes provocar-te.

Mas o senhor encontrara uma ferida para pressionar. Em cada visita deles, ela afastava o filho da voz rouca dele, do dedo a agitar-se no ar.

– Tens de ser um homem. Para de chorar.

Sentiu o apodrecimento bolorento do ódio a brotar-lhe no crânio.

Não o deixes tornar-te uma pessoa má.

– És o meu menino forte. E és amável, também. Podes ser as duas coisas ao mesmo tempo – dizia ao seu filho de olhos lacrimosos à esteira das eviscerações do avô.

O espaço entre visitas permitia-lhe fingir que o senhor não existia durante meses a fio, um alívio que lhe permitia relaxar o maxilar, secar o ódio. Mas acabaram-se os fingimentos quando ouviu:

– Estádio quatro. Agressivo, mas operável. Anos pela frente, com sorte e cuidados adequados.

Sentira um ressentimento amargo com a notícia. Porque, tal como o marido, a sua primeira reação não foi preocupar-se com a dor iminente, o medo e até a morte da mãe dele. Não. O seu primeiro pensamento foi que não queria lidar com o sogro, com a forma como ele inevitavelmente faria de si

mesmo o centro de tudo.

Isto não é sobre ele. Nem sobre ti.

Por insistência do marido, procuraram casa perto da comunidade sénior onde os seus sogros estavam instalados, onde o suburbano encontrava o rural. Já antes haviam falado em mudar de casa – os miúdos estavam a crescer, boas escolas, espaço para brincar –, mas as casas suburbanas de construção padronizada que haviam visitado nunca tinham sido suficientes para os tirar da cidade. Depois, não incomum na Nova Inglaterra, numa rua serpenteante povoada por grandes propriedades do século xix, casas geminadas dos anos 1980 e McMansões³ pré-colapso da bolsa, descobriram uma casa colonial com chaminé central enegrecida, construída em 1722, situada em dois hectares de terreno amplo rodeado por bosques, completa com o seu próprio cemitério.

Tudo proporcional, mas nada alinhado. Vidro da janela enrugado, distorcendo o exterior até parecer um fluxo de água. Nenhuma tábuia do chão com a mesma largura, o mesmo comprimento. Nenhuma escada nivelada. Única, bonita, desgastada.

Claro que gostaste. Está tão marcada quanto tu.

Sim, a casa era rangente, pouco prática, difícil de aquecer. Sim, ela e o marido estavam ambos nervosos com os cuidados que teriam de prestar em breve. Mas a perspectiva de fazer parte da história da casa, de remendar os seus bocados estragados, deu-lhe um propósito para se mudar, além da doença da sogra.

Assim sendo, compraram-na. Mudaram-se. Dedicaram-se a ajudar a sogra enquanto, lentamente, tornavam a casa sua.

E, agora, a madeira, o tijolo e o cimento do refúgio mais íntimo da casa eram tudo o que a separava do intruso.

3. *McMansions*, no original, um termo pejorativo para designar construções modernas suburbanas, de fraca qualidade e fraco gosto arquitetónico, mas ostensivas. (*N. da T.*)

Após o som varrido da porta, a destruição das construções da filha, os passos do homem foram-se desvanecendo. Um fedor de balneário atingiu-a, e percebeu que era o cheiro do seu próprio suor. O facto de ainda estar a transpirar ao mesmo tempo que tremia miseravelmente com o frio do esconderijo era mais um pedaço de irreabilidade. As crianças eram a única coisa quente no mundo, corpos aninhados junto a si. Os seus corações de beija-flor vibravam nos pequenos peitos. A sua boca encheu-se de pó e terror ao imaginar o homem com o ouvido encostado à parede, à escuta.

Ele pode estar no escritório. Pode estar mesmo do outro lado do painel. Não tens como saber isso, não sejas ridíc...

Depois, o estalido distinto da tábua mais fraca do chão da casa, desgastada ao longo dos séculos a ponto de, sempre que ela punha um pé nela, pensar: *Tens de substituir isto, só vai piorar.*

Essa tábua ficava na entrada do escritório. A presença invisível do homem rastejava pelo seu coração, pelo seu sangue.

Quão grossa é esta parede? Apenas simples tábuas de pinho, com o painel decorativo pregado por cima. Sim, ao entrar deu para ver que a moldura da porta oculta tinha cerca de dois centímetros e meio de profundidade, talvez um pouco mais.

Dois centímetros e meio de madeira entre nós e ele.

Mais um passo, depois, silêncio. Tentou imaginar o que estaria ele a fazer. A observar os detalhes da sala. A sondar onde poderiam estar escondidos. A vasculhar as gavetas dos arquivos. A mexer nas impressões que o seu marido guardava no antigo arquivador de mapas, em carvalho, nas impressões maiores, enroladas num canto, nos desenhos de patentes emoldurados e nas fotografias das estradas desertas, das cidades vazias, nas paredes. Talvez estivesse sentado na poltrona. A descansar. A recuperar o fôlego.

Um ligeiro som de cordas percorreu a madeira da parede, distinto e

caloroso. Ele roçara nas cordas da guitarra do marido, apoiada no suporte ao lado da secretária. Não acidentalmente, mas da maneira como fazem as pessoas que sabem tocar guitarra. Imaginou o seu polegar plano nas cordas. Íntimo. Isso fê-la fechar os olhos. Milhares de memórias felizes das mãos firmes e fortes do marido a percorrerem essas mesmas cordas, esses mesmos sons, e ali estava aquele homem, a reclamar tudo, a inverter toda essa beleza.

– Olá? – disse ele.

As crianças mexeram-se, surpreendidas, como se, pela força do hábito, quisessem responder e estivessem a resistir. A mãe engasgou-se com a própria saliva e com o choque. Os seus pensamentos moviam-se em círculos de pânico, e os seus ossos pareciam-lhe ossos como os de um pássaro.

Ele sabe que estamos aqui!

– Olá? – repetiu ele, mais alto.

Como?

– Chhhhh – disse ela aos filhos, tão baixo que não tinha a certeza se a ouviriam.

– Eu consigo ver-vos – disse ele, num tom cantado.

Não, não, não.

A filha gemeu contra o seu roupão, abafando o som. O filho começou a chorar baixinho. Ela esfregou-lhe as costas, sussurrando para o acalmar.

Claro que nos encontrou. Claro que sabe que estamos aqui! Assim que viu as escadas da frente, deve ter percebido que as descemos vindos dos quartos dos miúdos.

O desespero estalava-lhe na cabeça, escorrendo pelo seu cérebro abaixo.

Então, acabou, acabou tudo. Vai começar agora. Falhaste-lhes.

– Consigo ver-vos! Está na hora de parar com este joguinho.

Novamente, o tom infantil da voz do homem, tudo aquilo apenas por diversão, tudo aquilo para se divertir, era tão incongruente com a miséria da sua realidade que ela fincou as unhas nas palmas das mãos até as meias-luas se lhe cravarem profundamente, a ponto de doer.

Isto é real. Estás aqui. Respira. Tens de te preparar. Terás de te encaixar entre os tijolos e a porta oculta. Isso tornar-lhe-á quase impossível abri-la. E ele é grande. Não conseguirá entrar facilmente, mesmo que destrua o painel. Mantém-no lá fora o máximo de tempo que puderes. Dá-lhe um pontapé na cabeça. É isso, é tudo o que te resta. E se ele entrar... arranca-lhe os olhos.

Mas não se conseguia mexer. Não conseguia fazer as crianças largarem o seu roupão, não conseguia forçar-se a arriscar revelar onde estavam escondidos. Não enquanto não tivesse a certeza de estarem perdidos.

A voz do homem era suave e encorpada, como se estivesse a falar com um cão adorado.

– Não quero magoar ninguém. Claro que não! Mas um passarinho disse-me que tens um cofre, só isso. Só quero que abras o cofre, me dês algum dinheiro, e vou-me embora. Está bem?

Embora quisesse desesperadamente acreditar que era verdade, *apenas dinheiro, aqui tens e adeusinho*, surgiu-lhe a memória de uma colega de trabalho de há muito tempo que fora assaltada.

– Acordámos e os nossos portáteis tinham desaparecido – contara a colega ao grupo que se juntou para ouvir a história. – Carteiras, até os comprimidos para as dores tinham sumido. A coisa mais assustadora, no entanto, foi que levaram os nossos telemóveis, o dele e o meu, que estavam ambos a carregar mesmo ao lado de onde estávamos a dormir, nas nossas mesas de cabeceira.

Sim, todos eles viram a cena. Os objetos ao lado dos rostos adormecidos, levados para longe das respirações sonhadoras. Assim, tão perto. Assim, tão vulneráveis.

A colega enrolava o seu longo cabelo num dedo, nervosamente, e disse:

– A polícia disse-nos que foi bom não termos acordado. A polícia disse que quando um proprietário acorda, é aí que há problemas. Os ladrões querem levar as coisas da maneira mais fácil possível. Eles não querem testemunhas. Imaginam? Imaginam se tivéssemos acordado? – Os rostos ficaram vazios com esse imaginar. Essa visão de violência. – De certa forma – disse a colega, a voz fraca – tivemos sorte.

Ele deve saber que o vimos. De certeza que não quer só dinheiro. Se fosse só isso, teria a cara tapada. Não teria uma arma na mão. E provavelmente viu o cofre lá em cima. Não está propriamente bem escondido. Está a usá-lo como desculpa.

Mentiroso.

– Pequeninos? – O homem parecia suplicante, até solitário. – Não querem vir cá fora? Eu não sou mau. Só preciso de um pouco de ajuda. Não tenho tanta sorte como vocês. A minha mãe nunca cuidou de mim. Só quero que a vossa mãe me ajude com algum dinheiro, e depois vou-me embora.

As palavras atravessaram o corpo dela com um zumbido elétrico. O homem sabia que o seu marido não estava em casa – dirigia-se apenas a ela e às crianças. Mas os corpos das crianças relaxaram ligeiramente. Imaginava que sentissem a mesma esperança que ela combatia, pensando que, afinal, ele não era um monstro. Apenas alguém que iria embora se conseguisse o que queria.

– Chhh – sussurrou ela junto ao ouvido de um, depois do outro.

A seguir, o rangido familiar da velha cadeira de descanso no canto, as molas a queixarem-se do enorme peso do homem ao sentar-se. Após uma longa pausa, ele disse, num tom amuado:

– Já não gosto deste sítio. Esta casa dá-me arrepios quando está vazia. Todas as divisões têm portas a mais, e todas as escadas são irregulares. Há vozes, ruídos, e não está lá ninguém. – Esperou um momento, depois acrescentou, alto: – Só quero receber o que me é devido e ir-me embora.

Após uma longa e silenciosa pausa, ela mal conseguiu ouvir o homem dizer, quase melancólico:

– Isto não era suposto ser assim. Devia estar tudo a acontecer.

Outro rangido e estalido da cadeira – o homem a levantar-se. Rangidos leves penetravam a parede enquanto ele andava de um lado para o outro na divisão.

– Não querem que eu chame o homem mau, pois não? – Quase que o via a fazer um gesto exagerado com a cabeça, um encolher de ombros teatral, como ela fazia quando explicava às crianças as consequências das suas ações.

Não queres ficar de castigo, pois não?

– Se for preciso, posso chamar o homem mau. Não o quero fazer, mas vocês não me estão a ouvir. – O homem parecia profundamente contrito, como se aquilo fosse uma coisa fora do seu controlo, o resultado inevitável da desobediência deles.

Sentindo os seus filhos tremer e abafar os lamentos encostados a ela, um pensamento cravava-se-lhe fundo na mente: *Ele é muito bom a assustar crianças.*

Puxou o filho e a filha para mais perto, como se fosse possível tranquilizá-los antecipadamente contra o que quer que ele pudesse dizer a seguir. Esperou, esforçando-se por ouvir através do silêncio. Ele demorou tanto a voltar a falar que o tempo se arrastou à sua volta como um lençol molhado, agarrando-se a cada rangido, a cada gemido da madeira e do tijolo, acumulando uma terrível antecipação e agarrando-se à esperança ilógica de que ele se tivesse ido embora.

Finalmente, tão perto da parede e tão alto que fez as crianças sobressaltarem-se contra o seu corpo como corças, ele gritou:

– Saíam, saíam de onde quer que estejam!

O seu tom de voz baixara uma oitava e arranhava de impaciência. O som estava tão alterado, parecia tão de outro mundo e tão cheio de malícia provocadora, que ela teve de sacudir a súbita convicção de que era agora outra pessoa completamente diferente quem falava.

– Não queres sair cá para fora, porquinho? Para longe dessa velha porca imunda?

O medo empurrou-lhe algo simultaneamente sólido e macio, do tamanho de uma ervilha, do estômago até à parte de trás da garganta. Engoliu-o de volta e sentiu o sabor do fel.

Por favor, por favor, que fiquem calados.

Acariciou levemente os corpos trémulos das crianças com as suas mãos igualmente a tremer. Tentou protegê-los dessa nova estranheza abafando o horror afiado daquela voz, abraçando-os de modo que cada um tivesse um ouvido encostado ao seu corpo, cada um tivesse o seu braço sobre o outro ouvido.

– Sua porca presunçosa – arranhava o metal da voz nova. – Tal como todos os outros. Não veem o que está mesmo à vossa frente. Pensam que nada vos observa dos cantos escuros. Um homem forte observa-vos de um canto. Ele vê tudo. O porquinho tenro. A velha porca malhada a andar sobre duas

pernas.

A filha gemeu em voz alta contra o roupão, como se estas palavras a ferissem.

Depois, um ruído escorregadio e saltitante, o som de uma gargalhada provida de pulmões infetados.

Uma série de expressões da avó saltaram-lhe à mente espontaneamente. Ele não joga com o baralho todo. Tem um parafuso a menos. Não tem os cinco alqueires bem medidos. Não bate bem.

Sim, o homem deve estar a desfazer-se, a perder os parafusos todos.

– Um homem forte vê que os porquinhos são deliciosos. Vê todos os outros pelo que são. Homens fracos com desejos fracos. Com os instintos agrilhoados. Derrotados. Civilizados.

Uma língua bifurcada acariciou a palavra «civilizados».

– Um homem fraco choraminga ao menor obstáculo feminino. Pensa que ela é algo mais do que o nada gasto que é.

Enterrou o rosto perto do couro cabeludo de uma criança, depois da outra, para consolo.

Claro que ele é louco! Quem mais estaria aqui, a fazer isto? Quem mais nos teria caçado a não ser alguém que não está bem da cabeça? Retorcido, deformado e estranho.

– Mas um homem forte? Ele passa por cima. Ultrapassa todas as tuas regrazinhas de menina. Livre. Um cavaleiro? Leva o que lhe é devido. O que merece.

A sua cabeça virou-se involuntariamente para seguir o percurso da voz. A rota frenética, incorpórea, penetrava a parede aqui, depois ali, ora alta, ora baixa, de uma forma que a deixava tonta.

Ele está a andar de um lado para o outro, é só isso.

Imaginava a voz a escapar de lábios flácidos, um sorriso rígido e esticado que combinava com a alegria cruel do tom instrutivo.

– Todas essas coisas que fazes para me tentares amaciar, para me transformares numa ovelha. Para tomar o meu comprimido e gostar. Não. Eu passo por cima. Já passei.

Ele passou por cima das regras. Ovelhas e porcos. É isso que vocês são para ele. Meu Deus.

Silêncio. Silêncio das crianças, silêncio do outro lado da parede. A sua cabeça latejava de dor, submersa em desorientação; os seus batimentos cardíacos reverberavam-lhe nos ouvidos enquanto escutava, combatendo a certeza de o homem se ter transformado nalguma criatura desconhecida à altura do horror daquela voz e das suas palavras bizarras. Tentou afastar a convicção de conseguir sentir fisicamente aquele monstro à escuta cada vez mais perto dela e das crianças.

Para com isso. É só um homem. Não deixes que ele te assuste. Está a tentar assustar-te para que faças barulho.

– Menininha? Porquinho?

Os dedos da filha apertaram-se-lhe em torno do braço, a ponto de lhe doer, em resposta ao tom melódico daquela voz. O seu instinto protetor intensificou-se, e sentiu a depravação das intenções do homem a pulsar como *braille* sob a sua pele.

– Não sabes que devias estar grato? Uma vez começado, verás. Está na tua natureza. Não sabes que o propósito dos porquinhos é serem deliciosos?

A palavra «deliciosos» foi exalada com um sibilo prolongado de desejo profundo que lhe contraiu o coração. Mergulhou o rosto na bochecha amada da filha, inalou o cheiro da menina, abraçou-lhe o osso estreito da anca e os membros trémulos e delicados, como de um pássaro. Puxou o corpo macio e ossudo mais para si, para provar que a sua filha estava presente, real, segura, viva.

Talvez ele esteja louco. Talvez não. Está a tentar assustar-nos para nos denunciarmos. Não deixes que resulte. Não é um monstro. É um homem.

– Chega de silêncio. – A voz dele era um rumor baixo e ameaçador. – Uma mulher aprende na submissão total. Eu vou-te encontrar. És minha, e nada mais. Eu vou-te encontrar. Porque tu o queres.

As palavras eram tão firmes, tão cheias de determinação predatória, que ela fechou os olhos aos filhos.

Passos pesados atravessaram o tapete. A tábua que precisava de ser substituída rangeu quando o homem saiu do escritório. Ela tomou consciência da atenção silenciosa e imóvel dos filhos ao seu lado.

Como explicas isto? Como os manténs calados depois disto? Respira, respira.

Sentia o espaço onde o homem estivera do outro lado da parede. Tinha uma imagem clara do seu sorriso demoníaco. Conseguia cheirar o seu fedor inumano.

Ao voltar a ouvir a voz, estremeceu instintivamente. Mas estava distante; vinha de outra divisão. Relaxou com alívio. Conseguiu distinguir a palavra «porquinho». A palavra «delicioso».

Para. Para de pensar nele como uma criatura. Ele é um homem. O que é pior. Está a fazer uma voz. «Eu vou-te apanhar, minha linda!» «Porquê essa cara séria?» «Meu tesouro.» Nada mais. É isso. A fazer o papel do vilão. Coisa que ele é. É muito, muito mau. Estará na cozinha? Será possível que não tenha chegado a perceber que estão aqui? Que vá fazer aquela mesma dança assustadora em cada divisão para vos tentar assustar e atrair?

Sim. Porque ele não sabe onde estão. Está tudo bem. Está tudo bem.

Mas, à medida que as paredes se fechavam à sua volta, e sentindo a sua mente desarticulada pelo terror, compreendia o quão apertados ela e os filhos estavam, sem saída, sem escapatória, com o tempo a expandir-se de forma tão horrivelmente longa e estreita à frente deles, sabia que nada estava bem.

Talvez nunca mais volte a estar bem.

A sua filha puxou-lhe a manga. Sussurrou-lhe ao ouvido:

– Mamã, o que é aquilo?

Na sua mente surgiu uma imagem completamente formada do homem a transformar-se, revelando pelo emaranhado, olhos amarelos, dentes afiados.

Para.

– É só um homem – sussurrou. Encostou a face ao cabelo da filha, puxou o rapazinho para mais perto, inalou o cheiro familiar e precioso. Sentiu o filho limpar o ranho do nariz ao seu roupão. – Era só um homem a fazer uma voz assustadora.

– Mas eu conheço-o. – A voz da filha exsudava desespero. – Conheço aquela voz. O homem no canto. Dos meus sonhos.

Sentiu a cabeça latejar. Por mais que tentasse obrigar os pensamentos a manterem-se na rota racional, sentia-se dominada por uma estranheza e um desconforto físico que invocavam pesadelos. A sonoridade sobrenatural daquela voz, alegando o que lhe era devido, o que era melhor, agarrava-se a ela como uma película oleosa.

– De um sonho? – sussurrou. – Como assim?

– É a voz dele. – A filha agarrava-lhe o pulso com força agora, o seu terror a alastrar pela escuridão. – Ele disse que observa do canto, mamã! Tal como o homem dos meus sonhos. O Homem do Canto.

Sonhos, não sonho. Um monstro recorrente que atormentava a sua menina.

– Eu também tenho sonhos maus – disse, pensando nos seus próprios pesadelos e nas sombras que neles a perseguiam. – Toda a gente sonha por vezes com coisas assustadoras. Mas isto é – ele é – um homem.

– Não. O Homem do Canto... ele soava diferente.

A filha tinha razão. A ameaça arranhada do Homem do Canto era completamente diferente do infantilismo bizarro da voz que a precedera.

Não sejas louca, a deixares-te envolver pelos sonhos de uma menina.

Para de pensar nele como esse Homem do Canto. É só uma pessoa.

– Mamã – chorou baixinho o filho –, mamã, não gosto disto. É um fantasma?

– Chhhhh, por favor, meus amores. Temos de ficar em silêncio. Não existem fantasmas. Não é um fantasma. Não é um pesadelo. Não é esse «Homem do Canto» dos teus sonhos. É só um homem. Lamento muito, muito que isto esteja a acontecer. Mas estamos aqui, juntos.

– Disseste que era um monstro – fungou o filho. – É um monstro.

Não devias ter dito isso. Porque é que disseste isso?

Porque é verdade.

– Eu... Não é um monstro real – disse. – É um homem mau. Um homem monstruoso.

– Ele esconde-se no canto – insistiu a filha. – Ele disse que se escondia. Eu conheço-o. Ele observa-me do canto quando pensa que estou a dormir. Quando estou a dormir.

Porque é que ela ainda não te tinha dito isto? Não pode conhecê-lo. Mas... e tu, não o conheces? Há qualquer coisa familiar, qualquer coisa... O que é? Não há qualquer coisa?

Aquela sensação de que, sim, já tinha visto este Homem do Canto, ouvido aquela voz, rasgava-lhe a base do pescoço como um alfinete esquecido na roupa.

Sentia-se agoniada com o horror da familiaridade não identificável da voz, do quarto escuro, de ser perseguida, da irrealidade da situação. A forma como as coisas pareciam ser o que eram, mas também não pareciam, familiares, mas completamente diferentes, como nos sonhos.

É como um sonho. Mas é real. E está a acontecer-te.

E tens de fazê-los ficarem calados.

– Eu sei que foi assustador. Sei que não parecia a mesma pessoa a falar, mas era. Ele não é um monstro ou um fantasma. Não é um sonho. Não é o Homem do Canto. É uma pessoa. Uma pessoa zangada. Foi assustador, como os pesadelos, mas era só ele a fazer uma voz assustadora.

– Porquê? Porque é que ele faria isso?

– Querida, é um homem mau, como ele disse. Está a tentar assustar-nos. Para fazermos barulho. Para conseguir encontrar-nos. Temos de ficar em silêncio.

Delicioso.

– Ele está a tentar fazer-nos mal? – choramingou a filha.

Receava que, se dissesse a verdade, as crianças se dissolvessem em medo, chorassem, se revelassem, e, na escuridão total, foi incapaz de responder.

– Ele vai fazer-nos mal? – voltou a perguntar a filha. – Mamã?

Era-lhe sempre difícil mentir às crianças. O marido ficara zangado quando ela explicara diretamente o que tinha acontecido à sua mãe, depois de a filha perguntar porque é que nunca haviam conhecido a «outra avó». Ficara

ainda mais zangado quando os filhos lhe relataram alegre e detalhadamente, dito por ela, de onde vinham os bebês. Não conseguia compreender por que razão, sem sequer falar com ele primeiro, ela respondia honestamente a perguntas diretas, arriscando-se a que os garotos, de cinco e oito anos, explicassem aos amigos a origem dos bebês, ou contassem a morte violenta da avó, mas ainda mantinha as farsas do Coelho da Páscoa e do Pai Natal. Ela também não o conseguia explicar, apenas se sentia estranhamente incapaz de mentir àquelas faces gentis e viradas para cima quando lhe faziam perguntas diretas sobre coisas tão fundamentais.

Esfregou a boca, a mão suja da imundície do esconderijo. As crianças ficaram rígidas quando, de uma zona diferente da casa, longe o suficiente para que as palavras fossem impossíveis de entender, se voltou a ouvir o ronco do Homem do Canto a tentar afugentá-los para fora de uma nova divisão.

– Ele não nos vai fazer mal, porque não nos vai encontrar, está bem? – conseguiu finalmente dizer.

– O Homem do Canto estava a falar de mim, mamã? – A voz da filha vacilava. – A menina de quem ele falou era eu?

Ela não deveria ter de pensar nestas coisas. É tão pequenina. Tão pequenina.

– Acho que sim, meu amor. – Acariciou as costas da filha. Tentou conter o soluço na voz. – Precisamos de ficar todos silenciosos e seguros juntos. Somos uma equipa.

A filha pensou por um momento, depois disse:

– Está bem, mamã.

Que menina tão corajosa. E ele também estava a falar de ti, não estava? O «obstáculo feminino», disse ele. A «porca velha». És tu. «Eu passo por cima», disse ele. Tu és um dos obstáculos que ele está a ultrapassar para conseguir o que quer.

A voz do filho borbulhava com lágrimas.

– Eu quero que ele se vá embora.

– Eu sei, meu amor.

Passou os dedos pelo cabelo do filho tão firmemente quanto conseguiu.

As janelas tremiam nas suas molduras. A tempestade piorava. O ar gelado entrava veloz pela chaminé, empurrando o pó pela alvenaria ao redor deles. Toda a estrutura parecia balançar, rodeando-os com os sons crepitantes de tijolos em madeira velha.

Ele observa dos cantos. Esconde-se nos pesadelos. Observa-a a dormir, disse ela. Claro que é assustador para ela. Claro que ela tem medo. Tens de ser tu a manter a calma. Pensa nos próximos passos. Não o deixes vencer.

Tens de deixar as crianças confortáveis para conseguirem ficar caladas.

– Deixem-me puxar a manta para que vos conseguir embrulhar – sussurrou. – Para que consigam dormir. Mas temos de parar de sussurrar. Parar de falar.

Guiou-os lentamente, às cegas. De gatas, arrastou a manta o mais

possível para o fundo do esconderijo, o mais longe possível da abertura do respiradouro, com uma mão erguida para proteger a cabeça pulsante de mais danos. Estendeu a manta. Palpou em seu redor à procura da almofada, e pô-la no sítio.

O espaço era mais estreito ali, encostado à cúpula do forno inserido na lareira da sala de estar. Sentindo com a ponta dos dedos, apercebeu-se de quão apertados estavam entre a parede de painéis do escritório, a curva do forno e a alta chaminé.

Uma toca, não um túmulo. Uma toca, não um túmulo.

– Venham cá, rastejem, por favor, com cuidado – sussurrou.

Esticou os dedos na escuridão até sentir uma criança, depois a outra. Uma delas deu-lhe um pontapé no peito, outra espetou-lhe um dedo no olho, enquanto as ajudava a chegarem ao centro da manta. Piscou o olho que foi picado. Esfregou o peito magoado.

Não conseguia deixar de tocar nos filhos. Acariciava-lhes o cabelo, apertava-lhes uma mão. O seu braço em volta de um ombro, os lábios a beijarem uma testa. O silêncio, a escuridão eram tão abrangentes, tornavam-nos tão invisíveis, que sem esse toque temia que os filhos pudessem desaparecer. Ser devorados. Mais uma vez, passou-lhe pela cabeça uma frase de um dos livros infantis que lhes lera e relera.

Amo-te tanto que até te comia.

Envolveu-os na manta, acariciando-a até garantir que tinham braços e pernas cobertos, as cabeças a partilharem a almofada. Encontrou o «coelhinho rosa», encontrou a «boneca fofinha». Sacudiu-lhes o pó. Certificou-se de que as crianças não estavam tão perto uma da outra que acabassem a empurrar-se. Estavam perto o suficiente para se aquecerem mutuamente.

– É um pequeno *burrito* de manta. Não é assim tão mau. Um *burrito* aconchegante – disse.

Curvou o corpo à volta deles. Sentiu o ar frio a enregelar-lhe as pernas no espaço exposto entre os chinelos e o roupão. Sentiu-o rastejar-lhe pelo pescoço, descer-lhe pelo esterno, arrefecer-lhe o suor.

Disse repetidamente a si mesma que tudo aquilo era real, não era um pesadelo, que nenhum Homem do Canto de dentes afiados havia rastejado para fora dos sonhos ou das sombras para os devorar.

Ele é um homem real. Uma pessoa real.

O que é muito pior do que qualquer outra coisa.

— Eu nunca seria capaz de passar uma noite nesta casa — dissera o limpa-chaminés.

Poucos meses depois de se mudarem, há quase dois anos, ela contratara o limpa-chaminés para avaliar as seis lareiras ramificadas da chaminé central da casa. Era alto e, apesar de ela o ter avisado acerca da pouca altura da escadaria, bateu lá com a cabeça, e voltou a acertar no batente de uma porta no andar de cima.

— As pessoas eram mais baixas há centenas de anos — dissera-lhe alguém —, é por isso que estas portas são tão baixas.

Fora confirmar esses factos, e descobrira que as alturas não haviam mudado muito nos quase trezentos anos passados desde a construção da sua casa, muito menos nos duzentos anos desde que o acrescento do século xix — a cozinha no piso térreo e a escadaria de teto baixo que conduzia àquela divisão inútil, meio sala, meio corredor, no andar de cima — fora adicionado ilegalmente às traseiras do edifício. Dado que o propósito original do acrescento fora alojar os criados, provavelmente os tetos e as portas eram baixos porque era mais fácil construí-lo assim, e ficava mais barato aquecê-lo.

Há coisas que nunca mudam.

Deduzira que a hesitação do limpa-chaminés se devia ao facto de ser claramente demasiado alto para viver naquela casa confortavelmente. Mas, depois, ele olhou-a de lado e disse:

— Já cá viu alguma coisa?

— Como o quê?

— Sabe. — Esfregou os braços como se estivesse com frio. — Fantasmas.

O homem estremeceu, estremeceu visivelmente, e ela seguiu o olhar dele em volta da sala, tentando, sem conseguir, imaginar o que via o limpa-chaminés entre os seus pertences. Sentiu um remoinho de inveja na cabeça por o limpa-chaminés conseguir acreditar que a maldade, a assombração estavam isoladas neste ou naquele edifício; a dor selada no passado em vez de

espreitar inevitavelmente no futuro.

Não seria isso reconfortante?

– Pelo menos a chaminé está em bom estado – concedeu ele.

O limpa-chaminés inclinou-se para dentro da porta de ferro do forno, pequenos raios de luz da lanterna escapando ao seu redor. Quando ele se puxou para fora, a visão fez-lhe lembrar, desconfortavelmente, um parto pélvico, o forno como um útero redondo, e desviou o olhar da estranha intimidade da situação.

– Alguma vez usou o forno a lenha? Já foi restaurado. Tijolos refratários modernos. Boa qualidade.

O limpa-chaminés irritava-a. Trabalhava devagar, conversando e esperando a atenção dela, mas ignorando os seus avisos sobre as escadas e as portas. Pior, aquela visita sem pressa tinha interrompido a sua concentração no desenho de um elegante drone polinizador para um cliente, com os seus pequenos motores que permitiam ao aparelho rodar, inclinar-se e guinar. Por isso, deu por si a provocá-lo, dizendo:

– Sabe, eu nunca vi nada. Mas há um cemitério lá fora.

– Um cemitério? A sério?

– A sério.

– Eu não seria capaz. – Abanou a cabeça tristemente. – Não seria capaz de viver aqui.

Nos primeiros quatro meses a morar na Nova Inglaterra suburbana, ela pensava regularmente naquele limpa-chaminés enquanto flutuava pelo apartamento dos sogros, silenciosa e invisível como um dos fantasmas dele. Qualquer palavra que dissesse era recebida com o ressentimento do sogro, como se ela tivesse invadido a casa com um indesejado «bu».

Com as crianças colocadas em frente à televisão para não perturbarem o avô, ela lavava a roupa dos sogros, preparava o jantar, preparava o pequeno-almoço e o almoço para o dia seguinte, enfrentava a pilha interminável de louça, assegurava-se de que os batidos nutricionais de chocolate, a única coisa que a sua sogra conseguia ingerir, estavam bem frescos no frigorífico. Tudo enquanto o velho lia o jornal ostensivamente. Via golfe com os pés tranquilamente cruzados sobre o pufe. Avaliava o que ela fizera com um resmungo de desdém.

Descartava os «não é preciso» e «eu estou bem» da sogra. Porque, apesar dos seus protestos, a senhora adormecia no sofá sob a luz dos desenhos animados dos netos, os braços e as pernas dele espalhados à sua volta, e acordava a repetir:

– Obrigada. Obrigada.

Enquanto ela a ajudava com coisas íntimas – as necessidades, o banho, as reações fisiológicas aos tratamentos –, o sogro interrompia a vigilância malévola e fugia, revoltado pela fisicalidade das tarefas. Na sua ausência, a mulher mais velha despia a conversa fiada como uma pele gasta.

– Querida, podes contar-me o que aconteceu à tua mãe? – dizia ela. Ou:

– O meu pai era um homem pouco amável, o que de alguma forma tornou as coisas mais difíceis quando ele morreu. Os problemas não resolvidos... infetam. – E: – Sempre fui uma rapariga do tipo de me anular para manter a paz. Que desperdício.

À medida que as más notícias se acumulavam nas consultas médicas, a sua sogra, tranquilamente sentada, dizia:

– Entendo. Compreendo. Não era o que esperávamos, pois não? Sei que deve ser difícil para o senhor dar esta notícia, mas obrigada, doutor.

Sim, a senhora olhava a Morte diretamente nos olhos e não mostrava um pingo de medo enquanto esta lhe apertava o cerco. Apenas espanto:

– A sério? Está a incomodar-se comigo?

Admirava a resiliência da sua sogra. Perguntava-se que profundezas ainda escondidas estariam na sua origem. Quais seriam os seus próprios arrependimentos, as suas próprias forças, quando chegasse a sua vez.

– A tua mãe é uma senhora forte – dizia ao seu marido. – Mesmo doente como está, ainda pensa nos outros.

– Sim, tenho a certeza de que se está a fazer de mártir – resmoneava ele. – É especialista em martírio.

– Ou é coragem. Quer dizer, se fosse eu, estaria a implicar, a refilar com toda a gente. Ou, não sei, a chorar a toda a hora.

Ele encolhia os ombros.

– Terias uma visão diferente se tivesses crescido com ela.

Ela pensava no seu pai, lá no Utah, agarrado aos seus trastes partidos com mais força do que alguma vez a tinha abraçado a ela. Pensava na forma como o seu marido insistia, ridiculamente, que ela era demasiado dura com o pai, que ele estava doente, e que possivelmente até sentira o impacto devastador da perda da sua mãe mais profundamente do que ela.

– Talvez tenhas razão – concedia. – A família tem uma maneira única de mexer connosco.

Mas, sempre que a sua sogra a abraçava para se despedir, o afeto da senhora era tão genuíno, tão envolvente, que preenchia aquele vazio de amor que o seu próprio pai nunca havia preenchido. Fechava os olhos, inalava aquela proximidade, aquela aceitação, e pela primeira vez desde criança respirava sem palavras, *Mãe, Mamã, Mamãzinha*.

A sua sogra gostava particularmente de ouvir histórias sobre a casa deles, rindo-se com relatos de pessoas como o do limpa-chaminés. Havia muitas, verdadeiros crentes que pregavam sobre fantasmas no sótão, espíritos debaixo das escadas, unhas de histórias feias e vingativas a raspar as tábuas do chão. A senhora acenava com a cabeça enquanto ela lhe contava que tinham decidido não instalar um sistema de alarme, depois de o instalador ter explicado que os falsos alarmes seriam constantes na parte mais antiga da casa, dada a maneira como as janelas tremiam. Teriam de gastar uma boa maquia, pagar por um serviço de monitorização, câmaras exteriores e instalação elétrica exterior, para fazer qualquer sistema funcionar. Dado que

as poucas invasões de propriedade naquela zona, na última década, haviam sido de curiosos (em busca de drogas ou emoção), o seu marido decidira que seria tudo um desperdício de dinheiro.

– Aqui nunca acontece nada – resmungara. – O que é que alguém roubaria? Nem sequer temos um bom televisor.

Ela franzira-lhe o sobrolho, pensando: *E, no entanto, não te desfazes daquela arma.*

– O homem do alarme – disse à sua sogra – ficou parado no relvado a olhar para a casa e, muito sério, disse: «A melhor segurança que têm é o facto de este lugar ser verdadeiramente assustador.»

A sua sogra revirara os olhos.

– Juro, são sempre os homens mais corpulentos que se revelam os maiores bebês. – Fez uma pausa. – Ainda assim, não sei se gostaria de viver nessa casa. Demasiadas coisas desagradáveis associadas.

Para os verdadeiros crentes, havia uma carga demasiado pesada de energia sobrenatural naquele lugar. Para pessoas como a sua sogra, havia demasiada realidade.

As pessoas escravizadas pela família que construíra a casa em 1722 tinham pintado murais nas paredes do sótão, desenhos que subverteram instantaneamente as lições que ela recordava da aula de história. Na escola, apenas os julgamentos das bruxas de Salem, Lizzie Borden com o seu machado e outras insanidades femininas haviam interrompido o desfile de retidão da Nova Inglaterra, que saltava de peregrinos para revolucionários e soldados da União.

O seu sogro torcera o nariz aos desenhos, como se fossem um insulto pessoal, franzindo o nariz como se cheirasse a algo estragado.

Ela detestava as aranhas, as vespas e a humidade do sótão inacabado, o facto de ser insuportavelmente frio ou asficientemente quente, mas parava sempre junto à parede pintada. A sua vocação era técnica, mas acreditava que isso a dotava de um apreço único pelo fluido. Embora as linhas tivessem ficado esbatidas com o tempo, e levemente danificadas pela água, todos os retratos – os desenhos de figuras negras perto do teto que flutuavam num tipo de julgamento celestial acima dos homens alvos, de cabeleira, e das suas esposas pintadas de vermelho perto do chão – eram cheios de personalidade, tendo claramente sido baseados em pessoas reais.

Apesar da capacidade firme da sua sogra para enfrentar a morte, a senhora fizera uma careta às pedras inclinadas pelo tempo do cemitério da casa, sendo a mais antiga de todas coroada por um crânio esculpido, ladeado por asas.

– É tão estranho, querida, ter aquilo mesmo ao pé do baloiço das crianças.

– Hmm – murmurou ela, ocupada a ler o epitáfio do antigo senhor feudal.

*Viveu uma vida longa e imaculada.
Virtude e indústria, praticou e ensinou.
Leitor, se for isso agradável a Deus e benéfico para o Homem,
faz tu o mesmo.
1702–1778*

Haverá alguém que se considere malévolo? Ou o mal vê-se sempre a si mesmo como superior?

À medida que a sua sogra emagrecia, tomada de dores, sonolenta e distante, as idas do seu marido ao apartamento começaram a rarear.

– Essa rapariga está a afastá-lo de nós – ouvia o seu sogro queixar-se na divisão ao lado. – Sabe Deus o que ela lhe diz.

Os protestos do seu marido no sentido de ser ele quem fazia as compras todas as semanas, aviava as receitas da mãe, a levava a ver esta ou aquela amiga careciam de convicção. Ele sabia tão bem como os outros que aproveitava para fugir pelos ares, espreitando para fora do seu avião Super Cub de dois lugares para capturar da Nova Inglaterra uma visão digna de Deus. As suas fotografias eram sazonais: folhagem brilhante; centenas de pessoas coloridas nas praias, à volta das piscinas; pontos minúsculos de humanidade a descer pistas de esqui. Fotografias que se vendiam bem a decoradores de interiores, impressas especialmente em tamanhos enormes e entregues em casas de férias igualmente imensas, na praia, no campo e na montanha.

– Vê como é fácil desafiar a morte – significava o inclinar determinado do seu queixo. – Faça-o todos os dias.

Sim, ela detetava o terror agachado por trás da gabarolice do marido. Diante do minguante olhar amoroso da sua mãe, ele entrava em curto-circuito. Fora por isso que o seu perigoso trabalho se tornara avassalador, deixando-a a ela e aos filhos ir para o apartamento sozinhos.

– Não foi assim que o educámos – resmungava o seu sogro na divisão ao lado. – Está a ser manipulado por essa rapariga.

Ao receber apenas acenos curtos e silenciosos em resposta às suas críticas imperiosas sobre a culinária (salgada), a maneira como dobrava as coisas (torta) ou como não usava água destilada no ferro (hábito ruinoso), ele começou a criticar o neto.

– Raios, miúdo, lança a bola pior do que uma rapariga! A tua irmã consegue lançar. A tua irmã é mais rapaz do que tu. – E: – O que é isto? Estás a chorar? Por causa de um programa de televisão? Jesus Cristo. – E para a sua exausta sogra, quando abraçava, ao colo, o menino de três anos: – Tens de parar de o mimar. Uma coisa é a rapariga ser maria-rapaz. Mas vais fazer dele um invertido.

– Não quero voltar a casa do Vô – disse o seu filho no carro.

– Porquê?

– Não sei. – O menino olhou pela janela, com o lábio a tremer.

Ela contratou uma *baby-sitter* e passou a deixar as crianças com a adolescente à noite, o seu filho voltando à sua alegria perpétua sem os insultos do avô como parte da sua vida diária.

– Desculpa – disse-lhe a sogra, contorcendo as mãos. – Ele só se preocupa por eu o mimar demasiado. E eu mimo mesmo, mesmo. Provavelmente não é bom para ele e...

– Trago-os sempre que quiser – disse-lhe. – É só dizer.

– É genético – ouviu o velho dizer à esposa. – Eu avisei-o... Avisei-o de que os filhos dele podiam ficar igualmente horríveis. E agora a rapariga tem aquilo na cara! Tinha de ser a rapariga? Num rapaz já seria mau, mas numa rapariga?

Acariciou inconscientemente as manchas brancas em redor do pescoço, os pingos de palidez que lhe desciam pelas bochechas, os lugares onde o tom pérola das suas mãos se encontrava com a pele pigmentada dos braços.

– Para com isso, por favor, não digas isso – sussurrou a sua sogra, palavras que apenas fizeram o seu sogro ficar mais imponente, mergulhar numa indignação justiceira que o impedia de perceber a ironia.

– Não me mandes calar na minha própria casa!

– Querido, não é nada, esse vitiligo. Apenas um pouco de cor. – O tom da sua sogra pretendia ser reconfortante, mas estava impregnado de angústia. – Eu acho... acho que é bonito.

Não é bonito? Não é lindo?, ecoava-lhe na memória a voz da mãe.

Sentiu lágrimas subirem-lhe aos olhos, recuou para a casa de banho para as esconder.

A sua sogra, de olhos embaçados, barriga protuberante, pele amarelada, perguntou-lhe se ela acreditava em Deus. No Céu.

Sabia o que devia dizer. Mas, em vez disso, contou à senhora como deu por si no jardim a assinar o cheque do limpa-chaminés, impaciente para voltar aos seus desenhos do polinizador robótico.

– Boa sorte com esta casa – dissera ele, interrompendo os seus pensamentos sobre atuadores piezoelétricos a baterem asas cerâmicas microfinas. – Ainda bem que não é minha.

Quando ele se foi, finalmente, embora, ela deu meia-volta para entrar e reparou nas abelhas.

Enrolavam-se nas pétalas e em torno dos estames das rosas abertas. Voavam para a lavanda, pernas e corpos a recolher pólen de filamentos invisíveis. Escutou o seu zumbido. Observou a perfeição da sua engenharia. Um polinizador imensamente eficiente, infinitamente adaptável, pré-programado, totalmente biodegradável e autorreplicante, que produzia não só cera útil e de combustão limpa, mas também mel. Uma elegância pura e completa. O polinizador robótico, por mais avançado que parecesse momentos antes, ficava de repente séculos, milénios, atrás delas.

Que visão limitada teria de ter o limpa-chaminés da vida após a morte,

decidiu, almas apenas à espera de assustar os vivos. Se houvesse algum Além, não provaria a natureza que seria mais surpreendente do que as pessoas eram capazes de conceber? Afinal de contas, embora uma pessoa tivesse inventado o polinizador robótico, a natureza evoluíra a abelha – uma criação que ultrapassava todas as capacidades humanas.

– Isso é adorável, querida – disse a senhora. – Mas não responde de facto à minha pergunta.

Foi ela quem encontrou a sua sogra morta na cama ajustável novinha em folha que os sogros haviam adquirido como parte da contribuição para a sua entrada numa residência sénior. Encontrara-a nessa cama cara, no apartamento tão novo que se conseguia sentir o cheiro da tinta, as tábuas do chão de plástico prensado para parecer madeira. Não era um local onde alguém entrasse e fizesse perguntas sobre fantasmas. Mas, naquele quarto, a sua sogra estava fria, a boca aberta numa mímica grotesca de um grito, os olhos salpicados de sangue fixos no teto, a pele a arroxear.

Embora tenha tentado fechar-lhe a boca, os olhos, para disfarçar o horror dos últimos momentos da sua sogra, o *rigor mortis* já se instalara e não o conseguiu. A toalha macia que pusera sobre o rosto da senhora afundara-se nas órbitas dos olhos, na boca aberta, com um efeito tão perturbador que a retirara imediatamente. Em vez disso, fechara a porta e ligara, sem fazer muito barulho, para a agência funerária que a sogra selecionara. O corpo dela foi levado antes de o sogro acordar de uma sesta no quarto de hóspedes («Não consigo dormir no mesmo quarto, com todos os gemidos»). Ao vê-la saltar nervosamente do sofá, o homem ignorou os sinais visíveis de que ela estivera a chorar e começou imediatamente a queixar-se por o jantar não estar pronto.

Com a voz a quebrar, disse-lhe que lamentava, que a esposa dele morrera algures naquele dia, na sua própria cama, tal como ela queria.

Ele deu dois passos rápidos na direção dela e deu-lhe uma bofetada na cara com a palma da mão aberta, tão violentamente que a derrubou para o chão de plástico prensado.

– Tu – disse ele, erguido sobre ela, apontando-lhe um dedo acusador –, não podes ser tu a dizer-me isso.

Ela levantou-se apressadamente e recuou em direção à porta, pegou na mala mantendo os olhos fixos nele, como se ele fosse uma serpente, um predador venenoso.

Ao sair, por entre a dor, a vergonha, a fúria, a humilhação, apenas conseguiu dizer:

– Não.

A raiva do seu marido floresceu a par dos hematomas dela. Discutiu com o pai ao telefone, o homem mais velho alegando sem arrependimento que ela olhara para ele com desprezo, fora cruel, parecera feliz.

Os homens não falaram um com o outro no funeral.

Os hematomas desapareceram. O seu marido começou a dizer coisas como:

– Nós somos tudo o que resta ao meu pai. – E: – Achas mesmo que a minha mãe teria querido que ele ficasse tão sozinho?

Mas não há água nesse poço.

Cerca de dois meses após a morte da sua sogra, o marido fixou o olhar algures acima do ombro dela e disse:

– Eu sei que, por vezes, tens alguma dificuldade em reagir ao meu pai. Terás feito alguma coisa? Dito alguma coisa que o tenha incomodado?

Aquelas palavras ramificaram-se dentro dela num sistema interminável de raízes fractais, quase impossível de arrancar depois de plantado.

– O que é que... o que é que eu poderia ter feito? Feito para merecer aquilo? – gaguejou.

– Certo. Tens razão. Mas... talvez?

Ela desatou a chorar, e ele pediu-lhe desculpa. Mas dera ao pai o benefício da dúvida, pusera a necessidade de lhe agradecer à frente da segurança dela. E ao mesmo tempo que os seus pensamentos se desorientavam na espiral daquela traição, apercebia-se de que também se culpava. Culpava-se de uma forma que nunca conseguiria explicar ao marido, porque, se o fizesse, isso causaria feridas irreparáveis.

Viste o teu sogro tal como ele é há muito tempo. Ainda assim, deixaste-o entrar na tua vida. E o que aconteceu? Exatamente o que sempre pensaste que poderia acontecer. Por isso, a culpa é tua. É.

Culpar-se a si mesma impunha uma causa e efeito tranquilizadores, um sentido de que tinha o poder de prevenir mais violência. Disse ao marido que nunca mais falaria com o sogro. Que as crianças não tinham autorização para o ver.

Talvez aquela satisfatória sensação de controlo fosse a razão por que, feita presa na escuridão fria atrás das paredes da sua própria casa, aquilo que se agitava na sua mente sob cada pensamento, cada movimento, frenético como um roedor preso numa armadilha, era a busca pela forma como poderia ela ser a culpada de tudo aquilo. Alguma coisa ela tinha feito, ou deveria ter feito, ou ainda devia fazer, que ainda não conseguia identificar claramente, alguma forma de trazer luz a tudo isto de maneira a permitir-lhe evitar que acontecesse alguma coisa de mal.

O que é que fizeste? Porque é que isto está a acontecer? Porque é que isto te está a acontecer?

E a seguir? E a seguir?

Não podes ficar aqui para sempre. Será que ele se vai embora? E como é que poderás sabê-lo, se for?

Apesar do frio, do desconforto do chão duro, apesar do medo que lhe retesava os músculos, sentia as pálpebras imensamente pesadas.

A adrenalina a decrescer, ou talvez não devesses estar deitada de todo com esse galo na testa.

Sentou-se. O sangue fugiu-lhe do crânio vibrante. Depois de um momento de intensa certeza de que ia vomitar, sentiu-se ligeiramente melhor.

Não, não debes estar deitada, com a cabeça magoada.

Encolheu as pernas para o interior do roupão, para as aquecer. O seu peito recém-magoado pelos pontapés das crianças doía-lhe de tal forma que a fazia perguntar-se, como sempre fazia com as dores provocadas acidentalmente pelos filhos, como é que alguém tão pequeno conseguia infligir tanta dor. Fez-lhe lembrar o sofrimento da amamentação, a mordida inchada da mastite. Encostou-se aos tijolos da chaminé, sentindo areias escorrerem-lhe pelas costas.

Quando fechou os olhos, a sua mente exausta condensou toda a sua autocrítica na voz do marido, o seu tom o mesmo quando perguntou «Terás feito alguma coisa?».

«Devias só ter descido as escadas», dizia essa voz, «fingido que estavas a dormir no sofá, deixar as crianças a dormir. Talvez então ele pensasse que ninguém o vira, e só levasse as tuas coisas. Vos deixasse em paz.»

Mas tu sabes o que é que ele quer. Ou talvez queira. Não! Talvez, não. Ele já o disse. Ouviste-o. Ele veio cá porque pensa que merece o que quer que seja, ou quem quer que seja.

«Devias ter corrido imediatamente pelas escadas abaixo, corrido a ir buscar as chaves do carro enquanto ele estava no teu quarto, conduzido para longe, procurado ajuda.»

Mas a neve. Lembras-te do ano passado, da vez em que nem sequer

conseguimos tirar os carros, e tivemos de esperar pelo limpa-neves? Se ficasses presa, então, o que farias? Ele arrastava-te pelo cabelo, a gritar, de volta para dentro de casa.

Pensou naquela arma indiscernível e estremeceu, recordando o som de quando ele acertou com ela na palma da própria mão.

«Uma desculpa para tudo», ecoava a voz fantasma do seu marido, exasperado. «Quando, na verdade, tens apenas demasiado medo, estás demasiado assustada com o mundo para fazer as coisas bem. Para pensar. Pensa nisso!»

Se ele veio a conduzir, o carro dele pode estar a bloquear a garagem.

Imaginou um carro a rolar lentamente até à entrada enquanto eles dormiam. Imaginou-o à espera lá fora, na escuridão, vendo-os lá dentro, vulneráveis, inscientes. Pequenos atores iluminados num palco através das janelas. Uma coisa selvagem invisível enquanto circundava a fogueira que os cegava.

«Tens a certeza de que trancaste as portas?», perguntou o marido.

Não... não me consigo lembrar. Mas tranco sempre as portas. Tu é que te esqueces. Nem sequer achas que seja necessário. Tu é que achas sempre que estamos seguros, que estou a exagerar. Que sou paranoica.

«Tu és paranoica.»

Se uma pessoa tiver determinação suficiente, se não se importar de fazer alguns estragos, de levar o seu tempo, não consegues detê-la. Não consegues mesmo.

«Tu sabes que isso quase nunca acontece, um desconhecido visar alguém. Tens todas as tuas pequenas estatísticas sombrias guardadas. A violência vem quase sempre de dentro de casa.»

Ele está aqui. Isto é real.

«A violência vem quase sempre de alguém conhecido.»

Esfregou a bochecha, sentindo o fantasma da mão longa e fina do seu sogro.

«Olha para ti, a obrigá-los a ficar neste espaço horrível, impaciente com eles, com a mão sobre a boca, irritável, incapaz, dizendo a ti mesma que é porque os amas. És tu a violência nesta casa.»

Deixaste o teu sogro entrar na tua vida. E agora deixaste este Homem do Canto entrar. Alguma coisa fizeste. Alguma não fizeste. E não te lembras dele? Há qualquer coisa nele. De familiar. Não há?

Bateu com a parte de trás da cabeça na chaminé para desalojar a voz falsa do marido do seu cérebro, para interromper o turbilhão estonteante de culpa e confusão.

Para, para com isso. A culpa não é tua. Queres que ele seja alguém que reconheças, porque nesse caso poderia ter havido alguma coisa horrível que tivesses feito, alguma razão para isto tudo. E depois? Sais daqui e dizes: «Olá! Lembrei-me de quem és e do que fiz e peço muitas desculpas, é tudo culpa minha.» E ele vai dizer: «Uau, obrigado, assim já não tenho de te

matar, porque aprecio muito o pedido de desculpas.» É ridículo. Não fizeste nada. É culpa dele. Deste Homem do Canto.

«E agora já o vês da mesma forma que os miúdos? Como sendo o Homem do Canto? Se não estavas a delirar até aqui, talvez estejas agora. Pelo menos, tens de considerar essa possibilidade.»

Não estás delirante. Ele estava a tentar assustar-te. E conseguiu, porque estás assustada.

«Devias ter agarrado numa arma», disse o marido.

Que arma? Não há nada, nada.

«O atizador da lareira.»

Sentiu um arrepio de arrependimento em todo o corpo.

Porque é que não pensaste nisso? És estúpida, tão estúpida!

Imaginou-se deitada no esconderijo, segurando a alça do atizador com uma mão, a sua extremidade em forma de L apontando para a porta do painel oculto. Quando se abrisse, ela teria o pé encostado ao L do atizador, as mãos na alça. Teria força, usando braços e pernas em conjunto. *Bum*, perfurava-lhe o crânio, morto.

Gemeu em voz alta à beleza dessa ideia. À sua impossibilidade. O atizador estava logo do outro lado da parede na sala de estar. Mas obtê-lo significaria sair do esconderijo, passar pelo escritório e entrar na sala de estar, que era visível da escada, da entrada, da sala de jogos, da cozinha.

Então, tudo se resume a isto. Estás impotente, a fantasiar sobre as melhores formas de enfiar um atizador de lareira que nem sequer tens no crânio de alguém. Não tens como ir buscá-lo sem correres o risco de seres vista. Não seria melhor sentares-te encostada à porta? Usares o peso do corpo, com as pernas encostadas ao tronco da chaminé, para o impedires de entrar? Para o impedires de se aperceber, mesmo que fizesse força no ponto certo, da existência de uma porta ali?

«Típico», murmurou o marido. «A tua solução é não fazer nada. Escondes-te.»

Às vezes, a coisa mais difícil de fazer é não fazer nada.

Estremeceu, retrocedendo no tempo.

Mas, noutras vezes, a pior coisa a fazer é não fazer nada.

Abria a porta do seu quarto na residência universitária na sua universidade no Nordeste, após uma noite a estudar na biblioteca. O seu então namorado tinha-a avistado do corredor, apressou-se atrás dela e envolveu os braços à volta dela assim que ela abriu a porta e deu o primeiro passo para dentro do quarto. Ele pretendia um abraço afetuoso, mas ela não o vira nem ouvira a aproximar-se. Só viu e sentiu uns braços de homem a prenderem-lhe as mãos e a apertarem-na. Registou aquela força, o vazio do corredor, do seu quarto, a hora tardia, e foi submersa por uma onda de total impotência, a certeza de que aquilo era um mal primordial.

Não gritou. Não se defendeu. Para sua profunda vergonha e horror, ficou inerte, dobrada numa pequena bola fetal trémula, de olhos fixos no chão de

linóleo do quarto da residência.

Não podes voltar a congelar assim. Se chegar a isso. Se chegar a um confronto.

A sua decepção com aquela reação era, ainda, abissal. Tinha-se encolhido para proteger a barriga como se o seu agressor fosse um urso em vez de um homem. Como se um homem humano fosse tão misericordioso como um animal, acertando-lhe na cabeça e no pescoço e procurando mordê-la no centro do corpo, tentando matá-la rapidamente. Segura de se tratar de um homem cuja intenção era empurrá-la para dentro do quarto e fazer-lhe mal, a única coisa que conseguira fazer fora derreter numa fraqueza aterrorizada. Em que é que isso era diferente da conformidade? Afinal, nem sequer conseguira dizer «Não». Gritar por socorro. Não conseguira falar de todo. Não conseguira dar cotoveladas, nem lutar com ele, nem mexer-se.

No seu ouvido ecoavam as mesmas coisas que tantas vezes ouvira, desta vez ditas sobre si: *Na rua tão tarde, completamente sozinha, sem qualquer precaução, o que trazia ela vestido?*

Reboulou a cabeça contra o tijolo da chaminé. Uma onda de profunda exaustão puxava-a, e ela deixou os olhos fecharem-se.

Inicialmente, lembrava-se, o namorado sentira-se terrivelmente mal. Nem sequer lhe havia ocorrido o nível de medo que o abraço surpresa lhe poderia causar, o nível de ameaça que ela sentia na residência àquela hora tão tardia, quando se julgava sozinha.

Deve ser bom, pensara ela amargamente. Deve ser bom viver a vida dessa maneira, sentir-se em segurança.

Mesmo tendo ele pedido desculpa, foi o início do fim da sua ligação. Porque quando ela lhe disse que decidira fazer um curso de autodefesa, a linha fina e fechada da sua boca disse-lhe, sem palavras: «Não achas que estás a exagerar? A ser dramática por nada?».

Depois disso, qualquer emoção que ela mostrasse – saltando de susto com uma centopeia que saía de baixo da cama, irritada com o atraso dele, tentando desabafar sobre uma nota injusta –, ele revirava os olhos. Suspirava.

– Esses bichos não mordem.

– Não estou assim tão atrasado, acalma-te.

– O que é que fizeste de errado para teres essa nota?

– Acalma-te.

As suas palavras tornavam simples ler os seus pensamentos. *Está desvairada. É ilógica. É igual a todas as outras, sentimentos não confiáveis. Baixa um pouco o tom, irmã, menos.*

– Não me estás a levar a sério – disse-lhe. Mas era tão difícil arranjar provas tangíveis dos pensamentos dele como da respiração.

– Como assim? – respondera ele. – De que é que estás a falar?

As queixas dela eram apenas mais uma reação exagerada.

Para ele, era mais fácil pensar assim, supunha ela, do que aceitar que havia sido inadvertidamente cruel. Era mais fácil pensar que ela tinha um

problema do que aceitar que, em vez de a proteger, ele a tinha aterrorizado. Porque essas coisas aconteciam. Podiam acontecer.

Essas coisas estão a acontecer-te agora.

– Porque estás tão tristonha? Porque estás tão chateada?

Como se ele não tivesse nada que ver com as suas lágrimas, com a sua irritabilidade. Como se os sentimentos fossem coisas que ela escolhia ao acaso, prendia ao coração, completamente separados das pequenas crueldades dele ao procurar justificar-se.

O curso de autodefesa que frequentou foi dececionante. Tinha imaginado *kung fu*. Movimentos fixos que de alguma forma transformariam a sua pequenez numa vantagem, como nos filmes onde a senhora pequena de botas de salto alto derruba o grande vilão.

Mas era, sobretudo, gritos.

– As mulheres são condicionadas para ficarem caladas, para não fazerem barulho – dizia a professora. – A maioria de nós é demasiado autoconsciente para fazer barulho. Para chamar a atenção. Mesmo numa emergência.

Ela não conseguia gritar alto o suficiente, ser desinibida o suficiente, para agradar à professora. Com *banshees*⁴ triunfantes a uivar à sua volta, o som ficava-lhe preso na garganta e saía estrangulado. Aprenderam apenas um movimento agressivo na aula, um golpe com a base da palma da mão, para partir um nariz. Uma abordagem de choque e espanto que permitiria (talvez) uma oportunidade de fugir a gritar. Não teve dificuldade em bater com força no manequim da aula de defesa, tanta força que magoou a mão. A cabeça do manequim mal se mexeu.

– Se fosse eu – dissera a professora com frieza –, se tivesse o teu tamanho, concentrar-me-ia em fazer barulho a sério.

Ora, ora. A professora estava completamente enganada. Imagina o que te teria acontecido, caso tivesses feito barulho, gritado, quando o viste naquelas escadas.

Mas o linóleo do chão do quarto da residência voltou a emergir, e o sentimento momentâneo de superioridade, de vindicação, desapareceu.

Aconteça o que acontecer, não te podes voltar a ir abaixo daquela maneira. Se acontecer, se ele entrar aqui, pontapeias e esganas e usas unhas, dentes – tudo. Tudo! Ou nunca te perdoarias.

«Não merecerias perdão», ecoou a voz do marido.

– Mamã? – disse a menina, assustando-a tanto que emitiu um ruído involuntário, um estremecimento de corpo inteiro. A vaguear sonolentemente nas profundezas da sua memória, das suas conversas imaginárias, deduzira que as crianças estavam a dormir.

– Mamã, preciso de ir à casa de banho.

– Chichi ou cocó? – perguntou, pensando para si mesma: *Estás a responder em modo automático.*

– Chichi.

Típico, típico. Preparas as crianças, estão prontas a sair. Os cintos

apertados. Têm um peluche, qualquer coisa de comer, estás quase a entrar na autoestrada, e então ouves:

– Mamã? Preciso de ir à casa de banho.

Pelo menos não é cocó.

– Mamã?

– Chhh, estou a pensar.

Pensar fez com que se apercebesse de que também tinha vontade. Uma vontade tremenda.

– Está bem – sussurrou. – Amor, preciso de que tires a fralda. A mamã ajuda, está bem?

Antes do confinamento, o seu filho passara vários meses sem precisar de usar fralda durante a noite. Mas o chichi na cama começou duas semanas depois de ficarem em casa, uma coisa que ela e o marido atribuíram à sua sensibilidade, à sua preocupação com a preocupação deles. O pediatra encolheu os ombros. Disse-lhes para terem paciência, que os retrocessos relacionados com o *stress* eram normais, e para não o envergonharem. Durante o verão, aparentemente adaptado ao estranho novo mundo, os acidentes do filho pararam. Mas em novembro começaram, mais frequentes do que nunca. Voltou a pôr-lhe fraldas, tentando afastar a culpa de não conseguir proteger o seu discernente filho das crueldades do mundo.

Era uma dança estranha no escuro, desenrolar a manta e ajudar o menino a tirar as calças de pijama, depois a fralda.

– Que nojo – disse a menina enquanto enfiava a fralda do irmão.

– Eu sei – sussurrou ela. – Mas fá-lo na mesma.

Ajudou a filha a tirar a fralda quando ela terminou. Tirou a sua própria roupa interior. Encolhendo-se, segurou a humidade da fralda contra si.

Ora, ora. Aqui está uma vantagem de ser pequena. Uma vantagem. Consigo usar a fralda de uma criança, hurra. E não é tão terrível ou repugnante como se pensaria. Pouco usada. Tenho mais com que me preocupar.

Foi-lhe difícil voltar a vestir a roupa interior, o seu corpo ainda escorregadio de suor. Mas esforçou-se para se vestir, repelindo os pensamentos sobre a razão por que era para ela tão importante ter a roupa interior vestida.

Pousou uma mão levemente no ombro do filho e depois no da filha, para que voltassem a instalar-se na manta. O braço da menina rodeava o irmão.

Um pequeno obstáculo ultrapassado. Um pequeno problema resolvido.

A sua respiração regularizara. Sentia o sangue a pulsar algo próximo do normal. As suas mãos tinham perdido parte do tremor.

Aquilo acalmara-a, ter algo físico com que lidar, um problema solucionável para resolver com competência. As dúvidas, a voz crítica do marido – fria e cruel, mais cruel do que ele alguma vez seria na realidade – silenciaram-se.

Fechou os olhos e observou as luzes distantes atrás das pálpebras, apenas

para ter algo para ver. Um alívio do negro profundo. Escutava atentamente por qualquer coisa que pudesse indicar onde estava o Homem do Canto. Encostou a parte de trás da cabeça ao tijolo da chaminé. O único som era o murmúrio e a respiração das crianças e o sibilar da tempestade pela casa.

Estás a adormecer, percebeu. Não podes adormecer. Tens de ir buscar o atiçador. Ou pedir ajuda. Ou, pelo menos, ficar de vigia a eles. Obstruir a porta.

Mas, sentada de pernas cruzadas, pés enfiados nas concavidades atrás dos joelhos para os aquecer, estava finalmente a descongelar. O alívio da bexiga vazia fê-la sentir controlo sobre o corpo pela primeira vez em semanas. E descer daqueles grandes picos de medo trouxe-lhe um cansaço pesado, incombátível, puxando-a para um lago escuro que parecia seguro.

A culpa não é tua. A culpa não é tua.

À medida que desvanecia na exaustão, sentiu algo como uma respiração no rosto, algo como o roçar de uma teia de aranha.

«Delicioso», sibilou-lhe a voz do Homem do Canto diretamente ao ouvido, e ela soltou um grito, engasgando-se com uma inspiração assustada do ar podre.

4. Um tipo de fadas oriundo da mitologia céltica, cujos gritos podiam ser ouvidos a quilómetros de distância. (*N. da T.*)

— Mamã! Estás bem?

Mal conseguia falar, a garganta a apertar-se-lhe como se uma mão invisível lhe comprimisse a traqueia.

A mão da menina agarrava-lhe o joelho. Abraçou a filha com força, encostou-lhe a cabeça ao ombro pequenino.

— Está tudo bem, mamã, está tudo bem!

— Desculpa — disse ela —, desculpa. Adormeci. Só por um segundo.

O filho soluçava.

— Vem cá — sussurrou baixinho. — Vem cá, miúdo. Desculpa. Eu estou bem. Não te queria assustar.

O menino estendeu a mão, tocou-lhe no braço, subiu para o colo dela. Como de costume, o corpo dele fundiu-se no dela.

Estás tu preocupada com o comportamento deles, com a possibilidade de eles fazerem barulho, e fazes isto? Gritas assim? O que é que se passa contigo? Se ele te apanha, apanha-os a eles, e será culpa tua.

O filho roçou o pescoço dela. Ela exalou, respirou de novo, absorvendo o conforto do amor animal do rapaz.

— Desculpem — disse ela. — Peço muita desculpa.

O filho encostou as suas pequenas e quentes palmas das mãos às bochechas dela. Ela imaginou os olhos dele semicerrados olhando diretamente para os seus através da escuridão.

— Está tudo bem, mamã — disse ele seriamente.

— O que vamos nós fazer — dizia, por vezes, o marido dela — quando ele crescer?

Olhavam um para o outro, horrorizados. Cada um imaginando que o amor puro do filho, a sua necessidade constante dos braços dos pais à sua volta, desapareceria. Porque claro que iria desaparecer. Tinha de desaparecer. Esse tipo particular de sensibilidade, de afeto tão direto, não podia sobreviver. A ordem natural das coisas implicava esconder a profundidade do amor, com

medo de os outros o verem como uma fraqueza. E se isso não acontecesse naturalmente, se não evoluísse organicamente, pessoas como o sogro dela trabalhariam arduamente para envergonhá-lo, para que o rapaz escondesse os seus sentimentos, não apenas deles, mas de todos, tão depressa como fechar um livro.

Abraçou o menino com força.

Tens de fazer alguma coisa. Qual será a coisa certa a fazer?

– Estou tão orgulhosa de vocês – sussurrou ela para os filhos. – Estão a ser tão corajosos e silenciosos. Estão a mostrar à mamã como ser corajosa, também.

Como poderás ajudá-los? Como poderás pedir ajuda? Não há maneira de saber onde ele está, a não ser quando está diretamente por cima de vocês.

Encostados à alvenaria áspera, com os braços entrelaçados e os olhos sem ver, ela teve a certeza de que, se as crianças fossem um pouco mais novas, se aquilo tivesse acontecido apenas alguns meses antes, nunca teriam sido capazes de ficar tão silenciosas. De ser tão obedientes. Prontas para a reconfortarem. Capazes de aceitar que podiam acontecer coisas más.

Eles compreendem que a vida se pode partir ao meio.

– O que fazemos, mamã? – sussurrou a filha.

– Esperamos. Ouvimos. Ficamos o mais silenciosos que conseguirmos. Às vezes, a coisa mais difícil de fazer é nada.

O filho remexeu-se no colo dela, enroscou-se numa bola contra o peito dela. Os detritos no chão picavam-na onde o roupão não lhe tapava as pernas.

Delicioso.

Estavas a adormecer. Foi o stress. Claro que foi. Aquela voz a deslizar no teu ouvido. É perfeitamente normal. Uma confusão normal, uma reação normal, numa situação anormal.

Mesmo assim, coçou o ouvido como se estivesse a tentar limpar a voz do Homem do Canto dos espaços vazios.

Concentrou-se no leve sobe e desce da respiração do filho. A suavidade dele, o peso da cabeça dele contra o seu peito magoado.

A filha rastejou de volta para o cobertor. Conseguia ouvir a menina a enrolar-se nele, a proteger-se do frio e da sujidade.

– Vamos pensar – sussurrou ela – no que fazer. Apenas pensar. Não falar. Apenas pensar durante um bocadinho, e esperar em silêncio.

– Está bem, mamã.

Quanto tempo vais esperar? Quanto tempo podemos ficar aqui? Pensa bem.

Tens o copo de treino, cheio, mas pequeno. A fralda. O cobertor. As crianças podem adormecer. Seria mais fácil mantê-las caladas durante mais tempo se adormecessem. Quando amanhecer lá fora, será que ele se irá embora? Já passou quanto tempo?

Uma rajada de vento soprou pela chaminé, fazendo barulho nas grelhas do ar. Ela tremeu.

– Devido à intensidade prevista da tempestade – dizia a mensagem gravada da escola –, cancelámos a escola presencial de amanhã, tanto da parte da manhã como da tarde. A participação nas sessões virtuais continua a ser obrigatória. Recomendamos que todos os membros da nossa comunidade evitem conduzir. Mantenham-se seguros.

A escola presencial de sexta-feira fora cancelada por causa da tempestade. E as aulas virtuais? Mesmo que eles não apareçam, os professores farão o que fazem sempre – enviar um e-mail, para o qual não esperam resposta. Depois, sábado, domingo. Ninguém conta connosco em lado nenhum até segunda-feira. E as férias do Natal começam na quinta-feira. É possível – provável – que a escola assuma até que estamos a isolar-nos antes das férias, para podermos estar com a família em segurança. Podem telefonar para nos repreender, mas nada mais. Não chamariam a polícia nem nada parecido. É demasiado tempo. Demasiado tempo para ficarem com fome, sede. Para fazerem barulho. Tempo para ele procurar pela casa. Ouvir atentamente. Encontrar-nos.

Como se tivesse chamado o Homem do Canto, ouviu um peso suave e estranho lá em cima. Passos lentos e regulares atravessaram o quarto da filha. Depois, um estalo!

Tinha a certeza de que o som era da porta do guarda-roupa da filha. Tinha ímanes que funcionavam demasiado bem, tornando as portas difíceis de abrir e ridículamente ruidosas quando abertas. Houve silêncio, depois o som *cling!*, que devia ser ele a fechar o guarda-roupa, o forte reaproximar dos ímanes, capaz de nos arrancar o puxador da mão.

Mais uma coisa para consertar.

O filho fungou-lhe no peito.

Ele está a verificar todos os armários. Não anda à procura de coisas para levar. Não grita com uma voz assustadora. Anda à nossa procura. Em sítios suficientemente grandes para alguém se esconder.

Os passos dele eram medidos. Metódicos. Mesmo tentando ser silencioso, cada passo produzia um som abafado enquanto ele atravessava o corredor no andar de cima e entrava no quarto do filho.

A menina moveu-se para o lado dela e abraçou-a com força. Conseguia sentir os movimentos da cabeça da filha enquanto esta repousava no seu ombro, a forma como inclinava uma orelha para tentar ouvir os sons do Homem do Canto.

Um assobio frio do vento entrou pelo respiradouro das escadas. Teria ele aberto uma porta nalgum lugar?

Criiick! Sim, voltara à tábua do chão comprida no corredor exterior ao quarto do filho. O que significava que, provavelmente, saíra da parte original da casa, entrando na divisão sobre a cozinha do anexo antigo, voltando para o anexo moderno, que continha o seu quarto, o quarto de hóspedes, a lavandaria.

Já terá reparado na porta do sótão? Duvidoso. Tê-la-ias ouvido abrir.

Mesmo à saída do quarto da filha, a porta do sótão estava encastrada na parede. O agente imobiliário chamara-lhe porta falsa, algo que ela pesquisara, descobrindo não ser totalmente preciso. As imagens de portas falsas que ela vira mostravam portas propositada e belissimamente ocultas, recortadas em molduras ou estantes.

Mas a porta do sótão deles era mais visível. Feita das mesmas tábuas verticais que revestiam a parede. Isso fazia com que os lados verticais da porta ficassem perfeitamente integrados na parede, mas o recorte no topo era tão óbvio como o de uma porta normal. Embora, no resto da casa, as dobradiças tivessem pesadas ferragens de ferro, as dobradiças da porta do sótão eram de um tipo diferente, visíveis apenas do lado do sótão. Ela supusera que a porta podia ter sido meio disfarçada dessa forma por os donos originais não quererem ser lembrados da proximidade dos seus escravos a dormirem lá em cima, mas também tinham sido demasiado avarentos para se preocuparem em escondê-la por completo. A porta do sótão não tinha puxador, mas podia ser puxada e fechada usando um pequeno gancho difícil de notar. A porta abria-se sempre que alguém levantava esse gancho, as estranhas correntes de ar do último andar fazendo-a abrir-se de par em par. Havia uma marca na parede, no sítio onde o gancho embatia sempre.

Devias mesmo pôr ali um batente de porta para evitar que ela embatesse na parede, e tapar o buraco na parede.

Batentes de porta, coisas para arranjar, que importa isso? Pensa em coisas que importem.

Ele já terá encontrado a cave? Provavelmente.

A porta da cave era óbvia no vestíbulo. Ela não conseguiria ouvi-lo a abrir essa porta, não a partir do esconderijo.

Pena. Podias trancá-lo na cave. Tem aquele trinco pesado para as crianças não descerem até lá. Não podes trancá-lo no sótão. O gancho iria soltar-se no momento em que ele desse um empurrão com o ombro.

Repreendeu-se por fantasiar.

Pensa em coisas reais. Num plano real. Tem de haver alguma coisa. Há sempre alguma coisa.

Exceto quando não há.

Fechou os olhos e visualizou a casa.

Um retângulo, um triângulo. Quatro janelas à esquerda, quatro à direita, outra por cima da porta no meio. Vidraças quadriculadas, como um tabuleiro do jogo do galo. No centro do telhado, um toco quadrado de chaminé. Uma ideia de casa.

Sim, a casa tinha a aparência exata de um desenho de criança. A aparência exata que uma casa deveria ter. Na sua mente, havia uma pequena espiral de fumo a sair da chaminé, desenhada a cinzento. Para as crianças, para ela, a casa era fundamentalmente, reconfortantemente, *um lar*.

Mentalmente, esboçou a casa de cima para baixo, rotulou-a cuidadosamente, e aos terrenos, viu os pisos em secção transversal, voou mais

alto e mais alto na imaginação para ter uma perspectiva melhor.

O retângulo da casa antiga. Atrás desta, o quadrado da adição da cozinha. O retângulo da adição moderna ligada à cozinha. A longa entrada que curvava da rua, contornava as árvores, passava pelo lado da casa até às portas da garagem na adição lá ao fundo.

Vooou ainda mais alto, semicerrou os olhos com mais força, delimitou e rotulou as distâncias.

Cerca de sessenta metros, mais coisa, menos coisa, desde a entrada até à rua. Virar à esquerda, pastagens a seguir a pastagens a seguir a campos, e depois o bosque, e então, só ao fim de pouco mais de três quilómetros, uma quinta. Ou, em vez disso, virar à direita depois de descer da entrada da casa, seguir pela estrada até à colina, a rua sinuosa. Passado o equivalente a um campo de futebol, à volta disso, ou mais, via-se a primeira casa. Sessenta metros depois, outra. Quem morava lá? Na primeira casa, uma enfermeira. Vivia sozinha e trabalhava muitas vezes noite dentro.

Dirigir-se para a enfermeira seria um risco. Quão longe ficava a casa seguinte?

Tu nem sabes quem lá mora! Porque é que não os conheces? Tiveste tempo suficiente para te apresentares antes do confinamento. Conheceste a enfermeira, depois os outros vizinhos não estavam em casa. Porque é que nunca lá voltaste?

Demasiado tímida, demasiado constrangida, demasiado nervosa.

Concentra-te.

Desenhou a geografia em linhas de lápis imaginárias.

Sim, as casas tornam-se cada vez mais frequentes naquela direção. Mas mesmo a casa da enfermeira não fica propriamente perto, com este tempo. Além disso, há a colina para subir. E ainda, se ele olhar por alguma janela na frente da casa, vê-te. Ou vê, no mínimo, as tuas pegadas. Conseguiria seguir-te. A estrada ainda não foi limpa. Ali, na neve, estarias tão exposta.

E se tentares ir em linha reta?

Enumerou os perigos. Os espessos montes de neve dos campos. Os arbustos retorcidos do bosque, cheios de videiras selvagens adormecidas, as ramas espinhosas e emaranhadas dos sarmentos. Os muros de pedra, tão difíceis de galgar devido às suas pedras soltas. E havia ribeiras, cobertas por montes de neve, mas ainda a correr por baixo do gelo e da neve, silenciosas e indetetáveis.

Impossível. Intransponível. Impraticável.

Rodou o seu mapa mental. Atrás da casa ficava o quintal, o escorrega e os baloiços das crianças. Atrás disso, o cemitério, marcando a transição da relva para as árvores. Depois do cemitério, através do bosque, o trilho.

É isso. É por aí.

Pelo caminho do bosque.

No início de outubro do ano anterior, pouco tempo depois da morte da sua sogra, perguntara ao marido se ele tinha usado o soprador de folhas no trilho do bosque atrás da casa.

– Não, porquê?

– O caminho inteiro está praticamente sem folhas.

Ele foi ver por si mesmo. As crianças andavam a correr e a gritar ao lado dele, usando paus como espadas.

O chão da floresta estava coberto de folhas e agulhas de pinheiro. Mas o trilho estava limpinho. Serpentava, castanho e macio, pela floresta, como algo frequentemente usado e meticulosamente cuidado.

– Tinha folhas antes, não tinha? Não me lembro da última vez que usámos o caminho – disse o marido.

– Já foi há algum tempo. É estranho. Achas que alguém lá do fundo o limpou?

Apontou para os sessenta metros de trilho, na direção do asfalto preto do largo sem saída repleto de casas que começava onde o trilho terminava, a cerca de trezentos metros da fronteira da propriedade deles.

A casa deles tinha sido originalmente o coração de uma quinta de cerca de cento e vinte hectares. Subdividida na década de 1980, a maior parte do terreno foi vendida por um antigo proprietário a um promotor imobiliário, que o parcelou num bairro de enormes McMansões dos anos noventa, assentes em lotes enormes.

Parecia-lhe um bocado chocante passar pela sua casa antiga e por hectares de pastagens ondulantes, atravessar o cemitério, seguir pelo caminho através da floresta de árvores centenárias, estar pacificamente imersa num passado intocado de Nova Inglaterra, e depois entrar no mundo à parte daquele largo sem saída.

Pestanejava na direção do asfalto profundamente preto como se fosse uma miragem. Dali, erguia-se uma vista cheia de janelas em meia-lua,

alpendres colunados, portas de entrada e portas laterais, garagens para três carros, picos de telhado atrás de picos de telhado atrás de picos de telhado. Havia câmaras de segurança brilhantes, topiárias em urnas, cobertura orgânica de solos escura, piscinas, pedra sobre madeira sobre vinil sobre gesso, sinais de «proibida a entrada» pretos e dourados. Dava por si a ter de descartar a impressão de que a excessiva altura daquelas casas faria com que elas capotassem como navios mal pilotados nos seus oceanos de relva verde-néon.

Teria alguma pessoa daquelas enormes casas ficado incomodada com o trilho negligenciado? O caminho ligava-se ao pequeno passeio à volta do largo sem saída que ia intersetar a ciclovía da vila, por isso era razoável pensar que alguém se pudesse ter irritado com a sua naturalidade, que não encaixava ali na perfeição. Teriam eles varrido o trilho? Tentado esculpi-lo, de modo a afastar-se de um estado primitivo e selvagem para espelhar os seus canteiros de flores cuidadosamente delineados?

– Não creio que entrassem na nossa propriedade – disse o marido. – Acho que foi apenas o vento.

– Talvez sejam fantasmas. – A filha sorriu.

Ela sorriu à filha, agitando os dedos de forma assustadora.

– Sim! A andarem pelo caminho desde o cemitério.

– O quê, com ancinhos? Vassouras? – perguntou o marido, fazendo a filha rir.

– Os fantasmas não existem! – O filho soou confiante, mas depois puxou-lhe a mão, olhou-a de olhos arregalados. – Certo, mamã?

– É isso mesmo. Os fantasmas não existem. Estava só a brincar.

– Eu não me incomodaria com fantasmas que fizessem trabalho de jardinagem – disse o marido, e ela encostou carinhosamente o ombro no seu braço forte.

– Que coisa estranha – murmurou baixinho.

Cerca de um mês depois, encontrou o marido a olhar para o caminho enquanto as crianças desenterravam o escorrega, os baloiços da neve antecipada.

– O que é que se passa?

– Não é muita neve, comparando com todos os outros sítios. É estranho.

De facto, o trilho era visível mesmo apesar da neve acumulada. Uma depressão marcava a sua extensão, como se alguém o tivesse passado com uma pá mesmo antes de a neve parar de cair, mantendo-a macia, mas distintamente rasa.

– Talvez as árvores apanhem a maior parte da neve?

Olharam juntos para a teia de ramos arqueados sobre o caminho.

– Mas a neve é mais alta em todos os outros lugares. Mesmo na parte mais espessa da floresta.

– Ainda assim, os ramos devem apanhar alguma, não? Ou talvez seja do vento. Talvez a neve na floresta pareça mais alta porque se acumula, soprada do caminho.

– Sim. Talvez o caminho funcione como uma espécie de túnel de vento? A neve é varrida para fora. Isso também pode explicar por que razão não tinha folhas.

Ficaram ambos a olhar, mãos nas ancas, as crianças a brincar atrás deles na neve recém-tombada do outro lado do cemitério.

– Quero fazer *uma boneca* de neve – insistia a filha.

– É *um boneco* de neve – disse o filho, parecendo que ia chorar. – Porque eu tenho um chapéu de rapaz para ele.

– Meninos, não discutam. – Virou-se para os repreender. – Os bonecos de neve não têm partes íntimas. Não são homens nem mulheres. Apenas pessoas de neve.

Um lampejo de arrependimento imediato ao ver o olhar malicioso da sua filha.

– Vamos fazer-lhe partes íntimas! – disse a filha.

– Meu Deus, pessoal, *não* façam partes íntimas ao boneco, à pessoa de neve, por favor.

Eles riram-se. Ela sabia que, nas costas dela, já estariam a esculpir genitais gélidos de um tipo ou de outro em dimensões exageradas. Decidiu não se envolver mais naquela batalha particular, agora que as crianças estavam, pelo menos, a dar-se bem.

– Cinco centímetros de neve no trilho, quase trinta em todo o lado – disse o marido. – Não consigo perceber.

– É estranho – concordou ela.

– *Ainda* acho que são fantasmas! – gritou-lhes a filha. – No Halloween, os fantasmas tinham aquelas saias compridas. É isso que varre o caminho.

– Saias?

– Sabes, como lençóis.

– Estás a falar dos lençóis que as pessoas usam para se mascararem de fantasmas?

– Sim.

– Nós sabemos que estás só a tentar assustar o teu irmão – repreendeu o marido. – Isso não é simpático.

– Poderiam ser veados? – pensou ela. – Lembro-me de que, quando eu era pequena, os veados faziam trilhos através dos bosques de álamos. Criavam caminhos até ao solo. Se houver bastantes, pode ser isso. Até pode explicar porque é que aqui não há tanta neve no inverno. Os veados podem compactá-la.

– Aposto que é isso – disse o marido. – Se não vês veados por aqui, apenas significa que não estás a procurar com atenção suficiente.

– Estou certa de que é isso – concordou ela.

Nessa noite, o filho acordou-a com um toque forte diretamente entre os olhos.

– Vi um fantasma – sussurrou ele.

– Deixa-me adivinhar – disse ela enquanto o aconchegava na cama. –

Esse fantasma estava num lençol?

– Não. – O rapazinho bocejou. – Ele queria que eu o seguisse pelas escadas.

O filho acordou-a na noite seguinte, apertando-lhe o pescoço com a mão pequenina. Acordou-a novamente na noite seguinte, com um toque chocante na sua pálpebra fechada.

– Um fantasma. Ele quer brincar comigo. Posso deixar as luzes acesas?

– Ele não te deixa dormir nada de jeito – disse o marido. – Temos de pôr termo a isto.

Como era de esperar, o marido fotógrafo recorreu à fotografia para resolver o problema. Comprou uma câmara própria para registar a vida selvagem, concebida para ser fixada à volta de uma árvore. Era ativada por movimento, camuflada, com painéis solares e à prova de água. O marido fez daquilo um grande espetáculo, levou as crianças para o ajudarem a instalá-la. Apontou a objetiva da câmara para o local onde o cemitério se transformava em trilho. Na manhã seguinte, viram o vídeo, juntos, debruçados sobre o pequeno ecrã embutido na parte de trás da câmara, sob uma tampa articulada de proteção.

O vídeo mostrava veados após veados a passarem pelo trilho, silenciosos e sem cor, mas com os olhos iluminados pela visão noturna, piscando através de espirais de neve soprada.

O marido tocou no ecrã.

– Vês isto? O trilho deve funcionar como um túnel de vento, com aquelas árvores tão densas à volta. Não admira que tenha tão bom aspeto.

– Veados fantasmas! – soluçou o filho, cobrindo o rosto.

Ela franzira o sobrolho para o ecrã. Com os olhos brilhantes e envoltos por nuvens brancas de neve em movimento, constatou, com desânimo, que os veados aparentavam uma inquietante sobrenaturalidade.

– Que bom – resmungou, descansando, extenuada, a testa no ombro do marido. – Veados fantasmas. Será isso, pelo menos, um progresso em relação a uma escadaria assombrada?

– Olha! – A filha apontou para o ecrã. – Os fantasmas não fazem cocó!

De facto, um veado parara em frente à câmara, levantara a cauda e aliviara-se.

O filho animou-se, depois começou a aplaudir e a rir.

– Cocó! – gritou. – Os fantasmas não fazem cocó!

Ela e o marido trocaram um *high five* discreto.

– Obrigada – sussurrou para ele.

O marido voltou a colocar a câmara no tronco de uma árvore, mas nunca mais precisaram da sua prova antifantasmas. O filho deixou de a acordar a queixar-se de um fantasma traquina nas escadas, e ela e o marido ficaram satisfeitos por um desfile concorrido de veados e o vento constante do noroeste da região explicarem a limpeza bizarra e a aparência côncava do trilho.

Ali, no esconderijo, sentiu a ideia do trilho e da sua neve varrida pelo vento atravessá-la como uma revelação. Era a escolha óbvia. Todas aquelas mansões artificiais eram a fonte mais próxima possível de ajuda.

Mantém-te debaixo do beiral da casa para apanhares menos neve. Agacha-te sob as janelas para ficares fora da vista. Trinta metros até ao cemitério. Setenta e tal metros pelo caminho até àquelas casas. É um pouco mais longe, mas muito melhor do que essa distância a subir até à casa da enfermeira. Estarias nas traseiras da casa. Quase nenhuma janela está virada para esse lado. Não estarias tão exposta.

«Apesar disso, é claro», disse o marido, «também não conheces ninguém que viva ali. Nunca te deste ao trabalho de os conhecer. Toda superior por achares as casas feias.»

Sacudiu a intrusão da voz imaginada do marido. Pensou em quão tentadoramente perto se encontrava das antigas portas duplas da entrada. Imaginou a barra que oscilava no seu pequeno prego a cair novamente quando a porta se fechasse.

Ficas trancada lá fora.

A ideia de atravessar aquela entrada, daquela pequena barra oscilante fechada, trancando-a longe das crianças, fê-la soltar um gemido doloroso.

Havia a chave extra escondida na pedra a fingir. Extremamente bem escondida, agora, sob a neve. Portanto, não era impossível voltar a entrar, mas quase, especialmente se o Homem do Canto ainda estivesse dentro de casa.

Mas de pantufas? De roupão? E por baixo só roupa interior e uma T-shirt velha, encharcada em suor. O frio poderia matar?

O seu cérebro percorreu o conteúdo do escritório. Não havia nada lá que a ajudasse a manter-se aquecida.

Mas ele mexeu em alguma coisa no armário do corredor, quando andava à nossa procura, há pouco. Algo que fez um estardalhaço de tecido e cabides.

Esfregou o pescoço acima da cabeça do filho. Sentiu a picada do ar frio na pele.

Devas apenas esperar! Ter paciência. Ele desistirá. O sol vai assustá-lo. É natural que ele assuma que alguém venha cá a casa ver de vocês amanhã. Certamente, conta com a vinda do limpa-neves. Não querera que o homem do limpa-neves veja o seu carro. O veja.

Mas... e se ele tiver estacionado noutro lugar? Se tiver vindo a pé? E o homem do limpa-neves não chamaria a polícia, não por causa de um carro desconhecido. Poderia lembrar-se de um carro mais tarde. Depois de ter acontecido alguma coisa. O que não te adianta de todo.

O fim de semana de três dias desenrolava-se diante dela, tão limpo e estranhamente vazio como aquele trilho cuidado entre as árvores. Com a escola cancelada antecipadamente devido à tempestade, ela tinha-se preparado para um fim de semana prolongado tranquilo em casa, apenas com as crianças. Sentiu-se galvanizada pela iminente tempestade do nordeste. Certificou-se de que havia bastante gasolina no gerador. Lavou todas as pilhas de roupa suja,

apenas por precaução, caso ficassem sem eletricidade enquanto estavam sozinhos em casa, dobrou-a e guardou-a de uma só vez pela primeira vez em quase dois meses. Encomendou e recolheu as compras mal a neve começou a cair. Varreu as cinzas da lareira, do enorme forno a lenha na sala de estar, lembrando-se do marido a fazer *pizza* lá, todos eles felizes e saciados.

Levou muita lenha para dentro, que poderem assar *marshmallows*, fazer *s'mores*, um maminho especial. Dissera às crianças que, dependendo das condições das estradas, poderiam escolher uma árvore de Natal no sábado ou no domingo.

Não será o teu pai a dar pela tua falta caso não lhe digas nada. Nem será o teu marido a ir ver se estão bem. Nem o teu sogro.

Sim, ela planeara um fim de semana que não requeria a presença de outras pessoas, mas que estava determinada a tornar parecido com a vida normal.

Mas o Homem do Canto não sabe disso. Ele não sabe que ninguém vai dar pela tua falta. Como poderia saber?

Ele sabia que estavam apenas os três em casa. Não tens como saber o que é que ele sabe. Há quanto tempo andará ele a observar-vos?

Tocou no galo na sua cabeça. Fez uma careta.

E estavas tão satisfeita contigo mesma, a preparar tudo para o fim de semana. A fazer coisas pequenas e felizes para as crianças depois de todas aquelas semanas em que te sentiste tão incapaz.

Outra rajada de frio atravessou-a. Involuntariamente, os seus olhos foram atraídos para a abertura de ventilação, em que o vento assobiava.

Sentiu-se petrificar, a garganta a contrair-se. Havia um movimento ondulante na escuridão, do lado de lá da abertura de ventilação. Formas vagas começaram lentamente a ficar definidas na fraca luz da lua que entrava no *hall* pelos quatro pequenos vidros sobre a porta da frente. Olhos amarelos redondos, anormalmente grandes, olhavam fixamente para ela do outro lado da abertura de ventilação.

O Homem do Canto.

Quando o seu corpo ficou hirto, o filho permaneceu imóvel no seu colo, respirando de uma forma que lhe garantia que estava a dormir. A cabeça da filha estava no seu ombro, pesada e quente. Estariam ambos a dormir? Não reparara, concentrada que estava em esboçar todas as possibilidades de fuga na sua cabeça. Não ousava mexer-se com medo de os acordar. Mantinha os olhos fixos na coisa do lado de lá da abertura de ventilação.

Não é nada, não é nada. Stress. Uma ilusão de ótica. Não existe Homem do Canto algum. E as pessoas não têm olhos amarelos. Não é ele. É imaginação. Nada, absolutamente nada.

Mas era alguma coisa. Depois de tanto tempo na escuridão, os seus olhos ainda pouco conseguiam discernir no breu do esconderijo, mas, do lado de lá da abertura de ventilação, o pequeno raio de luz da lua permitia-lhe distinguir um rosto de pele clara. Uma cabeça careca com alguns cabelos

desgrenhados. A parte inferior do rosto, a boca, os dentes, o queixo e o nariz recuavam para a escuridão.

Os olhos pestanejavam, enormes e amarelos.

Quando ela era pequena, a escola que frequentava fazia todo um alvoroço à volta do exercício físico e da sobrevivência ao ar livre, cada excursão sendo uma caminhada ou uma prova de esqui de fundo.

Durante uma dessas caminhadas, na quarta classe, ela estava, como de costume, com dificuldade em acompanhar os colegas. Os outros eram sempre mais rápidos, como se fossem velozes graças ao consumo constante de pão de forma e gelatina. A cada curva do trilho na montanha, desejava ver os outros miúdos à sua espera, vermelhos do sol em contraste com o cabelo loiro, enquanto comiam punhados de frutos secos.

Sentiu uma vibração no ar e parou. Era exatamente a sensação de quando estava no carro e, de repente, virava a cabeça e encontrava os olhos de alguém a olhar para ela do carro ao lado. Aquele momento fugaz, a certeza de estar a ser observada, era capaz de o sentir mesmo a cento e trinta quilómetros por hora. Era uma percepção que se tornava tanto mais apurada quanto mais antecipava a curiosidade em relação às novas marcas brancas no seu rosto, as que começaram a aparecer logo após a morte da mãe, como se esta lhas tivesse legado.

Paralisada, procurou a origem do seu desconforto, observando o trilho e a floresta ao seu redor, até que os seus olhos encontraram o olhar dourado de um leão-da-montanha. Estava a cerca de dez metros de distância, do outro lado de um rio. A seca baixara o nível do rio, que corria a um ritmo médio à volta de pedregulhos expostos, fáceis de transpor para o felino. O animal estava à sombra dos álamos, a luz através das folhas trémulas dava à sua pele amarela um tom verde aquoso.

Apesar de ela nunca ter visto um leão-da-montanha vivo, sabia que aquele não estava bem. Estava esquelético. As costelas destacavam-se como se tivesse engolido um barril. Tinha peladas envoltas em sangue empastado. As orelhas estavam em pé, eriçadas, mas de uma só restava metade, com um rasgo irregular. Os longos bigodes pendiam da cabeça baixa, que se movia

lentamente para os lados como uma cobra num filme a dançar ao som de uma melodia. As ancas e os ombros salientes esticavam a pele do animal.

Ainda mais desorientadora era a deformidade do felino. Quando o animal abriu as mandíbulas, a sua longa língua rosada pendeu como se fosse um gato doméstico a bocejar. Recolheu a língua com uma lambida no focinho, uma lambida que passou por um conjunto extra de dentes, desalinhados, que sobressaíam do lado da cara do leão-da-montanha como uma segunda boca mais pequena.

Pela primeira vez desde que as marcas tinham começado a empalidecer a sua pele, ela entendeu que a estranheza, a diferença podiam ser irrelevantes. Porque a única coisa que importava era a fome pura que enchia os olhos redondos e amarelos do felino.

Lembrou-se do que lhe haviam ensinado. Tirou a mochila e ergueu-a acima da cabeça. Tentou gritar e fazer barulho para assustar o animal, mas o medo travou-lhe a garganta, e percebeu que não conseguia emitir som algum.

Então, em vez disso, começou a cantar, o que descobriu ser, inexplicavelmente, muito mais fácil do que tentar gritar. Alterou a letra e ia preenchendo as lacunas do que não se lembrava enquanto seguia pelo trilho abaixo.

– Um, dois, três-quatro-cinco, és um gato com muito afinco!

Pensou que uma criatura tão errada – desfigurada, banida e, tinha a certeza, ferida pelos seus – poderia gostar daquelas palavras. Poderia ficar feliz por finalmente receber um elogio. Poderia, tal como ela, sentir saudades de ouvir um elogio.

– Seis, sete, oito-nove-dez, por favor deixa-me ir desta vez.

Recuou pelo trilho o melhor que conseguiu, esforçando-se para não cair, olhos fixos no leão-da-montanha, surpreendida com a clareza e o volume da sua voz a aumentar a par com o medo.

– Porque não me deixas ir?

O felino avançava pela margem oposta, seguindo-a de forma tão casual que ela percebeu, com horror, quão fácil era para a criatura acompanhá-la. Quão simples lhe seria apanhá-la.

Faz-te grande. Não lhe vires as costas. Faz barulho. Não, não, não caias.

A fome do animal apagara-lhe qualquer resquício de beleza, de simetria. A sua voz tremia enquanto cantava:

– Queres comer-me, não é?

Puxou o casaco para que fizesse barulho, para parecer maior.

Não tropeces, não tropeces.

Tinha tal medo, tal concentração, que só quando dobrou uma curva no trilho, cantando a plenos pulmões, «Por favor, gatinho, não mordas este meu dedinho», e quase tropeçou em três dos seus colegas que tinham parado para lanchar, de olhos arregalados e zombeteiros, é que percebeu o quão ridícula devia parecer.

– Minha, que estás a fazer? – troçou uma miúda.

A onda de calor no rosto, o embaraço superaram até o alívio. Afinal, ela tinha dez anos. Já se sentia desajeitada e estranha, e agora a sua recente perda destacava-a como digna de pena ou amaldiçoada.

– Anda um leão-da-montanha a seguir-me!

– O quê? Onde?

Levantaram-se, esticando os pescoços.

Ela apontou para o outro lado do rio, mas o animal tinha desaparecido. Recuara para algures entre as árvores. Ainda sentia os seus olhos amarelos.

– Eu não vejo nada.

– Ele está ali! Algures.

– Oh, vá lá.

– Provavelmente, imaginaste. São muito raros por aqui. Eu nunca vi nenhum.

– Estava magro. Parecia doente.

– Doente? Como é que sabes isso?

– Estava a espumar pela boca?

– Não, só magro. E com falhas no pelo. E sangue.

– Se estivesse doente, ter-te-ia atacado de certeza. Foi o que o meu pai disse.

– Era todo desconchavado – insistiu ela. – Tinha dentes a sair pelo lado da cara!

Os três colegas olharam uns para os outros antes de se rirem.

– O quê? Dentes onde?

Esfregou a bochecha.

– Aqui! Tinha dentes a sair por aqui. Ou algo assim.

Olhos revirados, olhares pesados, risinhos.

– Claro, certo. Viste um monstro.

– Não era um monstro, só um... eu não sei, um leão-da-montanha muito massacrado!

– Sim, sim.

O seu coração partira-se para sobreviver àquilo, para fazer tudo bem, e agora era desvalorizada como se não fosse nada. Imaginação.

– Não me interessa se acreditam em mim ou não – disse-lhes, disse a si mesma, contendo as lágrimas. – Não me interessa o que vocês pensam.

Mas claro que lhe interessava. Interessava-lhe muito.

Anos mais tarde, o pai enviou-lhe um *e-mail* com um artigo sobre um leão-da-montanha morto no Idaho. Do lado da cabeça, saía-lhe um conjunto extra de dentes e bigodes. Um gémeo siamês que morrera no útero e ficara preso ao irmão, ou talvez um teratoma – um tumor cheio de cabelo, dentes e bigodes, segundo os cientistas. Um verdadeiro mistério, dizia o artigo. Sem precedentes.

Ela duvidava que o seu leão-da-montanha ainda estivesse vivo, por isso achou que talvez não fosse sem precedentes. Imaginava outros felinos assim a

rondar as Montanhas Rochosas, esquivos e além da crença de qualquer um que não os tivesse visto.

«O teu velho amigo?», escrevera o pai com um *smiley*.

– Um leão-da-montanha é uma coisa, mas um felino com duas bocas? Ilusão de ótica – dissera ele na altura. – *Stress*. Não é possível.

Enterrada sob as suas próprias escadas, no feixe amarelo daqueles olhos predatórios, ouviu o eco da voz do pai.

«Ilusão de ótica. *Stress*. Não é possível.»

Pestanejou para a coisa do lado de fora da grelha, para a cabeça nua e eriçada. Para os seus enormes olhos amarelos.

Perdeste o juízo. Estás a delirar.

A forma da coisa torceu-se. Com aquele movimento, tornou-se inanimada. Por um momento, ela não conseguia entender o que estava a ver. Não conseguia processar os olhos do leão-da-montanha a perderem a vida e ainda assim a fixarem-na através da grelha. Mas, então, algo fez clique. Não era um caçador vivo e atento, mas uma imagem.

A pele dela arrepiou-se, os pequenos pelos a eriçarem-se-lhe no suor frio.

Estava a olhar para um desenho. Um desenho de um crânio com mechas de cabelo desgrenhado, olhos a brilhar. Do tipo que aparece impresso num certo tipo de *T-shirt*. Tinha a certeza de que, se pudesse ver mais acima do crânio, acima dos olhos brilhantes, diria Black Sabbath, Metallica, o nome de alguma banda que brincava com desenhos da morte para efeitos de estilo e vendas de álbuns.

Sim, agora conseguia ver o que estava a acontecer, qual era a explicação.

O Homem do Canto estava sentado nas escadas. De costas para ela. Já tinha visto um pouco da sua camisola, fragmentos, através da grelha, enquanto ele verificava as portas da frente, mas aquilo era uma secção ampliada. Sentado como estava, os olhos do crânio olhavam das costas da camisola através da grelha para ela, pestanejando e piscando a cada vinco, cada movimento.

Por favor, gatinho, não me mordas.

Pensou que o bater do seu coração poderia ser alto o suficiente para acordar o filho, ainda a dormir no seu colo.

É impossível! Como é que ele ali chegou sem tu o ouvires? Ou... voltaste a adormecer?

Não tinha ideia de o ter feito, mas supunha que fosse possível. O seu medo, a dor de cabeça latejante, a maneira como sobrevoara a casa a pensar em rotas de fuga, tudo tão parecido com um sonho.

Mas... ele antes fez tanto barulho. Os brinquedos na sala de jogos, o soalho a estalar na entrada do escritório! E de certeza que ele não desceu as escadas da frente. Mesmo conseguindo descê-las tão silenciosamente como tu, com toda a tua prática, ainda faria uma barulheira ensurdecadora neste sítio oco.

Tentou perceber. Supôs que ele tivesse descido as escadas da cozinha e atravessado a sala de estar. Que evitara, acidentalmente ou de propósito, o soalho barulhento na entrada do escritório. Que se tinha sentado com tanto cuidado que ela não ouvira o degrau ranger.

Está a aprender os sons da casa. A camuflar-se.

Voltou a sentir a mente a identificar algo familiar, algo de que devia lembrar-se.

Tem a ver com a camisola. Já a tinhas visto?

Claro que sim. As pessoas usam camisolas daquelas a toda a hora, T-shirts pretas de bandas, com caveiras, olhos brilhantes, ossos.

Se te conseguisses lembrar, poderia ser útil.

Para com isso. Concentra-te.

Fechou os olhos, sentindo-se grata por as crianças terem adormecido. Não estavam a sussurrar, permitindo que o Homem do Canto os apanhasse de surpresa. Estando ele mesmo em cima da grelha, de certeza que conseguiria ouvir até sussurros. Uma pequena reviravolta do acaso que lhe fora favorável.

– Esta casa fica apinhada quando está vazia – queixara-se o Homem do Canto em voz alta para si mesmo um pouco antes. – Ouvem-se vozes, ruídos, e não está cá ninguém.

Sim, ele tinha ouvido vozes. E agora andava à procura dela e das crianças, seguindo a origem daqueles sons desencarnados. O Homem do Canto estava sentado a um metro e meio de distância deles, observando, escutando pacientemente com ouvidos atentos, a sua proximidade sufocante.

Ele sabe que estão aqui.

Para, para. Ele está ali sentado porque dali consegue ouvir qualquer som na sala de jogos, no escritório, nas escadas, nos quartos das crianças. Está à espera de que faças um movimento, um erro. De que te denuncies.

Ocorreu-lhe que ela e o Homem do Canto estavam a fazer a mesma coisa. Ambos a aguardar silenciosamente no presente surreal, como que numa interrupção entre as suas vidas passadas e qualquer futuro que viesse a seguir.

Respira. Pensa. Não podes fazer nada. Não podes controlar nada além de quão silenciosa e imóvel ficas. E nem isso consegues controlar. Não totalmente. Roncos, espirros, suspiros. O mínimo movimento das crianças, e ele ouve-vos.

Esta total falta de controle sobre o seu próprio presente, o seu próprio futuro, acalmou-lhe o batimento cardíaco. Não havia decisões a tomar. Pelo menos neste momento. Encostou a cabeça ao tijolo, sentiu o calor dos corpos respirantes dos seus filhos, e ficou estranhamente aliviada por estar temporariamente desobrigada de todas as responsabilidades.

Acordou confusa, com um gosto amargo na boca. Havia um som familiar a desvanecer-se no limite da compreensão. Via apenas escuridão. Orientou-se, e o seu coração acelerou com a lembrança de onde se encontrava.

Os seus olhos voaram para a grelha. Não via nada do outro lado. O que não significava que o Homem do Canto não estivesse lá. Apenas que não estava sentado no mesmo degrau.

Estúpida, estúpida! Deixares-te adormecer? Adormeces agora? Aqui?

Colocou suavemente um dedo no galo na cabeça. Tinha-se reduzido ao tamanho de um caroço de pêssago. Ainda latejava, mas já não doía de forma nauseante. Tateou cuidadosamente com a mão livre, encontrou o copo de treino e bebeu. A água lavou-lhe um pouco a sensação de ter teias de aranha da boca. Impediu-se de beber mais.

Guarda-a para os miúdos.

Sentiu câibras nas pernas quando as mexeu. O peso do filho cortara-lhe a circulação. Suprimiu um gemido de dor, a sensação terrível de ter as veias a contraírem-se desde o calcanhar até à anca, e forçou-se a ficar quieta para não perturbar o seu pequeno.

Por cima da dor ouviu algo, e percebeu de imediato que era o som que a tinha acordado, mas que desaparecera logo depois.

Ouviu cantar.

A melodia era alegre. Não muito longe. Na cozinha? Na sala de estar? Seguramente neste andar. Ele cantarolava de boca fechada, uma vibração grave e pesada que atravessava a parede.

Agora estava perto. Na sala de estar?

Então, ouviu estalar a entrada para o escritório. Ouviu-se um som oco, *bonc* – o barulho de quando se pega numa guitarra. Depois, um dedilhado. Uma pausa. Outro som. Estava a afiná-la.

Ela ouvia de olhos arregalados no escuro. A filha acordou e ficou tensa ao seu lado, pequenas mãos a agarrarem-lhe e a apertarem-lhe o braço, o

pulso.

Através da madeira, ouviu-se o som de uma nota a subir e a descer, a estabilizar, o deslizar familiar da guitarra a encontrar um ponto na escala. Ela conseguia visualizar as pontas dos dedos do marido nas cravelhas prateadas, a forma como a guitarra assentava suavemente no seu colo, como parecia pequena contra o seu peito largo. Era sempre tão surpreendente ver alguém com a sua constituição de lutador ser tão delicado, extrair tal beleza. Quando segurava na guitarra, fazia-a lembrar-se de como ele embalara os filhos bebés ao colo.

– Estás aqui, criancinha? – disse o Homem do Canto, arrastado. – Tenho uma canção para ti.

Começou a tocar, o som brilhante no instrumento recém-afinado.

Ela não conseguia identificar a música, mas sabia que era uma melodia infantil, alguma canção de embalar com letras impossíveis de recordar, a sua mente em branco face à irreconciliabilidade do seu medo com o som reconfortante da guitarra.

O dedilhar parou.

Depois, a voz do Homem do Canto, tom sem melodia e preenchido por pregos a chocalhar.

– Porquinhos, porquinhos, deixem-me entrar.

O seu filho mexeu-se. Ela moveu-se ligeiramente para aliviar as pernas. Mordeu o lábio com a tortura das câibras.

Não acordes. Continua a dormir, por favor.

O rapaz acalmou-se, em silêncio.

– Estou cansado de esperar. Ouviste? Não me vou mascarar com pijamas de avozinha e ficar aqui à espera. Isto não era suposto ser aborrecido. – A voz de barata do Homem do Canto arranhava e escavava, a pingar desdém.

As unhas da sua filha cravaram-se-lhe ainda mais.

– Sem disfarces. Só eu, porquinhos. – Fez uma pausa, à escuta, e depois acrescentou: – Sabem, o Lobo Mau foi queimado. Desceu pela chaminé. Uma chaminé de tijolos, qual era a ideia dele? Deslizou logo até ao caldeirão. Foi cozido e comido.

Voltou a dedilhar a guitarra.

– Mas a vida não é assim, criancinha. Os porcos é que são para comer. E eu sou mais esperto do que aquele velho lobo – disse o Homem do Canto. – Vou *queimar* a casa.

Ela sentiu as paredes a desmoronarem-se à sua volta. Imaginou o que seria estar naquele sítio com o fumo a enchê-lo. Ser forçada a sair para respirar e encontrá-lo à espera. A filha começou a chorar encostada ao seu roupão, a soluçar:

– Mamã, mamã!

– Chhhhhh, chhh!

– Quei-maaar – murmurou ele. – Isso vai fazer-vos sair, meus três porquinhos. Ouviram? Esfumaçar-vos daí para fora, *facilzinho-favorzinho*.

Ela sobressaltou-se, a coluna endireitou-se, os dedos esticaram-se como se estivesse a cair, pronta a suportar o peso do seu corpo inteiro.

Facilzinho-favorzinho. Como? Como é que ele sabe isto?

Era a expressão do seu filho. Ouvira-a num desenho animado, e desde os seus três anos, «facilzinho-favorzinho» era a única forma que ele usava para dizer «por favor», adornando-a com diferentes rimas.

Facilzinho-favorzinho-limão-espremidinho, facilzinho-favorzinho-pão-com-queijinho, facilzinho-favorzinho-ovo-cozidinho, facilzinho-favorzinho-nariz-ranhosinho.

Via a carinha do filho a rir-se da sua própria esperteza, dos seus pequenos poemas, e sentia a distância agonizante entre aqueles fragmentos quotidianos de felicidade e os terríveis momentos em que estavam agora presos.

Como é que ele sabe, como é que ele sabe, como é que ele sabe isto? Ele conhece-nos. Ele conhece o teu filhinho, mas...

– Achas que alguém vai reparar no fumo, no meio desta tempestade? A esta hora da noite? À distância a que este raio de lugar fica de tudo? Não. Estás completamente sozinha.

A filha aninhou-se entre o braço dela e o roupão. O filho continuava a dormir, sem se deixar perturbar pelo barulho, pela ameaça, pela música e pelo medo dela.

Pensa que está seguro. Porque está quente no escuro, a dormir nos braços da mãe. Mas o Homem do Canto conhece-o, conhece-nos, de alguma forma... Como?

– Até os tijolos aquecem. Até os esconderijos se enchem de fogo. – A voz do Homem do Canto deleitava-se com aquelas palavras, como se estivesse a imaginar algo tão belo que era impossível de descrever. – Um- dois-três, fim, o melhor para mim. Ouviram? Ouviram, porquinhos? Porca seca e malhada, porquinho lindo? Vou-vos queimar. A vocês e a esta maldita casa assombrada. Saíam agora, antes que fitem como *bacon*. E talvez... – O Homem do Canto fez uma pausa, como se estivesse a pensar, e, quando falou, uma ponta de humanidade infiltrou-se-lhe na voz. – Talvez, se se portarem bem, talvez então o menino possa ser poupado. Ele nunca devia ter sido envolvido. – Outra vez, um curto silêncio, a voz do Homem do Canto mudando para uma fúria acusatória. – Isso é culpa tua, bruxa velha. É obra tua. Mais uma vítima, por tu não aceites as coisas como deviam ser. Não queres mais sangue nas tuas mãos, pois não?

As palavras aproximavam-se tanto da parede que ela, inconscientemente, encostou-se à chaminé fria, afastando-se do Homem do Canto, afastando-se da criatura que parecia ver através da madeira, ao descrever onde estavam, a língua a lamber as palavras «tijolos» e «esconderijos».

O sangue corria-lhe depressa e pulsava-lhe nos ouvidos enquanto se agarrava ao seu menino, e por um momento pensou que era o som do fogo.

Mais sangue? Que sangue tens nas mãos? Respira. Está tudo bem.

Ainda estás bem. Silêncio. Ele nunca deixaria o teu filho escapar. Nunca. É um mentiroso.

O Homem do Canto murmurava baixinho, falando consigo mesmo, apenas pedaços audíveis.

– Sala, cozinha, cave... armário, armários... Onde? Terias visto... Tu sabes... Onde?

Percebeu, a partir daqueles murmúrios fragmentados, que ele estava a enumerar as divisões da casa, os seus armários, os arrumos debaixo das camas e os armários de cozinha. Imaginou-o a contar pelos dedos, um, dois e três, todos os lugares onde os procurara. Todos as divisões que revistara, afastando cortinas, portas, cobertores. Tentando pensar no que lhe poderia ter escapado. Inspecionando a neve sem pegadas pelas janelas, à procura de sinais de fuga.

Rangia de um lado para o outro no escritório, uma fera numa jaula. Sentou-se com um gemido na poltrona, mas quase imediatamente começou a andar outra vez. O corpo dela permanecia rígido e imóvel contra a alvenaria. Os seus olhos, cegos pela escuridão, no entanto, moviam-se rapidamente de um lado para o outro enquanto seguiam a fonte das palavras, dos sons, a sua mente a repassar tudo, tudo o que vira, ouvira, tentando entender.

Facilzinho-favorzinho, facilzinho-favorzinho, não pode ser coincidência. Pensa. Pensa! Faz uma lista. Esta não foi a primeira coisa que te pareceu familiar.

Respirou fundo para tentar acalmar a mente frenética. Ordenou momentos no tempo e memórias num gráfico mental.

Quando o viste pela primeira vez, viste o quão grande ele era, houve algo que reconheceste. A tua mente ficou em branco, como quando vês alguém que conheces num lugar desconhecido, mas não te lembras do nome, o corpo fora de contexto.

E depois... a voz dele. Não a horrível voz do Homem do Canto, mas a inicial. Havia nela algo familiar, algo que te incomodou.

A tua menina. O Homem do Canto dos seus pesadelos, dissera ela.

E, quando ele disse que só queria dinheiro, deixou claro que sabia que estavas sozinha em casa. Ele conhece-te, de alguma forma.

E os olhos amarelos. Aquela camisola. Era familiar. Era!

Facilzinho-favorzinho. Facilzinho-favorzinho.

Mas aquelas peças não se encaixavam num clique satisfatório! Nada se interligava para lhe dar um todo coeso, uma explicação. Baixou a cabeça, tonta com a deceção difusa, sem saber sequer se deveria estar frustrada com o fracasso da sua memória ou se simplesmente não havia nada para recordar.

Um som rasgado, um rugido baixo que ela reconheceu como o som da neve a deslizar do telhado, acionou os passos do Homem do Canto. Imaginou-o a correr para as janelas do escritório na frente da casa para perceber a origem do som desconhecido, e a ver um pedaço de neve a cair ao chão após escorregar da inclinação íngreme do telhado.

– Oh, merda – disse o Homem do Canto, a voz a mudar do seu rosnido

grave para um tom mais agudo.

O que é que ele vê? Viu-vos?

– Santo Deus – repetiu ele, claramente falando apenas consigo mesmo, mas tão entusiasmado, tão animado com o pensamento que lhe ocorreu, que o som das suas palavras ficou mais alto.

– Idiota, durante este tempo todo. Nem sequer pensaste! Não exploraste o suficiente. Não fizeste o que devias. Aquela linha do telhado. Deve haver um sótão. – Riu-se alto, bateu palmas vitoriosamente. – Estão escondidos no raio do sótão!

Mais tarde, ela pensaria que, se apertarmos algo frágil com força, vamos esmagá-lo. E pensaria em como a memória pode ser frágil. Agarrando-se à voz familiar, à camisola, às proporções do intruso, ao som dele a dizer «facilzinho-favorzinho», a sua mente tinha estrangulado qualquer coesão entre esses lampejos de reconhecimento díspares.

Mas a alegria do Homem do Canto ao perceber que devia haver um sótão, o tom quase amigável que usou para se repreender, a crueldade subjacente àquela felicidade, a sua antecipação do momento em que os agarraria pelos pescoços, fez com que todas as peças se encaixassem e incendiassem a sua mente.

É ele. É completa e claramente ele.

A perceção de que conhecia este homem, de que se lembrava dele, ardeu-lhe em todas as veias. Começou a sentir-se enjoada, conteve a resposta física o melhor que pôde, mas algo repulsivo ainda ganhava volume na parte de trás da sua garganta, precisando de ser engolido.

É ele.

Ela sabia que muitos dos piores predadores não eram completos desconhecidos. Alguns encontravam maneiras de conhecer e interagir com as suas presas antes de decidirem caçar.

Não é culpa tua. E não há nada que pudesses ter feito.

A desesperança afundou-a. O Homem do Canto era um relâmpago num dia claro. A sua decisão de caçá-los parecia estar tão fora do controlo dela quanto a morte da mãe. Não havia nenhum alívio nisso, nenhuma revelação no reconhecimento que permitisse uma saída.

Que vais fazer?

Por cima da corrente trovejante dos seus pensamentos, ouviu o clangor dissonante da guitarra quando o Homem do Canto a deixou cair ao chão. Deve estar acelerado, agora, agitado. A porta entre o escritório e a entrada abriu-se com um estrondo. Clique! A luz ténue da entrada acendeu-se. Brilhava através da grelha do ventilador como uma arma, deslizava novamente pelas fendas nas escadas, em torno dos nós das tábuas. Onde a luz lhe tocava, parecia-lhe fogo.

bam! bam! bam! Os passos subiam as escadas apressadamente, um fragmento de uma sapatilha amarelada passando rapidamente pelo ventilador, bam! bam! bam!

Era demasiado, aquele som, tão alto que era como estar dentro de um tambor a ser percutido.

O menino acordou e soltou um lamento.

Tinham levado as suas sanduíches para uma das mesas de metal no exterior do café e limpavam os montículos de migalhas deixadas pelos ocupantes anteriores. Embora a filha deles fosse alta para os seus oito anos, ainda se conseguia sentar com as pernas cruzadas na cadeira, cantando uma lengalenga do tempo do jardim de infância enquanto se sentava:

– 1, 2, 3: perninhas à chinês. 4, 5, 6: bracinhos já sabeis. 7, 8, 9: a boca não se move.

Um homem aproximou-se da mesa e ali ficou, bloqueando a luz quente de agosto. Com o sol nas suas costas, era contornado pela luz como a pintura de um santo com auréola.

– Sou o gerente – disse. – Só vim dar-vos as boas-vindas.

A pequena inclinou a cabeça para trás e olhou para cima, para a altura ridícula dele. Mostrou-lhe um sorriso tímido de criança.

– Que princesa! – exclamou o gerente. – Linda.

Algo no corpo demasiado grande do gerente, na sua cabeça larga, na sua palidez, lembrava areia molhada. E, no entanto, na intensidade dos olhos dele a varrerem a sua filha, ela via uma energia tensa, como num elástico esticado.

– Estás a beber um *cocktail*? – perguntou ele à menina, apontando para a limonada dela.

– Não – disse a filha deles. – Não tenho idade para isso.

– Bem, nunca teria adivinhado! – A voz do gerente tinha a afetação de choque exagerado frequente nos adultos a brincar com crianças. – Mas sei que já tens idade para conduzir.

A menina lançou-lhe um olhar indiferente e aborrecido antes de dar silenciosamente uma dentada na sua sanduíche.

Embora a boca dele estivesse escondida por uma máscara, ela teve a certeza de ver a sombra de um esgar cruzar o rosto do gerente ao perceber que a filha o ignorava deliberadamente.

O gerente pigarreou e disse ao marido dela, com um tom de voz de quem

tem muita experiência:

- Vai ter uma trabalhadeira com esta destruidora de corações.
- Tem filhos? – perguntou o marido.
- Ainda não.

Ela imaginou que, por baixo da máscara, o gerente lambia os lábios grossos e gretados e a barba áspera. O corpo dele, o movimento dos olhos, as palavras – tudo a repelia. Sabia que, tirando o tamanho, objetivamente ele era apenas mediano. Traços medianos, cabelo de cor mediana, idade mediana. E, no entanto, um qualquer instinto antigo e inquietante retorcia-se-lhe na barriga e provocava-lhe tensão no pescoço. Avisos que lhe sussurravam e lampejavam, e pensou: *Sê razoável. Ele não olhou para ela assim... assim. Estão em público. Está tudo bem.*

– E vejam-me este valentão! – O gerente fez uma mímica de pugilista de forma brincalhona. – Como estás, rapagão?

– Estou ótimo! – O filho deles sorriu para o gerente da mesma forma que sorria para todos os adultos. – E o senhor, como está?

Ela derreteu-se um pouco com a doçura do filho. O seu brilho perpétuo e radiante.

– As crianças mais bem-comportadas que alguma vez cá tivemos – disse o gerente.

– Obrigado. – O marido sorriu. – Há quanto tempo abriram?

O gerente olhou por cima do ombro para o café atrás dele, depois disse:

– Não há muito. É claro que é uma época difícil para abrir, mas já estava tudo organizado e pago antes... sabe... de tudo isto.

O gerente fez um gesto com a mão como se quisesse abranger o *snack-bar*, a estrada, a cidade, o zumbido distante da autoestrada, a infeção invisível, os meses de confinamento, a própria morte. *Tudo isto.*

Os olhos dele deslizaram de novo para a menina. Ela sentiu a mão ir na direção da filha, como se para interromper... o quê?

Para com isso. Não é nada.

– Pelo menos, temos o serviço de *take-away*, sabem? E também as mesas ao ar livre.

– Claro. – O marido acenou com a cabeça. – Claro! Toda a gente quer comer ao ar livre. E este sítio é fantástico!

Sempre lhe parecia impressionante a forma como a personalidade do marido refletia aquilo que recordava da sua própria mãe. Cheia de entusiasmo. Hiperbólica. Amabilidade descontraída. *Um sítio fantástico!*

O sítio acabara de ficar mais feio aos seus olhos, transformando-se agora no cenário do homem desconcertante. Os arbustos falsos que cercavam o amplo pátio de cimento do café não escondiam a vista do parque de estacionamento cheio de buracos. Do outro lado do bloco de cimento manchado do parque de estacionamento, ficava a Route 23. Do outro lado da movimentada estrada, havia uma loja da Verizon, uma Joann Fabrics e um Taco Bell. O café fazia parte de um centro comercial com uma Starbucks de

um lado e uma loja vazia do outro, com uma faixa na janela, meio caída, a anunciar «Brevemente!» Carros a passar, acelerados. Carros à espera no semáforo. Carros a espalhar barulho e fumo.

Ela sugerira que comessem as sanduíches em casa, mas o marido insistira no pátio, aproveitando qualquer oportunidade para voltar ao mundo.

É tudo tão feio. Podíamos estar em qualquer lugar, em qualquer lugar na América.

– Fizeram bem em espaçar as mesas. Sinto-me verdadeiramente em segurança – disse o marido dela, pensativo.

Ela franziu a testa ao ver como a filha parecia pequena na sombra do gerente.

Em segurança.

– Bem, se tiverem oportunidade, adoráramos que nos deixassem uma avaliação *online*. Adoráramos que voltassem. – O gerente juntou as mãos. – Entretanto, há alguma coisa que vos possa trazer?

– Não, nada.

Foi a primeira vez que ela falou desde que o gerente chegara à mesa. A sua voz pareceu-lhe absurdamente alta, mas o gerente não pareceu ouvi-la. A alça da camisola da filha tinha escorregado, pendendo solta sobre o seu braço fino. O gerente apanhou a alça com um dedo e colocou-a no lugar. A filha encolheu-se, recuando instintivamente perante aquele toque. Ele retirou a mão. Tudo terminado num instante.

Viste aquilo? Aquilo aconteceu mesmo?

As suas entranhas apertaram-se, congelando-lhe a língua no silêncio. A sua mente tropeçava em vagas memórias daquele mesmo gesto. De todas as vezes que um namorado, o marido lhe ajustaram uma alça que tinha escorregado.

Era íntimo. É sempre, sempre foi, de todas as vezes.

Não sejas ridícula. Foi só um segundo. Apenas uma pequena reação rápida.

– Tem coisas para colorir? – perguntou o filho ao gerente. – Lápis de cera?

– Como é que se pede? – corrigiu-o ela automaticamente, e fez uma careta.

– Facilzinho-favorzinho-limão-espremidinho!

– Não temos nada disso, desculpa. – O gerente encolheu os ombros. – E tu, princesa? – Inclinou-se como se para apanhar o olhar da filha deles. – Queres que te volte a encher esse *cocktail*?

Palavras presas fervilhavam-lhe atrás dos dentes. *Não te aproximes da minha filha.*

Estás a ser ilógica.

Final, que fizera o homem, na verdade? Nada, nada de nada. Um ajuste rápido de uma alça. Palavras provocadoras. Olhos que pairavam e espreitavam. Os homens e os seus olhos, sempre a acharem-se tão subtis.

Alguma vez tiveste razão em algo assim? Não de forma comprovável.

Imaginou-se a dizer alguma coisa. A pôr em movimento o que tinha a certeza seria a confusão fingida do gerente, a confusão genuína do marido, que era, afinal de contas, um homem bom e, portanto, imune à intuição baseada no medo. A sua boca parecia estar costurada por todas as insinuações, implicações e consequências. Dizer algo, qualquer coisa, faria do gerente a vítima. Deixaria o marido perplexo, a pedir desculpa. Ela e o marido discutiriam. Aquele tipo de discussão que se torna cruel e pessoal, marcando a pele como um ferro em brasa. Uma discussão que feriria fundo, porque o problema real era que, na verdade, viviam em realidades separadas e intraduzíveis.

Sim, pareceria ridícula. Perderia qualquer discussão, facilzinho-favorzinho.

Foi um segundo. Viste? Podia ser tudo normal.

Por isso, manteve-se em silêncio. Tal como a filha, mastigando a palhinha do seu copo.

– Engoliste a língua? – perguntou o gerente à menina.

– Querida? – incentivou o marido. – Precisas de alguma coisa? O senhor está a perguntar.

A filha abanou a cabeça e encolheu-se ainda mais, sem olhar para o pai nem para o gerente.

– Oh, não escondas esse sorriso, que tal...

Isso, finalmente, quebrou-a.

– Acho que estamos todos bem – lançou com uma alegria frágil, olhos fixos e escuros. – Não queremos tomar-lhe mais tempo.

O gerente pareceu reparar nela pela primeira vez. Uma tensão quase impercetível percorreu-lhe a pele. Pensou imediatamente num pescador na margem de um rio, arrancado à pesca feliz pela constatação de que a sua linha estava presa numa árvore atrás de si, que não reparara estar tão perto.

Pressionou a língua contra os dentes para forçar um sorriso forçado, sem lábios.

– *Muitoobrigada* – sibilou. – *Foimuitoprestável.*

– Ah... hum... certo! – A cara do gerente caiu numa expressão que lhe pareceu de surpresa e ofensa exageradas. – Vou deixar-vos à vontade.

Observou-o a voltar para o café. Tal como os outros empregados, estava vestido de preto, mas ela franziu o sobrolho ao ver a sua *T-shirt* rasgada, com uma caveira zombeteira nas costas sob um nome de banda impresso numa fonte tão gótica que era ilegível. Deu uma enorme dentada na sua sanduíche, fingindo que não sentia os olhos do marido pousados nela.

– Tinhas mesmo de ser rude com o homem? – perguntou o marido.

Ela terminou de mastigar. Engoliu.

– Eu disse que ele foi prestável.

– Vá lá.

– Ele sobrevive.

– Ele está apenas a tentar ser simpático. Fazer com que as pessoas voltem. Negócio novo e tudo o mais.

– Mmm-hmmm.

O marido inclinou-se para trás na cadeira.

– Eu percebi que ia ser um problema para ti no segundo em que ele lhe chamou «princesa». Esse tipo de coisa deixa-te maluca.

– Só não queria falar com ele quando podia estar a falar convosco.

O marido deu um suspiro.

Ela passou a mão pelo cabelo preto do filho. Desceu-lhe pelo pescoço macio. Ele aninhou a sua bochecha na mão dela, como um cervo. Depois, enfiou o dedo no nariz.

– Para com isso – disse-lhe ela –, é nojento.

– Não consigo evitar.

– Claro que consegues.

Uma mulher saiu do café, transportando dois copos. Ao avistar a bandeira numerada que lhes haviam dado no pagamento, dirigiu-se para a mesa deles.

– Um café gelado e um *chai latte* gelado?

– Isso mesmo, obrigada – disse ela enquanto a mulher colocava na mesa os copos de plástico transpirados.

– Deixo-vos aqui a fatura – disse a mulher, colocando o papel enrolado debaixo do peso metálico da bandeira numerada.

– Gosto do seu cabelo – disse a filha, fixando-se numa madeixa rosa junto à bochecha da mulher.

Ela susteve a respiração, como fazia sempre em tais momentos críticos.

– Vou contar-te um segredo – disse a mulher. – Isto não é o meu cabelo natural! É de prender com ganchos. – Fez uma pausa, olhando para a expressão desiludida da menina, depois baixou-se habilmente na sua saia curta para ficar ao nível dos olhos dela, e disse, conspirativamente: – Se eu tivesse um cabelo tão bonito como o teu, não precisaria de usar coisas falsas. – A mulher olhou para a profundidade brilhante do cabelo da menina. Uma marca branqueava metade da sobancelha esquerda da rapariga e tornava-lhe ultraclara uma madeixa de cabelo, junto à têmpora. – A sério. É qualquer coisa.

A menina animou-se e esboçou um meio sorriso tímido.

Ela agradeceu à mulher, partilhando um olhar pesado que deixava clara a verdadeira razão por que estava grata. Notou que a sua menina seguia a mulher com o olhar, que os seus olhos se fixavam ansiosamente na porta do café por onde a empregada desapareceu. Guardou essa observação.

O rosto do marido estava azedo.

– O que foi? – suspirou ela.

– Não entendo. És educada com a empregada, mas não com o gerente?

Lá vamos nós outra vez.

Desde o afastamento do pai, o marido não tinha voltado a acusá-la de ter

interpretado mal a situação no dia da morte da mãe; de ela poder ter feito algo que merecesse a ira do pai dele. Mas este novo hábito – o marido examinar o comportamento dela, à procura de sinais de que ela fosse socialmente inepta, insensível – penetrava a superfície aparentemente tranquila do casamento para lhe lembrar:

Claro, ele quer culpar-te. Claro, precisa tão desesperadamente da aprovação do pai que está pronto a sacrificar a tua fiabilidade. E, claro, é culpa tua teres deixado aquele buraco negro em forma de homem entrar na tua vida.

Ela sabia que tinha de parecer calma. Displicente. Precisava de reprimir o discurso que sentia a subir-lhe pela garganta sobre como ele ignorara os seus instintos em relação ao pai dele e como isso tinha acabado, sobre o quanto era enfurecedor que agora o marido esperasse que ela afastasse a sua repulsa por este estranho aleatório sem razão alguma. Um discurso assim mostraria que ela era todas as coisas que não lhe era permitido ser. Amarga. Zangada. Cheia de arrependimento impotente.

Por isso, encolheu os ombros, perguntou:

– Porque é que estás a fazer disto um grande problema?

– Eu apenas não entendo porque é que tu és tão estranha com as pessoas às vezes.

– Olha. Eu sei que achas que estou a ser rude ou desajeitada ou o que seja. Mas eu não tenho de fingir que gosto de tê-lo a pairar sobre nós. E aquela mulher era... simpática.

– «Princesa» é, sei lá, não ofensivo.

– Eu não gosto de princesas – interveio a menina. – Nós vivemos numa democracia.

Ela fez um gesto na direção da filha como que a dizer: «Exatamente, ela percebe!»

– Eu gosto de princesas! – disse o menino. – Elas cantam bem.

– Boa observação. – Intercetou a mão do menino no ar quando este se preparava para voltar a enfiar o dedo no nariz.

– O que é uma destruidora de corações? – perguntou-lhes a filha.

O marido virou-se, surpreendido pela mudança de assunto. Ela fingiu interesse em ajudar o filho a assoar o nariz, curiosa sobre como o marido iria responder.

– É quando... é quando não amas alguém que te ama – disse o marido. – Isso chama-se partir o coração de alguém.

– Então, uma destruidora de corações magoa outra pessoa?

– Às vezes. Mas... é um elogio. O homem disse isso para ser simpático.

Ela ouviu os seus dentes cerrarem, mais ainda do que sentiu.

– Ele usou a expressão «destruidora de corações» com o significado de «bonita» – explicou à filha –, porque as pessoas querem coisas que são bonitas, e ficam tristes se não as conseguem ter. Mas ninguém é obrigado a amar outra pessoa. Ninguém tem direito ao teu amor ou à tua atenção.

Olhou para a sua linda filha. Tão única, tão invulgar, as pessoas diziam, querendo uma explicação, desconfortáveis com o seu desejo, a sua necessidade de verem aquela diferença definida. Olhavam, tentando conciliar o que viam como aberração com o seu interesse, inquietos com o facto de se sentirem atraídos para aquilo, inquietos por não o conseguirem classificar. Encaixotar a sua beleza singular.

A menina olhou para a porta do café pela qual a mulher tinha desaparecido.

– Percebes?

– Sim.

Será que ela percebe? E tu?

Observando as crianças a negociarem os seus *pickles*, o marido concordou:

– Talvez o tipo fosse um pouco estranho.

Surpreendida com a mudança de opinião, ela disse:

– Não era? Ele tinha tipo, o quê, trinta anos? «Princesa, querida, destruidora de corações.» Não é suficientemente velho para que coisas assim pareçam, não sei, razoáveis. E reparaste que ele não foi a outras mesas? Não te parece... estranho?

O marido encolheu os ombros com displicência.

– Provavelmente já tinha dado a volta antes de chegarmos.

– Talvez. – Olhou para as crianças, ocupadas com a sua própria conversa. Disse baixinho: – Não gostei de como ele lhe ajeitou a alça. Foi... estranho.

O marido retesou-se, e ela instantaneamente desejou poder retirar as palavras.

– Como assim?

– Ele pôs-lhe a alça do *top* no sítio. No ombro.

Puxou uma alça imaginária, colocou-a no próprio ombro para demonstrar.

O marido cruzou os braços e inclinou a cabeça.

– Vá lá. Isso não aconteceu.

– Talvez não tenhas reparado, mas ele fê-lo.

O lábio do marido torceu-se e as sobranceiras levantaram-se, a expressão cética que ele tinha sempre que achava que ela estava a interpretar mal o mundo. Aquele olhar disse-lhe que estavam à beira de uma discussão. Que ela sabia que ia perder, facilzinho-favorzinho-pão-com-queijinho, porque o gerente só dissera coisas desculpáveis. Porque ele a repelira, assustara, de uma maneira ilógica o suficiente, visceral o suficiente, para se saber incapaz de a explicar.

Tentou mudar de discussão.

– Quer dizer... Não percebo porque é que isto te incomoda. Tu podes gritar com o carteiro, mas eu tenho de ser toda simpática com este tipo? Posso ser, tipo, um bocadinho rude quando acho que alguém é estranho ou irritante

ou o que seja.

– O carteiro é um idiota – resmungou o marido.

Ela soltou uma risada de escárnio.

– Verdade! Grande verdade. E este tipo foi excessivamente familiar. Foi irritante.

Os olhos do marido arregalaram-se. Levantou o queixo para fazer um gesto na direção das costas dela.

O gerente caminhava na direção deles, carregando a maior fatia de bolo de baunilha que ela alguma vez vira. Pousou o prato dramaticamente na mesa deles, quase derrubando a pequena bandeira numerada no seu mastro de metal. O bolo tinha um tom lindo de creme. Era tão macio, as ondas de glacê tão profundas, o brilho tão fosco, parecia demasiado perfeito para ser real. As crianças olhavam como se estivessem a testemunhar uma aparição da Virgem Maria.

– Por conta da casa! – O gerente pôs as mãos na cintura. – Para as crianças mais bem-comportadas, claro.

A menina estendeu a mão em direção ao bolo como se fosse tocá-lo, certificar-se de que estava realmente ali. Retirou a mão. Sorriu para o gerente.

– Obrigada!

– Um doce para uma doçura – disse ele.

O sorriso da filha desvaneceu-se.

– Não era preciso – disse ela ao gerente. A voz saiu-lhe cortante e fria, como pretendia.

– É um prazer! Temos de ser cavalheiros quando recebemos uma princesa.

– Obrigado. – O marido parecia tão fascinado como as crianças. – É realmente uma fatia de bolo impressionante!

O gerente pôs pratos e talheres extras na mesa. Pegou na bandeira numerada, fazendo escorregar pela mesa a fatura que a empregada tinha colocado debaixo dela. Impediu o papel de voar com uma palmada pesada.

– Vou livrar-vos disto – disse ele, levantando a bandeira. – Querem que vos deite isto fora? – Acenou com o recibo, preso entre dois dedos.

– Claro, obrigado – disse o marido.

O gerente enfiou o papel no bolso de trás.

– Ora bem. Bom proveito!

Todo o seu ser brilhava, triunfante. Os olhos dele encontraram-se com os dela, e por trás da máscara ela estava certa de que havia um sorriso zombeteiro, que sussurrava:

– Eu ganhei.

O gerente fez um gesto de inclinação obsequiosa e voltou para dentro do café.

– Isto é, tipo, um quarto de um bolo de quatro camadas – resmungou ela.

– E nem sequer perguntou se concordávamos que o trouxesse?

– Estás mesmo a implicar com comida grátis? Sobremesa grátis? – O

marido sorriu e abanou a cabeça, bem consciente da sua gulodice. – Nunca pensei ver este dia.

O marido cortou pedaços do bolo. Quando começou a servir uma porção para ela, ela fez-lhe sinal para parar.

– Não, obrigada. Estou cheia.

– A sério? Estás a recusar uma sobremesa?

– Sim.

– Talvez devesse ser mais bruta com as pessoas mais vezes – provocou o marido. A sua irritação tinha desaparecido, a expressão agora era de satisfação. – Acho que é isso que te arranja comida grátis.

– Parece que sim – concordou ela.

Ela observou a família a comer o bolo. A cobertura do bolo tingia os lábios da filha. Limpou um pingo do queixo do filho, varreu-lhe migalhas da camisa. Entrou no café para pedir uma caixa, aliviada por não ver o gerente lá dentro. Usou dois garfos para colocar o bolo que sobrou na caixa. Não conseguiu fechar a tampa por causa do tamanho do bolo. Teve de o levar com a tampa de esferovite a oscilar. Manteve a caixa presa entre os pés, no banco do passageiro do carro, durante o caminho até casa para que não escorregasse nem sujasse o assento ou a porta.

No dia seguinte, enquanto os filhos brincavam lá fora e o marido voava sobre um porto cheio de barcos, as velas pequenas como asas de insetos através da lente da sua câmara, ela deitou o bolo para o lixo.

– Podemos comer à sobremesa um pouco do bolo que sobrou? – perguntaram os filhos depois do jantar.

– Eu comi-o – disse ela.

– Ora essa, afinal não consegues resistir à comida grátis – gracejou o marido.

A voz da sua avó ecoava na sua cabeça.

– Nada neste mundo é de graça – dizia.

Espalmou a mão na boca soluçante do filho.

– Chhhhh, chhh! A mamã está aqui – sussurrou. – Chhh!

À luz que entrava pela grelha de ventilação, viu a filha inclinar-se para o irmão mais novo, sussurrar algo, encostar a testa à dele.

Voltou a concentrar-se, fez um balanço.

Não houve interrupção nos passos do Homem do Canto, os últimos dois degraus fizeram bum! bum! antes de os seus passos pesados ressoarem pelo patamar, seguidos pelo som surdo produzido por ele a percorrer velozmente o quarto da filha.

Sem pausas, sem hesitação.

– Ele não ouviu – sussurrou, com um alívio tão intenso que encheu o esconderijo. – Ele não nos ouviu! Foi um barulho demasiado alto, está tudo bem, estamos bem. Querido, vou tirar agora a minha mão da tua boca, está bem? Tens – mas tens mesmo! – de ficar em silêncio. Não podemos deixá-lo ouvir-nos.

Com cautela, retirou a mão. Estava molhada com a saliva dele. Ardia. À luz que se filtrava para dentro do esconderijo, oriunda do candelabro nas escadas, viu que o filho lhe mordera a palma da mão.

– Mamã! – Ele lançou-se contra o peito dela, a chorar.

– Chhh, eu sei que estás assustado – disse ela ao filho. – Eu sei, mas chhh.

– Ele vai provocar um incêndio. – A voz da filha soava aguda e desesperada, as mãos torcendo o cinto do roupão. – Vai queimar-nos!

– Chhh, chhh. Ele ainda anda à nossa procura. À procura da porta do sótão. Temos de ficar em silêncio.

Juntos, os olhos deles apontaram para o teto do esconderijo. Sons de arranhões, passos. Sim, ele andava à procura lá em cima. Não demoraria muito até encontrar o sótão.

Algo quente e húmido escorreu lentamente sobre ela, uma compreensão

revestida de terror.

É isto. A primeira amostra de oportunidade que tens para obter ajuda desde que os escondeste. Sabes que ele está a falar a sério. Sabes que está disposto a pegar-vos fogo. Ou a esperar que saiam.

Na mente dela, viu o gerente a guardar, casualmente, o recibo deles no bolso, no café. Um recibo que teria o nome do marido dela. Lembrou-se do olhar dele sobre a sua filha pequena.

Ele tem andado a planear isto. Durante os últimos quatro meses.

Viu o chão de linóleo do seu quarto na residência, ouviu-se a gemer. Sentiu a vergonha do seu corpo a derreter, de cada pedaço da sua mente a evaporar-se no medo.

Não podes voltar a viver aquilo, a falhar daquela maneira. Pensaste em tudo, sabes o que fazer. A única coisa que vos vai condenar é a hesitação.

E não és tu o centro disto.

Sentiu o pavor de quando tinha dez anos. Ouviu a sua voz de dez anos. *Porque não me deixas escapar? Queres devorar-me?*

Isto não é nenhum jogo. Isto é tudo o que importa. Tudo bem. Tudo bem.

Tentou manter a voz firme.

– O sótão é grande – disse ela. – Quando ele o encontrar, vai demorar algum tempo a passá-lo em revista.

Fez uma pausa, puxou os filhos para um abraço apertado e desajeitado. Eram tão perfeitos, a pele deles, o cheiro, o cabelo e o hálito pouco fresco.

– Para onde vamos – perguntou ela – se houver um incêndio? Se sentirmos cheiro a fumo?

– Lá para fora, para a pedra grande.

– Muito bem! Se virem fogo, se cheirarem ou virem fumo, saem pela porta secreta. Vão para as antigas portas de entrada. Lembra-se de eu vos ter mostrado como funciona o fecho? Aquela barra pequena que têm de levantar?

– Sim, mamã.

– Eu deixo o trinco destrancado, e se sentirem cheiro a fumo, se virem fogo, tudo o que precisam de fazer é levantar aquele fecho. Fechem as portas depois de saírem, tentem chegar até à pedra. Se estiver muito frio, escondam-se sob as sebes perto da cerca. Não é muito longe, e lá não deve haver tanta neve. Sabem onde é? Aconcheguem-se um ao outro. Levem o cobertor convosco.

– Mas tu levas-nos?

– Não. Eu tenho de... eu tenho de ir. Agora.

– Não, não!

Agarraram-se a ela, a chorar. Teve noção de que pareciam estar a fazer muito barulho, mas que os seus sons, todos os sons que faziam, estavam abafados, como se o medo deles lhes tivesse inconscientemente abafado as vozes.

– Têm de ser corajosos. Assim como a mamã. Vou buscar ajuda, está bem? Senão, o Homem do Canto – o homem – faz-nos mal. Têm de fechar a

porta secreta depois de eu sair. Fiquem em silêncio. Fiquem longe da luz e fiquem juntos. O mais quentes que conseguirem. Só se houver fumo, fogo, é que vocês saem.

– Não, mamã, nós podemos ir contigo!

O desespero deles provocava-lhe uma dor profunda no maxilar. Conseguia sentir que estavam a começar a desintegrar-se.

– Não podem vir. Está muito frio. Há muita neve. Ele apanhava-nos. pam!

Ficaram todos em silêncio com o barulho.

– É a porta do sótão. – Ela respirava mais depressa agora. – Ele encontrou-a. Tenho de ir. Enquanto ele estiver no sótão, não me ouvirá a sair.

– Mamã, não! Não. Por favor!

Havia uma força elétrica viva a movê-la, que ela reconhecia como sendo a vontade de viver. De garantir que as crianças vivessem. Viu-se novamente de fora, perguntando-se: *Como é que estás tão desperta? Alguma vez estiveste assim tão desperta?*

– Agora. Tenho de ir *agora*.

Gatinhou em direção ao painel, conseguindo desta vez ver por onde ia com a luz vinda de cima. As crianças seguraram-na, seguiram-na, agarrando-a e gemendo silenciosamente.

Sentou-se com as costas contra o painel e enfrentou os filhos. Estavam sujos. Olhou para eles, a sua beleza, os olhos grandes e escuros, pestanas espessas. Passou-lhes a mão suavemente para afastar o cabelo de um rosto, depois do outro. As mãos deles estavam por toda a parte, tentando prendê-la ali. Inclinou-se para eles, beijou bochechas, narizes, pálpebras, depressa e desesperadamente. Faminta por cada nova memória. Mas em pânico.

Não tens tempo para isto!

– Amo-vos – disse-lhes. – Amo-vos mais do que tudo no mundo. A mamã vai trabalhar muito para voltar para vocês. Se sentirem cheiro de fumo, se virem fogo, saiam. Não saiam por mais nada.

Subitamente, surgiu-lhe uma imagem do Homem do Canto a magoá-la para os atrair. Ouviu quão frenética, quão desesperada a sua voz se estava a tornar.

– Mesmo se ouvirem a mamã a dizer para saírem, não saiam. Mesmo se ouvirem a mamã magoada, a chorar, não saiam, está bem? Eu abro o painel quando voltar, sozinha, está bem?

A filha tinha a bainha do roupão torcida na mão. O filho estava enrolado à volta da perna dela. Era como se pensassem que ela estava a esfumar-se, e apenas agarrando-se a ela a mantinham sólida.

– Prometam-me!

– Está bem, mamã – disse a filha.

– Tu também, promete-me!

– Está bem – disse o filho, e acenou com a cabeça.

– Vocês são os melhores e mais corajosos, e eu amo-vos. Estou tão

orgulhosa de vocês.

Tentou virar-se para abrir o painel, mas eles não a largavam. As pequenas mãos apertavam-na, os pequenos braços agarravam-na tanto mais quanto mais se mexia. Como jiboias, instalando-se ao redor dela para a sufocarem mais eficazmente. Instantaneamente, a sua boca ficou tensa, a sua visão diminuiu.

Porque é que não fazem o que dizes? Porque é que não se limitam a obedecer? Estás a ficar sem tempo!

Os pais são tiranos, ditadores. Se fizessem exatamente o que eu digo exatamente quando o digo, haveria paz.

– Vocês prometeram. Deixem-me ir – disse com aquela voz que beirava a fúria, aquela que normalmente os assustava e os levava a obedecer, uma voz que agora lhe lembrava repugnantemente a do Homem do Canto. – Larguem-me imediatamente.

Mas eles enrolaram-se à volta da perna dela, do roupão, dos pulsos, puxando-a para baixo, e ela gemeu de raiva.

– Não há tempo para isto! Parem!

Sacudiu-os, soltando-lhes as mãos com rudeza, pequenos dedos dobrados, soluços e choro. Ainda assim, não a largavam. As mãos deles continuavam a agarrá-la, o desespero permitindo-lhes encontrar novo apoio no segundo em que ela conseguia mover-se, vozes pequenas a chamar «Mamã!»

Muito alto! Eles estão a fazer demasiado barulho.

– Não! – sussurrou ela. – Não! Parem com isso, isto é inaceitável. Têm de fazer o que eu digo. Ou o Homem do Canto apanha-nos.

Com ambas as mãos, empurrou com força o peito do filho e ele caiu no chão sujo. Ela viu o choque no rosto dele ao cair. Ouviu um ruído seco que esperou ser o som de detritos de argamassa debaixo dele.

Arrancou as mãos da filha do seu braço, do seu roupão, segurou a menina pelos pulsos e empurrou-a para trás contra o tijolo da chaminé.

Pôr as mãos violentamente nos filhos foi tão perturbador, tão irreal, que por um momento ela ficou convencida de os ter matado.

Então, começaram ambos a chorar.

É para o bem deles, é por eles.

Os dentes dela rangiam num pânico frenético, de repulsa pelo que tinha feito, tornando-lhe difícil falar.

– Silêncio! Não chorem, nem um pio! Ou o Homem do Canto apanha-vos.

Delicioso.

Eles estavam com medo dela. Nunca antes lhes levantara a mão, e os seus rostos confusos e arranhados tentavam conciliar todas as suas memórias, todas as suas palavras de amor, segurança e regresso, com o modo como os tinha magoado. Em vez de se aproximarem dela, levantaram-se e rastejaram para se abraçarem, observaram-na a empurrar o painel, viram-no abrir-se para o escritório escuro.

Ela saiu, desajeitada no roupão e chinelos. Virou-se, de gatas.

– Fechem-na!

Eles não se mexeram.

– Agora!

A filha inclinou-se para a frente e empurrou o painel, de olhos desconfiados. Ela viu as crianças desaparecerem, viu o painel fechar-se.

Mesmo antes de o painel se fechar completamente, sussurrou um desesperado «Amo-vos!»

Ficou por um momento de gatas. Sentiu-se nauseada, à deriva, com a separação, a sua violência. Tentou suprimir visões deles a sufocarem no fumo, a gritarem no fogo. Um medo crescente rolou sobre ela, subitamente consciente de todos os cantos escuros da divisão.

Não se conseguia estabilizar, não conseguia deter o rápido movimento de imagens a rasgar-lhe a mente. Tantas coisas podiam acontecer tão depressa. A ideia da sua ausência. Dos chamamentos deles. Das garras do Homem do Canto. De esta ser a última memória que eles poderiam ter dela, transformada em monstruosidade.

Respira, respira. Não há tempo. Mexe-te.

Levantou-se e quase colapsou sobre as pernas dormentes. Bateu com os pés com força no chão para reiniciar a circulação, e avançou cambaleante pela porta até à entrada. Depois da escuridão do esconderijo, a luz da única lâmpada do candelabro sobre as escadas era ofuscante.

Fizeste o que tinhas de fazer. Por eles. Deixa de pensar em ti. Não, não, ninguém te virá resgatar. Não há nenhuma alternativa real. Aproximam-se dor e risco. Estás a perder tempo!

Abriu o pequeno armário da entrada, fechou os olhos com esperança de que a tal coisa em que ouvira o Homem do Canto mexer lá estivesse, quente, útil.

Abriu os olhos.

– Obrigada, obrigada! – disse ao marido, à sua sogra. – Obrigada!

Pendurado no armário estava o antigo casaco de peles da sogra. De ombros largos, desatualizado, cheirando a naftalina, roçava o chão, feito de *vison*. Ou raposa. Ou, uma vez que nada sabia sobre casacos de peles, feito de coelho.

– Vou doá-lo – dissera ao marido, segurando nele. A sogra encostara-lhe o casaco durante os cuidados desse dia, insistindo que era um presente. Como se fosse algo que as pessoas ainda usassem, ou valorizassem. – É... imoral.

– Bem, nós não o comprámos, propriamente. E deitá-lo fora não seria pior?

– Pareces o meu pai – disse ela, pensando nos montes de revistas antigas do pai, cadeiras de jardim partidas, tapetes enrolados e a apodrecer.

O marido segurava no casaco e sorria para a peça, mil memórias iluminando-lhe os olhos, memórias da mãe com aquele casaco quando era novo, elegante e amado. Ela suspirara. Achara-o feio, nada prático, fora de

moda, nada favorecedor. Mas sabia que estava impotente perante a potencial felicidade do marido.

– Talvez o uses um dia – disse ele.

– Mete-o só num sítio onde não atrapalhe.

E aqui estava ele. O marido pendurara-o neste estranho e inútil armário sob as escadas da frente. O armário era tão pequeno que a parte de baixo do casaco pendurado arrastava no chão. À espera do dia em que ela não o odiasse. Em que o vestiria.

Que era hoje.

Estendeu a mão para ele, hesitou.

Mas ele viu-o. Ouviste-o a vasculhar neste armário. Não vai reparar que desapareceu?

Não há tempo. Não há tempo! Vale o risco. A sério, olha para ti. Cuecas e uma camisola velha, ensopadas em suor. Chinelos felpudos. Um roupão pegajoso. Vai ser doloroso. Achas que estás fria agora, desconfortável agora. Não, não. Isto não é nada. Se não o vestires. Hipotermia? Congelamento? Quão rapidamente acontecem?

Lembrou-se de quando escavou um abrigo na neve juntamente com os colegas, a transpirar quando estavam dez graus negativos, o sol a pôr-se e a sensação da camisola encharcada em suor sob o casaco. Não conseguia dormir, a camada junto ao corpo, encharcada, a retirar-lhe todo o calor.

– Bem, claro – dissera-lhe a mãe. – Tiveste sorte de não teres entrado em hipotermia, a manteres vestida roupa assim molhada. Os professores não prestam atenção a nada? Não sabem nada?

Despiu o roupão, usou-o para limpar a linha de suor entre e sob os seios, a barriga. Pensou durante um segundo e despiu a camisola encharcada. Deixou apenas a roupa interior.

Atirou o roupão e a camisola para o armário e fechou-o. Vestiu o casaco, pesado e a cheirar a naftalina. O interior era sedoso e aderiu à sua pele húmida. Era demasiado comprido para ela, terminando-lhe cerca de um dedo abaixo dos pés. Com os dedos inchados do nervosismo, lutou com os botões para os fazer atravessar a pele dura, conseguindo apertar três deles. Parou, abriu novamente o armário, puxou o roupão e enrolou-o à volta da cabeça, como um turbante, na esperança de que a ajudasse a manter-se mais quente. Em vez disso, desequilibrou-a. Atirou o roupão de volta e fechou o armário.

Estás a perder tempo!

– Noventa por cento do sucesso é preparação, o resto é transpiração – instruiu a voz da avó.

Nenhum som vinha do andar de cima.

Ele ainda deve estar no sótão.

Olhou para a ventilação, semicerrando os olhos. Não conseguia ver as crianças. Inclinou-se e encostou o rosto.

– Chhh – sussurrou ela. – Desculpem. Fiquem em silêncio. Amo-vos!

Escutou, não ouviu qualquer resposta.

Isso é bom, não é?

Sentiu uma agulha a coser um recado sangrento no seu peito, que dizia:
Magoaste-os. Magoaste-os.

Não, não magoaste! Não muito. Tudo o que fizeste foi afastá-los.

O pânico não cessava de lhe pulsar na garganta.

Não há tempo, não há tempo!

– Amo-vos! Amo-vos!

Houve um sussurro de movimento.

– Silêncio. Fiquem em silêncio – disse ela. – E não saiam.

Olhou para o cimo das escadas, de novo à escuta por qualquer indício do que o Homem do Canto estivesse a fazer.

Escapou-te algum barulho? Ele está lá em cima agora, à procura, mas por quanto tempo? Quanto tempo até se zangar, começar a tentar fazê-los sair à força? Despacha-te.

Virou-se para a porta. Houve um inevitável ranger de ferro contra ferro quando deslizou o ferrolho. Depois, levantou a pequena barra de segurança com uma mão, o fecho com a outra.

Ao abrir as portas, foi cortada por uma rajada de vento gelado, por gelo turbulento. Já os seus olhos começavam a lacrimejar com isso. Instantaneamente, a pele doeu-lhe e o corpo tremia-lhe violentamente com o choque daquele frio sem fundo.

Não se conseguia obrigar a sair para a tempestade.

Vai, vai!

O seu corpo não se mexeu. Agarrou o casaco enquanto os seus pés permaneciam firmes.

Já passaste por isto! Não há escolha real quanto ao que vai acontecer. Não há escolha real quanto à dor. A dor está a chegar, não importa o que faças, vai piorar muito antes de poder melhorar.

– Estás a ser tão corajosa! – dissera-lhe a enfermeira, dissera-lhe o marido, e ela lembrava-se de saber que não era corajosa, de todo. Apenas não tinha voto na matéria. O bebé estava a chegar, o parto atingira-a rapidamente, era tarde de mais para os medicamentos, ponto final. Lembrou-se de pensar: *talvez a coragem seja apenas suportar. Talvez a coragem não exista. Tudo o que existe é passar por isto.*

Aqui é o mesmo! Não é diferente de um parto. A bola já está a rolar colina abaixo. A gravidade domina-te. Se ficares, haverá uma dor ainda pior. Haverá violência. Morte. Não apenas para ti, mas para eles. Eles! Então, não, nenhuma escolha real de todo. Nenhuma questão real de coragem. Tens de te esforçar, tens de te causar mais dor antes de a dor poder aliviar.

Ali, à entrada, as agonias que poderiam surgir do Homem do Canto explodiram na sua cabeça, infinitas. O que eram, quando comparadas com o que estava do lado de fora daquela porta?

Respirou fundo, aceitando, finalmente. Saiu de casa. Enquanto empurrava as portas de entrada, os seus olhos fixaram-se na grelha nas

escadas até as portas se fecharem e a pequena barra cair para o seu lugar, trancando-a lá fora.

O ponto sem volta.

A tempestade lá fora continuava forte e, ao enfrentá-la, soube imediatamente que era impossível.

Quem pensas que és?

Manteve-se colada à lateral da casa. Rodopiavam-lhe na cabeça histórias de mães super-heroínas. Mães que haviam erguido carros para libertar os seus filhos aprisionados. Que tinham enfrentado ursos, tigres, cobras. Que haviam retirado crianças das bocas de crocodilos. Que disparavam para matar. Gritando, justiceiras, vitoriosas.

Que monte de treta.

Alguns anos antes, tinha saltado para uma parte calma de um rio onde a água era profunda e suave. Estava um sol tardio de agosto, ar quente e seco. Mas a água era neve acabada de derreter das montanhas Wasatch, e, ao tocar na água, entrou em choque, inspirou, só não se afogando porque foi diretamente ao fundo e empurrou-se involuntariamente das pedras do rio com tanta força que rompeu a superfície da água. Aquele frio era o mesmo. Tão doloroso, tão repentino, que sufocava. Sentia espasmos nos músculos e dores no maxilar como se tivesse um vidro enfiado debaixo da orelha, até ao osso.

E isto, tudo isto, mesmo com o casaco.

Graças a Deus pelo casaco.

A tempestade estava furiosa, a neve rodopiava, tornando as coisas visíveis, invisíveis, escuras, brancas.

Devas ter pegado no atizador da lareira. Esperado por ele. Batido nele. Isto é de mais.

Olhou para o seu corpo a tremer, para a maneira como o casaco de peles engolia os seus pés.

Não. Estas probabilidades são melhores. E estás aqui agora. Não tens escolha. Se não te mexeres, algo te fará mexer.

– É isso que é ser adulto – dizia o sotaque sulista da sua avó. – Fazer uma coisa que não queres fazer. Depois fazer outra que não consegues, o

melhor que podes.

Respirou o ar doloroso, pousando cuidadosamente os pés em sítios junto à casa e protegidos pelos beirais. A neve entrou-lhe nos chinelos, derretendo-se-lhe nos pés.

Ao dobrar a esquina, o vento diminuiu um pouco. Era o lado protegido da casa, a neve mais rasa. Mesmo assim, a sua cara, a sua cabeça latejavam com o frio. Tirou uma mão do bolso para a pressionar contra a bochecha, o nariz. Fez o mesmo com a outra, alternando os lados para se aquecer enquanto avançava lentamente.

O casaco cheirava cada vez pior; à medida que era mais atingido pela neve, a humidade duplicava o fedor a naftalina, descuido e almíscar animal. Tinha de ter cuidado para não tropeçar na bainha do casaco demasiado comprido. O ar e o gelo subiam-lhe pelas pernas, sussurravam pelas fendas entre os botões, deslizavam-lhe pela coluna, gelavam-lhe a humidade ainda acumulada na base do pescoço. O calor do casaco era sobrenatural. O único ponto de esperança no mundo escuro, miserável, injusto e gelado.

Espreitou por uma janela para a sala de estar. Não havia sinal de movimento. A sala estava tão quieta, tão vazia, parecia mais fria até do que o sítio onde ela se encontrava, na neve. Teve uma noção cortante de quão sozinha estava, sem as crianças. Apressou-se a passar pelas janelas, sentindo olhos invisíveis sobre ela.

Um passo, outro, sim.

Agachou-se sob as janelas da cozinha, o vento uivava, a humidade fria infiltrando-se agora através das solas dos chinelos. Depois de passar por baixo das janelas, espreitou por um dos vidros antigos e ondulados para a cozinha.

O Homem do Canto descia as escadas, inclinando desta vez a cabeça para o lado no sítio onde o teto era baixo, para evitar voltar a bater com ela. Parecia ondulado, através do vidro, cada parte dele distorcida e em movimento.

O sangue encheu-lhe os ouvidos até à surdez pulsante, e recuou da janela, achatando-se contra o revestimento da casa.

Ele viu-te? Ele desceu do sótão, já desceu. Eles estão sozinhos. Sozinhos! Ele vai provocar um incêndio. Forçá-los a sair com o fumo. Sozinhos!

Gemeu, a sensação de impotência arrancando-lhe algo invisível embutido nos seus ossos. O medo, o revirar dos olhos ao imaginar os seus filhos a sofrer, fez o frio tornar-se um pouco mais olvidável, um pouco menos doloroso em comparação com o horror do potencial do Homem do Canto.

Mexe-te. Mexe-te! Já passaste as janelas, mas... se ele te viu, vai seguir-te. Vai apanhar-te. Tens de ir, agora. Se ficares, nunca te vais perdoar. Ninguém te vai perdoar.

Não merecerias perdão.

«É agora ou nunca», a voz do seu marido arranhava a sua mente. «Não podes perder. Não tens permissão para isso.»

Correu. Correu ao longo da casa antes de se lançar ao caminho de acesso. Ali, a neve era funda, estando desprotegida, suficientemente funda para ela ofegar com os cristais a cortarem-lhe as pernas, os joelhos. Tinha de caminhar como uma corça através dos montes de neve, a neve empurrando-lhe o casaco para cima, o gelo rasgando-lhe a pele, enchendo-lhe os chinelos até cada passo estar congelado.

Não percas os chinelos. Mantém as mãos quentes nos bolsos enquanto puderes. Não percas o equilíbrio.

Graças a Deus pelo casaco.

O forro de cetim do casaco aderiu-lhe claustrofobicamente à pele, humedecido pela neve soprada que se lhe imiscuía no pescoço. Sentiu uma irregularidade no ritmo do seu coração que lhe apertava o peito. O coração de uma presa sob a pele animal do casaco.

As árvores acima e em frente cortavam a tempestade com um silvo. Mesmo com a tortura do frio, com o esforço dos pulmões ardentes a inalar gelo, a linha escura da floresta assustava-a. Erguia-se, escondendo coisas, parecendo demasiado vasta e zangada para deixá-la passar.

De uma forma distante, notou que não via carro algum, que não havia maneira óbvia de o Homem do Canto ali ter chegado.

Nunca fazes a coisa certa, deixaste-os – deixaste-os! Devias ter tentado ir buscar as chaves, o carro, a arma.

À sua frente estavam os túmulos, desalinhados e cobertos de neve.

Sim, sim! O trilho. Quase lá. O trilho será mais fácil.

Tinha os pés perfurados por mil cortes, cada passo exigindo que ela o concretizasse pela força de vontade. O frio penetrava-lhe nas pernas, subia-lhe pelas coxas, agarrava-se-lhe às partes íntimas de uma maneira que a fazia pensar que lhe passara uma lâmina do joelho até à virilha e estava a puxar as artérias e veias pelos músculos, como se arrancasse uma erva daninha, levantando o emaranhado de raízes da terra.

Insuportável! Precisas de parar, precisas de aquecer os pés.

Não. Se parares, nunca mais te levantas.

Chegou aos túmulos, passou por eles de memória, a maioria apenas montículos na neve, completamente cobertos.

Não tropeces, não tropeces neles!

Mas já tinha tropeçado. Caiu sobre o mais pequeno, escondido sob um monte de neve. A lápide do bebé de oito meses, a data da morte pouco antes da Guerra Civil.

Agarrou-se, mão a apertar o crânio alado coberto de neve na pedra mais alta.

«Pai, Mãe, encontrar-vos-ei no Céu», lia-se no epitáfio do túmulo no qual tropeçara.

Lembrava-se daquilo. Já o tinha lido muitas vezes, as sobranceiras franzidas enquanto permanecia sobre aquele pequeno marco, imaginando o que aquilo devia ter sido para aquela mãe e aquele pai em particular.

Vês? Isto não é nada. Nada se compara àquilo. Tens de ultrapassar isto. Para que aquilo não aconteça. Nada de pequenos túmulos.

Tinha as pernas rasgadas. Os pés inutilizados.

Todas aquelas histórias, todos aqueles filmes, mentiras. Mentiras e mais mentiras sobre o que as pessoas podiam aguentar. O que uma mãe podia fazer. Quanta dor o corpo humano podia suportar. A rapariga final a derrotar homens armados, a escapar de monstros.

É como o parto. Não há escolha.

Isso mesmo. E há mulheres que morrem no parto. E tu também vais morrer, se não te mexeres.

Levantou-se, avançou, o progresso mais lento após o tropeção. Alguma parte dela torcera-se de tal forma que a dor viajava do tornozelo até aos dentes de trás.

Os seus pés eram apenas cotos doridos. O corpo tremia tanto que o frio parecia penetrar-lhe a medula, enrolando-se para fazer lá a sua casa.

Não deviam os teus pés estar dormentes agora? Quando é que vão ficar dormentes? Como é que mal consegues controlá-los e, mesmo assim, sentes cada pequeno pedaço de dor?

Sentiu a mão molhada no bolso esquerdo. Tirou-a, olhou para ela. Na escuridão, o sangue era negro.

É só um corte. Um corte por te agarrares à lápide.

A quantidade de sangue perturbou-a. O corte atravessava a parte arredondada da palma da mão esbranquiçada. O sangue pulsava, espesso sobre o pulso onde a marca perolada encontrava a pele pigmentada. O sangue alisava a pele do casaco.

Voltou a enfiar a mão no bolso. Fechou o punho molhado no forro, sentindo-o quente e pegajoso no meio, mas rapidamente a arrefecer até lhe parecer congelado nas extremidades.

Não olhes, não é assim tanto sangue.

Anda – anda! Já passou demasiado tempo desde que os deixaste. Quanto tempo passou?

Continuou a avançar, os olhos no trilho em frente. As árvores curvavam-se sobre o caminho, pesadas com a neve. Parecia um túnel escavado por uma criatura grande, redondo e escuro. O lar de demónios e coisas desconhecidas.

Para com isso! O demónio é o que anda atrás de ti. A floresta é apenas a floresta.

Ouviu um arranhar no ar.

Fumo?

Virou-se rapidamente para olhar para a casa, aterrorizada com a possibilidade de estar em chamas. Mas não se via nada. Nenhuma chama ondulante. Nenhum sinal, por entre a neve soprada, de qualquer fumo contra o céu negro. Nem cheiro, também.

A tua mente a pregar-te partidas.

Mas não era. Era aquela mesma sensação de estar a ser observada que

sentira sob o olhar amarelo do leão-da-montanha deformado. A mesma que atraía os seus olhos para outro carro na estrada. Encontrando alguém a olhar para si. A pontada provocada pelo olhar intrusivo de outrem.

Semicerrou os olhos por causa da neve rodopiante, abrindo e fechando o punho ensanguentado no bolso. No segundo andar da casa, uma luz acesa no seu quarto, ténue por detrás da tempestade.

Ali delineava-se a silhueta do Homem do Canto.

Ela conhecia aquela vista. Era a única janela que proporcionava uma vista aberta sobre a entrada, onde as suas pegadas profundas cortavam a neve. Aquela janela era o único lugar que lhe permitia ver até à entrada do caminho onde ela estava agora, olhando de volta para a casa.

A silhueta desapareceu. A luz apagou-se.

Ele viu-te.

O medo desceu-lhe pela garganta. Gritou, mas não saiu som algum.

Porque é que nunca consegues gritar?

Ergueu o casaco desajeitadamente nos braços, virou-se e fugiu pelo trilho.

O frio, o vento e a velocidade deixaram-lhe os olhos turvos. Os pés ainda conseguiam avançar, mas de forma desigual, cada um mal capaz de sustê-la sozinho quando o seu peso nele se concentrava. O coração rachava-lhe as costelas. Os pulmões ardiam-lhe com o gelo.

Não olhes para trás, não olhes para trás!

Há sangue no trilho.

Olhou apenas em frente, tentando ver o que se seguia através da escuridão, o que estava sob os seus pés encharcados, doridos e congelados. A neve no trilho era fina, aquela mesma finura estranha de sempre, apenas suficiente para esconder raízes de árvores. Para esconder folhas escorregadias e em decomposição. Tropeçou, cambaleou. Repetidamente, as pernas vacilavam para os lados, deslizavam para trás, e ainda assim mantinha o seu ímpeto em diante. Escorregou numa pedra sob a neve e caiu. Levantou-se rapidamente, puxou o casaco para cima para libertar as pernas e deixou-as correr.

O ar estava espesso e estranho, difícil de respirar, o corpo numa nova dimensão entre a terra e a água.

Estás a mover-te? Estás a correr? Está tudo tão lento. Porque é que não consegues avançar mais depressa?

O túnel do trilho estreitava, distorcendo a distância dianteira, como se o fim do caminho se afastasse cada vez mais.

É porque o caminho está assombrado. É por isso que parece estranho. É só isso. Todos os fantasmas com as suas saias a fazerem o ar ondular-se. Continua.

Alguma coisa lhe agarrou o casaco com tanta força que o seu ombro emitiu um estalo, a boca soltou um «ah!» quando ela foi puxada para trás.

Não olhes para trás! Vai!

Puxou, rasgou. Arrancou-se, libertando-se. De um ramo? De uma mão? Recomeçou a correr.

Depois sentiu uma bofetada na bochecha, na sobrancelha, na testa. O choque fê-la recuar um passo e cair no chão, atordoada. Um olho escureceu-se-lhe, amargo e sangrento. Limpou o sangue com a mão ilesa. Viu algo negro arquear-se à sua frente, vago e sem profundidade, quando olhou para cima com o olho que ainda funcionava.

Apenas um ramo. Correste contra um ramo. Pesado e baixo por causa da neve.

Não, não, é o Homem do Canto, é uma garra.

Pairava acima dela, afiado, e à medida que se erguia, tornava-se novamente num ramo.

Continua. Não o deixes agarrar-te! Ele vai usar-te contra as crianças.

– Delicioso – arquejou o Homem do Canto.

Tudo estava desigual agora, o chão inclinava-se em ângulos estranhos. As árvores circulavam. A floresta sussurrava.

Volta para trás, volta para trás, há sangue no trilho!

Inspiraste neve e gelo e isso cortou-te e ensanguentou-te por dentro, só isso.

Os seus pulmões abriram-se como asas de borboleta, vermelhas e macias, o sangue dos órgãos a salpicar a neve, primeiro com vapor, depois congelando.

Olho sangrento, mãos sangrentas, pés sangrentos. Que petisco saboroso.

Deliciosa.

Reconheceu, tenuemente, que o seu cérebro não estava a funcionar muito bem. Que o seu olho também não. Que os seus chinelos tinham desaparecido. Estaria congelada? Olhou para baixo. Não, as pernas ainda se mexiam. Enxugou o olho, viu através das pestanas empapadas o fim negro do trilho, tão perto de repente, tão de repente!

Atirou-se para fora das árvores, debatendo-se com os montes de neve onde o trilho acabava. Tentou gritar, mas só saiu sangue. Tossiu-o para a neve. Estava a nadar, a nadar na neve.

As casas estavam escuras. Gigantes adormecidos, mal visíveis agora através da tempestade que engrossava, desprotegidas aqui devido ao desbaste que eles haviam dados às árvores, plantando coisas pequenas e moldáveis.

Onde está ele? Está quase em cima de ti, deve estar, se o consegues sentir. Não olhes!

O casaco estava pesado, tão horrivelmente pesado, coberto de neve. Ergueu-o novamente, forçando-se para diante, as pernas numa agitação escura contra aquela brancura. As coxas expostas gritavam de dor.

Com um olho aberto, mas enevado em todo o perímetro, e o outro inchado ao ponto de não conseguir ver, abanou os braços em direção ao contorno escuro da casa mais próxima.

O tempo parecia avariado. O espaço parecia-lhe errado; tudo girava e mudava de sítio, e a casa fugira.

Um holofote.

– Socorro! – articulou sem som.

Era como nos seus pesadelos. Viu o chão de linóleo do seu quarto na residência universitária. Tentou gritar e não saiu som nenhum.

Que vergonha! Grita por ajuda, vá!

Saiu ar e metal, um sabor de folha de alumínio entre os dentes.

Uma porta, ali! Há ali uma porta, vai até à porta.

Era-lhe difícil segurar o casaco, continuava a escorregar e a prender-lhe as pernas, o forro escorregadio e encharcado.

Através do seu olho ileso, viu que estava junto a uma porta, um batente de latão em forma de ananás.

Esticou a mão. Era difícil usar o batente. Tão pesado. Viu uma caixa branca com um botão, pressionou-o, apertou-o. Ouviu um toque distante.

Uma luz nas proximidades. Encostou a testa a uma das janelas longas e finas que ladeavam a porta. Vagos vultos nadavam atrás do vidro. Depois, um rosto espreitou, branco e pálido, olhos a crescer de tamanho.

Viu o seu reflexo no vidro, escuro, ensanguentado, irreconhecível.

O rosto desapareceu, depois espreitou novamente pela janela.

Ela tocou à campainha.

Quando a porta se abriu, quando a sua mão caiu daquele pequeno botão branco, viu que o deixara manchado de sangue.

– Olá – ouviu-se dizer. – Sou sua vizinha. Pode ajudar-me, por favor?

Tinha então apenas nove anos, mas lembrava-se claramente de que o assassino da sua mãe era careca. A imagem da parte de trás da cabeça dele, sentado de frente para o juiz, ficou-lhe gravada na memória. Tinha um pequeno tremor na bochecha, visível se se virasse um pouco. Uma grande barriga, nádegas achatadas, braços que pareciam magros dado o tamanho da barriga. O pouco cabelo que lhe restava estava a ficar algo grisalho. Parecia um borrão branco. O típico homem de meia-idade que ela via em todo o lado. O polícia, o advogado, o médico, o contabilista, o político.

Odiava-o. Olhava para aquele corpo roliço com olhos cheios de raiva. O homem que tinha obliterado a sua mãe, apagado aquela voz bonita, a suavidade da sua pele, os dedos que lhe entrançavam o cabelo, o hálito constantemente azedo, a voz demasiado alta – varrera tudo isso da face da Terra. Aniquilara para sempre todo o amor de mãe que ela teria recebido, e deixara engarrafado todo o amor que ela ainda tinha, sem destino.

Mesmo assim, tinha dificuldade em lembrar-se da cara do assassino. Era demasiado parecido com os outros. O mesmo homem inchado e sem rosto que pensava que as coisas que tinha eram coisas que merecia.

Sentia-se a trair a mãe por achar o julgamento horivelmente aborrecido. Era mais maçador do que estar fechada na sua sala de aula da terceira classe, tão entediante como os serviços religiosos que aquilo mimetizava ao detalhe. Tal como na igreja, tinha de usar ali o seu vestido desconfortável com os sapatos pretos brilhantes e as meias-calças que nunca lhe assentavam bem na zona das virilhas. Tinha de se levantar quando o homem grande se levantava, sentar-se quando ele se sentava. Ouvir a pregação. Blá, blá, blá, Misericórdia. Blá, blá, blá, Justiça. Nas palavras de não sei quem. Agora vamos ler de. Tal como na igreja, olhava para as estátuas. Espreitava discretamente o relógio. Estava sentada ao lado da avó num banco comprido. E, tal como acontecia com a igreja, o pai tinha arranjado desculpas para não ir.

– Ele que fique em casa – dissera a avó enquanto conduziam para o

juízo, atravessando os limites do estado. – Cada um reage de maneira diferente ao luto.

Decidiu que gostava mais da igreja do que da sala do tribunal. Pelo menos na igreja havia cânticos para a acordar, e um lanche no final. Pelo menos na igreja todos pediam perdão.

As palavras que ecoavam na sala do tribunal eram ainda menos compreensíveis do que as leituras da Bíblia. Em vez de assassinio, diziam homicídio involuntário. Em vez de se dizer claramente o que realmente aconteceu, em vez de se descrever a imolação de uma vida inteira num único momento às mãos deste homenzinho bêbedo e do seu camião demasiado grande, em vez de se falar da maciez esmagada, dos ossos duros reduzidos a estilhaços, das coisas preciosas irrevogavelmente quebradas – em vez de tudo isso, falava-se de semáforos. De temporização. De pequenos mapas, para os quais se apontava, ali e acolá, com uma vara metálica extensível. De limites de velocidade. De piscas para a esquerda. De álcool no sangue.

Ela olhava furiosa para esses gráficos antissépticos. Já aos nove anos fazia listas, organizava, tinha aprendido ao lado da mãe como desmontar máquinas, como consertá-las, emendar fios e usar um ferro de soldar para derreter pedaços de circuitos em poças manejáveis. Havia um tempo para discussões técnicas, para análise distante. E depois havia este lugar, que deveria estar cheio, como o funeral da mãe, com rostos paralisados de choque ou contorcidos de lágrimas. Com pessoas a dizerem que não compreendiam, como é que aquilo podia ter acontecido, era injusto, horrível, toda a gente a massajar-lhes as mãos frias, a tocar-lhes levemente nos braços, nos peitos, como que para verificar que sim, ainda estavam vivos, de alguma forma, apesar de a mãe dela lhes ter sido roubada.

Mas os homens lá à frente continuavam a falar enquanto ela arranhava a pedra escura que se lhe alojara nos músculos e ossos, insuportavelmente pesada, que escorregava do coração para o estômago, para a garganta, para o âmago do seu cérebro, sussurrando: «Nada disto importa porque ela partiu, ela partiu, ela está morta. Há coisas que não podem ser consertadas. Há coisas irreparáveis. O mundo pode partir-se ao meio».

Três dias. Três dias a ver o homem insignificante no tribunal, sentado curvado e a tentar ao máximo parecer arrependido, mas na verdade com um ar aborrecido tal como ela, tão irritado com os procedimentos como ela.

Ele estava arrependido, muito arrependido, viveria com aquilo toda a sua vida, um fardo tão terrível. Cidadão exemplar, já a punir-se. Já a frequentar um grupo para alcoólicos. *E...* mitigação. Contribuição. O que estava ela a fazer, em que estava ela a pensar? Lembrem-se, era um carro alugado. Ela era uma condutora de outro estado. Claro que estava distraída. Carro desconhecido, devia estar frequentemente a olhar para os mapas para se orientar. Sim, o seu registo de condução era bom, mas vejamos os factos. De onde ela era há mais vacas do que pessoas, todos são abstémios, todos têm um bom registo. Claro, o nível de álcool no sangue dele era alto, membros do júri,

mas... ele parece-se com qualquer um de vocês. O vosso marido. O vosso pai. Parece-se com toda a gente que vocês conhecem. Pobre homem. Tem mais ou menos a vossa idade, não tem? Só cometeu um pequeno erro, teve um azar. Digam-me que nunca cometeram um erro. Talvez até o mesmo erro. E aquela mulher de fora do estado, aquela cujo rosto é diferente, não é bem o rosto certo, uma mulher, aqui, sozinha em negócios? Isso não é de alguma forma estranho? Aquela que, bem, com uma doença daquelas, estar marcada daquela maneira, isso é de alguma forma suspeito, não é? Pensem nas suas ações. Nos seus erros. Na sua estranheza. Porquê estragar a vida dele?

A avó tinha-se apresentado à equipa de acusação e à polícia no primeiro dia, agradecendo-lhes pelo seu trabalho árduo. Na manhã seguinte, já lhes dava toques com o indicador nos ombros, a boa educação do sul transformada em aço.

– É incompetência, é o que é. Como se atrevem? Ele vai voltar a fazer o mesmo. Talvez a alguém que vos seja querido na próxima vez. Viram o que ele fez. A uma jovem esposa. A uma jovem mãe.

Mas da polícia, da acusação só recebia indiferença, a subir fumegante e insidiosa.

– Por favor, acalme-se, minha senhora. Trabalhamos com os factos que temos.

– Acalmar-me... Que lata! Eles deviam falar pela tua mãe – dissera-lhe a avó, em ebulição. – É o trabalho deles. Se tivesse acontecido no Utah, podes apostar que seria diferente. Não sou fã dos mórmones, mas há algumas distinções que eles fazem bem, e o álcool é uma delas.

Não conseguia perceber porque é que a avó insistia que os advogados e os polícias deviam sentir-se responsáveis pela sua mãe. Não conseguia a avó ver que eles eram díodos, condensadores, transístores, cada um uma parte essencial do circuito deste lugar onde a sua mãe foi reinventada como irresponsável, culpada, suspeita, irreconhecível?

O assassino era alguém responsável por algo ligeiramente importante naquele lugar específico. E claro que era alguém vivo, e por isso tinha a vantagem de poder existir. De ser visto, considerado, se simpatizassem com ele.

E a sua mãe era um ponto num gráfico. A sua mãe era ausência. Consequia sentir aquele vazio. Havia um lugar infinito, vazio, que o amor da sua mãe costumava preencher quando a abraçava, a metia na cama, lhe preparava o almoço, a deixava empurrar o carrinho de compras, a mãe a apertar-lhe a mão enquanto caminhavam – *tum-tum, tum-tum* –, como um batimento cardíaco, uma forma secreta de dizer «Amo-te», a mãe a dizer-lhe «Minha menina linda, como tive tamanha sorte de seres minha?». Até essas pequenas coisas se tornaram imensas na perda, memórias que a faziam trazer os joelhos até ao peito debaixo dos cobertores e dobrar-se em torno do seu centro, recentemente esvaziado.

Enquanto o juiz lia o veredito de inocente, perguntou-se se o júri

precisaria de acreditar que a sua mãe fizera algo errado, que de alguma forma merecera ter sido violenta e dolorosamente destruída. Porque isso significaria que o que aconteceu à sua mãe nunca lhes poderia acontecer, nunca lhes aconteceria. Talvez aquele estivesse a coçar a cabeça, aqueloutro escarafunchasse a cutícula, todos evitassem olhar na direção dela e da avó, porque algures no seu interior ouviam uma vozinha a choramingar:

– Podia ter sido eu. Podia ter sido alguma das pessoas que eu amo. Alguma das pessoas que me amam.

O júri não queria ver, como ela via, que havia fios invisíveis, delicados e facilmente rasgáveis debaixo de tudo o que existe. Um sopro distante de acaso, uma escolha feita por um estranho poderiam rasgá-los, as pontas flutuando como teias de aranha enquanto coisas preciosas caíam para a escuridão, irrecuperáveis.

Há coisas que não podem ser consertadas. Há coisas que são irreparáveis. O mundo pode partir-se ao meio.

– É uma injustiça, é o que é – lamentou-se a avó.

Mas não era possível haver justiça. Para haver justiça, o júri teria de lhe devolver a mãe, inteira e viva. Apenas estava sobre a mesa a oferta de uma vingança higiénica, e até isso falhara.

Após o veredito, a avó puxou-a para um abraço, sussurrando:

– Os caminhos Dele não são os nossos.

Mas não havia qualquer razão para que ela aceitasse, nenhum significado maior, no horror da morte da sua mãe. Para sobreviver, agarrava-se à memória da alegria efusiva da mãe sobre as coisas do dia a dia. O colibri no alimentador, a torção precisa de um fio, a queda de neve, um ovo perfeitamente cozinhado, a todas essas coisas simples a mãe dizia com genuíno espanto:

– Não é bonito? Não é simplesmente bonito?

Enrolada debaixo dos cobertores em redor do poço da sua dor, lembrava-se dos dedos da mãe a passarem-lhe pelo cabelo. O aperto da mão da mãe dizendo: «*Bum-bum, bum-bum, amo-te*». O sorriso torto. Ela via que até o ângulo estranho da articulação superior do dedo mindinho dela, a forma como ela estava constantemente a murmurar para si mesma, era especial, importante, e todos esses pequenos e maravilhosos fragmentos permitiam-lhe formar um andaime de significado, uma vontade de continuar. A vida tinha de ser bonita, porque a mãe assim dizia. A vida tinha de ser preciosa, porque era delicada, podia tão facilmente desaparecer para a ausência. Sim, ela tinha de sobreviver à desolação, porque embora a mãe já não estivesse lá para testemunhar a beleza do mundo, a sua fragilidade, ela ainda estava.

Observara a beleza magnética e ondulante das partículas de pó a dançar na luz do sol da sala do tribunal enquanto o juiz sentenciava o homem a quinze meses. Não por homicídio, não por homicídio involuntário, mas pelas acusações menores de condução sob o efeito do álcool. De ter fugido do local do acidente. Com o tempo já cumprido, doze meses. O inócuo assassinozinho

estaria em liberdade condicional dali a oito meses. Menos tempo na prisão do que a mãe dela levava a criar a sua vida; a criar toda a sua existência.

Os outros acham que eles trazem chifres na cabeça. Os outros pensam que o mal sabe que é o mal. Os outros dizem:

– Ele, no fundo, é bom homem.

Só que não. Ela e a avó, daquele lugar na primeira fila, viam que o mal pode parecer um pequeno ninguém, um pequeno zé-ninguém, derramando lágrimas de crocodilo. O mal pode ser um homem flácido e descaído que, quando o juiz leu a sentença, não conseguiu reprimir a satisfação que transbordava dos seus olhos. Olhos que diziam: «Sim, veem? Justiça! Eu não sou assim tão mau. Não sou pior do que qualquer outra pessoa, tal como sempre suspeitei».

Embora ele fosse, claro, pior. Pior de uma forma desprovida de arrependimento, de reabilitação, incapaz de entender a vastidão do que tinha tirado, a importância fundamental de uma vida que não era dele. O rosto do mal tão olvidável na sua banalidade quotidiana que nem mesmo ela, a quem a situação mais importava, conseguira fixar as feições daquele homem na sua mente. Apenas recordava a cabeça calva no corpo rechonchudo. O cabelo a ficar grisalho e ralo. A sensação de alívio que emanara dele após o longo e aborrecido processo de injustiça.

Nove meses após o julgamento, a avó disse-lhe que se sentasse para conversarem. Recebera uma chamada. O homem que destruíra a sua mãe estava fora da prisão há menos de trinta dias quando ele e a esposa morreram num acidente de carro. A taxa de álcool no sangue do homem era, segundo a avó, «mais alta que um poste de eletricidade».

– Deus corrigiu a situação – insistiu a avó.

Ela não concordava. Embora soubesse que desiludiria a avó, já não via a existência de um poder superior como um dado adquirido, certa que estava de a morte da sua mãe provar que qualquer deus era inadequado. Afinal, se Deus corrigira a situação, então Deus também errara. Talvez ele tivesse saído de cena completamente. Talvez nunca tivesse estado em cena. Não fingiria sabê-lo.

– Mas tenho pena da pobre esposa dele – suspirou a avó. – É verdade que fez as suas escolhas, mas não me parece que merecesse tal fim.

A esposa, que se sentara mesmo atrás do assassino durante aqueles três dias. A esposa, que se mexia e inquietava incessantemente. A senhora que ela apanhara a olhar para si várias vezes antes de desviar rapidamente o olhar. A mulher com o cabelo e as joias à Krystle Carrington e os vestidos floridos de mangas compridas. Do rosto inquieto daquela mulher, agora morta, lembrava-se perfeitamente.

O homem pálido e grisalho à porta vestia calças de pijama e uma *T-shirt*. Não a convidou a entrar, apenas ficou a olhar de boca aberta.

– Querido? O que se passa? – chamou uma voz feminina.

– Uma senhora! – gritou ele de volta, sem desviar os olhos dela.

– O quê? – gritou a mulher.

– Olá – disse ela novamente por entre os dentes metálicos. – Sou sua vizinha. Pode ajudar-me, por favor?

– Merda. – O homem fez uma careta. – O que é que lhe aconteceu?

Ela começou a cair, amparou-se no tijolo da parede exterior.

– Desculpe – disse-lhe ao ver a marca de sangue deixada pela mão. – Desculpe.

– Jesus... Entre!

Ela deu um passo para dentro da casa e escorregou, os pés descalços como gelatina mole, molhados e escorregadios, sobre os azulejos. Caiu com força. O vizinho estendeu-lhe a mão como se fosse ajudá-la a levantar-se, mas pensou melhor e recolheu os braços para junto do peito. Ela arrastou-se para a frente com as mãos, os pés inúteis e os joelhos constrangidos pelo casaco de peles, rastejou como um bebé, até que o vizinho conseguiu fechar a porta contra a tempestade. E esfregou as mãos, frias da breve exposição.

Ela encostou o rosto à tijoleira quadrada.

Só uma pequena soneca. É disso que precisas, de uma pequena soneca de gatinho.

– O que aconteceu? Está bem?

Ouviu-se movimento mais dentro da casa, uma mulher a descer as escadas apressadamente.

– Jesus! – exclamou a mulher. – O que é que se passa?

– Não sei – disse o vizinho. – Chama uma ambulância, ela está ferida.

– Achas que pode ser... *perigosa*? – murmurou a mulher, como se só o homem a pudesse ouvir.

– Ela nem se consegue ter de pé. Mas liga para a polícia!

A boca da mulher contraiu-se num círculo vermelho apertado.

A iluminação da casa fazia-lhe arder o olho bom. As tijoleiras eram tão brancas. O tapete além delas era cor de aveia. Um enorme lustre de cristal brilhava sobre as escadas. Viam-se móveis de madeira clara na casa escura. Espelhos na entrada, nas outras divisões. Tudo brilhante e refletivo. A mulher usava um longo robe rosa, como que líquido atrás dela enquanto voltava a subir as escadas. Seda.

– O que aconteceu? – repetiu o homem.

– Está alguém na minha casa – disse ela. – Ele está a tentar matar-me. Está a tentar apanhar os meus filhos.

O vizinho reparara agora na pele dela, estava a olhar para os traços de branco.

– Isso é contagioso?

– Não. É... genético. Por favor, ele está a tentar apanhar os meus filhos.

– O quê? – O vizinho semicerrou os olhos.

Talvez a tua voz não esteja a funcionar. Talvez não sejas audível através dos teus lábios, cheios de sangue.

– Consegue sentar-se? – perguntou o vizinho. – Mal a ouço a falar para o chão.

Estendeu-lhe uma mão para a ajudar, e ela também estendeu a sua, mas ele voltou a recolhê-la. Ela questionou-se vagamente se ele teria mais medo do sangue ou da pele branqueada das suas mãos e pulsos. Fez força para cima até ficar sentada contra a parede. Passou a mão pelo lábio inchado para tentar limpá-lo. Tocou no olho e retirou imediatamente a mão por lhe causar tanta dor.

– Alguém entrou na minha casa. Os meus filhos estão lá escondidos. Preciso de ajuda.

– Já chamei a polícia! – disse a mulher enquanto descia de novo as escadas, apontando para o telemóvel na mão. – Disseram que estão a caminho. Querem saber quem ela é. – A mulher parou de repente. – Que se passa com a pele dela?

– Estragos – sussurrou.

– Ela disse que alguém entrou na casa dela. Que os filhos dela ainda lá estão – disse o vizinho.

– Oooooohhhh! – As sobranceiras da mulher ergueram-se. Repetiu aquilo para o telefone.

– Qual é a sua morada, minha querida?

Deu o seu nome e a morada.

– Acho... acho que ele me seguiu.

– O quê?

Ambos os vizinhos correram para além dela, o homem trancando o ferrolho antes de cada um deles se dirigir a uma das janelas estreitas de cada lado da porta da frente, colocando as mãos em concha à volta do rosto para

espreitar lá para fora, para a tempestade.

Os pés dela espreitavam para fora do casaco em ângulos estranhos. A pele parecia o pelo do leão-da-montanha, parcialmente arrancada, ensanguentada nas partes esfoladas.

Encostou-se à parede para ter apoio e conseguir tornar a voz mais alta, audível.

– Têm de ir buscar as crianças, os meus filhos, eles estão escondidos, têm de ir à minha casa, por favor!

– Ela diz que o intruso pode tê-la seguido – disse a mulher ao telefone. – Mas não vejo ninguém. Vês alguém?

– Não – concordou o vizinho. – Ninguém.

– Está alguém na minha casa – repetiu ela.

– Nós não vemos ninguém – disse a mulher ao telefone. – Mas é difícil ver alguma coisa no escuro com toda esta neve.

Eles pareciam tão perto; as suas vozes feriam-lhe os ouvidos.

– Foi ele que lhe fez... isso? – perguntou a mulher, olhando para ela.

– Ele vai pegar fogo à casa – disse ela. – Vai encher de fumo...

– Foi o homem que lá entrou que fez – a mulher apontou para ela, fazendo um círculo com o dedo – *isso tudo*?

– Vou buscar o *kit* de primeiros socorros – disse o vizinho. – Pesquisa por hipotermia, está bem? Vê o que devemos fazer.

– Vou pôr-vos em alta-voz – disse a mulher ao telefone – para poder pesquisar por hipotermia. Para ver se ela tem hipotermia.

Ela lambeu o lábio e sentiu o sabor a iodo. A energia maníaca dos vizinhos, a desorientação excitada deles aumentavam a sua sensação de exaustão, a sua necessidade de dormir.

– Escondi os meus filhos – disse à mulher. – Escondi-os do Homem do Canto. Do Homem do Canto.

– Ouviu? – disse a mulher para o telefone, enquanto digitava. – Ela está mesmo fora de si. Está a dizer coisas sem nexos. E tem a cara toda amassada, parece que alguém lhe bateu. E está descalça. Com um casaco de peles.

– Um casaco de peles? – disse uma voz metálica pelo altifalante.

– Sim – disse a mulher para a voz. – Apareceu com um casaco de peles, mas de pés descalços na neve e toda ferida.

– De onde é que ela veio?

– Da minha casa. – A voz dela era um fio distante. – Da minha casa!

– Ouviu? Ela diz que veio da casa dela.

– Qual é a morada?

Ela murmurou-a, e a mulher repetiu-a alto para o telefone.

O vizinho voltou com um *kit* de primeiros socorros, toalhas e uma chávena fumegante. Arrancou o telefone das mãos da esposa.

– Ouça – disse. – É difícil perceber o que ela está a dizer. Mas parece que ela pensa que está alguém na casa dela, que essa pessoa anda à caça dos filhos dela, que ainda lá estão. – Escutou. Perguntou-lhe: – Quantos anos têm

eles?

Ela disse-lhe, e o vizinho transmitiu-o ao telefone.

Ele pousou o *kit* de primeiros socorros, as toalhas e a chávena no chão ao lado dela. Ela envolveu cuidadosamente uma toalha em volta da mão esquerda ferida. Tinha os dedos espessos e inflexíveis. Não conseguia abrir o fecho do *kit* de primeiros socorros.

O vizinho parecia tão alto ali de pé, a falar ao telefone. A mulher estava de novo a olhar para a noite, torcendo as mãos e espreitando por diferentes vidraças, como se a vista pudesse mudar de uma para outra.

Pousou a mão não ferida na chávena que o vizinho tinha colocado ao seu lado, sentindo o seu calor miraculoso. Bebeu um gole, que lhe ardeu pela garganta abaixo, e foi percorrida por uma onda de gratidão por sentir qualquer coisa quente, por sentir qualquer coisa reconfortante novamente.

– Continuo sem ver ninguém – disse a mulher.

Forçou-se a articular as palavras.

– Deixe. Me. Falar. Com. Eles.

– Ela quer falar consigo – disse o vizinho ao telefone. – Vou colocar o telefone ao lado dela para que consiga ouvi-la melhor.

– Os meus filhos – arquejou. – Cinco e oito. Eu escondi-os dele. Ele disse que ia pegar fogo à casa. Obrigá-los a sair com o fumo. Têm de ir à minha casa. Ajudá-los.

– Minha senhora? Está sim?

– Cinco e oito. Ele vai provocar um incêndio. Ajudem-nos.

– Sente-se segura onde está agora, minha senhora?

Através de uma onda de tonturas, ela disse ao telefone:

– Ele vai obrigá-los a sair com o fumo, o Homem do Canto.

Flutuava, distante da sala. Os vizinhos pareciam tolos, a correr de um lado para o outro. Deu um gole na bebida quente, depois outro. O sabor era tão presente. Tão reconfortante.

– Lamento, minha senhora, não percebo o que disse. Sente-se bem?

Não. Estou desfeita e cega e os meus pés vão ter de ser amputados, e não consigo respirar bem e o Homem do Canto está à espera de os devorar vivos e a minha pele vai cair e o meu coração não está a bater regularmente e o meu cérebro está cheio de bolas de algodão e estou a morrer.

Mas desde quando é que isso importa? Conheces esta canção, já estiveste nesta situação. O avião é o único lugar onde dizem «Coloque a máscara de oxigénio antes de ajudar os outros». Na maior parte do tempo estás naquela cama e eles têm um bisturi e a resposta certa é sempre «façam o que for melhor para o bebé». E se disseses «Ei, talvez me possam dar um minuto, poupar-me às dores por um minuto, tenho algumas perguntas», vês testas franzidas, ouves «A sério?», e, por fim, «Isso não é aconselhável para o bebé, bebé, bebé».

– Vão buscar os meus filhos – disse.

O líquido escaldante era a única coisa quente no mundo. A única fonte

de conforto. Ela fechou os olhos para um pequeno descanso.

Delicioso.

O vizinho arrancou-lhe o telefone.

– É melhor chamar uma ambulância também. Ela tem ar de ter andado a vaguear na neve, depois de ter sido usada como saco de pancada.

Vaguear. Apenas um pequeno passeio, uma pequena corrida. Capuchinho Vermelho seguindo o caminho da floresta, trá-lá-lá.

A mulher já não estava à janela, mas sim ao seu lado, com os braços cheios de toalhas de praia.

– A *Internet* diz que devemos tirar as roupas molhadas e embrulhá-la em roupa seca, ok?

Quando ela moveu a cabeça, estava cheia de água que chocalhava de um lado para o outro.

Estendeu a mão de novo para o telefone, mas viu que tinha a mão enrolada numa toalha. O sangue ficava tão brilhante neste sítio escorregadio, coberto de tijoleira branca. A pulsar, vermelho, através do tecido. O sangue no braço estava seco em filetes castanhos enlameados. Virou o braço para a direita e para a esquerda, maravilhada.

– Vou só dormir um bocadinho – disse à mulher.

– Está a sangrar, sim. Toda inchada – disse o vizinho, depois ouviu, e anunciou: – Eles dizem que vêm a caminho.

– Para onde?

– Para aqui.

– Querida, não me quer deixar embrulhá-la para a aquecer? – perguntou a mulher. – Este casaco está ensopado.

– Não! Não! Vão para a minha casa.

Ouvia a sua voz como que distante.

– Ela quer que vocês vão para a casa dela – disse o vizinho ao telefone. – Eles vão aos dois sítios – relatou, depois de ouvir ao telefone. – Vêm aqui e vão a sua casa.

– E a neve? – perguntou a mulher. – Conseguem chegar até aqui?

– Ah, pois... Ora, e a tempestade? Vivemos num condomínio fechado, e a estrada privada ainda não foi limpa.

Mesmo através do pânico do vizinho, da sua excitação, apercebeu-se de uma nota de orgulho vibrante quando ele disse «condomínio fechado». Quando disse «estrada privada».

A mulher estava a puxar-lhe os botões do casaco, e ela deu-lhe uma palmada. Parte do líquido quente saltou para fora da caneca e para o chão.

– Está bem. – A mulher ergueu as mãos como se estivesse a render-se. Depois disse ao vizinho: – Ela não me deixa ajudá-la.

As luzes pareciam-lhe ainda mais brilhantes agora, e voltou a fechar o único olho que funcionava para as atenuar, para se aliviar um pouco da presença, do brilho daquelas pessoas.

– Eles disseram que conseguem passar pela neve sem problemas – disse

o vizinho. – Dizem que sabem onde é a sua casa. Que já lá estiveram.

Claro que se lembram da casa. Claro que sim.

– Porque é que já lá estiveram? – perguntou o vizinho, baixinho, ao telefone. Fez uma pausa. – Está bem. Como quiser, não me diga. Só pensei que poderia ser relevante.

O chão era tão confortável. Passou a mão ao longo das linhas de cimento, todos os quadrados tão tranquilizadamente iguais.

Espera. Não é aqui que deves estar. Tens de te levantar, ir para casa. Por causa de... por causa de alguma coisa.

Pousou a caneca. Tentou levantar-se. Os pés não a ajudavam. O casaco estava tão pesado. Torcia-se-lhe à volta das pernas.

– Ei! – gritou-lhe o vizinho. – Tenha calma! Relaxe.

As suas palavras provocaram-lhe uma impressão na base tenra do pescoço, acenderam-lhe uma raiva que a fez lutar mais obstinadamente, os pés pegajosos de sangue agora seco sobre a tijoleira.

– Sente-se!

– Eu tenho de...

O que é que tens de fazer? Qualquer coisa importante. É tarde, é tarde, tão tarde que até arde.

Tentou dar um passo. As suas pernas ficaram bambas.

O vizinho estendeu-lhe a mão para a apoiar. O telefone caiu no chão.

– Um pouco de ajuda aqui? – disse ele à esposa, fazendo uma careta.

A mulher correu do seu posto à janela e ajudou-a a sentar-se.

– Não vejo nada lá fora, está bem? – disse-lhe a mulher. – Nem fumo, nem fogo, ninguém a segui-la, ok?

Deixou-se cair contra a parede. A mulher entregou-lhe a caneca, e ela bebeu até ficar vazia.

Tão quente que queimava.

Estás viva. Isto é real.

– Ei. – A mulher estalou-lhe os dedos à frente do rosto. – Ei! Não me parece que deva adormecer.

– «Ei» é como se chama um cavalo – repreendeu-a ela na voz da sua avó.

O vizinho voltou a pegar no telefone.

– Sim, ainda aqui estou, desculpe. Deixei cair o telefone. Ela está a perder o tino. A tentar sair para a neve para ir buscar os filhos. Histérica, está a ver?

– O *site* WebMD diz que devemos aquecê-la – disse a mulher. – Pelo menos, deixe-me cobrir-lhe os pés.

Ela assentiu. *Splash, splash*, fazia a água na sua cabeça.

A mulher hesitou por um instante antes de lhe tocar na pele rasgada e manchada, depois enrolou-lhe uma toalha de praia em volta dos pés, flores havaianas rosa e laranja.

Olhou em volta para o chão branco, as paredes brancas, os rostos

brancos. O sangue vermelho a tornar-se castanho.

– Isto é um hospital? – perguntou à mulher enquanto esta lhe enrolava algo nos pés.

– Não – disse a mulher. – Nós somos seus vizinhos. Veio até nós para pedir ajuda.

– Não – suspirou. – Eu não vos conheço. Não vos conheço de lado nenhum.

5. Referência extraída de uma canção interpretada pelo Coelho Branco no filme *Alice no País das Maravilhas*, de 1951, baseado no livro homónimo da autoria de Lewis Carroll. (*N. da T.*)

O homem e a mulher ficavam vermelhos, depois azuis, depois vermelhos, depois azuis, com as luzes coloridas sempre a piscar que entravam pelas janelas. Ela ouvia vozes excitadas, via mãos a abanar como asas de pássaros. Sorvia da sua caneca reabastecida, e o calor da bebida parecia-lhe incrivelmente reconfortante.

– E *depois* disse que ele a tinha seguido, mas nós não vimos nada.

– E *depois* disse que havia fumo, mas não conseguimos ver qualquer fumo.

– Disse que os filhos dela estavam escondidos, que ela os tinha escondido.

– Não nos deixou tirar-lhe aquele casaco, mesmo estando molhado. Não nos deixou ajudá-la. Provavelmente está hipotérmica.

– Eles disseram ao telefone que já tinham estado na casa dela.

– Vês? Não te parece que alguém a agrediu na cara? O olho dela todo inchado?

– Talvez tenha sido o marido. Não é sempre o marido?

– Não foi o marido – disse uma voz nova.

Ela virou ligeiramente a cabeça e viu um polícia. Ele agachou-se ao lado dela.

– Está bem, minha senhora? Como se sente?

Era jovem, e ela pestanejou para tentar torná-lo mais velho.

– Tenho qualquer coisa no olho – disse-lhe.

O polícia jovem acenou com a cabeça.

– Sim, está bastante magoada.

– Os meus filhos?

Outro polícia emergiu da luz brilhante da entrada, vermelho-azul-vermelho-azul a piscar nas suas costas, e agachou-se ao lado dela também. Era a mesma coisa que ela fazia com as crianças. «Pôr-se ao nível delas» segundo os livros de parentalidade.

– Lembra-se de mim, minha senhora?

Ela olhou para os olhos azuis suaves por cima da máscara de papel azul. Observou o cabelo loiro a ficar grisalho.

– O sargento – disse ela.

– Vem uma ambulância a caminho.

– Eu preciso de ir para a minha casa – murmurou.

– Acha que consegue falar um pouco mais alto? – disse o sargento, inclinando-se para ela.

– Os meus filhos.

– Sim, tenho um carro em sua casa agora. Diz que alguém entrou, é isso?

Os vizinhos falaram ao mesmo tempo.

– Foi isso que ela disse! Que alguém tinha entrado e...

– Alguém andava atrás dos filhos dela, disse ela, e ela escondeu-os porque ele ia...

O sargento ergueu a mão para pararem, como se estivesse a dirigir o trânsito.

– Minha senhora, deixe-a contar. Então – disse o sargento com calma –, alguém entrou, é isso?

Ela assentiu.

– Um homem. Eu escondi... escondi-me com as crianças.

– Certo. Esse homem estava armado?

– Tinha qualquer coisa. Mais ou menos... – Pousou a caneca ao seu lado e afastou as mãos uns seis dedos. – ... deste tamanho. Ele... – Imitou o movimento do Homem do Canto, a forma como ele tinha batido com a arma na palma da mão. – Fez um barulho. Era uma coisa... solta.

– Como é que uma arma pode ser solta? – perguntou a vizinha, e o vizinho mandou-a calar.

– Alguma pistola?

– Hã?

– Esse homem tinha alguma pistola?

– Não. Não sei.

– Não viu nenhuma pistola? Faca?

– Não.

– E há alguma forma de os meus rapazes entrarem na casa? Alguma chave debaixo do tapete ou algo do género que possa facilitar isso?

– Na pedra – disse ela.

– O quê?

– Na pedra. Mas está tudo coberto de neve. Neve.

– Não estou a perceber, minha senhora – disse o sargento.

A cabeça dela pesava-lhe. Fechou o olho.

– Minha senhora?

Houve um estalido alto no rádio, um bip, palavras distorcidas.

Tão cansada, só isso, tão fria e tão cansada.

– Têm alguma manta que possamos usar? – perguntou o sargento aos

vizinhos. – Precisamos de a tirar destas roupas molhadas, aquecê-la. Houve alguns acidentes graves na estrada. E com o aumento de casos, há falta de pessoal em todo o lado. A ambulância vai demorar um pouco.

– Tentei ajudá-la a mudar-se, mas ela não me deixou.

– Está bem. Agora vamos tentar nós, está bem?

– Demos-lhe uma bebida quente – disse o vizinho.

– Ótimo. Têm mantas elétricas, botijas de água quente, esse tipo de coisas?

– Penso que temos uma botija de água quente algures.

– Traga-a. Água quente, mas da torneira, não a ferver. Não queremos queimá-la, certo?

– Ok.

– Vamos agora libertá-la deste casaco.

Ela sentiu mãos a mexer em si, a desapertar os botões do casaco, e aquele movimento que não solicitara fê-la desatar aos murros e pontapés às mãos que lhe pressionavam o peito, pernas, ancas.

– Não... não!

– Acalme-se, estamos a tentar ajudá-la, não podemos aquecê-la com este casaco molhado. Minha senhora. Acalme-se.

Ela debatia-se às cegas, acertando em algo suave.

– Merda... por favor... segurem-lhe os braços, está bem?

O ar rastejou-lhe pelo peito quando lhe desapertaram o casaco. Os polícias abriram o casaco completamente e depois afastaram as mãos quando viram os seus seios nus, barriga, pernas, as marcas brancas, simétricas, de borboleta, da virilha ao umbigo. Ela debatia-se, tentava gritar, mas limitava-se a ofegar repetidamente.

Viu o linóleo. Tentou encolher os braços e as pernas para proteger as suas partes íntimas.

Correste esta distância toda, fizeste isso tudo, e estás a acontecer mesmo assim. Ele apanhou-te de qualquer maneira, é o que é.

Começou a chorar, a soluçar, e o sal ardia.

Isto é uma morgue. Azulejos brancos e brilhantes, e estás na laje, e eles abriram a tua pele com uma tesoura para ver o que te fez parar de funcionar.

– O que... o que é que estão a fazer? – A vizinha parecia chocada.

As mãos soltaram-na, e finalmente conseguiu enrolar-se completamente numa bola, testa nos joelhos, deitada de lado em cima do casaco aberto.

– Só estamos a tentar ajudar. A secá-la. A tirar o casaco.

– Tomem – disse a mulher. – Cubram-na, por Deus! – Baixinho, preocupada, a mulher acrescentou: – Ela é só pele e osso.

O tecido cobriu-lhe o corpo nu, até ao rosto. Ela abriu o olho e viu uma manta cor-de-rosa, a tijoleira branca.

– Ei. Podem dar-nos um pouco de privacidade? Conseguem ver que ela está assustada? Deixam-me ajudá-la?

– Nós estamos a ajudá-la. Precisamos de falar com ela.

– Claro, desculpe, não quis dizer nada. Só, talvez ela se sinta mais... confortável? Com uma mulher a ajudá-la? Só por um minuto?

– Está bem. Um minuto.

A mulher sentou-se ao lado dela, o sangue a ensopar a seda cor-de-rosa do seu robe.

– Ei – disse a mulher. – Eles foram-se embora por agora. Um pouco de privacidade, certo? Vamos vesti-la, ok?

– O seu... o seu robe. O sangue.

– Ah, não faz mal.

A mulher desviou o olhar.

– Homens – disse ela. – Eles não pensam. Ajudar! – Riu-se. – Eu estaria igualmente assustada, se eles me despissem assim. Quem me dera que me tivesse deixado tirar-lhe esse casaco logo de início. Tenho aqui uma camisola, calças de fato de treino, meias. Vai ajudar. Não ganhará nenhum concurso de beleza, mas deverá ficar mais quente.

Ela deixou a mulher ajudá-la a sentar-se e a vestir uma camisola enorme. A mulher puxou-lhe suavemente as calças de fato de treino com cordão pelas suas pernas acima, pôs umas grandes meias de *chenille* sobre os seus pés inchados. Ela não sentia nada daquilo, a pele finalmente entorpecida, como que morta.

– Está doente? – disse a mulher, o rosto tenso de preocupação.

– Não.

– É só... querida, está tão magra. E a sua pele! Há... há alguma coisa que me queira dizer? Sente-se segura em sua casa?

Ela engasgou-se numa gargalhada, provou sangue novamente.

– Já acabaram?

– Porque é que estava nua? – sussurrou a mulher.

– Para me manter quente – disse ela.

Os olhos da mulher varreram-na com pena.

Os polícias reapareceram, pegaram-lhe nos cotovelos para ajudar a mudá-la para uma cadeira que não estava lá antes. Havia gaze à volta da sua mão, uma botija de água quente no seu colo. Uma manta sobre os seus ombros. Engoliu o resto da bebida quente e lembrou-se de que estavam a perder tempo.

– Temos de ir – expirou.

O rádio chiou.

– Estamos na casa, sargento. Sem veículos. Sem marcas de pneus. Sem pegadas exceto algumas que atravessam a entrada na parte de trás da casa. Provavelmente da sua rapariga, porque seguem na sua direção. A casa está escura. Podemos entrar?

– Um minuto – disse o polícia jovem no rádio.

– Ok – disse o sargento. – Sente-se um pouco melhor agora, certo? Parece um pouco melhor. Desculpe se a assustámos. Estávamos apenas a tentar aquecê-la, ok? Parecia que estávamos a perdê-la. Sente-se bem? Acha

que nos pode ajudar?

Ela acenou com a cabeça.

– Então, há alguma chave escondida em algum lugar?

– Na pedra, debaixo da neve.

– Minha senhora, já disse isso antes e não faz sentido, percebe?

– Sabe, aposto que ela está a falar daquelas coisas de esconder chaves! – interveio a mulher. – Parece uma pedra, mas é de plástico? Têm um compartimentozinho? Onde se esconde uma chave?

– É isso que quer dizer? – perguntou-lhe o polícia jovem.

Ela acenou com a cabeça, a cabeça pesada com o seu cérebro liquefeito.

– Onde está?

– Junto à porta de entrada. Do lado esquerdo.

– Certíssimo, minha senhora – disse o sargento.

– São demasiadas portas – murmurou ela. – Cada divisão tem muitas portas, e ele não gostou disso.

O sargento afastou-se em direção ao brilho da casa, a falar com quem estava do outro lado do seu rádio.

– Nenhuma marca de pneus, hã? – disse o vizinho ao polícia jovem. – Nenhuma pegada exceto as dela? O que acha que isso significa?

O polícia jovem ignorou-o.

– Foi o intruso quem a feriu? – perguntou-lhe o polícia jovem.

Ela abanou a cabeça.

– Como é que ficou ferida?

– A neve, o gelo. – Lambeu delicadamente os lábios. – Acho que engoli sangue.

Três pares de olhos fitaram-na. De cada vez que piscava o olho que não estava ferido, o olho ferido tentava piscar também, e a dor atravessava-lhe o rosto tão profundamente que ela tinha a certeza de que estava irreparavelmente danificada.

O sargento reapareceu, pondo-se ao lado do polícia jovem.

– Minha senhora, os meus rapazes estão em sua casa. Fizeram uma busca. Não parece estar lá nenhum intruso.

– Fogo?

– Não, nenhum fogo.

– Os meus filhos?

– Ainda não os encontraram. Mas disse que estavam escondidos. Onde estão?

– Atrás da parede – disse ela.

– Colocou os seus filhos atrás de uma parede?

– Sim. No esconderijo.

O ambiente silenciou-se. Antes ecoava como um desfiladeiro, e agora estavam todos tão imóveis e silenciosos que os ouvidos dela tiniam.

– Não percebo – disse o sargento.

– Atrás da lareira. No escritório. Deixei-os lá.

– E eles estão bem? – perguntou o sargento.

Sentiu as lágrimas começarem a correr e tentou detê-las, mas as lágrimas queimavam atrás da sua pálpebra ensanguentada e inchada, infiltrando-se no seu crânio rachado. Ela tentou limpar-se com a mão que não estava envolta em gaze.

– São tão pequenos – soluçou.

– Eles estavam bem quando os deixou?

Ela pensou na bochecha macia do seu filho batendo no chão, na cabeça da sua filha contra o tijolo. Os dedos pequenos que tiveram de ser forçados e arrancados. Engasgou-se com a memória, com o seu próprio muco e lágrimas.

– Estavam assustados, tão assustados!

O rosto do sargento estava ao nível do dela agora. Estava apoiado num joelho, como os jogadores de futebol americano quando se reúnem num círculo.

– Preciso que se concentre – disse ele delicadamente. – Preciso de saber exatamente onde estão os seus filhos.

– A minha cabeça – disse ela. – Há qualquer coisa avariada.

– Diga-me apenas o que conseguir – disse o sargento.

– Ele é muito, muito grande, o gerente do café. Disse que éramos deliciosos. Disse que nos encontraria.

– Ok, está bem. Isso é... útil. Agora, onde estão as crianças?

– No escritório. No painel inferior direito. Abre-se se empurrar no sítio certo. Uma porta escondida.

– Diz-lhes – disse ele ao polícia jovem, que transmitiu a informação pelo rádio, que estalava e apitava com informações de um lado para o outro.

Mesmo estando ajoelhado, o sargento tinha uma postura precisa. Ela maravilhou-se com a forma como as extremidades do seu uniforme rígido permaneciam tão firmes sob o casaco. Os olhos dele eram azuis e vazios, fixos nos dela até ela fechar o seu olho bom e devanear.

O polícia jovem sussurrou algo ao sargento.

– Minha senhora – disse o sargento, sacudindo-a ligeiramente pelo ombro, como se para a acordar. – Eles não estão a encontrar nenhuma abertura. Nenhum esconderijo. Chamaram pelos miúdos. Nada. Onde é que eles estão?

Sim, eram miúdos corajosos, bons miúdos. Ainda estavam escondidos. Escondidos de todas aquelas vozes masculinas a chamar por eles. «Se sentirem cheiro a fumo, se virem fogo, saiam. Não saiam por mais nada. Mesmo se ouvirem a mamã a dizer para saírem, não saiam. Mesmo se ouvirem a mamã magoada, a chorar, não saiam, está bem? Eu abro o painel quando voltar, sozinha, está bem?» Não foi o que ela lhes disse?

Tem de ser isso, porque senão...

Arqueou, doente de pânico.

E se... E se não os conseguem encontrar porque ele os levou?

O sargento limpou gentilmente o rosto dela com uma toalha. Tinha a voz

tensa quando lhes perguntou baixinho:

– A senhora fez-lhes mal?

Os pensamentos dela espessaram-se. Tinha afastado os pequenos dedos dos seus braços, do seu roupão. Derrubado o seu filho na sujidade. A sua filha contra o tijolo. Gravilha e um estalido.

Como é que ele sabia? Como é que ele sabia disso?

– Eu não...

– Magoou-os?

A sala estava tão silenciosa e a voz do sargento tão baixa que até as paredes pareciam inclinar-se na direção deles, à escuta.

Ela tocou no lábio inchado e o seu dedo deixou uma depressão. Sentiu-a a encher-se lentamente, como se o seu rosto fosse feito de areia e água do mar.

Teria filhos, este sargento? Da última vez, da primeira vez que o viste, não disse que tinha filhos? Não lhe escapara, não dissera: «Sinto muito, sinto muito, eu também sou pai»?

Se ele fosse pai, saberia que esta pergunta era ridícula. Claro que ela os magoou. Não apenas esta noite, enfurecida e assustada por eles não a deixarem ajudá-los, não. Ela magoou-os de um milhão de formas acidentais, tropeçantes, impacientes.

És uma mãe horrível.

Aquela vez em que deixou a filha em cima do muda-fraldas e a bebé escorregou, magoou-se na cabeça e ficou com uma cicatriz por baixo da sobrancelha. A vez em que pisou o mindinho do filho e o partiu, e tiveram de o prender ao dedo do lado para sarar. A vez em que estava a abraçar a filha e se levantou, arrancando um tufo de cabelo da bebé que se tinha enrolado à volta do botão da sua camisa. Ainda conseguia ouvir aquele grito.

Uma mãe horrível, horrível.

Depois havia os incontáveis danos que eles lhe causaram a ela. A unha do bebé que lhe arranhou a retina tão profundamente que ela ficou com a visão desfocada durante meses. O pontapé no queixo que a fez morder a língua com tal força que lhe arrancou um bocadinho. A gravidez, meses de vômitos, obstipação, câibras. O parto, ser rasgada e costurada e ficar com os músculos tão desfeitos que não conseguia controlar os intestinos, tão partida que o seu intestino se enfiou pelo estômago, redondo e sensível e precisando de ser cortado e empurrado de volta para o seu lugar. A insónia que a fez dizer: «Compreendo agora porque é que a privação de sono é considerada tortura. Compreendo agora porque é que as pessoas perdem o tino.»

Sem fim à vista.

Não és uma boa mãe.

– Eu nunca os magoei de propósito – disse ela, soluçando baixinho.

– Claro que não – disse o sargento, com a voz baixa e ríspida. – Mas escondeu-os? Na parede da sua casa?

– Sim. Sim!

– Então e que tal... – disse ele. – Que tal irmos até à sua casa no nosso carro, mostra-nos onde estão eles, e depois levamo-la para a ambulância? Podemos fazer isso?

Sentiu-se inundada de alívio.

– É tudo o que eu queria.

– Atrás da parede? – sussurrou alto o vizinho para a sua esposa.

Num único movimento, o sargento levantou-a da cadeira. Um braço por baixo dos joelhos dela, dobrados, o outro atrás dos ombros. Instintivamente, ela envolveu os braços em torno do pescoço dele para aliviar o seu peso, depois recolheu-os para junto do peito, num gesto estranhamente romântico.

Os vizinhos recuaram mais para dentro da casa, com os rostos sérios e pálidos.

– Segura a porta – disse o sargento, e o polícia jovem manteve-a aberta.

– Obrigada – disse ela na direção dos vizinhos quando o sargento se virou de lado para passarem juntos pela porta. – Obrigada.

O polícia jovem seguiu-os lá para fora, para a tempestade.

– Oh, meu Deus – disse a mulher, a voz a desvanecer-se atrás deles enquanto o oficial fechava a porta. – Oh, meu Deus.

O veículo não era um carro de polícia, mas sim um grande caminhão branco com uma luz no painel, banhando a neve com cores alternadas, até que o sargento a desligou, mergulhando tudo na escuridão. A estrada não estava limpa, e os pneus atiravam neve para as janelas enquanto eles avançavam. Chegam quase imediatamente ao caminho de acesso à casa dela, avançando lentamente entre os marcadores refletores do limpa-neves que se erguem nos montes de neve, até pararem perto da garagem.

Mais uma vez, o sargento pegou nela ao colo como um homem prestes a carregar a sua noiva para dentro de casa. Sentiu-se ficar tonta enquanto ele a carregou até à porta da frente, com o polícia jovem a segui-los de perto. Lá dentro, estavam mais dois polícias à espera, no vestíbulo.

Tantos olhos.

– Por aqui – disse um dos novos polícias, e ela foi levada pela casa. Quando passaram pelas escadas íngremes da cozinha, sentiu o sargento hesitar, dando um passo largo para evitar um ponto na base das escadas, da mesma forma que os visitantes contornam os locais onde os corpos devem estar a apodrecer debaixo da terra do cemitério.

– Precisa de ajuda, sargento?

– Não, ela não pesa nada.

Todas as luzes da casa estavam acesas, a sala de estar resplandecente enquanto a atravessavam. Mas no escritório só havia o pequeno candeeiro de secretária. O seu marido gostava de trabalhar na penumbra, dizia que isso tornava as imagens no monitor mais nítidas. O olho dela rolava para as sombras nos cantos da sala, procurando qualquer movimento. A sua visão estava tão achatada, tão limitada, que cada pedaço de escuridão além do pequeno feixe de luz vibrava, vivo e ameaçador.

– Vê? Vê aqui? Nada.

Um dos homens tinha uma lanterna e estava a empurrar diferentes painéis da parede, de forma brusca e impaciente.

– Ora bem, minha senhora.

O sargento pousou-a ao lado da parede, e os seus joelhos cederam, dobrando-se lentamente até ela se sentar no chão. O sargento acenou para um agente que segurava o telemóvel. A luz era tão forte para o seu único olho que ela se encolheu.

– Estás pronto, homem? Sim? Muito bem, minha senhora, porque não nos mostra onde pôs as crianças? Pode mostrar-nos?

Ela moveu-se desajeitadamente para se posicionar em frente ao painel. Era difícil encontrar o local exato com os dedos ainda dormentes, com a mão ferida enfaixada. Sacudiu a mão boa e tentou novamente. Passou as pontas dos dedos pela borda até sentir a marca característica na madeira. Empurrou.

A porta do lugar escondido abriu-se para dentro. Os agentes aglomeraram-se atrás dela, dizendo um deles, baixinho:

– Ora esta!

Ela enfiou a cabeça na escuridão total.

– Amores? Está tudo bem, podem sair, a polícia está aqui, venham...

Antes que poder terminar de falar, foi empurrada pelo lado, um grito de dor e surpresa estrangulando-se-lhe na garganta. O sargento e o polícia com o telemóvel iluminado estavam de repente entre ela e o painel, e ela caiu para trás, sentindo a sua perna ser esmagada sob a pressão de uma das pernas deles enquanto se ajoelhavam para olhar através da porta secreta. Usou os antebraços para arrastar o seu corpo para longe do emaranhado de pés com botas e membros pesados. O sargento empunhava uma grande lanterna preta, varrendo com luz o interior e os arredores do esconderijo.

Então, deu-se um clique que juntou todas as peças no seu cérebro inchado.

Eles pensam que lhes fizeste mal. Pensam que os enterraste na parede.

Fechou os olhos. Engoliu em seco.

Mas tu não fizeste isso. Eles estão ali dentro, e estão bem. Não estão?

A cabeça zumbia-lhe; o seu cérebro, como gelatina. O movimento da lanterna de um lado para o outro causava-lhe dor.

Empurraram-te para o lado para não contaminares a cena. Não é isso que está a acontecer?

Mas as crianças devem estar bem. Tu viste-os, e eles estavam bem. O rosto do teu filho na sujidade, a cabeça da tua filha no tijolo, mas eles levantaram-se. Não importa quantas vezes perdes a paciência, quantas vezes os deitas no berço e te afastas, tapando os ouvidos para teres uma pausa, tu nunca...

Não queria sair daquele momento. Do não saber. Era muito melhor não saber. Fechar os olhos, mergulhar profundamente no zumbido de exaustão do cérebro. Não saber se fizera alguma coisa irreparável. Não saber se eles haviam sido sufocados pelo peso do Homem do Canto. Se estavam desaparecidos, feridos, a sofrer nesse preciso momento, por ela os ter abandonado. Ou magoado.

A culpa é tua.

O sargento entrou mais no esconderijo, apenas as suas pernas visíveis.

– Ei, está tudo bem! Podem sair! Está tudo bem. Somos polícias.

De longe, muito fina, a voz da sua filha.

– Mamã?

O alívio atuou nela como uma droga eufórica tão intensa que pensou que iria adormecer ali mesmo, para sempre feliz.

O sargento recuou, sentou-se sobre os calcanhares. Olhou para ela.

– Talvez eles saiam – disse ele – se a virem.

Não conseguia falar, tinha os lábios demasiado flácidos. A pele lacerada ardia com as lágrimas que não tinha percebido estar a deitar.

O sargento estendeu a mão. Ela recusou-a, conseguindo arrastar-se para a frente sozinha.

Os polícias afastaram-se para a deixar passar. Ela meteu a cabeça no esconderijo. Não tinha lanterna, não conseguia ver nada.

– Está na hora de sair, está bem, meus amores? Estamos seguros agora.

– Mamã! Mamã!

Sentou-se de novo na sala e esperou. Eles rastejaram para fora, cobertos de sujidade. A sua filha linda e radiante no seu pijama vermelho. O seu filho com barriga redonda e macia, derretendo-se-lhe nos braços.

– Olá, olá – disse ela. – Agora está tudo bem. Está tudo bem.

– Mamã – disse a filha, inclinando-se para trás, observando-a. – Estás com *péssimo* aspeto.

Ela virou-lhes costas e vomitou no tapete mais bonito da casa.

Dois meses antes, o seu filho tinha-se vestido de morcego, a sua filha de bruxa. O «doce ou travessura» fora cancelado em todo o condado devido à pandemia, por isso ela pegou na tradição da Páscoa e escondeu doces no jardim. Ela e o marido observavam as crianças a correr com os seus baldes de plástico em forma de abóbora.

– Olha, mamã! Olha, papá! – gritavam sempre que encontravam um doce.

O seu filho agitava os braços para bater as asas de morcego enquanto corria.

– Estou a voar!

A sua filha arrastava a vassoura de bruxa entre as pernas.

– Eu também! Estou a voar! Estamos a voar! Como o papá! Olha!

Depois do jantar, as crianças vasculharam os seus tesouros, trocaramos, comeram doces o mais depressa que puderam.

– Podemos fazer o «doce ou travessura» assim todos os anos? – perguntou a sua menina.

– Porquê?

– Não temos de dizer «doce ou travessura». Não temos de dizer «obrigado».

– Essas razões não são válidas – repreendeu-os o pai. – Vocês têm de ganhar à-vontade a falar com as pessoas.

– Pensei que não devíamos falar com desconhecidos – salientou a sua filha.

– Bem... isso é verdade. Mas estão sempre com um adulto quando andam no «doce ou travessura», certo? Falar com adultos é uma coisa importante de se aprender. Não queres ser demasiado tímida.

– A *mamã* é tímida – resmungou a filha.

Ela sentiu uma onda de ressentimento.

– Eu sei muito bem falar com adultos, obrigada.

Claro que a sua filha dissera algo sobre ela ser tímida. Claro que os comentários do marido ao longo do último ano integravam agora a compreensão que a pequena tinha da mãe. A menina registara a inclinação crítica da cabeça dele ao dizer: «Sabes que interrompeste aquele homem?», «Foi confrangedor quando tu não...», «Porque é que estás tão nervosa?». Pequenos pontos de crítica que mostravam a inaptidão social da mamã, uma coleção indireta de provas de que ela havia compreendido mal o seu sogro, interpretado mal a situação, reagido ineptamente, porque era o que ela fazia, tinha acabado de fazer, não se apercebia disso?

O pai dele larga-o sozinho na floresta vezes sem conta, e ele ainda anda a tentar encontrar o caminho de volta seguindo migalhas de pão.

Quando conheceu o marido, numa aula de desenho de modelo vivo no último ano da universidade, a sua simpatia aberta, a sua despreocupação tinham-lhe despertado o interesse. Ele estava tão confortável a traçar as curvas suaves dos corpos nus que o professor o repreendeu pelas suas frequentes brincadeiras com os modelos. Ela nunca conseguiu conter o seu embaraço, tinha de imaginar os sujeitos tão inanimados como as mãos de madeira que haviam desenhado na primeira semana de aulas. Mas a sua concentração silenciosa parecia fasciná-lo.

O sorriso torto dele enquanto a observava a trabalhar era lindo.

– Acho que nunca conseguirei desenhar assim tão bem.

Ela nunca conhecera um homem que admitisse tão prontamente que ela era melhor em algo, muito menos um homem que parecesse feliz por isso. A facilidade no trato, a apreciação positiva lembravam-lhe tanto a maneira como a mãe a fazia sentir-se – inteligente, especial, capaz –, que parecia destinada a apaixonar-se por ele, uma ligação a algo elementar que julgara estar perdido para sempre. E depois havia a firmeza dos olhos dele nos dela. O olhar dele não saltava de marca em marca, como ela estava habituada a ver. Quando ele desenhava os contornos das suas marcas, dizia que eram – que *ela* era – uma beleza.

– Terás feito alguma coisa? – perguntara-lhe ele, e ela sentiu a primeira fissura no seu casamento. Agora, de cada vez que ele criticava o seu comportamento, desesperado pela aprovação, amor e justificação do pai, ela sentia um cinzel a bater levemente, *toc-toc-toc*, fissuras finas enfraquecendo invisivelmente a pedra angular do respeito que sustentava tudo o que haviam construído.

– Sabem do que senti falta no «doce ou travessura» deste ano? – perguntou ela aos filhos.

– Do quê?

– De ver os disfarces! E as casas decoradas, também. Talvez possamos dar uma volta de carro, ver o que as pessoas fizeram para o Halloween?

– Sim, mamã! Achas que vão ter os esqueletos outra vez?

– Sim, lembram-se disso?

– E o dragão insuflável!

– É verdade. Aquela casa tinha um grande dragão insuflável.

Amontoaram-se no carro e circularam lentamente pelas ruas do bairro mais popular das redondezas no que dizia respeito ao «doce ou travessura». Posicionaram-se numa fila de carros igualmente cheios de crianças mascaradas, coladas às janelas, a olhar para as decorações.

O chapéu de bruxa da filha roçava no teto do carro. O filho sorria com dentes de vampiro. Acenavam para pessoas mascaradas, sentadas em cadeiras de jardim, a verem passar os carros com crianças.

– Tiveste uma boa ideia – disse o marido, feliz por, mesmo que de forma tangencial, poder tocar o mundo exterior. – Como soubeste que isto estava a acontecer?

– Não sabia. Mas que mais podem as pessoas fazer?

– Boa pergunta – disse ele, sorrindo para ela, e ela lembrou-se de que, na maioria das vezes, ele era assim. Na maioria das vezes, tal como dantes, quando ele a olhava, ela sabia que ele a achava inteligente, criativa, divertida.

A filha avistou um pequeno grupo de bruxas-espantalhos, com meias às riscas e chapéus pontiagudos, posicionado à volta de uma fogueira falsa, com fumo a sair-lhes dos pés.

– Olha! Bruxas como eu.

– Ah, sim – disse o marido. – Claramente um grupo fixe. Conheces alguma?

Ela deu uma risadinha e gracejou:

– Porque é que pensas que todas as bruxas se conhecem?

– Papá, as bruxas são reais? – perguntou a filha.

– Não, mas as pessoas costumavam pensar que eram.

– E os morcegos são reais? – interrompeu o filho.

– Sim.

– Morcegos-vampiros?

– Sim. Mas não vivem por aqui. E bebem sangue de animais, não de pessoas

– Que nojo!

– Sim.

– E os unicórnios não são reais, mas os narvais, sim.

– Isso mesmo.

– E o Pai Natal é real?

– Mmmm – murmurou o marido, sem se comprometer.

– Mas os fantasmas não são reais.

– Correto.

– E os dragões são reais?

– Não, os dragões não são reais.

– Mas os dinossauros são reais!

– Eram reais.

– E deixaram os seus ossos.

– Sim.

– Mas não há ossos de dragão.

– Certo.

As crianças pensaram sobre aquilo.

– É confuso – disse a filha.

– Sim, é – concordou o pai. – Acho que, talvez há muito tempo, é possível que as pessoas tenham encontrado ossos de dinossauro e inventado os dragões para os explicar.

– Para o ano, quero ser um dragão – disse o filho. – Quero cuspir fogo.

O rapazinho rugiu, fingindo cuspir chamas invisíveis.

– *Blhec*, mamã, ele está a cuspir para cima de mim!

– Não cuspas na tua irmã. De qualquer forma, por agora és um morcego, lembras-te? Os morcegos não cospem fogo.

– Não?

– Alguma vez viste um morcego a cuspir fogo?

– Não.

– Então, aí tens!

– Só porque não viste uma coisa, não significa que não existe – disse a filha.

– Isso é verdade – admitiu ela. – És demasiado inteligente para mim.

– Não se pode ver a gravidade – disse a filha.

– Nem o ar! – gritou o filho.

– Isso mesmo. E também não se pode ver o amor – disse o pai.

– Claro que se pode – respondeu ela, e quando ele sorriu para ela, apertou-lhe a mão. Sentiu uma pequena fissura a consertar-se.

Enquanto conduziam para casa, no início da escuridão outonal, começou a nevar. Agora era o marido que estava colado à janela do carro, excitado.

– Olhem para isto! Olhem para isto! Os bordos estão agora tão vermelhos, e com neve em cima! Se conseguir tirar umas fotos disto... Bem! Essas são as que mais vendem, as imagens do outono. E especialmente se o sol abrir e iluminar tudo, não achas? Achas que consegues entreter as crianças sozinha amanhã? Porque tenho de sair antes das cinco para estar no ar ao amanhecer.

– Claro! Claro. Dizem que amanhã o dia vai estar lindo.

– Façam figas! – O marido cruzou os dedos pelo espelho retrovisor, sorriu ao ver as crianças a cruzarem os dedos, levantando-os para ele ver.

Quando chegaram a casa, o marido carregou o carro com câmaras, equipamento e comida, preparando-se para uma partida antes do amanhecer. Ainda ela não despira os fatos às crianças e já ele estava na cama.

Quando disse à filha que era hora de guardar o chapéu de bruxa, hora de tomar banho, a menina gritou:

– Eu não quero!

E depois bateu-lhe no queixo com a mão aberta.

Pôs a filha de castigo, atordoada com o quanto a menina se parecera com o avô naquele momento.

– É difícil quando as coisas acabam – disse à filha enquanto a menina choramingava, arrependida, esfregando a testa no ombro da mãe. – É difícil quando algo divertido termina. Mas isso não é desculpa para magoar ninguém. Especialmente a tua mãe. A tua família. A tua família é a tua equipa.

– Desculpa, mamã.

– Está bem, querida.

Ela leu-lhes em voz alta a história *A Teia de Carlota*.

– Vão mesmo matar o porco, mamã? Vão mesmo comê-lo?

– Nós comemos carne de porco.

– Mas não comemos porcos que falam.

– Lá isso é verdade.

– Mas vão comer o Abílio, mamã?

Os picos de açúcar já tinham passado, a hiperatividade das festividades transformada em cansaço. Olhavam para ela com olhos grandes, preocupados com o porco radiante, incrível e humilde.

– Oh, meus queridos, não, tenho a certeza de que não vão comer o porco.

– A Carlota não vai deixar – insistiu a filha. – A Carlota vai ajudá-lo a viver para sempre.

– Nada vive para sempre – disse-lhes. – É isso que torna os seres vivos especiais. Mas a Carlota é esperta. Ela vai garantir que não comem o Abílio.

– Abílio-Bidílio-Sibílio-Pibílio – rimou o filho, sonolento. – Podemos ter um porco que fala, mamã?

– Façamos assim. Se encontrares um, podemos ficar com ele.

Depois de os deitar, desceu as escadas para trancar a casa e apagar as luzes. No escuro, viu que parara de nevar, que os amarelos e vermelhos das folhas de outono estavam cobertos por uma fina camada de branco. A temperatura estava abaixo de zero. Cruzou os dedos, como os filhos tinham feito no carro, para que o tempo se mantivesse assim.

Na cama, enfiou os pés no círculo de calor que o corpo do marido emitia sempre, encostou a testa ao lugar entre as omoplatas de que mais gostava. Quando ele estava a dormir, quando o seu calor e cheiro a envolviam assim, conseguia acreditar que um dia as arestas da dor amoleceriam. Que um dia ele compreenderia a forma como destruíra coisas, que se penitenciaria por ter suspeitado que ela de alguma forma tinha induzido a violência do sogro. Tinha culpa daquilo.

Afinal, ela era feita de pedaços partidos que se haviam remendado. Mesmo que se tivessem unido em ângulos estranhos. Mesmo que ainda estivessem sensíveis. Ao contrário do que diz o velho ditado, o que não a matou não a tornou mais forte. Mas, até agora, continuava funcional.

E o marido ainda não falava com o pai. Isso tinha de significar alguma coisa. Isso tinha de ser um começo.

Mais tarde, ao pensar naquilo, o que mais a atormentava era o quão feliz tinha ficado ao ouvir o marido sair nas primeiras horas daquela manhã.

Todos os dias o marido precisava de sentir que tinha feito algo. Era incapaz de ficar de bom humor de outra forma, mas as tarefas diárias – a roupa, a loiça, arrumar a bagunça dos filhos – não lhe saciavam a sede de «fazer coisas». Não, cada projeto tinha de ser algo finito mas chamativo, e, o mais irritante de tudo, tinha de ser também o centro do dia dela. Se ela não o ajudasse a mover a pilha de madeira de um lado para o outro, a arranjar aquela porta, a substituir uma telha rachada, não ajudasse nas partes mais enfadonhas do trabalho dele, revendo as impressões recém-recebidas em busca de falhas, não as assinasse com o nome dele, porque, como ele lhe dizia, alegremente, «Tu fazes a minha assinatura melhor do que eu!», ele ficaria amuado – um humor que poderia durar dias, azedando cada interação. Suspeitava que ele, mais do que querer a sua ajuda, queria tê-la por perto. Mas ela ressentia-se pelo facto de as tarefas diárias ficarem na mesma à sua espera, ficando sozinha a fazê-las depois de ele poder relaxar, com as coisas dele feitas.

Então, no escuro, enrolou-se confortavelmente na cama, sabendo que estaria no comando do seu próprio dia. Poderia despachar o trabalho ingrato enquanto ainda era de dia.

Puxou o cobertor sobre a cabeça, satisfeita, e murmurou «Voa em segurança» enquanto ele fechava a porta do quarto. Ouviu um estalo abafado vindo lá de baixo, e franziu ligeiramente a testa por ele ter batido uma porta com tanta força, lembrando-se das intermináveis reprimendas dele aos filhos:

– Pessoal, não batam com as portas, parem de fazer tanto barulho, porque é que são sempre tão bruscos com as coisas?

Quando voltou a acordar, já era de dia. Pegou no telemóvel, viu que passava das sete. Quanto tempo ficou ela deitada? Da cama, espreitou lá para fora, para a beleza nevada e iluminada pelo sol do novo dia. Imaginou o marido a circular lá em cima no seu pequeno avião.

Pensando em como o ar devia estar brutalmente gelado naquela outra dimensão, aconchegou-se mais. Percorreu o ecrã do telemóvel, desfrutando do luxo de perder tempo. Finalmente, levantou-se. Lavou os dentes, tomou banho, vestiu-se e começou a juntar uma carga de roupa para lavar. Não se atreveu a ir espreitar os filhos, com medo de os acordar.

Desde que o confinamento começara, sete meses antes, levando a um verão desorganizado, seguido de uma escola parcialmente remota, estar sozinha tornara-se uma coisa rara e preciosa. Passou a saborear todo e qualquer pedacinho de silêncio. Não se conseguia lembrar de um único momento recente em que estivesse realmente, fisicamente, sozinha. Quase não havia uma hora de vigília em que a família não lhe pedisse algo, puxando por ela, precisando de ajuda, para «fazer coisas», ou ser consolada, alimentada, entretida ou ajudada ou ensinada. Nos últimos sete meses, descia as escadas e todos os olhos se voltavam para ela, dizendo: «O que tens para nós hoje? Eu preciso, eu preciso, eu preciso. Eu quero, eu quero, eu quero.»

Exausta pela constante violação até do último vestígio da sua privacidade, colocou um trinco na porta da casa de banho, suficientemente

alto para os filhos não lhe conseguirem chegar, para não se trancarem acidentalmente lá dentro. Mesmo assim, arranhavam a porta.

– Mamã? O que estás a fazer aí dentro?

Ela apoiava a cabeça nas mãos, dizendo:

– O que achas que estou a fazer na casa de banho?

Ouvia-os a afastarem-se, depois o marido batia com um toque seco.

– Querida, estás bem?

Ela olhava para o telemóvel. Nunca tinham passado mais de quatro minutos. Com os olhos fechados, respondia:

– Estou bem. Estou a sair.

A caminho das escadas, pensava que teria a cafeteira toda para si, que iria descarregar a máquina de lavar loiça enquanto via aquele tipo de programas televisivos, *guilty pleasures* que nunca ousaria ver com o marido em casa. Perguntava-se se desfrutaria tanto desses programas se a desaprovação do marido não lhes conferisse uma aura proibida.

– Como consegues ver esse lixo?

– É só uma coisa qualquer para ver enquanto dobro a roupa – dizia, encolhendo os ombros.

Não conseguia explicar ao marido por que razão a fascinavam as mulheres desses programas. Elas sabiam há muito o valor exato da sua beleza, mas as suas superfícies cuidadosamente tratadas mostravam como era impossível estar sempre na sua versão mais atraente e intrigante. Compreendendo o tamanho do seu palco, quebravam ao menor sinal de crítica, explodiam espetacularmente, e depois eram abraçadas por um público que vivia vicariamente através daquela perda das estribeiras divertida de ver, os espectadores sonhando com a possibilidade de poderem mostrar tamanha ira. E quando essas mulheres se tornavam ricas, famosas, adoradas, quando tinham a certeza de ter os dedos na almejada argola, os maridos, namorados, companheiros, deixavam-nas. Sempre. Afinal, os homens nunca tinham aprendido a ser coadjuvantes.

Mais tarde, o facto de, ao descer as escadas, ter pensado nesses maridos, nesses maridos carentes dos *reality shows*, atormentou-a.

A cena no fundo das escadas da cozinha era tão fora do comum que parou a meio, confusa.

– Amor?

O marido estava no chão, junto à grande mesa de pinho que usavam como ilha na cozinha. Estava de lado, enrolado em posição fetal, as mãos apertadas e enfiadas debaixo do queixo. Na posição em que o filho dormia sempre, parecendo um pequeno anjo a rezar.

– Estás... estás bem?

Estava deitado sobre um cobertor que ela não reconheceu de imediato. Era tão liso, refletia tão bem a luz através das janelas da cozinha, que pensou que fosse de seda. Uma cor bonita, mais escura nas bordas do que no centro, onde ele se encontrava deitado. Fora do seu perímetro, viu o telemóvel dele

no chão.

O ecrã estava estilhaçado. Ao ver a destruição irregular daquele vidro, conseguiu finalmente compreender.

Ligou para o serviço de emergência. Disse «marido», disse «escadas» e «sangue». Disseram-lhe para não o mover. Para estancar o sangue, se conseguisse. O sangue que se acumulava à volta dele naquele cobertor brilhante vinha de algum lugar entre o crânio e o chão, mas ela tinha medo de o magoar irreparavelmente se lhe erguesse a cabeça. Pressionou-lhe uma toalha sobre o cabelo e deitou-se atrás dele. Colocou o braço sobre ele enquanto a toalha ficava vermelha. Disse-lhe que tudo ia ficar bem, mesmo bem, enquanto sentia a respiração superficial dele debaixo da palma da sua mão.

Os paramédicos colocaram o marido numa prancha de plástico branca. A polícia fez-lhe perguntas. As vozes deles chegavam distorcidas, como se viessem através de um túnel.

– Não – disse-lhes –, não vi como é que ele caiu. Estava a dormir. A tomar banho. A vestir-me. Não pensei que ele ainda estivesse em casa.

Colocou-se ao lado do marido enquanto eles levantavam a prancha, dirigindo-se para a ambulância.

– Desculpe, minha senhora, não pode vir connosco.

– Mas...

– É o regulamento. Nem sequer a família pode entrar na ambulância. Também não a vão deixar entrar no hospital. Não há visitas.

– Posso...

– Nós temos de ir.

– Por favor! Deixem-me dizer adeus.

Agarrou a mão do marido, macia e pálida, presa à maca. Apertou-a.

– Amo-te – disse. – Amo-te!

O marido exalou uma pequena bolha de saliva ensanguentada que estalou como pastilha elástica. E depois desapareceu.

Acordou num quarto amarelado. Tudo lhe parecia baço e unidimensional. Alguém lhe disse que estava segura. Sabia, pela dor que sentia, que era mentira, e fechou os olhos.

Apercebia-se da luz do sol a entrar por uma janela, e do sofrimento.

A pessoa que falara vestia uma bata azul coberta por um avental de papel amarelo, o rosto disfarçado sob uma máscara e uma viseira de plástico. Ele, ou alguém que soava como sendo um ele, continuava a entrar e a sair, repetindo as mesmas coisas, palavras que lhe escorriam pelo corpo e desapareciam por um ralo, fáceis de esquecer. *Fratura orbital, basal, inchaço, cirurgia, drenado, edema, queimadura pelo frio, pontos, cicatriz, nutrição, entorse.*

O quarto balançava de um lado para o outro.

– Onde estão os meus filhos? – ouviu-se dizer, com a voz arrastada.

– Não sei.

– Posso vê-los?

– Não são permitidas visitas neste momento.

Ela puxou o tubo que tinha preso à mão.

– Ei, minha senhora, ei! Não faça isso!

– Tenho de os encontrar – tentou dizer.

– Minha senhora, pare! Ainda se magoa.

– Onde é que eles estão?

Puxar, puxar, pop, pop.

Depois, mãos, apitos e escuridão.

.

Acordou novamente e deu com o sargento sentado numa cadeira ao lado da cama, a olhar para a televisão, silenciada, montada no canto. Agarrou o cobertor e puxou-o sobre o peito, sentindo as mãos dele sob o casaco de peles.

– Onde é que eles estão?

Ele sobressaltou-se com a voz dela. Ela também. Soava como se tivesse começado a fumar um maço por dia e tivessem passado anos desde que eles se haviam visto pela última vez.

– O quê... hã?

– Onde estão os meus filhos?

– Disseram-me que estava acordada. Esperava que pudéssemos conversar sobre a invasão da sua propriedade.

– Os meus filhos?

– Estão com o seu sogro.

– Não – crocitou. – Não.

Tentou impulsionar-se para cima, sentar-se mais direita na cama. Olhou em volta à procura do telemóvel para ligar a alguém, qualquer pessoa.

– Ei, relaxe. Eles estão bem. Há uma assistente social a certificar-se disso regularmente.

Puxou os tubos, ouviu começar um apito.

– Não acho que deva... minha senhora, pare com isso!

Puxar, puxar, pop, pop. Mãos, tontura e escuridão.

.

Estava sozinha num quarto semi-iluminado. Não sabia onde estava.

Flutua daí para fora e vai à procura deles.

Sentou-se, rodou as pernas para o lado da cama. Estavam enroladas em gaze, os pés totalmente envoltos, enormes e brancos. Levantou-se, e depois ficou sem peso. Sentiu, de uma maneira vaga e distante, a bochecha encontrar o chão com um estalo.

.

Quando abriu os olhos, percebeu que estava numa cama de hospital. A dor era uma coisa viva, a contorcer-se e a mover-se. O seu rosto tinha-se tornado uma fenda inchada. Tentou levar a mão à cabeça para lhe tocar, avaliar os danos, e percebeu que estava presa. Algemas de velcro acolchoadas prendiam-lhe os pulsos à cama. Uma mão estava envolta em ligaduras. Saíam-lhe tubos do braço, emaranhados como uma teia de aranha estéril. Não conseguia alcançá-los para os puxar. Apenas conseguia chegar a um botão com a imagem de uma mulher num vestido.

– Sim? – disse uma voz desincorporada.

– Socorro!

– De que precisa, minha senhora? Premiu o botão de chamada da enfermeira.

– Estou amarrada. Por favor, ajude-me!

– É para sua própria segurança. Caiu da cama. Tem andado a puxar os tubos. Tente descansar.

Ela lutou contra as amarras.

– Pare com isso, minha senhora, deixe-se...

A voz calou-se. Ela atirou-se para trás e para a frente na cama, e ficou exausta tão depressa que, quando as enfermeiras chegaram, estava imóvel e enfraquecida.

– Está tudo bem, minha senhora. Continua a tentar andar e a puxar os tubos. Isto é para não se magoar.

– Os meus filhos?

– Sim, já lhe dissemos, estão com o seu sogro.

– Não. Não.

Começou de novo a contorcer-se, a puxar as algemas macias até sentir dor. Depois, um rosto escondido por uma máscara a desaparecer-lhe do lado de lá das pálpebras.

.

Na vez seguinte em que recuperou a consciência, ficou quieta. Sentia que estava gravemente ferida. Lembrava-se vagamente da palavra «cirurgia». Da palavra «fratura». Premiu o botão de chamada da enfermeira e, quando alguém chegou, murmurou:

– Dói.

– Certo, minha querida, só precisa de carregar aqui. Vê este pequeno dispositivo que lhe estou a pôr na mão?

Pressionou um botão redondo e vermelho, e por um dos tubos chegou-lhe uma onda. Não exatamente de alívio, mas de uma despreocupação que fez com que a dor a incomodasse um pouco menos.

– Quando é que me posso ir embora?

– Ainda tem um longo caminho pela frente, minha querida. Mas está a ir muito bem. Já a falar, já a recompor-se, dá para ver. O importante é que descanse.

O hospital nunca ficava escuro. O dia e a noite misturavam-se. Dias, ou horas, depois, perguntou a uma enfermeira diferente:

– Há quanto tempo é que eu estou aqui?

– Pouco menos de quarenta e oito horas.

– Só?

– Só.

A enfermeira inclinou a cabeça. Tinha a expressão facial oculta por uma máscara e uma viseira. Mas a voz estava carregada de curiosidade.

– Aqui diz que ficou ferida na sequência de uma invasão de domicílio...

É isso, é isso que eu tenho de lhes dizer. Tenho de lhes falar no Homem do Canto.

– Pode... pode chamar a polícia? Preciso de lhes dizer quem foi.

– Quem foi? – perguntou a enfermeira. – Quem é que lhe fez isto?

Ela abanou a cabeça, incapaz de puxar os pensamentos trémulos para fora do ralo sugador da sua cabeça estilhaçada.

Lembra-te, lembra-te. Não te esqueças.

O sargento estava de volta à cadeira ao lado da sua cama. De novo, olhava para a televisão, silenciada, montada no canto. De novo, ela tentou cobrir-se com o cobertor, mas desta vez não conseguia mover os braços para o fazer, os pulsos a balançar silenciosamente nas algemas. A finura da bata do hospital, o aperto das contenções faziam-na sentir-se simultaneamente exposta e sufocada.

A mão do sargento segurava em flores amarelas murchas.

– Para mim? – disse ela.

– Oh! Hã? Isto? Sim.

O sargento pousou as flores na mesa ao lado da cama dela.

Parecia não saber para onde olhar, e ela também não. Resistiu a carregar no botão vermelho, com medo de adormecer novamente com a sensação flutuante dada pela medicação. Tinha uma comichão insuportável no olho, enfaixado na gaze que envolvia a sua cabeça, emaranhando-lhe o cabelo.

Na sua nova voz, arranhada e envelhecida, perguntou:

– Os meus filhos... estão seguros?

– Sim.

– O Homem do Can... desculpe, o homem... ele pode ir à procura da minha filha. Ele pode...

– Minha senhora, por favor, acalme-se – disse o sargento. – Os seus filhos estão seguros. Não anda ninguém atrás deles.

– Mas ele, o homem que invadiu a casa, ele ia à procura da minha filha. Como pode saber que ela está segura?

O sargento suspirou pesadamente, e ela viu-se da forma que ele devia vê-la. Um olho selvagem, de medo, o outro ferido e avariado. Algemada à cama. As suas palavras arranhadas e arrastadas.

– Não é como na televisão, minha senhora. Os criminosos não voltam a ir atrás das vítimas que lhes escaparam. – Fez uma pausa, parecendo reconhecer internamente que isso nem sempre era verdade. – A menos que essa pessoa tivesse algum tipo de... ligação familiar? Ou uma ligação romântica?

Ela abanou a cabeça à ideia de estar relacionada com o Homem do Canto, de ter tido um caso com ele, e o fervor do movimento fez a dor descer-lhe pelo crânio e pelo pescoço.

Talvez ele tenha razão. Talvez eles estejam seguros. Mas...

– Os meus filhos ainda estão com aquele homem? – perguntou.

– O seu sogro? Sim.

– Eu arranjo outra pessoa. Ligo a outra pessoa. Vê o meu telemóvel?

– O seu telemóvel está arquivado como prova. O avô foi o único parente que conseguimos encontrar nas proximidades.

– Mas... eu disse-lhe o que ele fez, não disse? Quando falámos sobre a queda do meu marido?

– Sim.

– E mesmo assim entregou-lhe os meus filhos?
– A alternativa são os serviços sociais.
– O quê?
– Ficariam com desconhecidos. Ou numa instituição. Provavelmente, seriam separados.

Viu o seu sogro a sorrir com desdém, ouviu-o dizer:

– Tens de parar de o mimar. Uma coisa é a rapariga ser maria-rapaz. Mas vais fazer dele um invertido.

– Eu arranjo alguém – disse ela.

– Tem algum outro familiar de que eu não saiba?

Imaginou os seus filhos empilhados entre os montes de coisas negligenciadas do seu pai.

– No Utah. Mas... há de me ocorrer alguém.

Tinha amigos, claro que tinha. Mas deixara a comunicação esmorecer nos últimos dois anos, dominada pela mudança, pela doença da sogra, depois pela doença do mundo inteiro, pelo isolamento. E nenhum dos amigos que lhe restavam vivia por perto.

Porquê? Porque é que os deixaste afastarem-se de ti? Terás mesmo alguém em quem tenhas confiança suficiente? Alguém suficientemente próximo para ficar com eles?

Qualquer pessoa seria melhor do que ele.

– Um familiar é preferível – disse o sargento.

– Não se for perigoso.

O sargento voltou a expirar de uma forma que implicava que ela estava a entrar em pânico inutilmente, que não compreendia os factos.

– Minha senhora, ele nega ter-lhe feito alguma coisa. A senhora nunca apresentou queixa. E um homem que acabou de saber que a mulher morreu... É compreensível que possa ficar... fora de si.

– Fora de si – repetiu ela, sentindo a dor da racionalização do sargento, o seu corpo descartado, empurrado pelo sargento da mesma maneira que o fez depois de ela ter aberto o painel. Voltou a sentir a confusão desvanecer-se, como quando se apercebeu: *eles pensam que fizeste mal aos miúdos*. E voltou a compreender: *ele não acredita em ti. Ele acredita no teu sogro. Pensa que estás a mentir. Ou pelo menos a exagerar. Histérica.*

Doía-lhe a cabeça e a sua memória distorcia-se. Tudo se misturava, sobrepondo-se. O sargento deslocou-se para o passado, tornando-se um dos homens de fato naquele tribunal de há muito tempo, um dos díodos naquele circuito que dissera:

– O que temos de considerar é a culpa ativa e contributiva desta mulher.

– Pode ficar descansada – continuou o sargento, agora com uma voz indulgente –, estamos cientes das suas alegações, e as suas crianças são visitadas regularmente. E quanto a mudá-las de sítio – pigarreou, desviando o olhar dela –, agora que estão com o avô, ele pode não querer entregá-las a outra pessoa.

Ela agitou a sua mão não magoada na algema para se concentrar.

– Ele nunca mostrou qualquer interesse. Ficaria feliz em livrar-se deles.

– Não, senhora. Ele está a fazer o que pode.

Quer ter controlo. O teu marido morreu, a tua sogra morreu. Os netos são tudo o que resta. Quer livrar-se de ti e ficar com eles. Talvez devesses falar com um advogado. Mas não, sendo ele como é, provavelmente já está farto das crianças.

– Eu próprio os visitei de manhã. Estavam bem. Felizes. Como é que a senhora se sente agora?

As suas pernas pareciam em chamas. O seu olho bombeava sangue. Não conseguia fechar a mão esquerda.

– Impecável – crocitou. – Mas... e a escola?

– Ele contratou uma ama para o ajudar, e para lidar com todas aquelas coisas das aulas remotas. Estão quase nas férias de Natal, de qualquer forma. Não há problema algum. Ele tem tudo controlado.

Ela sentia uma comichão na cabeça, num sítio que não conseguia coçar. Ainda assim, tentou. A mão foi detida pela algema.

Aguenta-te. Para de chorar.

– Falando agora do motivo da minha vinda. Recebi uma chamada. Disseram que conseguiria identificar o homem.

Ela lambeu os lábios. Pareciam-lhe feitos de pastilha elástica mastigada. O quarto ondulava e desvanecia-se.

Quanto mais cedo saíres daqui, mais seguros eles ficarão. Quanto mais cedo a polícia o apanhar, mais seguros vocês ficarão. E tens de tirá-los da casa daquele homem o quanto antes. Concentra-te.

– Minha senhora?

– Desculpe, é... a minha cara – disse. – Dói.

– O que é que me pode dizer sobre a pessoa que invadiu a sua casa?

Tentou fixar os pensamentos, uma confusão enorme por causa da preocupação com o sogro.

Concentra-te.

Um crânio amarelo. Sapatilhas velhas. Atacadores compridos. Alto.

– É daquele café novo.

– O quê? – disse o sargento, inclinando-se mais para perto dela.

– Do café das sanduíches. Padaria. Na Route 23, ao lado do Starbucks?

O novo.

– Sim, eu sei qual é. Reconheceu-o de lá?

– É o gerente.

– Então conhece-o.

– Não.

– Desculpe, era o gerente ou não?

– Era ele.

– Então conhece-o.

– Só o vi uma vez.

- Uma vez?
- Uma vez – repetiu ela.
- Quando?
- Em agosto. No último.
- Ok. Mas reconheceu-o?
- Sim.
- Consegue descrevê-lo?

Sentia o cérebro a esvair-se, líquido, mas tinha os olhos secos, estavam a ser sugados para dentro do crânio.

– Grande – tentou dizer a boca dela. Agitou o pulso na algema. Fechou os olhos para melhor ver o Homem do Canto na memória. – Um tipo branco. Cabelo loiro escuro. Muito alto.

- Quão alto? Minha senhora?

Ele está demasiado desfocado para conseguires falar com ele. Espera até que ele se sintonize no canal certo.

- Minha senhora?

– Estava de preto – disse ela. – Tinha umas sapatinhas Reebok velhas, brancas. Luvás. Uma *T-shirt* com um crânio.

- Um crânio?

– Um crânio amarelo. Sapatos amarelecidos, crânio amarelecido. Alto. Grande. Enorme. Bateu com a cabeça. Pode... pode ligar aos meus filhos? Quero falar com eles.

Sentiu-se a desvanecer, o corpo a ser puxado fisicamente para o sono, mas lembrou-se de algo importante, disse:

– Acha que ele pode ir outra vez atrás dela? Ele andava atrás da minha filha. Tem de a proteger, ele pode apanhá-la agora, ele pode...

Quando abriu o olho bom, o sargento fora apagado da existência com um pestanejar.

.

Uma enfermeira de silhueta angulosa estava a espetar-lhe coisas num sítio, a pôr qualquer coisa à volta dela noutro sítio, a tirar-lhe uma ligadura, a levantar-lhe a cobertura do olho, a trocar algo debaixo do cobertor.

- Os... a polícia esteve aqui?
- Não sei, minha querida.

Então, viu as flores amarelas a murchar na mesa de cabeceira. O sargento não as pusera em água.

O alívio permitiu-lhe soltar as mãos, cerradas nas algemas.

O sargento esteve aqui. Provavelmente está agora a prender o Homem do Canto. E depois vais buscar os teus filhos ao teu sogro, e ele não os teve lá por muito tempo, vai correr tudo bem...

Na vez seguinte, foi acordada pela dor. Carregou no pequeno botão vermelho e nada aconteceu. Não entrava luz pela janela, mas, como de costume, o quarto estava iluminado, a porta aberta para o corredor. Chamou a

enfermeira e disse-lhe que o botão vermelho não estava a funcionar.

– Desculpe, minha querida, isso significa que vai ter de esperar. Assim que for seguro, voltará a funcionar. Mas isto é bom *timing*, está na hora de tirar sangue.

Frasco após frasco. Virou o rosto.

– Não me pode libertar? – perguntou à enfermeira.

– Desculpe, minha querida. É para sua própria segurança. De qualquer forma, eu não tenho poder de decisão a esse nível.

– Pode ajudar-me a ligar para os meus filhos?

– Estamos a meio da noite, minha querida. Além disso, acho que não tem o número certo. O homem que atende desliga sempre logo a seguir.

Havia uma racha no teto. Talvez a sua recordação de telefonar tivesse escorregado por uma racha assim. Olhou para ela, pensando no homem de bata azul que aparecia e desaparecia para discursar sobre os ferimentos na sua cabeça. *Fratura orbital*. Ele repetia palavras, mas nunca as explicava. Ela imaginou um gato de desenhos animados a ser atingido na cabeça, estrelas a girar, a orbitar, à volta de um grande galo, o gato cambaleando com olhos negros. *Por favor, gatinho, não me mordas!*

Isso parece correto. Parece exatamente correto. Estrelas de desenho animado. Órbita fraturada.

Uma braçadeira para medir a pressão arterial sibilou à volta do braço dela.

– Porque é que não a sentamos? Está com melhor aspeto. O inchaço já diminuiu.

A enfermeira afastou-lhe o cobertor das pernas, desenrolando lentamente uma ligadura.

Havia tiras de pele arrancadas do pé, do tornozelo e da perna. Tinha unhas dos pés em falta. No lugar delas, carne viva da cor do carvão.

Agitou as pernas destruídas.

– O que é que fez? O que é que me fez?

Isto não é nenhum hospital.

Outra enfermeira entrou correr no quarto, pegou delicadamente na mão boa dela, presa na algema.

– Minha querida, vamos lá a parar com isso. Estamos a mudar o penso, ok? É para ajudar, para a fazer melhorar. Sei que quer melhorar, ver esses seus filhos de quem está sempre a falar, não é?

Parou de se mexer. Olhou para as enfermeiras. Estavam ambas escondidas atrás das máscaras e das viseiras de plástico. Presas aos uniformes tinham fotografias de como seria a aparência delas sob tudo aquilo. Rostos sorridentes que não se assemelhavam em nada àquelas figuras.

– O que fizeram? Aos meus pés?

– São lesões provocados para frio. Os médicos removeram a pele morta e limparam as áreas feridas. Tudo indica que voltará a crescer. É capaz de ficar com um aspeto estranho, mas tudo indica que voltará a crescer. As unhas

dos pés também devem voltar a crescer. Mas leva tempo.

Olhou para o lado enquanto trocavam o penso esquerdo, depois o direito.

– Desculpe se lhe acertei.

– Não, minha querida, está tudo bem. Ficou chocada, só isso.

– Onde está o polícia?

– Ah, ele volta. – A voz da enfermeira tornou-se pretensamente casual ao perguntar: – Isto tudo aconteceu durante uma invasão de domicílio?

– Mmm. Atravessei a neve para fugir. Pedir ajuda.

– Bem, que corajosa! Parece que passou por muito.

– Os meus filhos estavam em casa. Ele andava atrás deles.

As enfermeiras afastaram as mãos dela, como se tal maldição fosse contagiosa.

– Esse homem que lhe entrou em casa... conhecia-o?

Elas querem que a culpa seja tua.

– Um desconhecido – disse ela. – Só o tinha visto uma vez.

– Quem faria tal coisa?

Um monstro.

– Apenas um homem.

– E porque é que ele o fez? Ele levou alguma coisa?

Sentiu os corações de colibri dos seus filhos, fechou os olhos e disse:

– Tentou.

Sentou-se ao lado da porta de entrada, depois de os paramédicos saírem com o seu marido e a fecharem. Cercou as pernas com os braços e balançou-se para a frente e para trás. Isso fez com que o mundo ficasse tão instável quanto a sua mente, até conseguir mover-se ao ritmo dele, equilibrando tudo outra vez.

Tinha as mãos, o rosto pegajosos com o sangue dele.

– Eu não sei o que aconteceu – repetiu vezes sem conta aos polícias debruçados sobre ela. – Ele disse que estaria a voar ao nascer do dia.

Obedeceu apaticamente enquanto os polícias a fotografaram. Foi para a casa de banho com uma mulher polícia. Despiu as roupas ensanguentadas e colocou-as nuns sacos de plástico que a mulher tinha. Sentiu-se brevemente envergonhada pelo estado esfarrapado da sua roupa interior quando a polícia a meteu habilmente num saco.

Deram-lhe permissão para tomar banho, vestir-se, sair para o hospital onde todos sabiam que não seria autorizada a entrar.

Agora que pensa nisso, deve ter dado algum tipo de explicação aos filhos. Deve tê-los vestido e descido com eles pelas escadas da frente, saindo de casa pelas portas duplas, para que as crianças não vissem o sangue no chão da cozinha. Deve ter conduzido. Sabia que devia ter feito tudo isso porque deu por si no parque de estacionamento do hospital, de mãos dadas aos filhos, enquanto lhes diziam que não podiam entrar.

– Por favor. Pode ao menos dar-nos uma atualização?

Andava para trás e para a frente, segurando firmemente as mãos das crianças, até que um homem saiu e se apresentou como médico.

A primeira coisa que ele disse foi «Lamento», e os joelhos dela cederam até ela ficar a olhar para ele a partir do chão, o som das portas automáticas do hospital a abrirem e fecharem e a abrirem e fecharem novamente por causa do peso dela.

O médico sentou-se ao lado dela, como se sentar-se no chão fosse uma

coisa normal.

– Gostaríamos de falar consigo sobre doação de órgãos – disse ele.

Para tal, foram autorizados a entrar no hospital. Numa pequena sala privada, o médico disse-lhe que já não havia milagres possíveis naquele ponto. Morte cerebral. Não era como aquelas histórias noticiadas de pessoas que acordavam passados anos, ou décadas. Não havia histórias, não havia caso algum de regresso do lugar onde o seu marido estava agora.

As crianças agarraram-se a ela enquanto aquele médico destruía a sua realidade. O papá morreu, mas não morreu. O papá partiu, mas ainda cá está.

– Não preciso do discurso – disse ela ao médico. – Ele gostaria de ser útil.

Assinou a doação do coração ainda pulsante do marido, do fígado, dos rins, dos pulmões que se enchiam e esvaziavam num aparelho de respiração, do pâncreas, de tecidos, de córneas. Dos ossos, da pele e do sangue dele.

– Podemos vê-lo? – perguntou ao médico. – As crianças podem vê-lo? Antes? Para se despedirem?

– Não são permitidas visitas aos pisos dos pacientes. Por causa do surto. Mas temos feito videochamadas.

Não discutiu. Vira as notícias. Compreendia que não era especial, que agora se juntava às legiões de famílias impedidas de verem os seus entes queridos para interromper a rápida propagação da doença. No ecrã, a boca do marido estava desproporcionalmente aberta, para lá caber um tubo. A cabeça estava parcialmente rapada. Os olhos estavam tapados com fita.

– O papá deixou o seu corpo – disse ela às crianças. – Temos de nos despedir.

– Mas ele está mesmo ali!

– Desculpem, meus amores. Aquilo é só o corpo dele. A mente dele, o seu... tudo o resto... já se foi. Mas pelo menos podemos dizer adeus ao corpo dele. Pelo menos podemos vê-lo uma última vez.

– Amamos-te, papá – disse a sua filha calmamente. – Amo-te!

– Abracinhos – gritou o filho, mimetizando um abraço. – Estou a dar-te abracinhos, papá. Até já!

– Querido, não vais ver o papá em breve. Quer dizer... ele não vai voltar para casa.

– Está bem, mamã. – O filho acenou com a cabeça, não querendo contrariá-la.

A enfermeira que segurava o telemóvel no quarto do marido era experiente. Falou calmamente antes de desligar, sabendo que eles, a família, nunca desligariam.

Durante a viagem de regresso a casa, ela contou uma história às crianças, esperando torná-la verdade ao dizê-la em voz alta. O papá a descer as escadas apressadamente no escuro, a olhar para o telefone, tão entusiasmado! Tão feliz. A verificar o estado do tempo, a ver quanto faltava para o nascer do sol. Mas tropeçou, caiu. É como desligar um interruptor. Ele não sofreu. E, acima

de tudo, não vos queria deixar.

Não disse aos filhos que a culpa fora dela, não lhes falou do lento e longo passar do tempo desperdiçado.

Quando chegaram a casa, os polícias ainda lá estavam. Ela pediu aos filhos que aguardassem junto às portas duplas nas traseiras, e contornou a casa até à porta da frente, passou pelos polícias, pela poça de sangue, e abriu a tranca, erguendo do pequeno prego a barra que descera quando tinham saído. Juntos subiram as escadas da frente. Instalou as crianças no seu escritório, a verem um programa de televisão no computador. Instruiu-os na sua voz mais severa a não descenderem as escadas.

– O hospital informou-nos – disse o sargento. – Lamento muito a sua perda. Também sou pai de crianças pequenas.

Entregou-lhe um cartão.

– É um serviço de limpeza forense. Devia contactá-los.

Entregou-lhe outro cartão.

– Contacte-me se se lembrar de mais alguma coisa. Algo que possa ser importante, algo que se tenha esquecido de nos dizer. Estamos quase despachados. Há mais alguma coisa que possamos fazer?

– Podia... podia avisar o meu sogro? Do que aconteceu? Nós não nos falamos. Posso dar-lhe os contactos dele.

– Claro. Claro que podemos fazer isso.

Quando eles saíram, ela ficou a olhar para o sangue. Estava ressequido, tinha secado como os desertos do Utah da sua infância. Telefonou à empresa de limpeza. Uma mulher brusca disse-lhe que não estavam a aceitar novos clientes. Ninguém estava. Demasiados riscos, demasiada infeção.

Nos três dias seguintes, ela limpou o sangue sozinha. Antes de chegar ao chão, a cabeça do marido tinha batido na velha mesa que funcionava como ilha da cozinha. O sangue saiu facilmente da mesa. Do chão foi mais difícil. O sangue tinha-se infiltrado por entre as velhas tábuas, e fora rapidamente descoberto por formigas minúsculas. Depois de limpar e raspar, ficou com uma mancha irregular impregnada no pinho poroso. Trouxe a lixadora orbital, obliterando as formigas e criando serradura impregnada de aerossóis de sangue.

Ligou ao pai e contou-lhe a versão da história que inventara para os filhos.

– Que coisa! – disse ele. – Eu sempre gostei dele. Queres que vá aí?

Claro que queria, mas conhecia suficientemente bem o pai para fazer uma pausa e deixá-lo terminar o pensamento.

– Embora suponha que não posso, não é? Arriscar-me a apanhar um avião ou conduzir até tão longe durante uma vaga de infeções e tudo o mais. Além disso, é contra as regras, não é? Mas se quiseses vir cá para casa...

Mais uma vez, ela ficou em silêncio.

– Bem, isso seria igualmente mau, não seria? Vocês os três terem de vir para cá durante tudo isto. E depois a quarentena e tudo o mais. E sabes que

não tenho espaço.

Era exatamente o que ela esperava, o que aprendera a esperar do pai. Mesmo assim, a apatia dele, o espinho da indiferença, forçou-a a fechar os olhos.

Não chores.

– Nós ficamos por cá, pai. Só te queria dar a notícia.

Um suspiro de alívio pelo telefone.

– Está bem, então, ok! Bem, vai dizendo coisas.

– Gostava que a Vó ainda estivesse viva. – A voz dela encheu-se de lágrimas, como um poço. – Seria bom falar com ela, sabes?

O pai ficou em silêncio. Ela ouviu-o a ajustar o telefone.

– Sim. Bem. Hm. Sabes, eu amo-te e tenho mesmo muita pena. – Desligou.

Depois de ter sido lixado, o pinho voltou à sua cor natural, amarelo-pálido. Apenas as fendas entre as tábuas do chão mostravam manchas de sangue. Aplicou cuidadosamente o poliuretano, camada após camada. Secou de uma forma impecável.

Se não soubesses que está lá, nunca saberias que está lá.

Com o sangue desaparecido, o marido dela transformado em cinzas, caixa guardada no canto do roupeiro dele, não havia mais nada que fazer.

Não trocou os lençóis da cama. Não mexeu na almofada do marido. Por vezes, deitava-se de olhos abertos, olhando para a marca onde ele repousava a cabeça.

Que vais fazer agora? Que vais fazer para sempre?

Voltou a dar autorização aos filhos para entrarem na cozinha. Ligou-os à escola a distância. Levou-os aos seus meios dias de aulas e trouxe-os de volta. As suas vozes eram difíceis de perceber, soavam abafadas. Enquanto viam televisão, acariciava-lhes a pele, beijava-lhes as barrigas. Abraçada aos filhos, com o som alto da televisão, com a sua luz azul, era o único momento em que conseguia adormecer facilmente.

– Ele não sofreu – disse aos que ligavam, tentando torná-lo verdade. – Foi rápido. Não, agora não podemos fazer um funeral. Talvez uma homenagem mais tarde? Eu aviso. Não, não há nada que possas fazer. Obrigada, obrigada por pensares em nós.

No espaço de um mês, a torneira de condolências secou e as chamadas pararam. Até ser publicado o artigo sobre o marido, claro, mas isso era diferente. As pessoas que a contactaram nessa altura tinham uma ansiedade, um entusiasmo nas vozes pela proximidade à morte. Pela proximidade ao mais pequeno indício de fama.

O psiquiatra não começou por discutir a invasão de domicílio. Em vez disso, sentou-se na cadeira no quarto de hospital e fez perguntas acerca do seu peso. Ouviu a litania das suas perdas. Rotulou calmamente a sua magreza como automutilação, destrutiva, um sinal de depressão.

Como se não soubesses já essas coisas todas. Como se isso importasse.

Ela não negou nada. Disse-lhe que concordava. Por fim, disse:

– Mas, na hora da verdade, aparentemente eu quero viver.

– Sim. – Os olhos dele percorreram-lhe rapidamente as ligaduras, as nódoas negras. – Mas tem muito trabalho pela frente. O trauma não termina quando o trauma termina. O passado de toda a gente molda o seu presente.

– Isso é verdade – ela concedeu, olhando para ele com mais interesse. – Está tudo aqui ainda, o passado. O que aconteceu ao meu marido. O luto. Este homem, a invadir a minha casa. Gostaria que nada disto tivesse acontecido. Mas aconteceu. E na minha cabeça ainda está a acontecer.

– Precisa de lidar com aquilo por que passou.

– E de ajudar os meus filhos.

– Eles não foram os únicos a passar por isto. Se não cuidar de si, que lhes resta? Se não puderem contar consigo? – O psiquiatra juntou as mãos no colo. – Quer mesmo ficar onde está agora?

– Não – disse ela, percebendo que o psiquiatra não se referia ao hospital, mas à forma como a sua mente estava presa num poço escuro, lutando inutilmente pela luz distante. – Não quero.

Ela tratara o regresso a si mesma como um *puzzle*, virando e revirando as peças na mesa, analisando-as até conseguir organizar cada memória – *alguma coisa te bateu na cara, no trilho, viste-o abrir as portas de entrada, aquelas sapatilhas* – com as restantes para formar uma imagem completa. Assim, quando o psiquiatra lhe fez perguntas sobre o Homem do Canto, sobre a sua fuga frenética pelos bosques, sobre as suas lesões físicas e sobre como as tinha sofrido, ela respondeu o melhor que pôde, apanhando esta ou aquela

peça do *puzzle*, e quando alguma coisa tardava a arrumar-se mentalmente, explicava:

– As coisas confundem-se. Desaparecem partes, depois saltam-me à mente. Imagens. Sentimentos. É... desorientador.

– Só passaram quatro dias – disse o psiquiatra. Parecia-lhe impossível, uma vez que, no estranho espaço crepuscular do hospital, parecia-lhe que acabara de ali chegar, mas, simultaneamente, tinha a certeza de ali estar há semanas. – Pode vir a descobrir que a sua memória não é o que gostaria que fosse. Que tem pensamentos intrusivos. Ou que está a reviver a perseguição que essa pessoa lhe fez. Isso é normal. Uma resposta normal ao trauma. – Encolhendo os ombros, acrescentou: – Por vezes, as pessoas não se conseguem lembrar de tudo, nem com o passar do tempo. A mente protege-se ao selar certas coisas.

– Acho que nem saberia se isso estivesse a acontecer – pensou ela em voz alta. – E continuo a achar que esta... pessoa... que entrou em minha casa tentará encontrar a minha filha. Mas isso seria ilógico, não seria? Arriscado para ele?

Da melhor forma que conseguiu – peças do *puzzle* que não encaixavam completamente, tendo muitas vezes de as forçar –, descreveu a forma como o Homem do Canto perseguira a sua filha. O comportamento dele no café. Afinal, se ele a encontrara passados quatro meses, por que razão não voltaria a tentar? E depois havia os perigos da custódia do sogro. O psiquiatra explorou lentamente a história deles. Discutiui as opções limitadas que ela tinha.

– Tudo isso são preocupações razoáveis – tranquilizou-a o psiquiatra. – E eu acho que tem razão. Voltar para casa, falar com a polícia, ajudá-los a apanhar este homem, essas são as formas mais eficientes e eficazes de lidar com estes problemas.

A cara séria do psiquiatra, as suas palavras medidas, «razoável», «eficiente», «eficaz», «normal», foram um bálsamo. Acalmaram-na mais do que carregar no botão vermelho.

– Está disposta a continuar a terapia depois de sair do hospital? Posso dar-lhe alguns contactos. E a minha especialidade, o tema acerca do qual mais escrevo e publico, é o *stress* pós-traumático. Se quiser, podemos marcar uma consulta no meu consultório.

O seu rosto ferido conseguiu esboçar um sorriso.

– Sim, gostava de fazer isso – disse ela.

Quando acordou, era de manhã e as algemas tinham desaparecido. Esfregou os pulsos, aliviada, certa de que aquela pequena liberdade se devia ao psiquiatra.

Acho que isso significa que afinal estás mentalmente sã.

Tocou na ligadura à volta da cabeça, do olho. Alisou o cabelo emaranhado.

Ainda está tudo a acontecer. E sempre estará.

– Olá – disse o sargento.

Desta vez, conseguiu puxar o cobertor sobre si mesma, até ao queixo.

– Desculpe. Não queria assustá-la.

Ele ocupava muito espaço, pernas abertas, cotovelos a sair dos apoios de braços da cadeira de hospital com estofos cor-de-rosa junto à cama dela.

– Não, eu... eu só não o tinha visto.

– Tem algumas limitações. – Ele tocou no olho para indicar a sua visão parcialmente perdida.

– Pensei que não permitissem visitas.

O sargento encolheu os ombros.

– Os polícias são uma exceção.

– Certo. – Ela voltou a respirar normalmente. – Então? Conseguiram apanhá-lo?

O sargento encolheu os ombros.

– Ainda não.

– Não conseguiram encontrá-lo?

– Parece que ele não trabalha no tal café.

– Despediu-se?

O sargento encolheu os ombros de uma forma que deixou claro que não podia, ou não queria, dar pormenores.

– Mais ou menos isso. Estamos a tentar localizá-lo.

A garganta dela inchou de ansiedade.

– Mas, se não o conseguem encontrar... estão a tratar de assegurar a segurança da minha filha? Ele andava... eu disse-lhe? Ele andava atrás dela. Deixou-o bem claro.

A expressão do sargento escureceu. Percutia, irritado, com o dedo no braço da cadeira.

A boa educação dele, a confiança dependem de não o questionares.

– Disse-me. – A voz do sargento tornou-se ríspida. – Identificou o tipo como um desconhecido. E, tal como eu lhe disse, um criminoso desses, simplesmente não acontece ele perseguir uma vítima que lhe escapou. Era certo que seria apanhado. E o seu sogro vive num complexo de apartamentos movimentado, onde a polícia vai frequentemente verificar se está tudo bem com ele e com os seus filhos. Está bem? Agora, sente-se capaz de falar? Pode ajudar-nos a apanhar o tipo.

O olho dela ardia sob a ligadura. Tinha dores de raiva perante a desvalorização constante do sargento face às suas preocupações. Conseguia sentir o cheiro do seu corpo, o cheiro a vinagre e gordura velha. Doía-lhe o maxilar. Falar ainda lhe arranhava a garganta. Tinha o crânio todo amassado e dorido. Mas tinham-lhe libertado os braços. Conseguia mexer as pernas. Mexer os dedos dos pés sem unhas sob o cobertor. Pensar com um pouco mais de clareza.

Lembra-te do que disse o psiquiatra. És razoável, eficiente, eficaz, normal. Ajudar a polícia a apanhá-lo é a maneira mais rápida de ajudar as crianças. De te ajudares. E talvez o sargento tenha razão, talvez os miúdos

estejam em segurança. Talvez o Homem do Canto não volte a persegui-los. O sargento saberia esse tipo de coisa, não saberia? Sobre crime? Os factos, os números?

– Minha senhora?

– Certo. Sim, claro. Posso responder a perguntas.

Estás tão preparada quanto é possível. Tens de os convencer. Eles têm de o apanhar.

Mas precisava de ver as crianças. Para se assegurar de que estavam seguras. Para ler nas suas caras como andava o avô a tratá-las.

– Podemos ligar para os meus filhos primeiro? – perguntou. – Uma videochamada? Eles já tentaram fazer, mas o meu sogro não atende se for eu. Talvez atenda se for o senhor.

O sargento soltou um grunhido resignado.

– Claro. Está bem.

O sogro atendeu ao primeiro toque.

– Olá, senhor agente, em que posso ajudar?

O sargento disse-lhe. Ela conseguia imaginar a expressão do sogro a azedar com a mudança de tom.

– Certo, eu vou buscá-los.

O sargento entregou-lhe o telefone, e ali estavam os seus filhos. Lindos, radiantes. Preocupados.

– Mamã, estás com tãoooooo mau aspeto – disse o filho.

Ela riu-se, e doeu-lhe. Chorou, e ardeu-lhe.

– Não chores, mamã!

– É só por estar tão feliz por vos ver aos dois.

– O teu olho está todo preto. Pareces um guaxinim. – A filha dela semicerrou os olhos para ver melhor as nódoas negras e o penso no olho. – Metade guaxinim, metade pirata.

– Sim! Uma pirata guaxinim – concordou o filho, como se fosse entusiasmante, um grande elogio.

– É isso mesmo, sou a mamã pirata guaxinim. – Tocou levemente na ligadura sobre o olho. – Como estão vocês? Tenho tantas saudades vossas!

– Quando é que nos vens buscar?

Os olhos da filha desviaram-se para o lado. Ela teve a certeza de que o sogro estava ali ao lado, carrancudo por ouvir a menina fazer tal pergunta.

– Assim que sair do hospital, vou buscar-vos. Prometo. Estou a esforçar-me muito para melhorar.

– Está bem, mamã.

– Como é que vocês têm estado? Sentem-se bem?

– Sim! Temos uma *babysitter*. Ela é muito simpática. O cabelo dela é tão comprido.

– Gostam dela?

– Sim. Ela brinca às famílias. E fizemos bolachas. Ela tem Legos!

– Isso é maravilhoso, meninos. Têm-se portado bem com o Vô?

As crianças olharam uma para a outra.

– Temos tentado – disse a filha, depois sussurrou junto ao ecrã. – Mas é difícil sermos suficientemente silenciosos.

Aposto. Aposto que aquele homem vos quer quietos. Invisíveis.

– Está bem. Continuem a esforçar-se para se portarem bem. Eu sei que pode ser difícil. Têm tido às aulas à distância?

– Sim – disse a filha. – A *babysitter* ligou-nos esta manhã. E agora é pausa! – Fez um breve silêncio antes de acrescentar: – Eles dizem que ele não é real?

– Quem?

– O Vô, os polícias.

– Dizem que quem não é real?

– O Homem do Canto.

– O Vô diz que o monstro é uma fruta – disse o filho. Estava a fazer caras engraçadas, e, pelo ângulo dos olhos dele, ela percebia que o menino estava a olhar para a própria imagem no canto do ecrã, fazendo caretas para se entreter.

– Um *fruto* – corrigiu-o a irmã. – Um *fruto* da imaginação.

– Oh, meus amores, lembram-se? Nós falámos sobre isto. Não havia nenhum fantasma, nenhum homem dos pesadelos. Nenhum monstro. O Vô tem razão. Era apenas uma pessoa.

– Ele é uma fruta – insistiu o seu filho. – O Vô disse. – E depois, inclinando-se para mais perto, disse, segredando: – Mas pode ser um fantasma, mamã, porque a polícia diz que ele nem sequer tem pés!

O olho dela parecia-lhe inchado ao ponto de poder rebentar através da ligadura, e ela questionava-se se lhe estava a ser tão difícil compreendê-los devido às suas lesões ou às dificuldades habituais de tentar fazer as crianças focarem-se, comunicarem bem pelo telefone.

– Desculpa, amor, porque é que estás a falar de pés?

Agora, a menina olhava para outro sítio que não o ecrã, e ela teve a certeza de que o sogro estava a fazer algo para chamar a atenção da sua filha. O nervosismo visível da rapariga era contagioso, e ela gaguejou.

– Sabes que mais? Deixa lá. Não te preocupes com isso. Não havia nenhum Homem do Canto, está bem? Apenas um homem, a falar com uma voz assustadora.

– Há uma senhora que quer saber tudo sobre nós. – O filho voltou a fazer caretas distraídas, olhando para a sua própria imagem no telemóvel.

– A *babysitter*?

– Não, uma senhora de pele escura. Ela deu-me caramelos!

– Deu-nos caramelos a *ambos* – disse a filha.

Talvez o seu sogro tivesse uma namorada. Alguém com curiosidade acerca dela. Mas... namorar uma senhora de pele escura? Para aquele homem, seria como se nevasse no inferno. Uma polícia a fazer perguntas, talvez? A assistente social que o sargento referira?

Ficou a olhar especada para aqueles lindos rostos.

– Mal posso esperar por vos abraçar – disse-lhes.

– Vens para casa em breve?

– Sim, meu amor. Estou a esforçar-me muito para melhorar, e depois estaremos todos outra vez juntos em casa.

– O papá não voltou – disse a menina.

Os garotos baixaram os seus grandes olhos, partindo-lhe o coração. Leu-lhes nos rostos o medo de ela lhes ter sido arrancada, de desaparecer na vastidão do hospital como o pai deles, de regressar apenas como memória e cinzas, um espectro desejado assombrando os bosques.

– Eu... eu peço-vos muitas desculpas por estar longe de vocês.

A sua voz estava estrangulada, fraca.

Isto não é sobre ti. Eles precisam de saber que não vais desaparecer.

Aclarou a voz.

– Lembram-se de quando estávamos no esconderijo e eu disse que voltaria?

As suas cabecinhas acenaram, rostos pequenos presos a ela através do ecrã.

– E eu voltei, não foi? Isto é igual. Estou a fazer tudo para voltar para ao pé de vocês. E depois estaremos juntos. Está bem?

– No Natal? – perguntou o filho.

Que dia é hoje? Em que dia é o Natal?

A filha dela percebeu-lhe a confusão no rosto.

– O Natal é depois de amanhã – disse a menina. – A mamã não está suficientemente bem para estar connosco nesse dia.

– Vamos perder o Natal? – O rosto do filho começou a desfazer-se, à beira das lágrimas.

– Oh, não, querido, vamos ter Natal! Eu... eu não vou conseguir estar convosco. Mas teremos um Natal mais tarde, está bem? Será especial, porque terão dois Natais. Um com o Vô, outro comigo, está bem?

– Mas... e o Pai Natal?

– Não te preocupes com esse tipo. – Acenou sabiamente, tanto quanto as suas lesões permitiam. – Se ele sabe quando é que vocês estão acordados, e se se portaram bem, certamente também sabe que a vossa mãe está no hospital e que tem de vir um pouco mais tarde, certo?

O rosto do seu filho iluminou-se com este lembrete da onisciência do Pai Natal.

– Está bem, mamã. Eu...

Viu-se um assomo do queixo e da bochecha do seu sogro, e depois o vídeo desligou-se. Ela devolveu o telefone ao sargento e recostou-se na almofada, atordoad.

– Ele desligou – disse ela.

– Pois desligou...

– Obrigada. Ele nunca teria... Obrigada.

Depois de tudo aquilo, tudo aquilo, nem sequer podes abraçá-los. Este será o primeiro Natal deles sem ti.

Virou-se para o lado oposto ao do sargento para esconder as lágrimas, limpando-as com o canto do cobertor.

— Acha que consegue responder agora às minhas perguntas? – perguntou o sargento.

Ela notou que o outro polícia, de aspeto jovem, estava sentado perto da porta. Ergueu-lhe a mão e ele retribuiu o gesto.

– Gostávamos que nos relatasse tudo aquilo de que se lembra.

– Tem a certeza de que ele não voltará? Atrás da minha filha? – perguntou ela.

O sargento esfregou a têmpora, como se a pergunta o incomodasse.

– Ora bem, minha senhora. Pode explicar-me por que razão está tão focada nisso?

– O Homem do Can... Aquele homem invadiu a minha casa por causa da minha filha.

– Pode explicar por que razão acredita nisso?

– Ele foi estranho com ela. Na loja de sanduíches. E mencionou-a muito especificamente quando estávamos escondidos.

– O que disse ele exatamente naquela noite?

– Ele como que... chamou por ela? «Menininha, vem cá para fora», esse tipo de coisa. E ele... – A voz dela vacilou, tentou mantê-la sob controlo, forçou uma tosse para recuperar a compostura. – Disse que era um lobo. Chamou-lhe... – Engoliu em seco, depois conseguiu dizer: – Chamou-lhe porquinha. Disse que ela seria... deliciosa.

O sargento não respondeu, o que a fez continuar a falar, mesmo não querendo.

– Parece, não sei, tolo, agora que o digo?

– Tolo? – O sargento escreveu algo num pequeno caderno.

– Só quero dizer que... parece tolo, mas foi assustador. Mesmo para mim, uma adulta, sabe?

O sargento permaneceu de novo em silêncio, mas desta vez ela também. Por fim, ele perguntou:

– E de que forma estranha é que esse homem se comportou na loja de sanduíches onde o viu pela primeira vez?

Ela mexeu-se desconfortavelmente. As recordações causaram-lhe comichão na pele.

– Ele foi... inapropriado. Chamou à minha filha princesa, querida. Não parava de olhar para ela. Ela estava com uma camisola de alças. Ele... a alça da camisola tinha escorregado, e ele pô-la no sítio. – Ela imitou o movimento.

– Foi... a... maneira como ele o fez. Eu não sei. Aquilo incomodou-me.

– Disse que isso foi em agosto.

– Sim.

– E o seu marido?

– Sim, ele estava lá.

– E o que é que ele achou?

Olhou para baixo, para as suas mãos. Obrigou-se a largar a ponta do cobertor que estava a torcer.

O sargento chegou a achar que tu eras capaz de matar os teus filhos e de os esconder na parede. Não deixes que ele saiba que o teu marido achou que estavas a exagerar.

– Ele concordou que o tipo era arrepiante.

– Esse homem parecia ameaçador?

– Quando ele lhe mexeu na alça? Parecia. A mim, pareceu-me.

– E como é que o seu marido reagiu a isso?

– Ele não se apercebeu.

O rosto e o tom do sargento tornaram-se neutros.

– Não se apercebeu?

– Não. Acho que... calhou ele estar a olhar para o lado oposto.

O sargento voltou a escrever qualquer coisa no seu caderno.

– Mais alguma coisa de que se lembre?

– Ele... ele levou o nosso recibo da mesa. Devia ter o nome do meu marido. Talvez tenha sido assim que nos encontrou...

O sargento tamborilou no braço da cadeira.

– Quando ele entrou, disse que ele foi direto ao seu quarto, certo?

– Sim.

– Mas ainda assim pensa que ele ia atrás da sua filha.

– Sim.

Os olhos dele estreitaram-se.

– É uma coisa bastante extrema assumir que ele ia atrás de uma menina pequena.

– É? Pergunte às mulheres que conhece como é que foi ser uma menina pequena.

Uma nuvem negra passou sobre o sargento. Desvanecida.

– Não acha que o comportamento deste homem no restaurante poderia ter sido inocente? Que poderá tê-lo interpretado mal?

– Quer dizer, é possível. Mas foi suficientemente estranho para me ficar

na memória.

– Compreendo – disse ele, mas a sua expressão lembrava-lhe o ex-namorado da universidade, cético em relação à forma como ela via o mundo.

– Nem todos os homens são bons homens – disse ela.

– Certo. – O sargento assentiu. – É justo. Quando o viu na loja de sanduíches, ele trazia máscara?

– Sim.

– Mas está confiante de que o homem que viu em sua casa e esse gerente do café são a mesma pessoa?

– Sim.

– A cem por cento?

Porque é que, se alguém te perguntar a mesma coisa vezes suficientes, acabas sempre por duvidar de ti mesma? É claro que não estás cem por cento segura.

– A cem por cento – mentiu. – E é por isso que preciso de ter a certeza de que estão a protegê-la, de que ele não está ainda...

O sargento ergueu uma mão cansada para a interromper. Pôs de lado o seu caderno.

– Minha senhora – disse –, mesmo com tudo o que acabou de me dizer, o que eu lhe disse continua válido. É improvável. Um familiar, um cônjuge abusivo, um parceiro rejeitado – são essas as pessoas que continuam a perseguir as suas vítimas. Mas uma pessoa que invade uma casa? Não volta atrás. Sabe que seria apanhada. Por isso... acredite em mim quando digo que a sua filha está segura. Não precisa de continuar a visitar isso.

Só porque é improvável, não significa que não possa acontecer. Tudo por que acabaste de passar era improvável.

– Ele era... aterrorizador. E por isso quero ter a certeza de que ela está segura, que estão de vigia, que...

– Estamos de vigia, minha senhora. Ela está segura. Eles estão seguros.

O rosto do sargento mostrava-se duro, sem espaço para questionamentos.

– Está bem – disse ela.

Claro que não estão seguros. Tens de sair daqui.

– Muito bem. Porque não começamos com a hora a que se deitou na noite em que lhe invadiram a casa? – perguntou o sargento.

Ela fechou o olho, recostou-se.

Tens de ajudá-los a apanhá-lo.

– Minha senhora?

Tu consegues fazer isto. O que é que interessa que o teu sogro ache que estás a inventar? Que é tudo uma «fruta»? Ele que se lixe.

– Está bem, está bem – disse ela.

Lentamente e com confiança, guiou o sargento e o polícia jovem através das memórias fragmentadas a que ela cuidadosamente retirara o terror e remontara para tentar separar os factos do pânico. Tentou manter o seu relato

linear, mas o sargento insistia em círculos, pedindo-lhe para repetir coisas, as mesmas perguntas vezes sem conta. Ela descreveu o Homem do Canto uma vez, duas vezes, uma terceira vez. A aparência dele ao cimo das escadas. O que ela viu através da grelha de ventilação. Tinha a certeza acerca da camisola? Da arma? Dos sapatos? E como poderia ter a certeza? Não estava escuro, não estava ele longe? Como eram as luvas dele? A arma? Ela voltou a imitar o movimento da arma. Tentou reproduzir o som.

A memória daquele ruído penetrou-lhe na espinha, mesmo através das suas dores.

Tentou não se encolher quando o sargento lhe pediu para justificar os seus falhanços, e depois justificá-los novamente. Porque é que não fora direta ao carro, à pistola, ao telefone, a uma arma? Por que razão não levou as crianças consigo? Porque é que estava tão magra? Normalmente usava lentes de contacto ou óculos? Como conseguira adormecer no esconderijo, sendo tudo tão assustador? Como é que batera com a cabeça? Sentira tonturas? Perdera a consciência? Como é que se magoara tanto no bosque, apenas a correr ao longo de um trilho? Estava segura da sua descrição do intruso? Eram muitos pormenores para alguém que vira apenas durante uns segundos. Porque é que não o reconheceu imediatamente, se estava tão certa de que era o homem do café?

Cada pergunta decepava-lhe a confiança, realçava o quão ilógica havia sido; cada explicação que dava parecia terrivelmente insuficiente. O seu cérebro estava a ficar cada vez mais confuso, alagado em perguntas sem resposta.

Ele tem razão, é estranho, não faz sentido, a tua memória está confusa. Cometeste tantos erros, porque é que não pensaste? Como pudeste adormecer? Porque demoraste tanto tempo a reconhecê-lo?

Não, não tinha em casa medicamentos receitados. Não, não tinha drogas ilegais.

Mesmo as coisas que pensava ter feito bem, em que fora esperta, eram difíceis de explicar. O sargento fez com que descrevesse detalhadamente a forma como levava tão depressa os filhos para o esconderijo. Fê-la repetir várias vezes a ordem das coisas em que pegara, e quando (boneca fofinha, água, filho, filha, coelhinho rosa, manta, almofada). Os filhos do sargento não conseguiam ficar calados durante cinco minutos, como é que os dela o haviam conseguido durante horas? Ela não sabia que o casaco de peles estava naquele sítio? Bem, que sorte!

O interesse do sargento voltava recorrentemente ao Homem do Canto e à sua voz assustadora. Em cada reviravolta das suas perguntas estava a estranheza central do comportamento dele, das palavras.

– Porque é que este tipo estaria a falar em voz alta? Porque é que ele vos deixaria saber que estava a caminho do sótão, por exemplo? – perguntou o sargento.

Porquê? Porque é que ele faria tais coisas?

Ela engoliu em seco, a garganta apertada. O sargento olhava para ela da mesma maneira que olhara quando lhe disse:

– Porque não nos mostra onde pôs as crianças?

As suas mãos começaram a tremer como no esconderijo, enquanto um pensamento lhe percorria o cérebro como fogo.

Não é que ele te culpe. Não acredita em ti. Não acredita em nada do que estás a dizer.

Engoliu, como se pudesse livrar-se dessa percepção empurrando-a para baixo.

– Como eu... como eu disse – respondeu, hesitante, agora que o sargento se tinha transformado em alguém a quem ela tinha de provar coisas, em vez de alguém que provaria coisas por ela. – Penso que ele estava a tentar assustar-nos. Queria que fizéssemos barulho, nos denunciássemos, ao soar assustador e dizer coisas suficientemente assustadoras para assustar as crianças.

O olhar fixo do sargento fê-la contorcer-se.

Ele quer perturbar-te. É isso que os polícias fazem. Limita-te a contar-lhe as coisas tal como aconteceram. Não importa quão estranhas possam parecer. Tens de fazê-lo compreender.

– Também parecia acreditar no que estava a dizer... Ele quase que o explicou. Achava que devia ter (merecia) tudo o que conseguisse alcançar. Porque é, de alguma forma, superior. Pode ignorar as regras, ultrapassá-las, disse, e reclamar para si o que quer que seja ou quem quer que seja. O desprezo era... conseguia-se senti-lo. Como se não fôssemos seres humanos para ele. E aquela voz...

Voltou a impedir as suas mãos de agarrarem e soltarem o cobertor.

– Sim. Foi assustador. Ele queria que fosse.

– Os seus filhos... têm muitas ideias. Eles parecem pensar que este «Homem do Canto» era um monstro, ou algo de um pesadelo. Ou um fantasma.

Os miúdos sabem. Os miúdos estavam lá. Ele tem de acreditar, uma vez que somos três.

– Sim. A voz assustadora que ele usou foi confusa.

– Como é que soava?

Metal e dentes. Unhas farpadas raspando em ardósia. Palha de aço a esfregar uma panela.

– Enrouquecido, acho? Como nós fazemos quando estamos a ler em voz alta às crianças e queremos soar como o vilão.

– Então ele estava a representar.

– Podemos dizer que sim. E aquilo acabou por se desmoronar. Ele apercebeu-se de que a casa tinha de ter um sótão. Ficou entusiasmado com isso, pensou que nós estávamos escondidos lá em cima. E quando ele se entusiasmava, soava mais normal, sabe? Era tudo fachada.

O sargento fez um sorriso sardónico que ela conseguiu perceber mesmo

através da máscara de papel.

– Acha que ele tinha múltiplas personalidades?

– Isso não é falso? Não é só uma coisa de filme?

O sargento encolheu os ombros.

– Acha que ele era maluco? A falar com alguma voz na cabeça dele?

Distraidamente, ela passou um dedo pelo percurso da dor mais profunda do seu crânio.

– Quero dizer, poderá alguém que faça isso ser considerado totalmente normal? Mas era mais assustador do que se ele fosse louco. Aquilo parecia calculado. Como se ele tivesse planeado exatamente o que estava a fazer. E isso assustou-me. – Pensou durante um bocado. – Ele disse que a casa o incomodava. Algo sobre estar a ranger. Ter demasiadas portas. Mas isso não o torna louco, acho eu. Há muitas pessoas que têm medo da minha casa. Pensam que está assombrada por ser velha.

– E não se considera supersticiosa? – perguntou o sargento.

– Não.

– Dizem que há tantas pessoas neste país a acreditar em fantasmas como em Jesus – disse o sargento, escrevendo no seu caderno.

Doía-lhe a cabeça. O olho dela tornava tudo leitoso.

– Acho que Deus e os fantasmas são igualmente credíveis – murmurou ela.

A cabeça do sargento levantou-se, com os olhos a estreitarem-se.

– Desculpe?

– Não me leve a mal, eu só quis dizer... que a religião é uma crença no sobrenatural, também. Algo além da nossa compreensão.

Descuidada. Ofendeste-o.

Os olhos do sargento mostravam-se cortantes por cima da máscara.

– Acho que não seria possível a senhora acreditar em fantasmas e viver naquela casa – disse.

Ela voltou a aperceber-se de estar a torcer a ponta do cobertor como se o fosse desfazer de tanta preocupação.

– Ele... ele citou a Bíblia. Aquela parte sobre as mulheres aprenderem na submissão? A minha avó era religiosa, e foi ela quem me criou, por isso reconheci...

O sargento fez um aceno desvalorizador, e ela calou-se. Entregou-lhe um papel com o esboço de uma planta básica da casa dela. Outro com a propriedade toda.

– Isto parece-lhe correto?

O seu eu profissional franziu o sobrolho. Proporções erradas, linhas desconexas. Faltam etiquetas, não há qualquer pormenor.

Apontou para o lápis dele. Ele entregou-lho e rodou a mesa de hospital que ela usava para as refeições, de modo a que ficasse suspensa sobre a cama. Ela desenhou linhas rápidas, escreveu palavras adicionais.

– Tome.

– Hã, ora esta. Assim está melhor.

Percorreram o mapa. Ela marcou os pontos em que tinham ouvido passos. Onde sabia que o Homem do Canto passara. Os objetos de valor que a polícia encontrara foram listados, as suas localizações anotadas no mapa – joias, cofre, munições, o telemóvel dela, os computadores. Não lhe parecia que estivesse nada de óbvio em falta. Seguiram o rastro da sua fuga através dos bosques. Puseram letras x sobre o cemitério e sobre um ponto no trilho marcando o local onde ela achava que tinha sido ferida.

– Acha que ele a seguiu para fora de casa?

– Naquela noite, tive tanto medo que pensei que ele me poderia ter seguido, mas não. Em retrospectiva, acho que não o fez.

Como é que não tens a certeza? Devias saber isso. Não te lembras?

– Então. – O sargento consultou o caderno. – Ouviu este homem, por alguma razão, dizer em voz alta que se estava a dirigir para o sótão. Decidiu ir pedir ajuda. Como é que as crianças reagiram?

O sargento recostou-se na cadeira, mas os seus olhos fixaram-se nela, famintos como os de um leão-da-montanha. Ela sentiu-se agoniada, com a certeza imediata de que as crianças lhe tinham dito que ela as empurrara. Que as magoara.

– Os miúdos estavam perturbados, não queriam que eu me fosse embora.

– Mas foi-se embora. Como é que isso aconteceu?

Ele já sabe. Então, conta-lhe como foi.

– Eu disse-lhes que ia procurar ajuda. Eles ficaram aterrorizados. Foi horrível. – Pestanejou para reter as lágrimas. Limpou o olho com o canto do cobertor enrolado na sua mão. – Tive de afastá-los de mim. Não parava de pensar que aquela talvez fosse a última recordação que eles teriam de mim, e que se lembrariam de mim a enxotá-los. Tinha de os fazer ouvir-me. Fazer com que me deixassem ir.

O sargento acenou com a cabeça, tomando notas.

– Empurrou-os? Fisicamente? Com as mãos?

– Sim. Eles não me largariam se assim não fosse. Foi...

– Um deles mordeu-lhe.

Não era uma pergunta. Ela hesitou, tinha-se esquecido dos dentes do filho na palma da mão dela, uma coisa tão pequena comparada com toda a dor subsequente.

– Ah, oh, não, isso foi, isso aconteceu quando tapei a boca do meu filho, quando ele acordou. O Homem do Canto ao subir as escadas fez muitíssimo barulho, e isso acordou o meu filho. Ele mordeu-me.

– O Homem do Canto? – O sargento arqueou uma sobrancelha.

Estúpida, tão estúpida, porque é que disseste isso?

– Desculpe. Os miúdos chamavam-lhe isso...

– Tudo bem. – O sargento recostou-se de novo na cadeira, mas ela ficou tensa. Algo na sua casualidade parecia fingido. – Bebeu alguma coisa nessa noite? Álcool, quero dizer.

Lembrou-se de estar sentada nas escadas da cozinha, depois da meia-noite, dois dias após a queda do marido, a beber vinho diretamente da garrafa e a olhar para o sangue meio limpo. O vinho era a única coisa que ela consumira desde a morte do marido que conseguia saborear totalmente; os seus sentidos haviam ficado dormentes com a perda. Sentia-se sóbria, dececionantemente sóbria, até que se levantou. O desequilíbrio da embriaguez envolveu-a e ela mal conseguiu agarrar-se ao corrimão quando caiu. Deslizou por um degrau, apenas um, com o cóccix a embater com força. A garrafa de vinho caiu e foi parar não muito longe da mancha de sangue.

Chegou à casa de banho a tempo de vomitar. Esteve doente durante horas, vomitando sempre que pensava no que quase tinha acontecido. Desde então, só pensar em álcool fazia-a sentir o sabor do estômago.

– Não, não bebi nada. Deixei de beber depois da morte do meu marido.

– Deixou completamente?

– Sim.

– Então, tem a certeza de que não bebeu álcool nessa noite?

Parecia-lhe que devia haver ali uma rasteira naquela pergunta repetida sobre o álcool, mas não conseguiu encontrá-la. Ela não tinha bebido nada.

A não ser que a tua mente se esteja a proteger selando alguma coisa, como disse o psiquiatra.

– Eu não bebi nada – disse.

Sentiu a dor daquela queda de há uns meses, e percebeu que tinha passado demasiado tempo sem carregar no botão vermelho. A dor era o preço a pagar pela clareza de raciocínio, mas isso estava a começar a mudar. O quarto estava a encolher até aos seus ferimentos. O seu coração batia numa longa linha que lhe descia pela testa e circundava a órbita ocular.

– Minha senhora?

– Desculpe. Dói-me a cabeça. O que estava a perguntar?

Porque é que ela tinha feito uma coisa e não outra? Porque é que ela foi por este caminho e não por aquele? Marcas de identificação? Porque eram a expressão «facilzinho-favorzinho», a *T-shirt* tão importantes para reconhecer o homem? Não tinha ela visto a cara dele? Isso não era suficiente? Tinha ela a certeza de ter visto o telemóvel dela no bolso do homem? Descreva-o novamente.

Viu um pequeno objeto preto na mesa ao lado do sargento.

– O que é isso?

– É o gravador. Deu-nos autorização para gravar esta entrevista.

Procurou na memória, não se lembrava de nada relacionado com qualquer gravação.

– Oh. Certo.

– Lembra-se disso?

– É só que... a minha cabeça – disse ela. – Dói-me.

– Está bem? Está pálida. – Um rastro de embaraço cor-de-rosa espalhou-se pelas bochechas dele. – Não... pálida... obviamente, com a sua, quero

dizer. Pele? Só quis dizer que não está com bom aspeto.

– Não me estou a sentir muito bem – sibilou ela por entre dentes doridos.

– Hum. Bem. Vamos voltar a quando...

A fenda no seu crânio estava a aumentar. Cerrou o maxilar, o seu olho era um tambor tenso e sangrento percutindo sob a ligadura.

Eles não acreditam em ti.

Carregou no botão vermelho e começou a desligar-se, ouviu-se a murmurar:

– Ele passou por cima.

Quando acordou, já o quarto estava vazio, levou a mão instintivamente à mesa de cabeceira para pegar no telemóvel. Numa onda confusa, ganhou consciência e sentou-se. O sargento tinha dito que o telemóvel era uma prova, perguntou-lhe se ela tinha a certeza de o ter visto no bolso do Homem do Canto. E o telemóvel dela estava na lista de valores, com uma anotação de que a polícia o encontrara na mesa de cabeceira do quarto dela. O que significava... o quê? Que o Homem do Canto o voltara a pôr no lugar?

Porque é que ele faria isso? Ou... equivocaste-te? Viste-o mesmo? Será que ele o levou mesmo?

Ficou acordada durante horas, reorganizando as peças do *puzzle* da sua memória para tentar encaixar este novo facto, pensando e preocupando-se com o que mais lhe poderia ter escapado.

A assombração começou duas semanas após a morte do marido.

Ao passar pelas janelas da sala, sentiu o olhar penetrante do leão-da-montanha, o lento abrir da sua boca dupla. O vidro enrugado revelou um lampejo de movimento, uma figura deslizando por trás do tronco da árvore preferida do marido, o antigo pinheiro maciço que se erguia na extremidade do pasto. Saiu apressadamente para a rua, de braços cruzados para se proteger do frio, em busca de outra perspectiva.

Mas só encontrou o pasto vazio, o balançar da relva e das árvores.

Depois disso, começou a aperceber-se lentamente de uma sequência de inexplicabilidades.

As crianças brincavam no baloiço atrás dela e ela observava o caminho da floresta. Algo parecia diferente. Agachou-se, examinou a terra, macia após o derretimento da neve. Teve a sensação de muitos pés terem por ali passado. Levantou-se de súbito, sentindo-se ridícula, reconhecendo-se a imitar os rastreadores que vira em filmes.

A pedra a fingir com a chave escondida não estava no seu lugar habitual, junto à porta. Avistou-a ao lado do monte de lenha, a um metro e meio de distância. Devolveu-a ao sítio onde melhor se camuflava entre as outras pedras de tamanho semelhante.

– Não mexam na pedra da chave – avisou às crianças.

– Eu não mexi.

– Eu também não.

– Tudo bem. Só... não lhe mexam.

– Está bem, mamã.

Enquanto observava as crianças a tomarem o pequeno-almoço, a filha fitou-a, hesitante.

– O que foi?

– Eu acho que vi... eu vi um homem outra vez. A olhar para mim, dali.

Apontou para fora da janela, na direção do velho pinheiro.

- Outra vez? Quando?
- Na noite passada. Quando estavas a dormir.
- Amor, porque é que andavas a passear pela casa a meio da noite?
- Acordei, foi só isso. Estava na escada. Vi-o pela janela.
- Estavas sonâmbula?

Porque é que o monitor de vigilância não te acordou para a ajudares? Se calhar não acordaste. O que é que se passa contigo?

– Acho que sim. Mas, talvez fosse o papá... O papá sempre gostou daquela árvore.

O coração dela inchou, compreendendo aquela esperança.

– Meu anjo, não era o papá. O papá já não está connosco. Tu sabes, meu amor.

Mais tarde, inspecionou o transmissor do monitor. Estava desligado. Voltou a ligá-lo. Disse à filha:

– Amor, por favor, não desligues o monitor. Se estiver desligado, eu não acordo quando tu andares pela casa durante a noite.

– Não o desliguei, mamã.

– Eu sei que és uma menina crescida. Eu sei que és responsável. Mas é perigoso se estiver desligado.

– Não o desliguei. Não fui eu.

Talvez tenhas sido tu e te tenhas esquecido. Talvez tenha sido o teu marido, antes. Talvez ele tenha achado que não era necessário por já ter passado tanto tempo desde o último episódio de sonambulismo. Talvez ele esteja a tentar dizer-te alguma coisa.

Tal como à sua filha, cada pequena estranheza fazia-lhe disparar o pensamento: *É ele! Ele voltou para nós.* Fora o seu marido, ainda não suficientemente sólido para usar a chave, que mexera na pedra a fingir. Fora o marido dela, tentando chegar-lhes, que se escondera atrás da sua árvore preferida, que deixara o caminho com um aspeto pisado, percorrido.

Para com isso. Estás a imaginar coisas porque estás exausta. Mesmo quando dormes, não descansas. Porque sentes a falta dele. É tão impossível que ele tenha partido, é mais fácil pensar que ele está aqui. E por causa do artigo.

Ela sabia, objetivamente, que os estranhos acontecimentos haviam começado ao mesmo tempo que o artigo no jornal da cidade fora publicado. Essa era a explicação lógica para ela e as crianças sentirem que o marido tinha sido puxado de volta para a realidade. Diariamente, ignorava *e-mails*, mensagens, chamadas e mensagens de voz de praticamente toda a gente que conheciam. A maioria das mensagens estava carregada da alegria do remetente pela sua proximidade à fama, exsudando piedade superficial pela proximidade dela com a morte. Apenas algumas compartilhavam a sua fúria, ofereciam consolo, perguntavam como estava, dado o modo como o artigo a fazia parecer.

A culpa era da galeria. Ou sua, por os ter contratado. Fartara-se de

chamadas de *designers* de interiores, feria-a a sofreguidão palpável por arte instantaneamente valorizada pela morte, as condolências impacientes. Então, quando uma galeria conseguiu chegar ao seu contacto e lhe apresentou argumentos válidos para representar o trabalho do marido, ela assinou na linha tracejada. Recordando as centenas de impressões armazenadas no escritório do marido, ela disse-lhes que claro, tinha fotos assinadas, muitas. Teve uma rara noite de descanso, pensando em como o dinheiro lhe daria tempo para arranjar mais clientes, ou até um emprego. Ainda assim, acordou nauseada por o mundo reconhecer o marido, preocupar-se com ele assim, só depois de ele estar morto. O seu único consolo era não ter absolutamente nenhuma impressão assinada. Todos aqueles abutres iriam pagar, sem saber, pela sua mão a escrever a assinatura dele.

Durante o confinamento, o marido inclinara-se para fora do seu pequeno avião para fotografar quilómetros de autoestradas vazias. Tinha imagens de Boston, Nova Iorque, Providence, Hartford, abandonadas, pós-apocalípticas.

Nenhuma dessas fotografias fora comprada.

– Vou tirá-las do *site* por agora – dissera o marido. – Mas vais ver. Quando as pessoas puderem olhar para trás e dizer «Lembram-se de quando sobrevivemos àquilo?», vão ficar interessadas. Antes disso, é demasiado cedo.

Ou talvez as pessoas simplesmente não queiram a sua casa de praia decorada com uma foto de um metro e vinte de altura de uma cidade contaminada.

O que ela dissera em voz alta, no entanto, também era verdade.

– Acho que é o teu melhor trabalho.

A galeria concordara, o representante quase a salivar graças às digitalizações que ela lhe enviou dessas peças. O artigo havia sido ideia da galeria. Apresentava citação atrás de citação do representante sobre este «novo período de trabalho mais profundo, histórico e perspicaz», juntamente com muitas especulações sobre as proezas do marido no avião para alcançar tais fotos, e lamechices em torno da perda que a morte do marido representava para o mundo artístico.

Ninguém a contactara para comentar. Mas descobriram o seu sogro. Lembrou-se do velho a cuspir «A fotografia é para raparigas. E homens que não gostam de raparigas.» Mas ali estava ele, lacrimejante, a evocar a forma como nutrira as habilidades artísticas do filho, tão evidentes mesmo quando ele ainda era apenas uma criança, pelo menos para um pai atento. Como o filho fora inspirado pelo amor do pai pelos aviões. Quão masculina ele tornara a arte ao envolver o dito avião. Uma citação, destacada do artigo em grande e negrito, atingiu-a como aquele terrível estalo na cara.

– Acho que a investigação concluirá que a morte dele não foi um acidente – dissera o seu sogro.

– Não podia pedir melhor publicidade – gabara-se o representante da galeria. – Um pouco de mistério? Um pequeno indício de crime? O seu sogro acabou de duplicar o seu património líquido. Oh, não diga isso, minha

querida, não! Tenho a certeza de que ninguém pensou que ele estava a insinuar alguma coisa a seu respeito. Sinceramente, eu presumi que tinha que ver com o avião. Oh, minha querida, sabe como é, nós dissemos-lhes para não incomodarem a viúva por causa de um artigo insignificante.

Era isso que ela era. *Uma viúva, viúva, viúva.*

Por isso, não é de admirar, dizia a si mesma. Não é de admirar, ao assinar o nome dele, ao ver o nome dele, ao ouvi-lo repetidamente – claro que parece que ele está próximo, com tudo isso.

Um grito do seu filho e ela correu para fora de casa, cheia de medo de ele se ter magoado. Lá estava o seu menino, a rir e todo sujo no chão frio de novembro por baixo do baloiço, e ela conseguiu voltar a respirar. Uma corrente pendurada, solta, o outro lado balançava com o baloiço ainda preso.

– Estás bem?

– Partiu-se, mamã, olha como estou sujo!

Examinou o baloiço, a corrente. Como era possível? O mosquetão de aparafusar que o prendia estava delicadamente desapertado, o seu fecho metálico preso na posição aberta, nada que pudesse ter acontecido a não ser deliberadamente.

– Foram vocês que fizeram isto? Desapertaram isto?

As crianças abanaram a cabeça.

– Eu estou a falar a sério. Foram vocês? Isto é perigoso.

– Não, mamã.

– Bem, alguém foi. E não fui eu, o que significa que foi um de vocês.

– Não.

– Não mintam!

– Eu não fui!

– Eu também não. A sério, mamã!

– Será que foi o papá? – perguntou a filha dela.

Os finos pelos dos seus braços arrepiaram-se com uma esperança mórbida que espelhava o tom da filha, cheio de nostalgia saudosa.

Talvez ele estivesse a tentar consertá-lo. Ele conserta sempre tudo.

– O papá nunca faria nada que pudesse magoar-vos. Não voltem a fazer isto. Por favor.

O sono era fugaz, cada rangido e gemido da casa a sobressaltá-la, arrancando-a para a vigília, deixando-a de olhos abertos, preocupada com o dia seguinte, e o dia depois desse, e tudo o que ela devia ter feito melhor. Após o incidente com o vinho e as escadas, não ousava beber para dormir melhor. Sozinha em casa com as crianças, nunca tomaria um comprimido. Quando o ruído branco deixou de fazer fosse o que fosse além de a irritar, tentou usar tampões para os ouvidos, que lhe permitiam adormecer mais facilmente, deixando, ainda assim, que ouvisse o som do monitor de vigilância.

Quando conseguia adormecer, havia apenas três coisas que a faziam acordar.

Primeiro, as crianças, sonâmbulas, a cutucá-la, assustadas.

Segundo, as suas pálpebras a abrirem-se de repente, a mente constrangida com perguntas aterrorizantes e respostas sombrias: *Durante quanto tempo podes continuar a falsificar a assinatura dele de forma credível? Há alguma forma de imprimir mais fotos sem que ninguém perceba? As crianças vão ficar bem depois disto? Vão-se lembrar dele? Como é que vais conseguir fazer tudo isto sozinha? Como é que conseguirás passar por isto, outra vez, outra vez? Nunca mais te vais sentir normal, aprendeste isso com a tua mãe.*

E terceiro, acordava após um episódio de paralisia do sono. Antes da morte do marido, era afligida pelo horror desorientador desses episódios apenas uma vez por ano ou assim. Mas agora acordava regularmente, incapaz de falar, de se mexer, até de pestanejar, os olhos fixos a seguirem o homem das sombras que caminhava pela sala, um homem que não era o seu marido, que se enfiava no lado dele da cama, uma voz a escorregar-lhe por entre o som do seu coração percussor quando ele dizia «Isto tem de acontecer», e depois desaparecia. Só então ela conseguia, finalmente, voltar a mexer-se. E apesar da natureza recorrente desses pesadelos, só então conseguia perceber que o homem das sombras tinha sido um sonho.

Assim, por mais que quisesse, precisasse de dormir, por vezes o terror inevitável de acordar significava que não dormia de todo.

No final de novembro, dois veados pararam no pasto nevado, imóveis e a olhar para a floresta. Um deles afastou ligeiramente as pernas da frente e sibilou de uma maneira que ela não sabia ser possível a veados. Esperaram e depois correram juntos na direção oposta àquilo a que haviam sibilado. Ela saiu para a rua e olhou para a floresta à procura da fonte da sua apreensão. Viu apenas o entrelaçar de ramos sem folhas.

– Onde está o teu chapéu? O novo, vermelho? Se vais lá para fora, precisas de um chapéu.

– Não sei, perdi-o.

– Primeiro as luvas, depois o macaquinho, agora o chapéu? Tens de tomar conta das tuas coisas.

– Eu tomo, mamã, eu tomo! Só que elas continuam a desaparecer.

Tudo parecia fora do sítio. Tudo parecia tocado por mãos invisíveis.

Sabia que, à superfície, fazia coisas. Assinava fotografias. Enviava e-mails a antigos clientes, desesperada por aumentar o seu fluxo de trabalho. Levava os miúdos à escola e ia buscá-los, tentando manter as coisas o mais normais possível para eles. Mas também detetava novos vazios e ossos emergindo do seu corpo, como se fosse um lago a secar. A pele pendia-lhe de forma diferente no rosto. As insónias escureciam-lhe as ideias, deixando-lhe um zumbido na cabeça. Era como se o luto fosse uma coisa que ela engolira, um verme parasita que não deixava espaço para comida, para um funcionamento adequado, para qualquer coisa além de si próprio.

O sargento apareceu-lhe outra vez à porta um mês depois da morte do

marido. Ela fez café, enquanto ele se sentou à mesa da cozinha. Ela reparou que ele escolheu a cadeira mais afastada das escadas.

Ponderou contar-lhe sobre todas as coisas estranhas. Talvez tivessem alguma relevância. Mas um chapéu desaparecido, o monitor do bebê desligado, o mosquetão desaparefuso, veados a sibilar?

Não, vais parecer louca. E, mesmo que não parecesses, nada disso é assim tão importante.

– Está bem?

– Sim e não – disse ela. Vendo a preocupação dele, alisou o cabelo, forçou um sorriso, e perguntou. – Estou assim com tão mau ar?

Ele lançou-lhe um olhar de pânico. Pela primeira vez, ela achou-o completamente decifrável. Ele pensou que ela estava a ser coquete, a flertar, e estava claramente horrorizado.

Aquela era a primeira coisa que ela se lembrava de achar divertida desde que o marido tinha chamado às bruxas-espantalhos «um grupo fixe» no Halloween.

– Não diria mau ar. Apenas... hm. Parece cansada. – Aclarou a voz, evitou os olhos dela. – Sabe, a minha *esposa*... – Disse a palavra tão enfaticamente que ela reprimiu um sorriso; pensou: *Sim, debes estar mesmo, extremamente, com péssimo ar.* – A minha esposa diz maravilhas de um certo tipo de chá para ajudar a dormir. Vou ter de lhe perguntar qual é para lhe dizer. Ela é muito boa com essas coisas. Remédios à base de plantas? Óleos essenciais e coisas do género? Faz a sua própria pesquisa. Nada de químicos e essas coisas.

Ela sentiu a sua expressão a tornar-se vazia. Perguntou-se se o sargento entendia o código das coisas que estava a dizer, se entendia que lhe estava a fazer saber que os seus mundos eram irreconciliáveis.

Serviu uma chávena de café, empurrou-a na direção do sargento. Ele tirou a máscara para beber, e ela apercebeu-se de que era a primeira vez que lhe via o rosto. Era exatamente como ela imaginara que seria. Nariz romano, queixo quadrado, barbeado, bonito. Um verdadeiro Capitão América. *Não é o teu tipo, de todo*, pensou, um pico de luxúria inadequada ao contexto, maior ainda se ela pensasse na rusticidade do seu marido, no seu nariz torto, no seu peito largo, nos seus olhos líquidos e escuros, nas suas sardas.

Serviu uma chávena de café para si mesma e deu um gole. Sentiu o calor zumbir diretamente do seu estômago vazio para a cabeça.

– O seu sogro – disse o sargento – deixou-nos com algumas preocupações.

– Ah, sim? – Sentou-se na extremidade oposta da mesa, as pernas enfraquecendo com a certeza de que aquilo ia ser sobre o crime insinuado no horrível artigo.

– Sim. Disse que não se falam. Porquê?

– Ele não lhe disse?

– Disse, mas gostaria de o ouvir de si.

Ela deu outro gole no café. Fez uma pausa para esboçar um diagrama mental da pequena família do marido, reduzi-la às suas essências.

– Eu cuidei da minha sogra enquanto ela esteve doente, no ano passado. O meu marido estava demasiado assustado para vê-la assim, e aquele homem? Não se dava ao trabalho. Agia como se o cancro dela fosse principalmente um incómodo que ela lhe estava a impor. Não que ela ajudasse nesse sentido. Pedindo desculpa por estar doente. Culpando-se sempre por tudo. Ela morreu cerca de quatro meses depois de termos vindo para cá para ajudar. Fui eu que a encontrei. Dei a notícia ao meu sogro. Ele bateu-me na cara. Aqui mesmo. – Deu uma palmadinha na bochecha. – Bateu-me com força suficiente para me atirar ao chão. Por isso, não, não nos falamos. E não tenho interesse nenhum em voltar a vê-lo.

Os olhos azuis do sargento fitaram-na, firmes e diretos.

– Apresentou queixa?

– Não. Limitei-me a afastar-me da vida dele com o meu marido e filhos.

– Bebeu um longo gole de café. – Foi esta a história que ele lhe contou?

– Não.

– Disse que me tinha batido?

– Não.

– O que é que ele disse?

– Que achava que a senhora estava a tentar criar um afastamento entre ele e o filho, ao não falar com ele. Disse que estava atrás do dinheiro.

Ela riu-se, sarcasticamente, e abanou a cabeça.

– Ele deixou bem claro, desde que eu e o meu marido ainda andávamos na universidade, que não nos ajudaria financeiramente de forma alguma. Não aprovava que o meu marido seguisse Fotografia. Por isso, não tínhamos expectativas nesse sentido. E não precisámos de nada dele.

– Então, financeiramente, está... confortável?

– Sim – respondeu, sem saber se era verdade, sem certeza de conseguir fazer tudo, tentando convencer-se. – Nos nossos primeiros anos de casados, eu ganhava três vezes mais que o meu marido, facilmente, enquanto ele tentava abrir caminho no mundo da arte. Conseguiu, e depois de algum tempo teve sucesso. As fotografias dele têm sido a nossa principal fonte de rendimentos nos últimos cinco anos ou mais. Agora que ele partiu, vou ter de me orientar. Mas tenho clientes. Poupanças. – Manteve a voz calma enquanto pensava nas assinaturas falsificadas nas fotos do marido, acrescentando: – E ainda há muita arte do meu marido para vender.

– Não há nenhum seguro de vida?

Ela encolheu os ombros.

– Eu tenho alguma cobertura, mas ele não tinha. Ficava demasiado caro por causa de todos os voos que ele fazia naquele maldito avião, tão pequeno. Queriam excluir tudo da apólice, ao ponto de não nos parecer valer a pena pagar fosse o que fosse.

– Compreendo.

– Afinal, acho que devíamos ter feito o seguro de qualquer forma, já que o avião não teve nada que ver com o caso. – Fez uma pausa. – Preocupava-me o tempo todo que aquele avião o matasse. Parece ridículo, agora.

Os olhos do sargento penetraram-na, inquisitivos, até dizer, por fim:

– O seu sogro acredita que foi *a senhora* quem o matou. Que empurrou o filho dele pelas escadas abaixo.

Mesmo estando preparada para aquilo, tinha as mãos a tremer.

– Jesus – disse ela, surpreendida com o impacto de ouvir aquilo dito em voz alta, prova de que o sogro pensava aquilo dela. Secou as palmas suadas na camisa. – Viu aquele artigo? Sobre o meu marido? Ele disse qualquer coisa que implicava que era isso que pensava. Ele odeia-me mesmo. Acha que sou... desfigurada.

Desviou os olhos para o sargento, para ver como ele reagia. Mas ele regressara ao seu estado normal, expressão impenetrável.

– Disse que vocês andavam com problemas. Problemas matrimoniais.

Ela abanou a cabeça.

– O nosso único problema era ele. Ao contrário do que fez consigo, com o meu marido ele não pôde fingir que não me bateu. Por causa das nódoas negras e tudo. Mas tentou convencer o meu marido de que tinha sido minha culpa. Que eu fora má ou rude quando a minha sogra faleceu, o que era mentira. E o meu marido, bem. Pais e filhos, sabe como é... São complicados. O meu marido... ele queria encontrar uma forma de nos darmos todos bem, penso eu. E isso simplesmente não era uma possibilidade para mim. – Mordeu o lábio. – De qualquer forma, o meu sogro não teria como saber de quaisquer problemas. Ele e o meu marido não se falavam.

O sargento aclarou a voz.

– Na verdade, sim. Falavam-se. Até falaram na véspera da morte do seu marido.

Aquilo atingiu-a em cheio na barriga. Teve de se obrigar a respirar.

– Foi isso que o meu sogro disse?

– Mostrou-nos o registo de chamadas.

– Ele ligava ao meu marido?

O sargento abanou a cabeça.

– Às vezes. Mas o seu marido também lhe ligava a ele.

Esfregou as têmporas com os nós dos dedos, como se quisesse eliminar do cérebro o conhecimento daquela traição. Imaginou o marido a ligar da pista de aterragem, do carro, o veneno da voz do sogro a infiltrar-se-lhe no ouvido algures longe de casa para ela nunca o saber. E ele deve ter apagado os registos de chamadas. Não viu nenhuma chamada com o sogro quando usou o telefone do marido para receber condolências, deslizando depois, distraidamente, pelo registo de chamadas, imaginando-o nebulosamente a ligar a este ou àquele amigo.

Talvez tenha ligado ao pai para gritar com ele. Para o testar. Ver se ele pedia desculpa. Acho que nunca saberás. Porque uma coisa é certa: não

podes acreditar em nada do que o velho diz.

Tentou não chorar.

– Preferia que ele me tivesse dito que eles se falavam. A aprovação do pai era muito importante para ele, sabe?

– Para além da... tensão... com o seu sogro, mais algum problema?

Ela abanou a cabeça.

– Esse era o grande problema. Mas... quando se é casado há muito tempo, algumas coisas que achávamos encantadoras começam a ser irritantes, percebe? Ele gostava do facto de eu ser tímida. Isso permitia-lhe ser o extrovertido, o sociável. E eu gostava de como ele parecia aventureiro, a voar por aí. Mas com o passar dos anos ele queria que eu fosse mais extrovertida. Que me integrasse melhor. Eu queria que ele fosse mais cauteloso, que arranjasse outro avião. Que ajudasse mais nas tarefas domésticas. Com os miúdos.

Olhou pela janela da cozinha. Viu um pisco-de-peito-ruivo no muro de pedra, fora da sua época, gordo. Sentiu as raízes dolorosas no peito, onde a voz do marido ainda sussurrava: «Terás feito alguma coisa? Dito alguma coisa que o tenha incomodado?». Desejou desesperadamente que o marido ali estivesse para se explicar. Que ali estivesse a não ajudar nas tarefas, a insistir que o que tinha em mente era mais importante. Capaz e interessado e a tentar atraí-la para o sol. Ele diria a verdade. Ele eliminaria a erva daninha dolorosa e disseminada desta traição.

– Eu só... sinto a falta dele. Sinto a falta dele mais do que... – Olhou para as suas mãos, cerradas no colo. – Éramos felizes – disse. – Agora que ele partiu, todas as discussões parecem tão... insignificantes.

– Empurrou o seu marido pelas escadas abaixo?

Pareceu-lhe importante olhar o sargento nos olhos quando respondeu.

– Não – disse, calmamente. – Não empurrei.

– Bem – disse o sargento, recostando-se no banco –, espero que lhe traga algum tipo de consolo saber que classificámos a morte dele como accidental.

– Ah – disse ela, surpreendida pela rapidez inesperada da resolução, por aquelas perguntas terem sido os últimos passos e não os primeiros. – Disse isso ao meu sogro?

– Sim. – O sargento abanou a cabeça, com um sorriso sarcástico a surgir.

– Ele não ficou muito contente. Disse-nos: «A inexistência de provas não é prova da sua inexistência.»

– Ele foi advogado, há muito tempo.

– Também mencionou isso.

– Menciona sempre – disse ela. – Como é que chegaram a essa conclusão? Que foi um acidente?

– O corpo. A forma como ele caiu. O sangue. A disposição das escadas, quase impossível dar a alguém um empurrão eficaz a partir do topo. Especialmente, dada a pequena estatura da senhora. Não é um grande lanço. Uma queda nas suas escadas normalmente não causaria este tipo de dano. Foi

apenas um acaso infeliz ele ter embatido na mesa durante a queda. – O sargento tamborilou na cabeça, de lado, para indicar o ponto de impacto. – A causa foi ter embatido na borda da mesa. E, claro, também o que disseram os seus filhos.

Ela ergueu os olhos até encontrar os dele.

– Falaram com os meus filhos?

– Pois sim, no próprio dia. Não se lembra?

– Está tudo um pouco confuso.

– Claro. – Ele acenou com a cabeça, mas ela sentiu, subjacente, um cintilar de crítica, um tremor de «que tipo de mãe é que se esquece dos filhos num dia assim?».

– O que é que... o que é que eles disseram?

– O mesmo que a senhora. O pai ia sair cedo. Eles estavam a dormir. A senhora e o seu marido davam-se bem. Família feliz. Depois, claro, houve a sua reação. – Ela deve ter parecido confusa, porque ele acrescentou. – Estava transtornada. Mas colaborou connosco.

Lembrava-se de balançar para a frente e para trás, coberta de sangue. Lembrava-se de ter de se despir completamente. Lembrava-se de lhe tirarem fotografias enquanto tentava manter-se de pé, sem força nas pernas, na coluna. E, aparentemente, deixara a polícia subir as escadas e falar com os seus filhos sem a sua presença. Perguntava-se o quê, exatamente, havia sido tão correto, tão insuspeito, em tudo aquilo.

Sentaram-se num silêncio distanciado durante um bocado, cada um a beber o seu café, a pensar no sogro dela a cuspir acusações. Nas curvas e nos ângulos das escadas. Em corpos a cair.

Surpreendendo-se a si própria, desabafou:

– Não consigo parar de pensar nisso, nele, sozinho. Talvez estivesse a tentar chamar ajuda. Conseguia ouvir-me a mexer lá em cima. Paralisado. Deve ter sentido tanto medo. Deve ter sido uma tortura.

– Não sabe se foi assim. Provavelmente, esteve inconsciente o tempo todo. – E o sargento acrescentou, num tom de voz inexpressivo: – A culpa não foi sua.

Tinha a certeza de que ele sabia tão bem quanto ela que, claro, fora tudo culpa dela, porque havia a possibilidade de ela ter tido, durante algum tempo, o poder de mudar tudo.

Limpou depressa os cantos dos olhos com a manga.

– Os seus filhos estão na escola?

– Sim.

– Como é que eles estão?

– Não muito bem. Parece que não percebem que ele partiu. Continuam a pensar que o veem. Pela janela, junto a uma árvore de que ele gostava, ou no bosque. Têm pesadelos. Foi tudo tão rápido. Tão irreal. Não nos deixaram vê-lo no hospital. Tivemos de nos despedir por telefone. Foi como ver um programa de televisão. Não poder abraçá-lo, dizer adeus a... uma pessoa tão

importante. Recomendaram um psicólogo na escola. Um psicólogo especialista em luto. Encontram-se através do computador.

– Lamento – disse ele. – E a senhora? Pesadelos e isso tudo, também?

Ela encolheu os ombros.

– Às vezes, tenho paralisia do sono.

– Hã? O que é isso?

– Acordamos, não nos conseguimos mexer. Algumas pessoas veem uma figura, uma figura escura, no quarto. Depois de algum tempo, desaparece. E lentamente conseguimos voltar a mexer-nos.

– Bem, isso parece ser horrível.

As sobrancelhas do sargento estavam franzidas, a sua expressão era uma mistura de pena e repulsa.

– Não acontece muitas vezes – mentiu ela, incomodada pela reação dele, e caindo no velho hábito de esperar que dizer uma coisa em voz alta a pudesse tornar verdadeira. – Já não acontece há muito tempo.

– É uma das pessoas que veem uma figura?

Voltou a mentir.

– Às vezes. Nem sempre.

– Que aspeto tem?

– É apenas um homem. A silhueta de um homem.

– Mas assustador?

– Sim. Assustador.

O sargento deu mais uma olhadela em volta, à velha casa, deixando os olhos prenderem-se no sangue ainda a manchar os intervalos nas tábuas do chão. O olhar dele tropeçou nas escadas íngremes.

– É mesmo muito comum – disse ela, sentindo a necessidade de o tranquilizar, de se tranquilizar a si própria, de o convencer de que tal coisa era normal, que ela era normal, que não havia fantasmas nem sombras vivas no mundo. Que às vezes as coisas caíam, às vezes perdiam-se, deslocavam-se, partiam-se. Que qualquer pessoa imaginaria coisas estranhas, coisas a aparecer e desaparecer, depois de sentir a morte tão de perto, depois de ver a morte pousada, faminta, em alguém que amava. – Acredita-se que é daí que vêm todas aquelas histórias de raptos por extraterrestres – disse-lhe ela. – Que é essa a razão de essas histórias serem todas tão semelhantes. Está a ver... uma pessoa não se consegue mexer, não consegue falar, vê figuras com olhos brilhantes, e de repente está de volta à cama? Essas histórias. São apenas pessoas com paralisia do sono. Não são homenzinhos verdes a levá-las para naves espaciais e a fazer experiências sem que elas se consigam mexer, ou o que quer que seja.

– Hum. – O sargento acenou com a cabeça. – Interessante.

Ficaram em silêncio. Ela pensou no caminho varrido, no movimento por trás das árvores. Na forma como as vozes das crianças se elevavam com esperança quando sugeriam que o pai pudesse estar de vigia, que pudesse ter feito isto ou aquilo. Na maneira como os objetos pareciam deslocar-se

ultimamente, como se a propriedade, o terreno, a casa deles estivessem sujeitos a uma gravidade diferente.

– Acho que há explicações simples para a maioria das coisas – refletiu ela. – Mesmo para as que, à primeira vista, parecem mais estranhas.

– Sim. – O sargento esfregou o queixo pesadamente. – Digo isso a mim mesmo a toda a hora.

Sempre que a luz do dia envolvia a sua cama do hospital, obrigava-se a acordar. Tentava ao máximo fingir que estava confortável com a constante entrada e saída de desconhecidos de máscara no seu quarto, saudando-os alegremente com um «Olá!» e forçando sorrisos dolorosos. Tentava não se assustar muito visivelmente de cada vez que a acordavam. Dava tudo de si para provar à imensa e intermutável massa de batas brancas e máscaras que estava melhor, melhor, melhor – hora de ir embora!

Hora de tirar as crianças àquele homem.

Alguém lhe mudou o penso no olho, e ela viu luz apesar da pálpebra inchada.

– Um bom sinal – disse-lhe um médico.

– Pode crer! – respondeu a sua *persona* alegre e a sentir-se melhor.

No Natal, ao nono dia da sua estadia, uma enfermeira ajudou-a a coxear pelos corredores com meias antiderrapantes.

– Está a ir muito bem!

– Pois estou, caraças – concordou, quase se convencendo de que era o tipo de pessoa que empregaria calão à frente dos outros, a sorrir para eles, divertida e corajosa.

– Acha que me vão dar alta em breve? – perguntou ao psiquiatra.

– Isso não depende de mim – disse ele. – Mas eu darei a minha aprovação. E vamos vê-la regularmente, caso ainda esteja disposta a isso.

Ela acenou com a cabeça.

– Na última vez que falámos, deu-me o seu consentimento para falar com a polícia sobre o seu estado mental. Lembra-se disso? Por eles me terem perguntado se seria seguro para si ir para casa?

– Sim. Para obter uma espécie de... aprovação psiquiátrica.

– Exatamente. Dado o seu baixo peso e o facto de lhes ter dito que as suas lesões não foram causadas pelo intruso, eles estavam preocupados com a sua segurança. Preocupados com automutilação.

O coração dela acelerou de preocupação.

– O que lhes disse?

– Disse-lhes que estava a fazer imensos progressos e que estava disposta, até entusiasmada, a seguir um caminho terapêutico. Disse-lhes que tem as dificuldades que qualquer pessoa teria após passar pelo que passou. Que está mentalmente pronta para ir para casa.

– Obrigada, doutor – disse ela, tentando não chorar. – A polícia... acho que eles não acreditam em mim. É como disse o doutor, eu não consigo contar bem a história. Está... confusa. Deram-lhe a impressão de que acham que eu posso estar a imaginar?

O psiquiatra inclinou a cabeça.

– Acha que imaginou?

O monitor desligado, o baloiço partido, o veado a bramir na direção da floresta.

– Não – disse ela o mais firmemente que conseguiu. – Eu sei o que vi.

– Muito bem. Perguntaram-me se observei algum sinal de delírio ou psicose. Disse-lhes que não. Disse-lhes, tal como lhe disse a si, que passou por um trauma enorme, por isso é normal que possa demorar algum tempo a recordar as coisas de forma coesa, se se conseguir lembrar de tudo.

Ela acenou com a cabeça, as lágrimas finalmente a correr, fazendo-lhe arder o rosto ferido.

Ele acredita em ti. E ele deve saber, porque é psiquiatra. E ele diz que és normal, normal, normal. Mesmo que não te sintas normal, que nada pareça normal, é. E tu também o és.

Pediu aos médicos, enfermeiros, a toda a gente:

– Empréstame o seu telefone só por um instante? Importa-se se eu ligar aos meus filhos?

O sogro nunca atendia.

A dor era uma pulsação constante, mas, apesar disso, ela encontrava maneiras de funcionar. Com medo da dependência, das lacunas na memória, de não conseguir mexer braços e pernas o suficiente para os fortalecer, deixou de carregar no pequeno botão vermelho. Tomava doses bem menores em comprimidos.

– Quando acha que poderei conduzir? – perguntou ao médico que lhe disse para olhar para cima, para baixo, para a esquerda, para a direita, o olho ferido a seguir os comandos entre as pálpebras inchadas, por baixo dos pontos.

– Assim que o seu cirurgião der autorização, acho que estará pronta para ter alta – disse o médico. – Deverá conseguir conduzir perfeitamente, desde que não esteja a tomar medicamentos.

Dado que só conseguia ver sombras ténues com o olho ferido, assumiu que ele estava a brincar, e deu uma gargalhada desprovida de alegria. Ele olhou para ela, perplexo, e ela percebeu que tinham todos um objetivo comum.

Eles também te querem fora daqui. És só mais uma pessoa de quem cuidar. Isto está sobrecarregado, tem estado sobrecarregado há quase um ano. Claro que querem que te vás embora.

Então, começou a perguntar pelo cirurgião.

– Alguma ideia de quando vem o cirurgião, alguma ideia de quando eu terei alta?

– A sério? – perguntou uma enfermeira simpática. – Se fosse eu, não sei se gostaria de voltar para casa sem ajuda. Muito menos voltar para onde tudo aconteceu.

– Já contratei um serralheiro. E uma empresa de alarmes – disse ela. – Se eu subscrever o serviço deles, se os deixar levar eletricidade até ao exterior, podem pôr câmaras em todo o lado, alarmes em cada janela.

– Não é isso que eu quero dizer, minha querida. Tudo isso que aconteceu ao seu marido? Não sei se me sentiria confortável a dormir onde soubesse que alguém tinha falecido.

– Talvez – disse ela, perguntando-se como é que aquela enfermeira conseguia trabalhar num hospital onde a morte de pessoas fazia parte do trabalho, como é que, com os seus sessenta e poucos anos, ainda acreditava que não morrera alguém em praticamente todas as casas. – Talvez – disse ela, surpreendida por alguém sugerir que deixasse o único lugar que ainda guardava memórias do marido, o único lugar onde ele ainda existia. – Talvez tenha razão – disse à enfermeira.

Era o que dizia a toda a gente, aquilo que todos os seres humanos queriam ouvir: «Provavelmente tem razão, o que é que eu sei? Que inteligente, que grande sugestão, tem tanta, tanta, tanta razão.»

– Os seus filhos estão bem – disse-lhe o sargento ao telefone. – Um dos meus agentes visitou-os ontem. Esteve lá uma assistente social esta manhã. Ela não lhe ligou? Porque não lhe telefona? Deixou-lhe uma mensagem? Bem, ela há de ligar-lhe. Tenha paciência.

Por fim, ele disse-lhe, com uma dureza que ela sabia significar que estava a falar a sério:

– Tem de parar de me ligar por causa disto.

Sendo «isto» os filhos dela. A injustiça de tudo aquilo, a prova da terrível posse do sogro, fê-la chorar sobre a fina almofada do hospital. Uma mulher jovem entrou no quarto, interrompendo as suas lágrimas.

– É enfermeira?

– Sou assistente médica.

– Que significa isso?

– Sou a assistente do médico. Do seu cirurgião.

Não fazia ideia de qual era o sistema hierárquico do hospital, mas, ao ouvir a palavra «cirurgião», limpou o rosto e sentou-se direita, sabendo que tinha de agradecer a esta pessoa extremamente jovem e extremamente loira. A mulher mandou-a levantar os braços, apertar as mãos.

– Desculpe ter assumido que era enfermeira – disse ela. – Uma amiga

minha? Médica? Diz que isso lhe acontece sempre. Mas não aos médicos homens.

Não tinha tal amiga, mas não via esta história como uma mentira. Porque, claro, é assim que as coisas são.

– Sim – suspirou a assistente médica. – Acontece muito.

– E é consigo a autorização da minha alta?

– Sim, é.

– Ótimo! Que bom. Estou pronta para ir.

– Tem onde ficar?

– Claro, obviamente.

– Mas – a assistente médica fez-lhe um encolher de ombros simpático – a polícia disse que não podia ir para sua casa sem a autorização deles. Os seus exames estão bons, por isso estamos prontos para lhe dar alta, podíamos fazê-lo amanhã, mas precisa de um lugar para onde ir. E de uma boleia para casa.

Telefonou ao sargento. Ele atendeu com um seco «Que foi?», presumindo, imaginou ela, que estava a ligar-lhe outra vez por causa dos filhos.

Depois de te teres portado tão bem, depois de não lhe teres ligado durante dois dias inteiros. Por causa precisamente dos teus filhos.

– Disseram que vou ter alta, mas disseram qualquer coisa sobre vocês terem de me dar autorização para voltar para a minha casa?

– Ah, pois – disse ele, com a voz a relaxar. – Gostaríamos de percorrer a casa consigo antes de voltar para lá. Pode desencadear memórias, ou então pode reparar em coisas fora do comum, mexidas, ou em falta, ou diferentes.

Sentiu-se exausta com a ideia de passar por tudo aquilo novamente, as perguntas intermináveis, ter de percorrer com o sargento aqueles espaços violados.

Talvez a coragem seja apenas suportar.

– Sim – disse ela com um entusiasmo forçado –, claro! Podemos fazer isso amanhã? Eles disseram que podiam dar-me alta amanhã. Então, se fizermos isso, posso ir depois buscar os miúdos para os levar para casa.

O sargento fez uma pausa, e ela imaginou-o a olhar para um calendário.

– Sim, posso fazer isso amanhã. Diga-me quando estiver pronta, e eu levo-a a casa.

– Obrigada, obrigada!

Passou o resto do dia alimentada por aquele propósito. Confirmou as marcações com o serralheiro e a empresa de alarmes para o dia seguinte, quando reabririam, após o Natal, antes de fecharem novamente pelo Ano Novo. Deixou uma mensagem de voz ao sogro a dizer que teria alta no dia seguinte e que iria buscar os miúdos.

Mal dormiu. Carregou no botão de chamada da enfermeira assim que a luz começou a entrar e perguntou:

– Já tenho alta? Posso ir?

Mas não. Havia papelada, formulários, visitas de enfermeiras, marcações

de consultas de acompanhamento na cirurgia plástica («Não quererá ficar com cicatrizes, se as puder evitar!»), com o seu cirurgião (percebeu que não tinha a certeza de ter conhecido, ou sequer visto, a pessoa cujas mãos lhe haviam remendado o crânio), confirmação de consultas virtuais regulares com o psiquiatra («Ansioso por falar consigo novamente»), o oftalmologista («Não quererá ficar cega, afinal, ahaha»). Deram-lhe uma resma de receitas para a dor, para a ajudar a dormir, para prevenir infeções, para debelar a náusea causada pelos outros medicamentos. Foi tanta interação humana em apenas algumas horas, que a cabeça dela ficou a andar à roda, a cara doía-lhe de tanta simpatia forçada.

Finalmente, ligou ao sargento e disse-lhe que estava pronta. Um maqueiro levou-a até às portas do hospital numa cadeira de rodas. Vestia as roupas que a vizinha lhe tinha dado. Cheiravam a amaciador de tecidos. Suspeitava que uma das enfermeiras tivesse tomado a iniciativa de as lavar. Perguntava-se vagamente onde teria ido parar o casaco de peles.

- Vê a sua boleia? – perguntou o maqueiro.
- Ainda não. Mas está tudo bem, pode ir embora.
- Tem a certeza?
- Sim.

No instante em que ele lhe saiu da vista, ela levantou-se e saiu pelas portas, os pés feridos calçados com as meias antiderrapantes do hospital. Caminhou devagar, mas de forma capaz, até ao local onde se desmoronara ao ouvir que o marido estava em morte cerebral. O ar estava gelado, o dia nublado. Sentou-se num banco debaixo de um beiral e esperou.

Era uma coisa bela, muito bela, estar ali fora. Olhou feliz para o parque de estacionamento vazio e ventoso, com as suas pequenas árvores tristes, um passo mais perto dos seus filhos.

O sargento conduzia o carro, com o polícia jovem no banco ao seu lado. Ela reparou noutros condutores a olharem para ela no banco de trás do carro da polícia, imaginando-os a pensar:

- O que é que ela fez? Porque é que foi presa? Porque estará tão ferida?
- Quanto tempo acha que isto vai demorar? – perguntou.

Um meio encolher de ombros do sargento.

- Provavelmente, umas duas horas.

- E depois disso, posso ficar em casa?

- Dependendo do que vir, pode ser que precisemos de mais tempo lá.

Talvez queira ficar com uma amiga esta noite.

- Claro – disse ela, pensando em hotéis próximos que pudessem acolhê-los, a ela e aos filhos.

Apanhou os olhos azuis do sargento refletidos no espelho retrovisor.

- Estive a ler *online* – disse ele – sobre a sua condição.

- Desculpe... o quê?

- O seu sogro contou-nos que a sua mãe também tinha isso...

Esfregou a testa, olhou pela janela.

Claro que contou. Aposto que tinha muito a dizer sobre mim.

Sentia os olhos do sargento na sua pele, sentia-o a ter os pensamentos habituais. No olhar do sargento, sentia a sua inquietação crescente pela diferença, pela singularidade dela.

- Foi uma leitura interessante – disse o sargento.

- Foi? – Olhou fixamente pela janela.

- Claro. Deve ter sido difícil, isso começar numa idade tão jovem.

A habitual exaustão tomou conta dela, de ser um espécime fatiado e pressionado entre lamelas. E apesar de dizer a si própria «Não digas nada», murmurou:

- Sim. Não foi ótimo. Mas acabamos por nos habituar.

- Mmm – murmurou o sargento, os olhos a desviarem-se para o espelho

retrovisor para outra olhadela, um olhar que já lhe era tão familiar, dizendo: «Como é que alguém se habitua àquilo?».

As pessoas são criaturas que se conseguem habituar a qualquer coisa. Essa é a melhor maneira de nos definir.

Encostou a bochecha à janela fria. Tentou focar-se nesse frio, no meio do calor emitido pelo carro da polícia.

Entraram no caminho de acesso à casa. O sargento desligou o motor e virou-se, olhando para ela através da divisória de acrílico do carro da polícia.

– Pelo que sei, ainda está a braços com algumas... – gesticulou com a mão na sua direção – questões de saúde. Por isso, se precisar de ajuda, se precisar de um minuto, diga. O objetivo aqui é que nos diga se vê alguma coisa fora do normal. Qualquer coisa que não seja sua, que esteja fora do lugar, que esteja em falta. Algo que tenha sido mexido, qualquer coisa que a faça lembrar-se de algo novo. Qualquer coisa, ok? E isso inclui o exterior da casa, também, está bem?

– Claro, certo.

Ele conduziu lentamente pelo caminho de acesso, olhando para trás para se certificar de que ela estava atenta, verificando as árvores, a neve.

– A neve foi limpa – disse ela. – Espero que o limpa-neves não tenha dado cabo de nada. Provas ou o que seja. Está sempre a postos para vir cá de manhazinha, caso neve.

– Não se preocupe. Nós examinámos a entrada antes de ser limpa. Vamos começar lá dentro.

Estacionaram. O caminho até à porta não fora limpo, mas a neve havia sido compactada por botas, ficando transitável, ainda que irregular. O polícia jovem entrou na casa e regressou com um par de botas dela. Ela tentou ocultar a dor de as calçar nos pés feridos.

Começaram na garagem, onde os agentes lhe disseram que a bateria do carro do marido estava descarregada.

– Provavelmente descarregou-se há algum tempo, se, como diz, não o usava – disse o sargento. Sublinhou que o carro dela, estacionado no seu local habitual na garagem, tinha um pneu furado. – Tomámos nota disso. Mas não parece ter sido feito de propósito, percebe? – O sargento bateu num ponto do pneu traseiro. – Parece que passou por cima de um prego.

Pelo menos não tentaste chegar ao carro, acabou por ser uma boa escolha. Mas... deve ter sido o Homem do Canto a fazer isso...

– Usei o meu carro no início desse dia e estava tudo bem. Não acha... – Aclarou a voz. – Não acha que foi ele que fez isso? Parece uma coincidência muito grande.

– É possível, mas não há maneira de saber. Eu próprio tive um furo na semana passada. Acontece.

Ao entrar, sentiu pela primeira vez a excessiva dimensão das divisões sem as crianças. A casa tinha o mesmo cheiro, a mesma temperatura não-suficientemente-quente. Mas havia algo indefinível, distante, que parecia

desajustado. Uma janela aberta a deixar entrar a humidade, talvez. Uma ausência de silêncio que significava que os ratos tinham estado ativos.

O Homem do Canto.

Para com isso. Concentra-te.

Sentou-se para descalçar as botas, olhou em volta à procura das pantufas, e lembrou-se de que haviam ficado perdidas algures na neve. Ficou com as meias antiderrapantes do hospital, esperando que a visita pela casa não demorasse tanto tempo que os seus pés se comesçassem a queixar, ainda teimosamente inchados.

– Podem descalçar as botas, por favor? – pediu aos agentes. Eles trocaram um olhar, mas obedeceram.

Juntos desceram à cave, húmida e cheia de teias de aranha, como sempre.

– Não tenho como saber se está alguma coisa diferente. Nunca aqui venho, a menos que tenha mesmo de ser. É demasiado nojento e escuro. – Fez uma pausa. – Esperem... sinto... vocês sentem um cheiro a fumo de cigarro?

Os agentes levantaram o nariz como cães de caça, depois abanaram a cabeça.

– Não – disse o sargento. – Mas espero que tenha aqui algum desumidificador. Está húmido.

Na cozinha, o chão de pinho antigo, aquele que ela mantinha impecável, aquele onde ela limpava o sangue, estava profundamente riscado. Ela soltou um «Oh!» triste ao ver os danos.

– Pois, as nossas desculpas – disse o sargento, com uma voz que ela não achou nada contrita, uma mera cordialidade perante o que ele via como uma reação exagerada a algo sem importância. – Isto foi de os meus homens andarem por aqui.

Não os repreendas. Precisas da ajuda deles.

Preenchendo os espaços silenciosos enquanto ela inspecionava a casa, fizeram-lhe novas perguntas («Lembra-se de alguém que possa ter ressentimentos em relação a si? Esta porta está sempre trancada?»), mas, sobretudo, repetiram as mesmas perguntas que o sargento lhe fizera no hospital («Tem algum medicamento em casa? Porque é que não foi por este ou aquele caminho? Porque é que não fez isto ou aquilo?»). O seu cérebro pulsante, ansioso pelos analgésicos que lhe recusava para manter a lucidez, para poder conduzir para ir buscar as crianças, começou a pensar que eles eram estúpidos, esquecidos, perguntando e voltando a perguntar de uma maneira ligeiramente diferente.

Continuaram a marcha. Eles repetiam as suas instruções:

– Vê alguma coisa? Vê alguma mudança? Algo em falta? Algo diferente?

– Não – disse repetidamente –, nada, nada, nada.

Tentou evitar subir as escadas à frente deles. Sentia-se sempre muito exposta e vulnerável a subir uma escada com um homem atrás dela. Mas

queriam que fosse ela a ver as coisas primeiro, por isso, as suas pernas elevaram-se ao nível dos olhos deles enquanto subiam. Abriu-se-lhe um vazio no estômago quando se lembrou de que eles já haviam visto tudo o que havia para ver, podiam olhar através das suas roupas para as suas memórias.

O pó no sótão, que ela tinha certeza que teria pegadas, provas úteis, estava amplamente pisado.

– Dos nossos homens, novamente. – O sargento encolheu os ombros. – A prioridade era procurar as crianças. Garantir que estavam seguras. E garantir que não havia intrusos na casa.

Não ousou solicitar um pedido de desculpas, não ousou acusá-los de incompetência.

Tu disseste-lhe exatamente onde estavam as crianças.

Lá em cima, reparava em pequenas coisas que se lhe mostravam sorrateiramente, mal chamando a sua atenção. Mudanças tão pequenas que quase não deu por elas. Sempre que apontava danos num tapete, no chão, eles diziam:

– Isso fomos nós, foram os nossos homens.

O tom desprovido de culpa, a desconsideração por toda a destruição deles, ateou-lhe um fogo na garganta. Apertou os lábios para abafar a sua ira.

A primeira mudança que viu foi na casa de banho das crianças.

– Este assento da sanita está levantado – disse aos agentes.

– E então?

– E então? Não vive cá nenhum homem.

– Bem, vive o seu filho. – O sargento parecia preocupado, como se ela pudesse ter esquecido a existência do filho.

– Ele senta-se na sanita, senão faz uma grande trapalhada. Por ser ainda tão pequeno.

– Eu tenho um filho pequeno, minha senhora. Há muito tempo, eu próprio fui um menino pequeno. E posso dizer-lhe que nenhum menino no mundo se senta sempre, todas as vezes, não importa o que diga à mãe. – O sargento e o polícia jovem acenaram um para o outro, os olhos revelando os sorrisos conhecedores escondidos sob as suas máscaras.

– Bem, o meu filho senta-se.

– Mmm – entou o sargento. – Vou tomar nota disso.

Mas, em vez disso, ficou a olhar para ela, sem escrever nada, como se a desafiasse a chamá-lo à atenção. Ela respirou pelo nariz e contou até dez.

O quarto da sua filha tinha as mudanças mais notórias. Um mealheiro estava no chão quando normalmente estaria na cómoda. E coisas estavam em falta.

Os agentes trocaram olhares enquanto anotavam uma lista dos itens ausentes, como se dissessem: «Isto não parece ser nada, tenho a certeza de que estas coisas estão apenas desarrumadas, mas vou escrever porque ela está a observar-nos.»

Uma *T-shirt* do acampamento do YMCA, vermelha. Urso de peluche,

quinze centímetros de altura, laço vermelho à volta do pescoço. Roupa interior dos dias da semana, segunda-feira e quinta-feira. Um par de *collants* de *ballet*. A pequena lata em forma de carro de corrida, vermelha, aproximadamente quinze por dez por cinco centímetros, conteúdo: berlindes variados, ganchos de cabelo, seixos.

Apoiou-se numa cómoda. O sabor nauseante a bÍlis subiu-lhe pela garganta e entrou-lhe na boca ao pensar porque escolhera ele aquelas coisas, imaginando o tecido macio desses *collants*, o algodão às bolinhas com «segunda-feira» e «quinta-feira» em letra cursiva pendendo frouxamente da enorme mão do Homem do Canto.

– Vamos verificar a lista do que a sua filha levou com ela. Pode ter levado essas coisas para casa do avô. Ou podem estar no cesto da roupa suja ou algo assim.

Tentou pestanejar para afastar a imagem do polegar achatado do Homem do Canto a esfregar aquele tecido, e a caixa que a menina enchia com as suas coisas mais valiosas.

Engoliu a sua náusea.

– Não está a perceber. A minha filha adora essa caixa. Sabe como as crianças são, guardando coisinhas? Borrachas, pedrinhas especiais? Ela não a teria perdido. E nunca a leva para lado nenhum. Pertence aqui.

– Certo. Vamos verificar.

O cabo do carregador serpenteando pela mesa de cabeceira do quarto lembrou-a de perguntar quando recuperaria o telemóvel.

– Hoje, quando acabarmos isto aqui – disse o sargento, como se ela fosse uma adolescente que tinha de ganhar o direito de usar o telefone.

– Onde é que encontraram o telemóvel?

– No lado oposto daquela mesa ali.

– Mas não é esse o sítio dele. Esse lado é... era... o lado do meu marido. Esse é o carregador dele.

– Tem a certeza? Tem a certeza de que não foi a senhora que o ligou ali?

Tinha a certeza. A certeza, a certeza, a certeza.

– Oh! – exclamou ao ver o pequeno ecrã apoiado na mesa de cabeceira.

– O intercomunicador! A minha filha é sonâmbula, por isso usamo-lo como alarme, como alerta, para podermos... para eu poder... intercetá-la. Não sei bem se grava, mas vale a pena...

– Estava desligado – interrompeu-a o sargento.

– Mas eu nunca o desligo!

– Estava desligado. Na câmara, o pequeno interruptor estava rodado para a posição «off». – O sargento mimetizou o gesto de rodar o botão.

Então, ela lembrou-se de o ter encontrado desligado da mesma forma, depois da morte do marido. Que a filha insistira não ter mexido nele. Que ela pensara poder ter sido o marido, antes da queda.

– Eu... eu verifiquei-o, e estava ligado há apenas algumas semanas. O homem deve tê-lo desligado... Embora ... possa ter sido a minha filha...

– Mmm. – O sargento escreveu algo no caderno.

No *closet* do marido, eles colaram-se a ela enquanto ela batalhava com a combinação do cofre. Por fim, o polícia jovem pegou no papel com as instruções e a combinação, abriu-o em segundos, enquanto ela se remexia, envergonhada pela sua própria ineptidão. Nada estava em falta. A arma estava bem ajustada num coldre de *nylon*, ao lado da aliança de casamento do marido e das três moedas de ouro *American Eagle* que o pai insistira que ela trouxesse na sua última visita ao Utah, «Para quando tudo ruir».

Aceitara-as para o tranquilizar, mas, após o último ano, tinha de admitir que, embora o pai fosse paranoico, ele poderia ter razão. A vida, a própria sociedade, parecia mais frágil do que ela imaginava um ano antes.

O sargento retirou a arma do coldre.

– Smith & Wesson M&P 2.0 – observou, verificando que o carregador estava vazio. O preto fosco da coisa, os sons metálicos do carregador deslizando e clicando contra o corpo deixaram-na nervosa.

– Oh, bem, o meu marido tinha-a há anos. Desde antes de nos mudarmos? Era um *hobby*, ele...

– Munições guardadas à parte? – interrompeu o sargento.

– Sim, lá em cima. – Apontou para a prateleira mais alta do armário, e o sargento retirou a caixa, inspecionou-a e devolveu-a ao seu lugar.

– A caixa está cheia. – Voltou a encaixar a arma no coldre. – A senhora tem licença de proprietária?

– Tinha o meu marido.

O sargento assentiu, sem surpresa.

– Já preencheu o formulário *online*? Tem de se notificar o Estado quando se herda uma arma de fogo.

– Não sabia. Não tenho grande interesse em armas – disse.

Ele franziu o olhar de uma maneira que ela sentiu necessidade de se justificar.

– É que, com as crianças em casa, estatisticamente até é menos seguro...

O sargento ergueu a mão, interrompendo-a.

– Certo. Pode entregá-la, se preferir. Mas o Estado oferece cursos. Este modelo é fácil. E não é barato, por isso, é consigo.

Por mais que a visão da arma a fizesse contorcer-se, por mais vezes que o seu marido lhe tivesse dito «É apenas uma ferramenta. Qualquer ferramenta pode ser usada de forma pouco segura», por mais vezes que ela lhe tivesse respondido com repulsa «Embora a maioria das ferramentas não tenha como propósito causar mortes», lembrava-se do seu desejo por qualquer arma no esconderijo. Abanou a cabeça aos seus próprios pensamentos.

Como se servisse para alguma coisa. Como se te tornasses, por magia, numa atiradora exímia, caso a tivesses apanhado naquela noite.

– Não acertarias num celeiro – murmurava-lhe a voz da avó na memória, vendo o pai tentar ensiná-la a disparar aos onze anos.

Como quase toda a gente com quem ela cresceu no Utah, o pai dela tinha

não apenas uma arma, mas várias. Mordeu o lábio, recordando o seu pai a dobrar uma esquina, com a espingarda apontada para ela, pensando que ela era uma intrusa, durante uma das suas idas noturnas à casa de banho. Desde então, recusava-se a aproximar-se de armas, e incomodava-a não ter conseguido persuadir o marido a livrar-se da pistola.

Talvez devas mantê-la enquanto o Homem do Canto não for apanhado. Em segurança. É uma máquina. Tu sabes lidar com máquinas.

– Vou... vou mantê-la, por enquanto – disse ao sargento.

Ele fez-lhe um aceno rápido e indecifrável com a cabeça, e voltou a trancar a arma no cofre.

Desceram as escadas.

No quarto dos brinquedos, as construções de Lego da sua filha estavam desfeitas, fragmentos espalhados pela sala. Os agentes observaram a confusão uniforme, perguntando:

– Tem a certeza de que o intruso partiu estas coisas? Como pode saber?

– Nós ouvimo-lo naquela noite. Ele... partiu-as. Lançou-as contra a parede.

– Mmm – fez o sargento.

À porta do escritório do marido, ela hesitou, olhou para os cantos, percebeu que lhe doía o maxilar, que tinha os dentes cerrados.

O escritório estava tão luminoso e alegre quanto era possível àquela localização obscura da casa, a luz da tarde a entrar pelas janelas. O painel do esconderijo estava aberto, o interior de um negro profundo mesmo à luz do dia. Um cheiro azedo a vinagre humano levou-lhe o olhar até à poça do seu vomitado. Estava seco e escuro. Ninguém tinha limpado. Pareceu-lhe cruel e irrefletido, embora, logicamente, soubesse que a limpeza não era, não deveria ser, da responsabilidade dos agentes.

– Porque é que não tentou contactar os serviços de emergência *online*? – perguntou o polícia jovem, apontando com o queixo para o computador.

Disse-lhes que o marido mantinha o computador desligado da *internet* para se concentrar no trabalho. Eles assentiram, e ela percebeu que eles já sabiam que o computador estava *offline*, e questionou-se por que razão queriam testá-la dessa forma.

– Aposto que tem muitas histórias arrepiantes sobre este lugar – disse o polícia jovem.

– Ela não acredita em fantasmas – disse o sargento. – Não acredita no sobrenatural.

Ela crispou-se. O seu comentário leviano sobre religião tinha claramente deixado marcas.

Ele quer que peças desculpa por teres dito tudo aquilo sobre religião e superstição serem a mesma coisa. Quer que peças desculpa outra vez. Desculpa, desculpa, desculpa, só sabes dizer isso. Não ouses voltar a pedir desculpa.

– O mundo real já é para mim assustador quanto baste sem fantasmas –

disse, o mais calma possível.

— Já... já vimos as divisões todas, não já? Acabámos?

— Precisamos que dê uma vista de olhos lá fora – disse o sargento.

Aquilo não lhe parecia de modo algum possível. Fisicamente, tentara ignorar a dor, a lentidão do seu próprio sangue. Mentalmente, tentara afastar a sensação de que estes polícias andavam consigo há dias, lhe tinham feito as mesmas perguntas centenas de vezes, nunca se iriam embora, andariam pendurados nela para sempre.

Mas lá fora a luz apenas começava a transitar para o amarelo da tarde. Não passara assim tanto tempo desde que saíra do hospital. Não passara assim tanto tempo a vasculhar a casa, a responder a perguntas, a olhar para os olhos vazios deles.

— Só... estou cansada. Podemos fazer isso noutra altura?

— E que tal uma pequena pausa, para depois vermos como se sente?

Era bizarro, ser levada a sentar-se no seu próprio sofá, na sua própria casa.

— Quer um copo de água ou algo assim? – perguntou o sargento, como se fosse a casa dele, os copos dele, a água dele.

— Pode ligar aos meus filhos? Ele atende se for o senhor.

— Hum...

— Por favor.

— Claro, sim, está bem.

O sargento marcou o número. O sogro atendeu imediatamente.

— Senhor agente, obrigado por retribuir a minha chamada. Aquela maluca deixou-me uma mensagem a dizer que vinha buscar as crianças hoje. Só por cima do meu cadáver é que aquela cabra maluca...

— Sou eu.

A sua voz soou fraca e exausta, embora tivesse tentado parecer forte, mordaz, algo que o envergonhasse.

O sogro gaguejou, depois disse:

– Que é que isso interessa? Tu *não* vens cá. Convinceste-os de que há o raio de um demónio na tua casa, que os vai queimar e comer? Jesus Cristo, não admira que eles não achem que tu...

– Meu senhor – interrompeu o sargento, com uma urgência na voz que ela não conseguia decifrar. – Meu senhor! Já chega, tenho muito para conversar com ela, ok? Chame lá as crianças ao telefone.

– Com todo o respeito, senhor agente? Não – resmungou o sogro, e desligou.

– Ele consegue mesmo ser idiota, não consegue? – disse o sargento inexpressivamente.

A mão dela na tua, aquela mão pequena. Ainda é tão pequena. As pernas robustas dele, aquela gordura de bebé. As bochechas dele, a covinha. Os joelhos dela, os olhos escuros e brilhantes. As sardas dispersas do pai deles, a mesma testa larga.

Ela suspirou.

– Sim. Bem. Quanto mais cedo acabarmos com isto, mais cedo os posso ver, por isso, vamos despachar isto, está bem?

O polícia jovem não conseguia olhá-la nos olhos. O sargento tossiu de desconforto.

– Ahã, certo. Então vamos dar a tal volta, sim? Diga-nos se for demasiado para si.

Pelo tom do sargento, ficava claro que dizer-lhes que era demasiado não era uma opção real. Esforçou-se para calçar as botas, esforçou-se para apertar o casaco com a mão enfaixada. O sargento estendeu a mão para ajudar, mas ela recuou.

– Eu consigo – disse, virando-se de costas para ele, fechando o casaco.

– Vamos seguir um trilho que nós deixámos na neve, ok?

– Claro.

– Então, foi por aí que saiu? – perguntou o sargento, indicando as portas duplas.

– Sim.

– Aquilo. – Apontou. – São as suas pegadas?

Semicerrou os olhos às ligeiras indentações. Devia ter nevado desde então, ou pelo menos o vento soprara neve, porque tinham uma dimensão reduzida.

– Penso que sim.

Seguiram as pegadas dela, a alguma distância, ao longo da lateral da casa, passando pelas janelas da sala, pela cozinha, dobrando a esquina da garagem, atravessando o quintal até ao cemitério. Pediram-lhe para voltar a descrever a sua fuga, e ela assinalou a janela através da qual olhara e vira o Homem do Canto descendo as escadas, o caminho que fizera pela neve.

Sentia-se vulnerável por dentro, dorida em lugares que normalmente estavam ocultos. Quando tropeçou, o polícia jovem ofereceu-lhe o braço. Não queria as mãos dele perto dela, disse que não precisava de ajuda, mas

obrigada.

– Disse que caiu por aqui?

Estavam no cemitério.

– Sim, cortei a mão. Ali, penso eu... Provavelmente é o meu sangue, aquela mancha escura na frente daquele túmulo? Onde me segurei.

– Não tem a certeza?

– Estava escuro e eu ia a correr.

O sargento apontou para a casa.

– Então, estou certo quando digo que estava aqui quando viu alguém naquela janela lá em cima, a olhar cá para fora?

– Sim. É a janela do meu quarto.

– Sabe, até parece que está lá alguém agora, não parece?

Ficou incomodada com o tom do sargento, que parecia carregado de consideração ensaiada. Semicerrou os olhos à janela na luz crepuscular.

– Parece? É-me difícil ver com o meu olho ferido.

– Sim – concordou o polícia jovem, de uma forma que, mais uma vez, lhe pareceu ensaiada. – O padrão da cortina, iluminado assim de dentro? Parece uma pessoa.

– Sabe, tenho quase a certeza de que a cortina não estava fechada de todo, não naquela noite. Então... uma coisa para a vossa lista. Isso está diferente.

– Tem «quase a certeza»?

– Tenho a certeza.

Eles viraram-se para olhar para o caminho. Como de costume, tinha menos neve que o resto da paisagem. Ela tremeu, sentiu o vento a soprar pelo trilho, virou a face para que não a atingisse em cheio.

– Então, as suas pegadas estão aqui – disse o sargento. – E deste outro lado do trilho foi onde os meus rapazes passaram depois, para não interferirem com as suas pegadas. Alguma coisa estranha, incomum, deslocada?

As marcas dela na neve mal se discerniam. Paralelas a elas, pegadas varridas pelo vento, que o sargento dissera terem sido feitas pelos seus polícias. À volta e entre estes caminhos de pegadas, a neve estava pontilhada pelas pequenas e distintas marcas dos veados.

– Parecia... parecia tão mais longe. Mais longe?

– Bastante longe, quando se está apenas de chinelos.

– Então, ele não me seguiu? Eu achava que não, mas não tinha a certeza. Não poderia ter caminhado sobre as minhas pegadas?

Olhou inquisitorialmente para os agentes. Tinham os braços cruzados, os rostos sérios. Virou-se, observou a lisura branca da neve em todas as direções, apenas interrompida pelo caminho de acesso, limpo; pelo trilho achatado pelos polícias, por onde eles haviam seguido; pelo ligeiro rastro do percurso dela e pelas pegadas dos agentes, deixadas naquela noite.

– Não compreendo – disse ela. – Onde estão as pegadas dele? Havia

marcas de pneus do carro dele? De quando se foi embora?

Zero respostas, zero movimentos por parte dos polícias.

– Ele estacionou noutro sítio?

A voz do seu filho ecoou-lhe na cabeça. *A polícia diz que ele nem sequer tem pés.*

– É uma boa observação – disse o sargento. – Não havia marcas de pneus. Nenhuma pegada além das suas.

– Como é isso possível?

– Estávamos com esperança de que nos pudesse explicar.

– Eu?

– Sim. Talvez esta casa tenha uma entrada secreta, tal como tinha aquela divisão secreta.

Alguna coisa se soltou no interior do seu crânio. Resistiu à vontade de enfiar o dedo no ouvido para tentar puxá-la para fora. Ele é *uma fruta*, dissera a voz do seu filho.

– Não há aqui nada disso – disse-lhes.

– Então, como é que acha que este homem conseguiu chegar aqui, entrar na sua casa, sem deixar marcas? Sem carro?

– Eu não... talvez... – Visualizou o chão da sua casa, riscado, sujo. O pó do sótão esbatido. – Talvez os seus homens tenham conduzido por cima das marcas dos pneus dele? Pisado as pegadas dele?

O sargento abanou a cabeça, os olhos azuis duros como mármore.

– Não.

– Como pode ter tanta certeza?

– Os meus homens tiraram fotos quando aqui chegaram. Entrada coberta de neve, sem marcas de pneus. Zero pegadas quando fizeram a primeira ronda.

– Ele pode ter vindo a pé. Estacionado noutro sítio? Depois as pegadas dele foram cobertas pela neve. Sopradas.

– No entanto, as pegadas da senhora ainda cá estão. Naquela noite, nós verificámos, e não havia pegadas maiores sobre as suas. Verificámos o perímetro da sua propriedade também. Nada alterado, apenas as suas pegadas desde a porta e pelo caminho fora.

Um pânico sufocante subiu-lhe pela barriga.

– Talvez ele... Poderia ele ter vindo para cá mais cedo? Estar à nossa espera dentro de casa? Escondido?

– É possível. Mas já havia neve no chão antes da tempestade. Teria de haver algum sinal de perturbação, algumas pegadas. Viu alguma coisa? Reparou nalguns sinais, pegadas, nesse dia?

Tentou lembrar-se. De manhã, ligara os filhos às aulas matinais *online*. Saíra de casa ao meio-dia e meia, como de costume, para levar as crianças à aulas presenciais da tarde. Fizera uma encomenda ao supermercado. Fora buscar os miúdos e a comida. Vira-os comer, ainda com falta de apetite.

– Não me lembro de nenhuma pegadas. Mas eu não teria reparado. Há

peessoas a virem cá a toda a hora, sabe? Para entregar encomendas, ou só porque andam à procura de outra casa e dão aqui a volta.

– Então, não viu nada?

– Não, mas... como disse, talvez não tenha reparado.

– Mmm-hmm.

– Poderia ele... ter-se escondido dentro de casa? Depois? Esperado que todos saíssem?

Isso valeu-lhe um olhar severo do sargento.

– Tem mais alguma divisão secreta?

– Não.

– Então, não havia nenhum intruso na sua casa quando lá chegámos.

Revistámos tudo. Minuciosamente.

– Certo. Claro.

Tentou estabelecer uma ligação, encontrar uma explicação, e falhou. Os seus pensamentos faiscavam e desvaneciam-se, faiscavam e desvaneciam-se, como fios descarnados que se tocavam ao de leve e logo se afastavam, enquanto ela tentava perceber como seria tudo possível.

Nenhuma pegada. Nenhum rastro de pneu. Nenhum sinal além do cheiro a fumo de cigarro. O assento da sanita levantado. As coisas em falta da sua filha. Uma cortina fechada. Um pneu furado. Talvez.

– Muito bem – disse o sargento. – Que tal voltarmos para dentro? Há mais algumas perguntas para as quais contamos com a sua ajuda. Não temos de o fazer aqui ao frio.

Ela olhou à sua volta enquanto caminhava lentamente pela neve de regresso a casa. Era tudo tão impossível, o plano liso daquela neve. O seu brilho uniforme era uma traição, de alguma forma, mais uma coisa inexplicável. Como a beleza limpa do caminho. O monitor de vigilância, desligado, inútil. O seu telefone devolvido à mesa de cabeceira.

O brilho do mundo tinha uma incongruência que a fazia estremecer com medo de o cérebro estar irremediavelmente danificado.

Tentou aliviar a dor massajando a linha capilar, mas isso só fez a fenda na sua cabeça chiar, os ossos a roçarem uns nos outros como uma falha biológica.

O sargento sentou-se no sofá, a alguma distância dela, o polícia jovem numa cadeira próxima junto à lareira.

– Há alguém, além do homem do café, que ache que poderia marcá-la como alvo? Alguém a quem não tenha pago, por exemplo, ou a quem tenha recusado um encontro? Alguém que pensasse que lhe devia dinheiro?

– Não – disse ela repetidamente. – Nada disso.

Respondeu a mais perguntas, intermináveis perguntas, olhando melancolicamente lá para fora e vendo que já estava escuro.

A este ritmo, os miúdos já estarão a dormir quando chegares ao apartamento do teu sogro.

Com um arrepio, apercebeu-se de que não conseguiria sequer ir buscar as crianças, não com um pneu furado.

Porque é que não pensaste nisso antes? Logo na altura? O que é que se passa contigo?

Interrompeu o sargento a meio da frase, exclamando:

– Conseguem mudar-me o pneu? Quero poder conduzir, ir buscar as crianças, acha que me pode ajudar? Não sei se consigo sozinha.

O sargento resmungou, disse:

– Minha senhora, que tal focarmo-nos nisto? Depois de terminarmos aqui, podemos discutir tudo isso.

Ela sentiu a picada da desvalorização dele, o sargento mais uma vez parecendo ver os seus filhos como uma distração, um detalhe insignificante, o seu coração afundando-se, encolhendo-se, ao perceber que não os veria naquela noite. Mesmo que o pneu fosse trocado, não conseguiria conduzir até à casa do sogro com o suplente, dada a distância e a idade do pneu.

– Desculpe a pergunta, mas talvez tenha tido uma separação difícil, um

caso? Ou o seu marido poderá ter tido um caso. Por vezes, as pessoas sentem que lhes é devido algo depois disso – disse o sargento.

Perante aquilo, o seu desânimo por não ver os filhos foi varrido pela indignação, e ela balbuciou:

– Não! Nenhum caso. Nenhum.

– Em todos os longos dias em que ele estava fora, a voar? Nada suspeito? – acrescentou o polícia jovem.

Fizeram com que soasse inevitável ele ter tido um caso, obviamente.

Tens a certeza? Terias sabido? Como é que as pessoas sabem? Nem sequer sabias que ele falava com o pai.

– Está a tentar dizer-me alguma coisa? Encontrou alguém? – perguntou ela.

– Não – disse o sargento de forma enigmática. – Seria normal se a senhora tivesse suspetado de algo, e é tudo. A maioria das pessoas casadas tem suspeitas em algum momento, não?

– Bem, eu não. Nunca tive.

O sargento olhou para ela como se estivesse doida, e ela deu por si a cobrir o rosto, a esconder a sua marca mais evidente com a palma da mão, sentindo a sua brancura a agravar-lhe a insegurança, com a implicação de que claro que o seu marido poderá ter tido um caso, porque, olhem para ela.

– Mmm. Ok – disse o sargento. – Agora, trouxe aqui algumas coisas para lhe mostrar.

Abriu um saco de viagem e colocou dois itens ao lado dela no sofá. Estavam selados em grandes sacos de plástico transparente.

– São estes os sapatos que o intruso estava a usar? A camisola?

Num saco selado estava um par de Reebok brancas novas, tamanho 43. Tinham uma risca preta e solas de borracha castanha. No outro saco estava uma *T-shirt* preta dobrada com uma imagem, na frente, de um crânio com olhos negros e cravejado de diamantes.

– Estas coisas são do meu marido. – Voltou a pousar os sacos, apontando. – A *T-shirt*, ele comprou-a num museu. Vê a inscrição? A *T-shirt* que o Homem do Can... o homem vestia, o desenho era nas costas, não à frente. O crânio tinha cabelo despenteado, olhos amarelos. E as sapatilhas também são do meu marido. Os sapatos do homem não tinham esta parte preta. Eram mais velhos, estavam rachados. Completamente brancos. Mas a amarelecer. E eram tipo bota. Não sei se lhe tinha dito. Além disso, está a ver... eram maiores. Ele tinha de descer os degraus de lado por causa de ter pés tão grandes.

O sargento fez um aceno curto e depois colocou os sacos de volta no saco de viagem.

– Não sei se reparou enquanto andávamos por aí, mas não há sinais de arrombamento. Nenhuma janela partida, nenhuma porta arrombada, nenhum fecho mexido.

– Oh, eu... certo.

A sua mente tropeçou na caminhada deles, tentando lembrar-se do estado das janelas, das portas.

O que é que se passa contigo? Como é que estás tão distraída que não reparaste?

– Como é que acha que alguém poderia ter entrado? – perguntou o sargento.

A dor começava a formigar atrás dos dentes, agora. Abriu bem a boca e depois fechou-a outra vez.

– Eu... eu não sei. Tranquei todas as portas. Janelas. Como é que a polícia entrou? Naquela noite?

– A porta estava destrancada – disse o sargento friamente.

Ela quase sentiu o seu cérebro a patinar sobre esta nova informação, tentando mas falhando em compreendê-la.

Impossível.

– Espere, o quê? Que porta?

– A porta de entrada. Talvez se tenha esquecido de a trancar.

Às vezes ela sobressaltava-se cama, sentava-se, a pensar nas portas abertas. Não conseguia dormir enquanto não descesse as escadas às escuras, tentando não acordar o marido para não o ouvir dizer:

– Estás paranoica! Que importa se estiver destrancada?

A razão pela qual precisava de verificar, precisava de ter a certeza, era nunca se conseguir lembrar efetivamente de a trancar. Era uma coisa tão automática, tão enrustada na sua rotina, que não se apercebia disso conscientemente. Como uma pessoa que faz todos os dias o mesmo percurso para o trabalho, mas não se consegue lembrar de nada da viagem daquela manhã em particular.

– Não é possível – disse ela. – Nunca deixo uma porta destrancada.

– Lembra-se de as ter trancado naquela noite?

Não, pensou.

– Sim – mentiu. – Mas talvez ele tenha encontrado a chave escondida.

– Aquela coisa da pedra?

– Sim.

O sargento abanou a cabeça.

– Nã. Encontrámo-la enterrada na neve, onde disse que estaria. Intocada. A chave estava lá dentro.

– É que... isto vai parecer... – *Louco.* – ... estranho. Mas, depois da morte do meu marido, depois de ter saído um artigo sobre a sua arte, eu sentia que, eu achava que alguém podia andar a observar-nos.

– Como assim? – O sargento e o polícia jovem trocaram um olhar rápido.

Parecia-me que o meu marido ainda aqui estava, a observar-nos. A tentar voltar para casa.

– Hum. Bem. Acho que referi que, na altura, os miúdos acharam que tinham visto alguém, um homem. Eu assumi que eles estavam apenas a

desejar que fosse o pai deles, mas talvez não. Algumas coisas dos miúdos, um chapéu, um peluche, simplesmente desapareceram. E pareceu-me ter visto alguém no pasto. A minha filha também, num dia diferente. Depois, o baloiço. Alguém mexeu num mosqueteão. E...

Hesitou. Pensou no monitor de bebé desligado.

Veados bramindo para a floresta. A mesma sensação provocada pelos olhos amarelados do leão-da-montanha.

Quão paranoica, quão assombrada, queres parecer?

– E a pedra da chave foi movida, uma vez. Estava perto da pilha de lenha, e não junto à porta. É possível que ele tenha copiado a chave?

O sargento entrelaçou os dedos.

– Mas não reportou nada disso.

– Não. Quero dizer, o que é que eu ia reportar, que não consigo encontrar o chapéu da minha filha?

– Não seria assim tão invulgar – refletiu o polícia jovem –, alguém observar uma casa antes de um assalto.

– Também não seria invulgar miúdos mexerem em coisas – acrescentou o sargento, recostando-se. – Então acha que este homem andava a vigiar a sua casa?

Um sentimento de perda inundou-a ao recordar a forma como ela e a sua filha tinham desejado que as visões estranhas após a morte do marido fossem pequenas indicações da sua presença. Ridículo, claro, mas estranhamente reconfortante. Um sentimento diametralmente oposto ao da possibilidade de o Homem do Canto os ter perseguido, próximo e silencioso.

– Não consigo pensar em mais nada. Que ele nos estava a observar. A planear. Ele sabia, nessa noite, eu disse? Que estávamos só nós os três em casa. Por isso, devia andar a espiar. Deve ter copiado a chave.

– Isso é uma grande trabalhadeira – disse o sargento.

Sem saber bem como responder, permaneceu calada.

– Muito bem. Agora, há algumas inconsistências que temos de esclarecer. – O sargento gesticulou com a mão, displicente. – São só coisinhas pequenas.

– Inconsistências?

– Sim. Disse que não tinha bebido nada naquela noite. Nenhuma bebida alcoólica.

– É verdade.

– Isto não é nada acerca do qual seja preciso mentir, certo, minha senhora? Beber é legal. Não é grande coisa.

– Eu sei disso.

Tentou que a irritação não transparecesse na sua voz. Olhou impacientemente pela janela, vendo o tempo escapar.

O sargento limpou as palmas das mãos nas coxas, onde as calças se amontoavam de forma desajeitada ao redor da sua corpulência. Os olhos dele estreitaram-se.

– Sabe, isso não inspira muita confiança – disse ele. – Porque, quando a senhora chegou ao hospital, tinha um nível de álcool no sangue de... – Pegou no seu caderno, pousado na mesa de centro, tentando parecer que procurava alguma coisa. Mas a página em que parou era óbvia, marcada com um *post-it* amarelo.

– Ok, aqui está. Nível de álcool no sangue de... – Franziu os olhos para a página, depois ergueu o olhar para ela. – Zero-vírgula-sete-cinco.

– Desculpe, eu não sei... isso é muito?

– Não é zero – disse o sargento.

– Poderia ser do elixir? Às vezes bochecho com elixir.

O sargento soltou uma risada sardónica.

– Não, minha senhora.

Há qualquer coisa errada aí em cima, não há? Uma coisa a chocalhar e a zumbir. Talvez tenhas deslocado algo no teu cérebro naquela noite. Não sentes nada aí a mexer?

– Eu não percebo. Não é possível.

– Estes números? – O sargento ergueu o seu caderno. – O seu sangue? Não mente.

– Mas eu não... – protestou ela através da dúvida zumbindo profundamente nos seus ouvidos. – Eu não bebi nada.

Sob os olhares inabaláveis dos polícias, flanqueada pelos seus corpos grandes e uniformizados, ela sentiu que o ambiente na sala tinha mudado. Cruzou os braços para se aquecer, o coração a palpitar.

– Está bem, então. Passando à frente. Não foi nada retirado...

– Os pertences da minha filha...

O sargento abanou a cabeça.

– Que ela pode muito bem ter perdido.

– Não a caixa do tesouro dela – insistiu, abanando a cabeça vigorosamente. – Aquela caixa em forma de carro de corrida? É onde ela guarda os seus tesouros. É assim que ela lhes chama. «Os meus tesouros.»

– As crianças perdem coisas.

– Isto, não! Ela não o perderia.

O sargento soltou um suspiro profundo e cansado, e começou a enumerar os itens com os dedos.

– Nenhuma impressões digitais, nenhuma pegadas, nenhuma marcas de pneus. Nenhum sinal de carro. Nenhuma entrada forçada. Nenhuma lesão infligida por esta pessoa.

– Ele trazia luvas. Brancas. De plástico. – A voz dela soou ofegante, e ela tentou trazê-la de volta a um tom normal. – Ele pode ter ficado à espera, como eu disse. Escondido cá em casa, até nós irmos dormir. Eu sei que não é grande coisa, mas... Eu disse-vos quem ele era! E depois, há a tampa da sanita levantada. O pneu furado. E as crianças também o viram. Naquela noite.

– Disse que ele geria a loja de sanduíches.

– Sim, é verdade.

Os olhos do sargento estavam duros e frios.

– Falámos com a senhora que é proprietária do lugar, minha senhora. Nunca teve lá nenhum gerente. Apenas ela e três raparigas a dar conta das coisas. Ela nem sequer nunca empregou nenhum homem.

A mente dela foi sugada de volta para aquele dia de agosto, lembrando as suas memórias como se estivesse a fazer avançar um filme rapidamente, as coisas que o gerente disse, a forma como se apresentou, o seu olhar fixo. O medo visceral e instintivo.

Era ele. Era ele.

– É impossível, ele pode ter dito que era o gerente, mesmo não...

O sargento inclinou-se, aproximando-se de uma maneira que a fez encolher-se.

– Compreende onde é que eu quero chegar?

Sim, pensou ela.

– Não – mentiu. – Ele estava aqui. Eu vi-o. As crianças viram-no. O que é que os meus filhos disseram?

O sargento cruzou os braços e recostou-se.

– Que a senhora lhes disse que havia aqui um monstro. Eles dizem que este «Homem do Canto» – o sargento fez aspas com os dedos ao dizer «Homem do Canto» – saiu diretamente dos sonhos deles. Que foi isso que a senhora lhes disse: «Os monstros são reais, e há um cá em casa.»

Ela baixou a cabeça, olhou para a sua mão ferida, que se contraía e descontraía. Imaginou as crianças a olhar para o sargento, para o avô, tão esperançosas. Compreendeu o desejo delas. *Talvez não fosse real*, pensaram. *Não seria bom? Talvez tivesse sido tudo um sonho. E tenhamos estado o tempo todo a salvo.*

– As crianças ouviram-no, viram-no – murmurou. – Não importa do que é que o avô deles os conseguiu convencer.

– Eles lembram-se sobretudo de si – disse o sargento. – Disseram que estava assustadora. Violenta.

O rosto dela virou-se para ele, boca aberta.

– Não!

– Minha senhora, a senhora mesmo mo admitiu.

– Eu não lhes fiz mal. Apenas... os afastei de mim. Para poder sair. Ir buscar ajuda.

– Não é assim que eles recordam.

Também não é assim que tu recordas. Foi terrível. Tão terrível.

A garganta dela apertou-se.

Não chores! Nunca te levarão a sério se chorares.

Esfregou o olho bom com a mão enfaixada.

– Foi real – disse ela ao sargento, a si mesma. – Ele era real. Acreditam em mim?

Eles não acreditam em ti.

A voz do sargento tentava ser suave, mas ainda assim soava cortante.

– Oiça. A senhora passou por muito. Perder o seu marido, quero dizer. Não tem andado bem. Sem ninguém com quem falar, sem comer. Tinha bebido.

– Não, não tinha.

– Tudo bem. Mas mesmo assim. – Bateu no caderno. – O seu nível de álcool no sangue não mente. A sua identificação desta pessoa estava completamente errada. Fica difícil confiar em si. Ou, acho que posso dizer assim, fica difícil confiar na sua memória.

Aquilo deixara-a como que à deriva, o álcool no sangue. O café nunca ter empregado um homem. Era possível que o Homem do Canto tivesse feito uma cópia da chave, mas como tinha ele desaparecido sem deixar rastro na neve?

O sargento pode estar a mentir sobre o álcool no sangue. Sobre o café. Eles podem fazer isso, não podem? A polícia? Para tentarem levar-te a dizer que inventaste tudo.

A mente dela girava em torno dessa possibilidade.

Mas estas coisas... são tão específicas. Eles queriam encontrar o Homem do Canto. Devem ter falado com pessoas no café. E o álcool no sangue. Porque inventariam isso? Talvez o hospital tenha cometido um erro? Trocaram os teus resultados com os de outra pessoa?

Tocou delicadamente no lado do rosto. Ajustou a ligadura ao redor da mão. A dor assegurou-lhe que estava presente. Que a sua mente estava a registar o mundo físico.

Foste atingida na cabeça. As coisas escapam-se por entre fendas. O psiquiatra disse que talvez não consigas recordar as coisas corretamente. Lembrar-te de tudo. Ele estava aqui.

Ela sabia que não tinha bebido nada. Conseguia lembrar-se claramente do Homem do Canto, contornado pelo sol de agosto, apresentando-se como gerente do café.

Eles não acreditam em ti.

Mas aconteceu. Tudo isto aconteceu. De alguma forma. Como? Precisas de pensar. Descansar.

– Disse-me, quando o seu marido morreu, que às vezes vê coisas ao acordar. Tem alucinações. É isso?

A cabeça dela virou-se rapidamente para o sargento, tão rapidamente que uma linha apertada de dor a percorreu da clavícula à linha do cabelo.

– Não... Alucinações?

– Disse-me, naquela altura, que via uma figura escura na sua casa. De um homem assustador.

– Isso... Não, isso é só um sonho. Uma condição do sono. Não uma alucinação.

– Disse que viu um homem assustador.

– Em pesadelos, às vezes, só isso – murmurou. – Estou... estou tão

cansada. E a minha cabeça. Dói. Podemos falar amanhã? Podemos?

– Não, minha senhora – disse o sargento. – Receio que ainda tenhamos muito que fazer aqui.

Encostou a testa à sua mão boa. Lembrou-se da sua filha a dizer:

– Ele observa-me do canto quando pensa que estou a dormir.

Com a ponta do dedo, tocou na agonia do seu olho ferido para se focar. Para fazer a dor sobrepor-se ao pensamento, ao pânico, de que talvez o Homem do Canto tivesse estado em sua casa antes daquela noite. Que talvez uma das figuras feitas de sombra que a visitaram após a morte do marido pudesse ter sido real – o Homem do Canto observando-a a dormir.

O sargento estalou cada articulação da mão direita com o polegar.

– Já ouviu falar da navalha de Occam?

Ela assentiu, arrepiando-se com o som das articulações a estalar, com a condescendência na voz dele.

– É uma teoria que diz que a explicação mais simples é provavelmente verdadeira. Para mim, pela minha experiência neste trabalho, isso é absolutamente correto. O mais simples geralmente está certo.

Disseste ao sargento que existem explicações simples para a maioria das coisas. Mas uma conclusão não pode ser verificada apenas pela sua simplicidade.

– Falemos sobre isto. A senhora sente falta do seu marido – continuou o sargento. – Então, aparece um homem nas escadas onde o seu marido caiu. Toca a guitarra do seu marido. Usa coisas que estão no armário do seu marido.

Devem ter procurado por coisas que pensaram poderem desacreditar-te.

Ela começou a responder, e o sargento ergueu a mão para ela parar.

– Depois há as mentiras, minha senhora. E sim, a senhora está a mentir. Este nível de álcool no sangue é um facto. Eu tenho de me perguntar: «Será que ela está tão perturbada pela morte do marido, sem comer, sem dormir, que se esqueceu de ter bebido?». – Bateu com um dedo na têmpora para indicar como o cérebro dela poderia ter funcionado.

Ele está a tentar que duvides de ti mesma. Só porque não consegue pensar numa explicação, não significa que não haja nenhuma. Só porque toda a noite te pareceu irreal, não significa que tenha sido. A tua dor é real. O teu pneu furado é real. As coisas estão desaparecidas. Tudo aconteceu.

– Não, não é...

– Mesmo tirando a bebida, minha senhora, e o facto de nunca nenhum homem ter trabalhado naquele café, disse-nos que ele lhe levou o seu telemóvel, que encontrámos na sua mesa de cabeceira. Diz que deixa sempre

o monitor de vigilância ligado. Estava desligado. Não é coisa que um intruso adivinhasse, que a senhora tem um monitor de vigilância para uma filha tão crescida. Nem sequer tem a certeza de ele a ter seguido quando saiu de casa. Diz que estava aterrorizada, mas adormeceu enquanto ele estava sentado nas escadas. Os seus filhos são pequenos, estavam assustados, mas quer que acreditemos que fizeram exatamente o que lhes disse, não emitiram um som que vos denunciasse. Quer que acreditemos que os conseguiu pôr, com os seus brinquedos, água, uma almofada e uma manta – tudo menos a banca da cozinha, praticamente – naquele esconderijo em, segundo nos diz, provavelmente, cinco minutos. Isso parece-lhe plausível?

– Sim, eu...

– E, sempre que falamos consigo, mostra-se solidamente gelada. Sem sentimentos, mesmo depois de algo tão traumático. Esse tipo de experiência faria a maioria das pessoas ter *algum* tipo de reação.

Mas tens chorado tanto. Tens estado sempre a chorar.

– Eu tenho...

– Além disso, minha senhora, os seus filhos contam uma história diferente da sua. Que foi a senhora quem lhes disse que estava cá um monstro. Que foi a senhora quem os assustou. Quem os magoou.

A vergonha encharcava-a, como se estivesse a reviver tudo.

Como é que pudeste? Como pudeste fazer isso?

– Depois, a *arma*. – O sargento disse a palavra com tanto ceticismo que era como se não existissem armas de todo, fossem impossíveis de conceber. – Flexível, pequena? Não era uma faca, uma pistola, nem sequer uma corda? Uma coisa pequena e mole? – Deixou no ar esta ideia de ridicularidade e depois sacudiu-a com um pulso frouxo.

– Fez um som, pesado...

– Mas, acima de tudo, minha senhora – interrompeu-a ele –, o que nos confunde é que testámos isso. Eu entrei naquele esconderijo. Os meus rapazes andaram por todo o lado e não ouvi absolutamente nada, francamente. Mas a senhora? «Oh, ouvi-o entrar nesta sala e gritar. Ouvi-o descer estas escadas. Ouvi-o bater em alguns brinquedos. Ouvi-o abrir o guarda-roupa um piso acima de mim.» Tem uma audição *sobrenatural*, minha senhora.

Aquela palavra de novo, «sobrenatural». Ele está ressentido contigo, está, sim! Porque ele deve ter ouvido alguma coisa. Tu ouviste tanta coisa.

– Não quer dizer que tenha sido de propósito – disse a voz calma do polícia jovem, da cadeira perto da lareira.

O sargento respirou fundo. Esfregou as pernas e voltou a estalar as articulações dos dedos, como que para libertar energia acumulada, para se lembrar de ser mais amável, de lhe oferecer a saída fácil de se declarar mentalmente afetada, em vez de criminalmente perturbada.

– Certo. Certo! Não estou a dizer que foi *intencional*. Quero dizer, a senhora passou por muito. É claro que há lapsos na sua memória. O seu psiquiatra confirmou-o. Não se lembrava de ter dado autorização para

gravarmos a sua primeira entrevista, por exemplo. Talvez se tenha esquecido de ter bebido. Bebe o suficiente, é fácil esquecer-se. E os seus filhos, eles dizem-nos que tem estado completamente fora de si. A maioria das pessoas que conheço, claro, ultimamente têm medo de ficar doentes. Mas a senhora? Perdeu o seu marido, então claro que não tem agido normalmente, pensado com clareza. Talvez tenha chegado um pouco à beira da loucura. Bebendo de mais. Solitária. Alucinando com essas figuras sombrias à noite, como me contou, preocupada com os seus filhos. – Estendendo as palmas das mãos à sua frente como que para antecipadamente desarmar protestos dela, disse: – Compreensivelmente, veja, compreensivelmente.

Ela olhou para a sua mão ferida a fim de evitar olhar para os oficiais. Sentia-se simultaneamente pesada e drenada.

Como é possível? Como é qualquer coisa destas possível? O sargento não conseguir ouvir nada no esconderijo, o seu nível de álcool no sangue, a porta destrancada, nenhuma pista, nenhum gerente no café, nenhum...

– Depois, este intruso. Bem tagarela, não? – A voz do sargento exsudava escárnio. – A dizer quão assustadora é a sua casa, quão assustador é ele. Um Lobo Mau dos contos de fadas à sua porta. E a senhora é a única pessoa que pode manter os seus filhos longe de toda essa maldade. Mas até a senhora admitiu, até a senhora disse que ele, chamando-se a si mesmo «Homem do Canto», era – virou uma página do seu caderno, apontou para uma palavra que tinha escrito em maiúsculas e sublinhado – tolo. Vê isto, minha senhora? Disse que era ridículo que ele se intitulasse assim. Que ele andasse a falar em voz alta.

Ela reconheceu que, apesar dos esforços para se manter calmo, o sargento estava a deslizar para uma agitação mais profunda. Raspou as suas memórias, mas não conseguiu recordar-se de alguma vez ter chamado «toló» ao Homem do Canto. Sentiu os ombros desistirem perante o medo crescente no seu peito, a sua incapacidade de se fazer ouvir, de ser compreendida, de se fazer acreditar.

Aconteceu, aconteceu, não lhe dê ouvidos. Foi real. Coisas desaparecidas, o assento da sanita, o cheiro a fumo de cigarro, o pneu furado...

A voz do sargento adotou um registo mais baixo, rosnado.

– Preparou-se para ser a heroína, não foi? Tem um casaco de peles escondido no armário da frente. Provavelmente, não contava com quão mau seria, no entanto, atravessar a neve. Nem pensou em coisas como pegadas, entrada forçada. Mas, agora, tem as atenções sobre si, certo? Eu, os meus rapazes, médicos, enfermeiras. Grande heroína para os miúdos. A menininha lutando contra o Lobo Mau. Bem simples, não acha?

– É fácil, dada a sua situação, ficar confusa – disse o polícia jovem, suavemente.

O sargento aclarou a voz.

– Exatamente. E está completamente sozinha. Sem família por perto,

exceto um idiota como sogro. Sem amigos neste lugar novo. E claramente não estava a lidar bem com as coisas. Pele e osso. Tiveram de algemá-la no hospital.

– Mas o psiquia...

O sargento atropelou o seu protesto.

– Não foi a primeira vez que viu um desconhecido em sua casa, não é, com os homens das sombras de que me falou? E está sempre acordada, a percorrer a casa constantemente, dizem os seus filhos. Deixando-os ver televisão o dia inteiro. Agarrando-se a eles, disseram eles, ficando histérica por cada joelho esfolado. E «afastou-os», como me disse, quando estavam com medo.

És uma mãe terrível.

O sargento inclinou-se para a frente, cotovelos apoiados nos joelhos afastados, queixo pousado nos dedos entrelaçados. O azul gélido dos seus olhos trespassava-a.

– Vê como tudo isto aconteceu, senhora? Como é simples?

– Ele deve ter mentido... – Abanou a cabeça, desejando poder tornar a sua voz mais alta, mais forte, enquanto mentalmente procurava soluções, as mais ténues pistas de explicações possíveis. – Sobre ser o gerente, ele...

O sargento já não fingia paciência.

– Minha senhora, o facto é que estava errada. Inventou. Sonhou com isso. Está a mentir-nos. Não está no seu perfeito juízo. Queria atenção. Não consegue ver como é óbvio?

Ele estava tão próximo agora que ela conseguia sentir o cheiro dele. *Spray* de engomar e cebola crua sob o perfume.

A sua mente dobrava-se para dentro, seguindo uma história de uma aula de psicologia a que assistira na faculdade. Era uma vez, dizia a história, um homem cujo vizinho o acusou de devolver uma chaleira de teca partida. Ele retorquiu que, na verdade, ela já estava danificada quando a recebeu, e, de facto, ele devolveu-a sem danos, e aliás, nunca a tinha pedido emprestada, de qualquer forma. Servia para ilustrar a forma como as pessoas pensam nos sonhos. *Eu estava neste lugar, mas não era este lugar. Eu estava a falar contigo, mas não eras tu.*

Essa falta de lógica combinava perfeitamente com os argumentos contraditórios do sargento.

Na verdade, estás louca. Mas, na realidade, planeaste isto. Aliás, estás a mentir, mas, também, apenas o imaginaste. De facto, não foste boa a encenar um crime, mas, ao mesmo tempo, não foi intencional. És paranoica, histérica, mas não suficientemente emotiva. A tua história é demasiado linear, mas não faz sentido. Calculaste como te tornares uma heroína, mas também esqueceste todos os detalhes que te teriam permitido escapar impune. És disfuncional, isolaste-te do mundo, mas tudo o que queres é a atenção de desconhecidos. Estás certa de que és a única que pode proteger os teus filhos, mas na verdade magoaste-os.

Todas essas realidades contraditórias não podiam existir simultaneamente, mas entrelaçavam-se para apoiar o argumento principal do sargento.

Ele acha que o Homem do Canto não existe. Ele não acredita em ti.

– Eu sou a chaleira – murmurou. O seu olho ferido parecia-lhe dissolver-se, transformar-se em líquido que preenchia os espaços sob a sua pele. – Eu sou a chaleira.

O sargento e o polícia jovem trocaram um olhar que ela sabia significar que achavam que a sua mente tinha, finalmente, avariado por completo. Todas as coisas que lhe eram familiares, os seus pertences, eram secundárias para aqueles estranhos. Havia um pequeno cavalo de peluche debaixo de uma cadeira perto da lareira. Havia manchas de cinza no tapete.

Não podes vencer. Estás a jogar um jogo com apostas, mas não podes vencer.

– Porque não nos diz a verdade? – O polícia jovem esforçava-se por infundir a sua voz com bondade. – É tudo tão compreensível.

A dor era terrível. A confusão, a sensação de que o seu cérebro era um disco riscado, aos saltos, a perder pedaços de si mesmo, dominava-a. Como poderia ela refutar as contradições aparentemente intermináveis, todos os factos e factos alternativos e talvez-factos que o sargento acabara de lançar à parede para ver o que colava? Como poderia ela fazer isso com o seu crânio tão amassado e magoado?

– Isto não pode estar a acontecer. Isto é um pesadelo. – Segurava a cabeça nas mãos trémulas.

O sargento cruzou os braços, a opinião sobre ela despedaçada há muito tempo. Talvez tenha sido quando viu o teste de alcoolemia. Quando descobriu que não havia gerente algum no café. Talvez quando ela descartou a religião como sendo sobrenatural. Talvez, só talvez, no segundo em que pôs os olhos nela, em novembro.

– Um pesadelo – disse ele, áspero. – É isso mesmo. Obrigado por admitir. Ora, é esperta. É uma senhora esperta. É isso mesmo. Não aconteceu.

Ele disse a palavra «esperta» da mesma maneira que a avó dela às vezes dizia, como resposta sarcástica a uma resposta atrevida: «Ora, que *esperta* que me saíste.»

– Aconteceu, sim. É o seu trabalho. O seu trabalho é acreditar em mim – murmurou ela.

O sargento bufou, aborrecido.

– Francamente, minha senhora, as pessoas mentem-nos. O nosso trabalho é ouvir. Seguir os factos e as provas. Isto pode ter-lhe parecido real a si. Mas isso não significa que tenha acontecido. Como acabou de dizer, foi apenas um pesadelo.

Ela queria desesperadamente fechar os olhos danificados e adormecer.

– Não – disse, a voz num sussurro distante –, não foi um sonho. Aconteceu a sério.

Pensa na caixa do tesouro, pensa no que viste, pensa nas crianças, de pé no escritório, a ouvirem contigo. Eles também o ouviram e viram.

– Não foi um sonho – repetiu ela, mais alto. – O pneu furado, o assento da sanita, as coisas desaparecidas...

– Minha senhora, primeiro diz que foi tolo, um pesadelo, agora diz que aconteceu? Vá lá. – Abanou a cabeça lentamente, como se fosse um professor desiludido. – Pare com isso.

O sargento fez uma pausa, depois soltou um longo suspiro que a abalou, dado que parecia concebido para criar uma sensação de presságio, para lhe causar a impressão de que ele estava prestes a jogar uma carta importante.

– Eu não queria referir isto, mas, francamente, tenho de o fazer. Talvez a ajude a entender quão importante é que seja honesta connosco. – Ela olhou para ele, para o vidro azul-céu dos seus olhos. – Foi feito um relatório à Segurança Social. Eles terão de avaliá-la, avaliar a sua casa, antes de poder recuperar os seus filhos.

A dor pulsante da sua órbita ocular fraturada, do seu crânio dorido, aumentou.

– O quê? – disse ela, a voz estrangulada. – O quê?

Ele falou devagar, deliberadamente.

– Os assistentes sociais terão de avaliá-la a si, aos miúdos, à casa, antes de os poder recuperar.

– Eu não... o quê?

Tinha manchas brilhantes na visão. Tentou ver o sargento através delas, pestanejou rapidamente para clarear a vista.

– A minha opinião é que esta é apenas uma primeira avaliação, para ver se se trata de um caso para aprofundar.

– Aprofundar?

– Para ver se há necessidade de supervisão ou de uma mudança de custódia.

Ela sentiu os braços à volta dos seus filhos no esconderijo. Ouviu-os desesperados e assustados, *a chamar pela mamã!*

– Como... porquê?

– Alguém a denunciou como possivelmente inapta.

– O quê... quem? – gaguejou.

– Isso é anónimo.

– O meu sogro?

– Posso dizer-lhe que ele está perturbado com a forma como os magoou naquela noite. Por isso, pode muito bem ter sido ele a fazer a denúncia. Mas pode ter sido outra pessoa. Do hospital, por exemplo. Um dos professores das crianças.

A maneira casual como o sargento listou as pessoas que poderiam considerá-la indigna de ser mãe clarificou a sua compreensão.

Isto foi planeado.

– Poderia ter sido um polícia? – perguntou ela.

O sargento encolheu os ombros ligeiramente, mas o seu olhar perfurou-a, desafiando-a a acusá-lo. Aos seus olhos, ele transformara-se num dos oficiais na sala de tribunal da sua mãe, parte de um todo multifacetado que descartava eficientemente vítimas e sobreviventes.

Eles culpam-te porque é mais fácil para eles.

– Os polícias são obrigados a relatar – disse o sargento friamente. – O que interessa é nós podermos dizer-lhes que cooperou, que disse a verdade, que tem noção da realidade. Isso pesará muito a seu favor.

Sim, é chantagem. A polícia, o teu sogro, todos em conluio para te tirarem os teus filhos.

Assim como acontecera, na sua infância, depois da morte da mãe, e depois de o marido ter sido levado, ensanguentado, pela porta de casa, o seu corpo enrolou-se involuntariamente à volta da dor que a apertava no peito. Os braços abraçaram as suas canelas desfeitas, a testa encontrou os joelhos e os olhos fecharam-se reflexivamente.

– O trauma não acaba quando o trauma acaba – dissera o psiquiatra.

– Minha senhora?

Tu prometeste-lhes – prometeste-lhes! – que irias buscá-los. E agora, agora o quê?

– Eu não compreendo – ouviu-se murmurar.

Compreendes, sim.

O tom de voz do sargento estava baixo e calmo.

– Terá uma carta à sua espera. Receberá uma chamada da assistente social. Eu tentei dizer-lhe. É com ela que deve falar sobre os seus filhos. Mas ainda é cedo. Há muito tempo para endireitar as coisas. Quase sempre, a mãe fica com os filhos. E tem uma casa bonita. Está suficientemente bem de finanças. Vai correr bem. Vai recuperá-los. Desde que repense tudo, como eu lhe disse. Que veja o que faz sentido.

Ela manteve os olhos fechados, o corpo fechado.

– Quer água? Posso trazer-lhe alguma coisa? – perguntou o polícia jovem.

O estômago dela começou a revirar-se de pânico desesperado. Abraçou-se com ainda mais força para que eles não ouvissem o começo do seu luto, não a vissem desfazer-se em nada.

– Pense nisso tudo, sim? – disse o sargento. – Há de haver algumas respostas, explicações, quando pensar nisso.

– Vão-se embora.

– Tem a certeza? Nada mais que queira dizer?

– Saiam.

Outro suspiro do sargento.

– Está bem. Podemos falar depois.

Ela não respondeu.

– Compreende, minha senhora? Fica bem? Se se sentir em baixo, pode sempre ligar para aquele psiquiatra, ou ligar-nos, sim? Eu sei que parece

difícil agora, mas...

Ela olhou para ele então, a sua face fraturada retorcida em torno de toda a raiva que nunca lhe permitiram libertar.

A sua voz saiu num sibilo.

– Saíam. Daqui. Agora.

Por um breve momento, os olhos do sargento mostraram surpresa.

– Certo – disse ele. Recompôs-se. Tirou algo do saco. – Tome. O seu telemóvel. Vou deixar-lho aqui, ao lado do meu cartão. Nós entraremos em contacto consigo.

O polícia jovem olhou para ela com preocupação enquanto seguia o sargento para fora da sala de estar. Ela ouviu-o dizer, enquanto calçavam as botas:

– Acha que ela devia ficar sozinha?

– Não depende de nós. Foi o psiquiatra quem lhe deu alta. De qualquer forma, vai dar-lhe uma oportunidade para pensar.

Ouviu a porta fechar-se. Ouviu o carro deles rugir ao longe. Virou-se para gritar profundamente para dentro de uma almofada. Frustrada com a maneira como tinha sido treinada para se sufocar até ao silêncio mesmo quando sozinha, atirou a almofada para o outro lado da sala.

Lançou-se num pranto, a boca aberta num som animal, uma reverberação profunda e primordial.

*D*epois de tanto tempo, pudeste finalmente gritar.

Ficou rouca. Não sabia bem o que aconteceria a seguir, mas tinha a sensação nauseante de estar a surfar uma onda que a ergueria e faria despenhar-se sem que tivesse voto na matéria. Flutuava, exausta como só uma explosão de emoções a poderia deixar. No entanto, de cada vez que começava a apagar-se, ouvia o Homem do Canto. Abria os olhos prontamente, procurava por garras esfiapadas, uma língua bifurcada a envolver-se numa ombreira de porta.

Estás assustada porque aconteceu. Estás assustada porque foi real.

Olhou para os pontos do chão em que a polícia deixara rastros de cinzas, esmagando-as o bastante para manchar o tapete. Aquilo lembrava-lhe que as cinzas do seu marido estavam numa caixa no armário. Uma chama de fúria começou a subir-lhe pela garganta e, na sua raiva, os seus pensamentos tornaram-se desconexos.

Filhos ausentes, marido em cinzas, cinzas por todo o lado. Tudo o que era importante, afinal, incinerado. Ele acha que mentiste. Que estás louca. Culpa o álcool que não bebeste. Não compreende como é que tudo se passou. Como foi, realmente? «Obstáculo feminino», chamou-te o Homem do Canto. E é isso que és para aquele sargento. Inconveniente, por insistires na tua própria sanidade. Tal coisa acontecer aqui faz com que ele pareça mal. A estranheza, a horribilidade fazem com que lhe seja mais fácil desvalorizar o sucedido.

A sua raiva ardia ainda mais quando o sargento, o Homem do Canto, o assassino olvidável na sala de audiências, os que o defendiam, e os que falharam em defender a sua mãe se entrelaçavam.

Aquele assassino não tinha conseguido controlar os seus piores impulsos. O Homem do Canto orgulhava-se do seu próprio desrespeito pelas regras. E, no entanto, ambos eram protegidos pelas mesmas instituições e normas que tanto desprezavam, em relação às quais se sentiam claramente

superiores. Os mesmos códigos escritos e não escritos que o sargento e outros como ele seguiam.

– Todas estas coisas que fazem para te tornar mole, para te fazer uma ovelha – dissera o Homem do Canto. – Mas eu passo por cima.

O facto de o Homem do Canto estar no mundo e a sua mãe, a sua avó, a sua sogra, o seu marido estarem todos mortos era uma pedra no seu coração, uma percepção irada de injustiça e responsabilidade.

Só restas tu. Isto é por tudo aquilo que importa. Nada disto é letal. Nada disto está acabado. O psiquiatra tinha razão. O maldito Homem do Canto tinha razão. És o único obstáculo.

Sentou-se. Limpou a cara com a manga.

Eles olham para ti e acham que te conhecem. Mas não te veem. Não conseguem. Acham que são melhores. Que compreendem mais. Mas não há «melhor». Há apenas pessoas a fazer escolhas. A jogar com as cartas que lhes foram dadas. E tu vais escolher usar as tuas vantagens. Escolher contratar um bom advogado. Vais escolher lutar. E não vais deixar ninguém fazer-te questionar a tua própria mente. Porque, se o tivesses feito, se o tivesses feito quando viste aquele leão-da-montanha, se o tivesses feito quando viste o Homem do Canto, estarias morta.

Pegou no telemóvel que o sargento deixara na mesa de centro. Havia apenas uma mensagem de voz, deixada por alguém do Estado.

– De acordo com a nossa carta sobre as duas crianças menores... avaliação... triagem... contacte-nos pelo...

Era demasiado tarde para lhes ligar. Calçou as botas de neve e vestiu um casaco.

Apesar da sua determinação para fazer algo, para lutar, hesitou ao estender a mão para a porta.

Ele podia andar lá fora.

Olhou para a penumbra através da janela da entrada, mas o reflexo da luz interior no vidro tornava-lhe difícil ver lá para fora. Desligou as luzes todas e esperou. Não havia movimento lá fora. Não havia novas pegadas na neve.

O sargento tem razão. O Homem do Canto provavelmente não voltará cá. É demasiado arriscado.

Caminhou devagar até à caixa do correio e esvaziou-a. Enquanto regressava a casa, segurando os envelopes acumulados, revistas e publicidade, o seu olho bom captou algo fora do lugar no pasto à sua esquerda. O seu coração acelerou até perceber o que era. Um veado e uma cria estavam imóveis na neve, as suas orelhas macias voltadas para ela.

A cria era pequena para esta altura do ano. Uma chegada tardia a tentar sobreviver ao seu primeiro inverno. Que era sempre um inverno difícil.

Após a observarem por um instante, uma corrente invisível no ar fez com que corressem. Moviam-se simultaneamente, como se houvesse um cordão entre mãe e cria. Ela observou as suas caudas brancas a agitarem-se contra as costas castanhas, a sua graça enquanto saltavam pela neve, passando

pelo cemitério e desaparecendo no trilho.

Vês? Mesmo agora, as coisas são belas.

– Boa sorte – disse em voz alta aos veados.

Franziu a testa, tomada pela sensação de se ter esquecido de alguma coisa, como se tivesse entrado numa divisão da casa e não se lembrasse do motivo. Tentou agarrar o fio que dizia: *Lembras-te? Lembras-te?*, mas continuava a escapar-lhe, até que pensou: *Para, para. Estás a torturar-te a pensar que te esqueceste de coisas. Que estás a esquecer-te de coisas.*

Entrou em casa e trancou as portas. Verificou duas vezes se todas as janelas do andar de baixo estavam fechadas. Só então começou a separar o correio. Leu uma vez a carta que procurava, depois outra vez.

– Foi-nos reportado... proteção de crianças e jovens... avaliar se há necessidade de aprofundar...

Colocou-a debaixo do braço. Levou a carta, o telemóvel e o saco dos medicamentos trazido do hospital para o andar de cima e pousou-os no balcão da casa de banho. Verificou se todas as janelas do andar de cima estavam trancadas.

Ninguém em casa, tranquilizou-se. *Ninguém em casa além de ti.*

Sem os olhos críticos da polícia a pairar sobre ela, foi-lhe fácil abrir o cofre. As moedas de ouro, a aliança do marido e a arma estavam bem alinhados.

Passou os dedos por cada item, como se pudesse absorver o seu poder.

Todas estas coisas que guardas para segurança, proteção, em caso de emergência? Todas de metal frio. Nada macio, nada quente.

Uma das moedas estava fora do lugar, e ela endireitou a pilha. O coldre da arma tinha um gancho de metal para que pudesse ser preso às calças ou a um cinto. O sargento colocara o coldre com o gancho virado para baixo, inclinando-o num ângulo estranho que fez com que a arma deslizesse parcialmente para fora do coldre. Tirou os dois objetos do cofre. A arma parecia ridícula nas suas mãos trémulas. Lembrou-se da forma fácil e competente como o sargento a tinha segurado, do clique hábil do carregador, de como parecia pequena nas mãos dele. O punho era desconfortavelmente grande para ela. Percebeu que a arma não era de metal, mas de polímero moldado, o punho áspero, mas sem qualquer flexibilidade que pudesse torná-la mais fácil de segurar. Brincou com o libertador do carregador, irritada com a sua inaptidão, comparada com o agente.

Conseguiu, trémula, remover a culatra e o carregador, e acalmou-se ao assumir o papel familiar de inspecionar a mecânica. Embora o exterior fosse de resina, o interior era de metal. Nas suas mãos, desmontar a arma era evidente. Semicerrou os olhos para observar de perto as molas, os parafusos e os pinos expostos. Era uma máquina simples. Premir o gatilho levantava uma barra que atingia a bala e a fazia disparar.

Metodicamente, voltou a montar a arma, dedos competentes e calmos. Dissecá-la tinha-a relaxado. Tornava a arma uma coisa menos viva, um

animal um pouco menos imprevisível à espreita, e mais uma simples peça de engenharia elegante, embora desenhada para um propósito horrível. Colocou a arma com segurança no coldre de *nylon*, pousou-a e tirou a aliança do marido do cofre. O anel era demasiado grande para si, mesmo no polegar, mas pousou-o no balcão de qualquer maneira. Trancou o cofre, as águias douradas das moedas do seu pai a brilharem antes de desaparecerem.

Toda a tua preocupação com dinheiro, toda aquela assinatura furtiva das fotografias do teu marido, e não é interessante como o dinheiro é a coisa menos reconfortante agora?

Revistou as gavetas da casa de banho. Os únicos pensos rápidos que encontrou foram os que comprara para as crianças, decorados com a cara sorridente do SpongeBob SquarePants.

Agradável, no entanto – as cores, a lembrança das crianças.

Enrolou um penso rápido colorido em volta da aliança de platina do marido e voltou a pôr o anel no dedo. Teve de enrolar outro por cima do primeiro até a aliança ficar finalmente presa ao dedo médio, batendo reconfortantemente contra a sua própria aliança de casamento. Puxou o brilho à platina com a ponta do polegar. Pressionou as cores primárias do boneco esponjoso.

Vês? Alguma maciez. Menos frio. Menos solidão.

Esboçou um sorriso irónico, imaginando a arma enrolada da mesma maneira, suavizada, como o anel, por personagens de desenhos animados. Imaginou o desaprovador cenho franzido do sargento se ele tivesse tirado a arma do cofre e a encontrasse decorada com autocolantes, como os cadernos e lancheiras da sua infância. Perguntou-se por que razão tinha ela a certeza de que mesmo um pequeno toque de cor faria, de facto, com que ficasse menos nervosa com a frieza mate da coisa.

No quarto de hóspedes, estendeu uma enorme folha de papel na sua mesa de desenho. Ao seu lado, pousou ordenadamente um compasso, lápis, borrachas, moldes, uma régua e um esquadro T. Embora fizesse a maior parte dos seus desenhos no computador, gostava de começar cada projeto a lápis.

Quando se sentou, sentiu a porta aberta atrás de si como um sopro frio. Percebeu que, enquanto verificava o cofre e enrolava a aliança do marido em pensos, ficara, inconscientemente, de costas para uma parede.

Para que ninguém pudesse aproximar-se de ti por trás.

A mesa de desenho era surpreendentemente fácil de mover. Empurrou-a de forma a poder sentar-se virada para a porta do quarto. Então, quando se sentou, os pelos na nuca acalmaram-se e conseguiu concentrar-se.

Desenhou uma grelha. Uma lista, codificada por cores, de passos concretos (*contratar um advogado*) e vagos (*provar que estás a dizer a verdade*). A sua capacidade, a confiança nas linhas que desenhava, a caligrafia arquitetónica clara, tudo falava consigo de uma forma que dizia: *Não estás louca. Foi tudo real. Conseguirás recuperá-los. Vais melhorar. És capaz de os proteger.*

As coisas que já estavam agendadas, marcou-as com uma linha tracejada. Os instaladores do alarme, o serralheiro chegariam de manhã. O novo problema dos carros imobilizados teria ainda de ser resolvido.

Forçou-se a comer uma refeição preparada no micro-ondas, de validade indeterminada. Depois, foi buscar almofadas e um cobertor ao quarto de hóspedes e trancou-se na casa de banho, a única divisão da casa com uma porta que se trancava por dentro.

Manteve a mão por um momento naquele trinco, com a memória de o ter instalado quando estava desesperada por erguer algum tipo de barreira entre si e a sua família, por conseguir algum pequeno momento sozinha. Parecia um desejo nascido de outra vida, um contraste tão grande com o seu atual desejo absoluto de estar com eles.

Fez um ninho com a roupa de cama na banheira de ferro fundido.

Outra coisa dura amaciada.

Tomou a medicação. Colocou os tampões nos ouvidos. Rodeada pelas paredes da banheira, não adormeceu propriamente, mas caiu num estado de completa inconsciência.

O primeiro fio de luz a entrar pela janela da casa de banho acordou-a. Tinha os músculos terrivelmente torcidos. A zona lombar doía-lhe como se tivesse passado a noite deitada sobre um punho cerrado. Até o dedo com a aliança do marido formigava, não habituado ao anel.

É o que acontece quando dormes com coisas de metal.

Espreitou o telemóvel. Faltava uma hora para a chegada do serralheiro e dos instaladores do alarme. Mantendo-se o mais quieta possível, ouviu os sons da casa. Encostou um ouvido à porta da casa de banho. Nenhum ranger dos degraus. Nada além do som do vento lá fora. Ainda assim, havia algo na profundidade do seu sono que a deixava nervosa por sair da casa de banho. Estava ainda demasiado próxima dos sonhos para ter coragem. Tomou um duche, lavou os dentes e, sentada na borda da banheira, fez chamadas consecutivas, deixando a mesma mensagem de voz.

– Olá, fui informada de que os serviços sociais irão investigar a minha situação, e vi *online* que têm experiência em ajudar pais. Preciso de representação imediata...

Entre cada chamada pensava: *O hospital pode ter cometido um erro no que concerne ao teu nível de álcool no sangue. Sabes que a caixa de lata desapareceu. O ursinho de peluche. As roupas dela. Sentiste-te observada. Ele pode ter copiado a chave. Espetado um prego no pneu. E talvez ele se tenha escondido, de alguma forma. Saído às escondidas.*

Deixou dezasseis mensagens até ouvir alguém bater à porta, no andar de baixo. Destrancou o ferrolho da casa de banho, espreitou para o corredor imóvel e vazio, e escutou atentamente, apertando mais os pensos rápidos em volta da aliança do marido, para se assegurar de que o Homem do Canto não estava nas sombras, à espera para atacar. Saiu da casa de banho, vestida com uma camisa larga e uma das camisolas do marido, enfiou umas calças de fato

de treino macias sobre as pernas doridas, e atrapalhou-se com o cordão, até este ficar bem apertado. Esperava que as roupas largas escondessem o estado do seu corpo, com os hematomas, inchaços e nódulos duros e antinaturais. No andar de baixo, pediu desculpa ao serralheiro por o ter feito esperar. Atrás dele, rapidamente, entrou a equipa de instaladores do sistema de alarme.

– As fechaduras todas – disse. – Todas as câmaras, em todas as janelas, em todas as portas. Sim, usem a eletricidade de que precisarem. Claro, não tenho problema com fios.

O ruído e o movimento de outras pessoas na casa permitiram-lhe deambular com uma sensação de segurança, a certeza de que o Homem do Canto não a atacaria, que não poderia fazer-lhe nada, rodeada como estava pelos trabalhadores que a procuravam, fazendo as suas perguntas.

– Onde quer o novo painel? Quer que o liguemos também ao gerador?

Cuidadosamente, mas com eficiência, vasculhou a casa inteira, procurando quaisquer sinais que o Homem do Canto pudesse ter deixado da sua existência. Qualquer coisa para preencher aquele vazio no seu gráfico que dizia «indícios». O outro que dizia «provas».

Ele existiu. Todos os seres vivos deixam rastros.

Na cave, voltou a sentir o cheiro a fumo de cigarro. Perguntou a um dos homens da empresa de alarmes que trabalhava lá se ele também o sentia.

– Oh, sim – disse ele. – Deixei de fumar há um ano, e agora parece que tenho um sexto sentido para isso.

Esse reconhecimento, essa aprovação dos seus próprios sentidos, fez subirem-lhe aos olhos lágrimas de gratidão, ao mesmo tempo que sentia uma onda de ressentimento.

Tu sabes que cheiros sentes. Não devias precisar de que outra pessoa te dissesse que são reais.

Se havia outros sinais de que o Homem do Canto existia, ela não os encontrou. Ele era uma ausência. Um cheiro sem fonte, objetos desaparecidos, memórias. Era um deslocamento – o telefone em cima da mesa errada, o assento da sanita levantado, o intercomunicador desligado. Se ele deixou pegadas no sótão ou na cave, tinham sido obliteradas pela polícia durante as buscas na casa, o pó varrido por diferentes tipos de solas de tamanhos variados.

Os polícias foram trapalhões. Desleixados.

Desencorajada por não encontrar provas, mudou de estratégia. No início da tarde, já empilhara na garagem vários sacos de lixo cheios, dos mais resistentes, bem como uma caixa repleta de roupas velhas, deixando a sua casa um passo mais perto de estar arrumada e limpa, após meses de negligência induzida pelo luto.

Imaginou uma assistente social a entrar na casa, vendo-a vivida, mas limpa e brilhante.

– Ah, sim – disse a mulher imaginária. – Que casa encantadora para crianças.

Mas nenhuma prova. Apenas coisas em falta. Coisas fora do lugar. Um cheiro.

Ele é um fantasma.

Contratou a primeira advogada que lhe ligou de volta, apreciando o tom pragmático da mulher e o seu desdém pela polícia.

– Polícias – troçou a advogada. – Voltam a aparecer... e vão voltar, prometo! Não lhes diz nada. Dá-lhes o meu nome e número e é tudo. Vou entrar em contacto com os serviços sociais, tentar acelerar o processo, deixar claro que este é um caso que podem resolver rapidamente. Mas, aviso-a, eles estão tão sobrecarregados como toda a gente, com pessoal em falta e pessoas a meter baixa. Vai levar mais do que quereria, e mais do que devia demorar, ter os seus filhos de volta em casa. Entretanto, marca consulta com esse psiquiatra. Quer mostrar que está a receber ajuda. Vai querer alguém disposto a atestar a sua competência.

O serralheiro espreitou discretamente para a cara dela marcada e ferida enquanto ela preenchia o cheque, mas não fez perguntas. Os instaladores do alarme explicaram-lhe o novo sistema. Tinha a certeza, tinha mesmo a certeza de que o compreendia?

– Então, entraram-lhe em casa? – O chefe da equipa olhou para as suas lesões com interesse evidente. – O que aconteceu?

– Um tipo entrou cá. – Encolheu os ombros.

– Quem lhe dera ter instalado isto tudo *antes*, não? – perguntou ele. – O bandido não teria tentado nada. E, no pior dos casos, teria sido apanhado pela câmara.

– Então, está a dizer que a culpa de ele cá ter entrado é minha? – disse ela, com ligeireza, observando a reação dele como se ele fosse um inseto aprisionado num frasco. *Tap, tap, tap.*

– Oh, bem, não, não! Não estou a dizer isso, claro. Ninguém merece... – Acenou com a mão no ar como se estivesse a circundar o corpo dela, as suas lesões. – Mas é verdade o que dizem, mais vale prevenir do que remediar!

– Quando acontece alguma coisa má, ninguém considera que tenhamos feito o suficiente – disse ela.

– Não pretendia aborrecê-la.

Ela inclinou a cabeça para o lado, dizendo friamente:

– Pareço-lhe aborrecida?

– Talvez... O seu marido está por cá? Quer que eu lhe mostre o sistema?

– Os olhos dele espreitaram para trás dela, esperançoso de que pudesse aparecer um homem, alguém razoável.

– O meu marido morreu – disse ela.

– Santo Deus – disse o instalador, os olhos finalmente a tornarem-se humanos, vendo-a. – No assalto?

– Não.

O instalador ficou desconfortável, olhando à sua volta como se a casa pudesse estar infetada, estremecendo enquanto os seus olhos deslizavam sobre

as marcas dela, e perguntou:

- Estava doente?
- Tropeçou e caiu.
- E isso matou-o?

Ela viu uma oportunidade que lhe permitiria tirar proveito da piedade do homem, da sua sensação de culpa, da sua clara opinião de que ela não era muito competente.

– Sabe como recarregar a bateria de um carro? Ou mudar um pneu furado? Sem ele, e estando eu assim lesionada, não consigo fazer essas coisas sozinha.

Em menos de vinte minutos, o carro dela tinha um pneu suplente e a bateria do carro do marido estava de novo operacional. Os instaladores do alarme partiram, inchados com a sensação de terem ajudado uma donzela em apuros. Ela ativou o novo sistema de segurança, trancou a casa com a sua nova chave.

Mais metal. Mais metal seguro.

Enquanto conduzia a menos de trinta quilómetros por hora até à oficina para evitar rebentar com o velho pneu suplente, as buzinas furiosas dos carros atrás dela, os insultos gritados dos carros que a ultrapassavam eram apenas ruído de fundo. Ela cantava ao som do rádio. Sorria ao lembrar-se de como o médico tinha razão, afinal; a sua visão estava suficientemente reparada para que se sentisse segura. Pelo menos numa estrada tão familiar. Pelo menos a ir tão devagar.

Perguntava-se se a sua vida passaria a ser sempre assim. Pânico e medo de que uma janela pudesse ter sido deixada aberta, ouvir os sons da sua própria casa com o coração a acelerar, agarrando-se a consolos de metal para dormir, para funcionar, apesar de tudo o resto? Tudo parecia tão simples, tão fácil. Como é que alguma vez se importou com condutores irritados? Com a condescendência dos empreiteiros que ela contratava? Com o que alguém pensava dela? Endireitou-se no assento do condutor para aliviar a pressão dolorosa na base das costas. Pensou com saudade na forma como o marido costumava massajar-lhe os ombros, desfazendo as tensões.

As coisas correriam melhor agora, com o alarme instalado. Com as novas fechaduras. Ela tinha de o assegurar. Agarrou o volante com força.

Não podes deixar que o Homem do Canto te tire a tua casa. Não o deixes tirar-te esse conforto. Poluir as tuas memórias.

Os últimos dois anos passaram-lhe pela cabeça. Os miúdos a saltar em montes de folhas. A obsessão enternecedora, mas incompreensível, do marido com o aperfeiçoamento da relva do jardim. A filha a comer tomates da horta de verão. As fortalezas de neve das crianças, fortalezas de almofadas, fortalezas de cobertores. Fazer pizzas no forno a lenha. Fogueiras de inverno na enorme lareira.

Não. Ele não te ficará com isso. Não o deixarás tirar-te isso.

Na oficina, bebeu chávena após chávena de café, vendo, mas escolhendo

ignorar, a mulher atrás do balcão a olhar para ela. Era estranhamente preferível assumir que as pessoas olhavam por causa das suas feridas em vez de pelos traços brancos saltitantes do seu vitiligo.

Enquanto esperava pelo novo pneu, folheou uma revista de dezembro do ano anterior.

A estrela na capa posava com as mãos nas ancas e inclinada para a frente, e a citação sobreposta à foto dizia: «Eu quero sempre coisas perigosas».

Reclinou-se, a cadeira pressionando-lhe o nó duro na base das costas de forma tão desconfortável que teve de se reajustar. Quão seguro o mundo devia parecer para alguém dizer uma coisa assim. Ela não se lembrava de alguma vez ter sentido tal coisa.

Quando chegou a casa, o sol estava cor de laranja, entrelaçando-se, baixo, nas árvores. Aproximando-se da garagem, avistou o veado e a cria na entrada do trilho, mesmo ao lado do cemitério, perfeitamente imóveis, só se vendo baforadas de vapor a saírem-lhe dos narizes pretos e húmidos.

O marido dela dizia muitas vezes: «Se não vês veados por aqui, é porque não estás a olhar com atenção.»

O instalador do alarme dissera: «No pior dos casos, teria sido apanhado pela câmara.»

Ficou com a boca seca quando foi atingida pelo que a roía no dia anterior, a memória que não conseguiu agarrar quando viu os veados saltarem pelo caminho. Desligou o carro, a mão a tremer. Esqueceu-se de o pôr em ponto morto, começou a recuar antes de travar bruscamente, fazendo uma careta com a dor que o impacto lhe causou no pé ferido. Olhou pelo parabrisas para a mãe e o seu bebé.

A câmara de vida selvagem ainda estava algures na floresta, apontada para o trilho.

Fazia sentido que o Homem do Canto se tivesse aproximado da casa pelo trilho. Nada de carro, nem de marcas de pneus. Ele tinha de ter vindo a pé. Teria sido fácil estacionar ao fundo da praceta das McMansões sem ninguém dar por ele e descer até à casa pelo trilho na floresta.

Não te entusiasmes. Provavelmente não mostrará nada. Provavelmente está sem bateria. Está lá há quanto tempo? Mais de um ano. E, mesmo que funcione, ele provavelmente nunca foi por ali. Mas talvez. Talvez, talvez, talvez.

Imaginou o Homem do Canto a observar a casa a partir da floresta. Mas, por mais tempo que ele pudesse ter ficado à espera, a observar, nunca teria visto a câmara de vida selvagem alimentada por energia solar na sua caixa camuflada, escondida junto a uma árvore, a três metros do trilho.

Mas essa câmara poderia tê-lo visto a ele.

Estacionou na garagem e apressou-se a entrar em casa para trocar os ténis por botas de neve, quase se esquecendo de desativar o alarme para não alertar os serviços de monitorização e a polícia. O instalador avisara que, nas primeiras semanas, é frequente as pessoas esquecerem-se.

– Imagine uma senhora a chegar das compras, certo? Mãos cheias de sacos, toda entusiasmada para os abrir, e não atende uma chamada nossa. A polícia aparece.

– Eu lembro-me.

– Claro, com certeza – disse ele, e ela notou com desinteresse que ele olhou de soslaio para o colega, ambos a classificarem-na como irremediavelmente danificada. Infinitamente estúpida.

E aqui estás, pensou, sorrindo para si mesma, quase a provar que eles tinham razão.

O entusiasmo ajudou-a a mover-se rapidamente, apesar do corpo ainda por curar. Saiu pela porta aberta da garagem e dirigiu-se ao trilho. Comparando com a sua corrida descalça pela floresta à meia-noite, e já sem o peso dos agentes ao seu lado como no dia anterior, usar o trilho pisado pela polícia parecia leve e fácil. Sob o sol baixo do entardecer, passou cuidadosamente entre as lápides, recordando a sua queda anterior. Dirigiu-se à entrada do trilho e tentou lembrar-se exatamente de onde o seu marido montara a câmara de vida selvagem.

Estava vento. Caíam pedaços de neve das copas das árvores a cada rajada, deixando sulcos na neve que faziam a floresta, o trilho, até os pastos e o cemitério atrás dela parecerem percorridos por um exército de pés estranhos, andares irregulares e quebrados.

Deixou a neve rasa do trilho e avançou para os montes de neve na floresta escurecida, com pedaços de gelo a escorregarem-lhe para dentro das botas quando se aventurava muito fundo. Na sua excitação, primeiro avançou desordenadamente de árvore em árvore, praguejando para os paus e ramos

escondidos que se lhe prendiam nas calças de fato de treino.

Não te lembras de onde estava. Não faz mal. Foi há quanto tempo, mais de um ano? Deve estar sem bateria. Sem memória. Mesmo com o painel solar, não poderia ter durado. Não te entusiasmes. Sê metódica.

Colocou uma grelha imaginária sobre a área geral onde pensava que o seu marido montara a câmara. Seguiu as linhas, marchando o mais precisamente possível, os seus rastros formando atrás de si uma teia agradavelmente uniforme.

Quando começou a preocupar-se com a possibilidade de o marido ter tirado de lá a câmara sem lhe dizer, viu-a. O dispositivo camuflava-se bem no tronco da árvore ao qual estava preso, mas lá estava ele, mesmo abaixo do nível dos olhos. Sentiu o coração afundar-se-lhe no peito ao ver que o painel solar no topo estava parcialmente coberto de neve, com flocos acumulados na borda ao redor do olho da câmara.

Lutou com a coisa, acabando por tirar a luva da mão não ferida para conseguir puxar o velcro à volta da árvore.

Por favor, por favor, por favor, rezou a ninguém em particular, que haja algo, qualquer coisa!

O dispositivo era semelhante a uma câmara digital, com um ecrã de cinco por sete centímetros e meio na parte de trás, atrás de uma tampa articulada. Era mais intuitivo do que se lembrava, e menor, fácil de segurar. Carregou no botão «OK» e o ecrã acendeu-se, fazendo o seu coração acelerar com esperança.

Carregou no botão com uma seta apontando para a esquerda e começou a ser reproduzido o vídeo mais recente. A gravação fora ativada pelos movimentos dela a cambalear para a frente e para trás, à procura, marcada com a hora 16:08, pequenos dígitos indicando que tinha uma duração de vinte minutos.

Ficou tão entusiasmada que teve de esticar os dedos, sacudir a mão, respirar fundo para se acalmar, antes de clicar para dar um salto no tempo e ver se conseguia encontrar o Homem do Canto.

O vídeo seguinte estava marcado com a hora 16:02. O veado e a cria, a fugirem do carro dela. Estavam apenas parcialmente obscurecidos pela neve na lente da câmara, saltando alto e saindo do enquadramento. Ela olhou para o céu, quase escuro. Teve dificuldade em acreditar que apenas andara uns vinte minutos à procura da câmara.

Saltou para o vídeo seguinte, registado apenas dois minutos antes do veado e da cria. Não havia movimento, nenhum animal que parecesse tê-lo ativado. Analisou mais de perto o ecrã pequeno. Apenas uma vista deserta do trilho, as árvores, um canto do pasto com o velho pinheiro maciço na sua borda. Talvez a neve a cair a tivesse ativado? Um esquilo?

Se assim não for, este olho magoado não está a funcionar tão bem como pensavas. Provavelmente a neve a cair das árvores foi movimento suficiente para ativar a gravação.

Olhou para cima, olhou à sua volta, ouviu o som abafado de neve a cair ao seu redor, o ruído de madeira congelada a estalar com o vento. Os ramos pareciam negros contra o céu, que ficara de um azul-marinho profundo.

Não importa, o que importa? Chega ao dia em que aconteceu! Isso é o que importa.

Demasiado ansiosa, carregou no botão duas vezes em rápida sucessão para retroceder no tempo. Mas o que cintilou e depois desapareceu quando clicou para trás fez com que parasse de respirar, fez com que ignorasse o veados e a cria a passear lentamente pela lente às 21:00 do dia anterior.

– O que foi aquilo? – sussurrou para a floresta. – Mas que raio foi aquilo?

Clicou para trás, para um vídeo marcado com a hora 07:03 daquele dia.

O Homem do Canto caminhava cuidadosamente em direção à casa pelo trilho marcado pelas pegadas dos policiais. Saiu do enquadramento às 07:04.

Ele veio cá. Esta manhã.

Olhou freneticamente à sua volta, a respiração a acelerar instantaneamente, as mãos a fazerem a câmara tremer.

Onde é que está ele agora? Entrou na casa? Está aqui?

O barulho do seu sangue era tão alto que ela não conseguia ouvir nada além desse pulsar. Tudo na floresta estava transformado em sombra, exceto o tênue tom azul da luz da câmara. Clicou mais uma vez no segundo vídeo, mais recente, que tinha saltado.

Estava marcado com a hora 07:28. Aproximadamente quando o serralheiro tinha chegado. Quando ela se libertou da casa de banho.

O Homem do Canto entrou no enquadramento. Escorregou ligeiramente na neve, reequilibrando-se e parou. Virou-se, esticando o pescoço na direção da casa. Ela imaginou-o a observar o serralheiro, o camião da empresa de alarmes estacionado na entrada.

Isso significa... o quê? Talvez ele estivesse a tentar entrar... Talvez tenha entrado? Depois ouviu o serralheiro a chegar e fugiu sem que o vissem.

Durante oito minutos, o Homem do Canto ficou no enquadramento da câmara, movendo-se às vezes como se quisesse obter uma visão melhor. Ela avançou rapidamente, saltando desesperadamente trinta segundos de cada vez para ver o que ele estava a fazer, para descobrir como o vídeo terminava. Teve de se obrigar a respirar. Era como se um pesadelo que só devia existir na sua cabeça tivesse sido filmado.

Será que ele tentou entrar na casa de banho? Podia ter entrado, dado o seu tamanho. Podia ter derrubado a porta, se quisesse. Porque não o fez? Estava à procura da tua filha? A ver se ela tinha voltado para casa? Entrou?

O coração apertou-se-lhe ao imaginar o que poderia ter acontecido se ela tivesse sido corajosa. Razoável. Se não se tivesse dado ao trabalho de mudar as fechaduras e instalar um sistema de alarme. Se tivesse dormido na sua própria cama. Se não se tivesse cansado tanto das crianças a entrarem constantemente na casa de banho quando ela lá estava, que tinha colocado

aquele ferrolho, bem alto, fora do alcance delas. Eram tantas as coisas a acontecerem ao mesmo tempo que, mesmo ali, congelada e aterrorizada na neve, ela se sentiu sortuda. Grata pelo ferrolho. Por quão frustrantes as crianças haviam sido. Por qualquer que tivesse sido o impulso bizarro, a lógica ou o horrível e nauseante adiamento que impediu o Homem do Canto de entrar, de arrombar a porta da casa de banho.

No ecrã, parou de avançar depressa ao ver um sinal de mudança. Observou o Homem do Canto a endireitar-se, assumindo a sua altura total e maciça. Ficou de perfil. A boca mexeu-se e, na imaginação dela, ela ouviu a voz rouca dele a sussurrar por entre os dentes.

Ele cerrou um punho, bateu no peito como se quisesse expelir a maldade do Homem do Canto dos seus pulmões. A boca continuou a mover-se. A praguejar para si mesmo, a elaborar um plano?

Escorreu-lhe suor frio pela coluna, fixando-se-lhe, metálico e gelado, na base das costas.

O Homem do Canto virou-se e afastou-se da câmara. Caminhou apenas dentro da linha das árvores, escondido da vista, caso alguém olhasse naquela direção a partir da casa. Passou facilmente pela neve com passos longos antes de desaparecer atrás do pinheiro maciço na borda da floresta, a uns vinte e poucos metros dela.

Após trinta segundos sem mais movimento, o vídeo terminou. Ela clicou, frenética, no vídeo seguinte. Era a cena do vazio, do pasto, da árvore, da floresta, às 16:00.

Desta vez, enquanto assistia, só tinha olhos para o pinheiro. Fitou-o, pixelizado e distante no pequeno ecrã. Nem sequer ousando pestanejar, viu movimento.

A voz da sua filha ressoou-lhe na memória, apontando pela janela para o velho pinheiro. «Talvez fosse o pai. O pai sempre gostou daquele lugar. Junto à árvore.»

Através do vidro ondulante da janela da cozinha, ela tinha visto movimento perto desse pinheiro. Saíra, mas não encontrara lá nada.

Mas ele estava lá. É dali que ele observa.

No ecrã, uma mancha escura que devia ser o Homem do Canto moveu-se de trás da árvore. Por um momento a mancha ficou parada, depois desapareceu novamente atrás da árvore. Estava longe de mais para se perceber o que ele estava a fazer. Mas ela sabia. Ela sabia.

Ele estava a espiar. Esteve lá o tempo todo. Fugiu da casa quando viu os trabalhadores a chegar pela entrada. Esperou. Viu-os sair. Viu-te sair. Saiu apenas agora, quando voltaste da oficina. Ele viu-te sair para aqui. Para aqui mesmo. Para a floresta.

A tremer, clicou no botão do «OFF» e apertou a câmara contra o peito para esconder o brilho residual. Engoliu ar frio tão depressa que lhe ardeu. Piscou os olhos para a escuridão, os olhos cegos pela luz ténue do vídeo, manchas cinzentas e vazias a obscurecerem-lhe a visão.

Onde é que ele está? Será que tem estado a aproximar-se durante todo este tempo? A espreitar-te? Ele está em cima de ti, é onde ele está, vai matar-te a qualquer segundo.

A neve estava azulada e branca sob o primeiro fio de luz da lua. O crânio doeu-lhe ao abrir o mais possível os olhos magoados, tentando ver onde o Homem do Canto poderia estar, mas ainda ligeiramente cega de tanto tempo a olhar para o ecrã. Esforçou-se por ouvir os passos dele na neve, ramos a partirem-se enquanto ele avançava pela floresta. Mas havia apenas o preto dos ramos e o branco da neve, o estalo do vento através das árvores geladas e o som lento e pesado da neve a cair dos topos das árvores.

De que é que ele está à espera? Ele deve ter-te visto. Que poderá ele estar a fazer? Onde poderá ele estar?

Tal como o veado e a cria tinham congelado ao vê-la, ao princípio a imobilidade parecia-lhe ser a única segurança, a única coisa que lhe poderia permitir pensar, avaliar se estava a ser caçada. Cada bocado de ar frio que lhe deslizava pelo pescoço fazia-a sobressaltar-se, certa de que era o deslizar suave de uma faca.

Lentamente, os seus olhos danificados ajustaram-se à escuridão. Árvore após árvore estendiam-se à sua frente. Não conseguia ver qualquer silhueta de uma figura humana ao luar. Ninguém a esticar o braço para a agarrar. Sentia na base das suas costas, molhada de suor frio, uma comichão como se tivesse olhos pousados em si. Virou-se rapidamente para olhar para trás, temerosa de que o Homem do Canto pudesse ter dado a volta, mas o único movimento era o do vento a apanhar os ramos altos. Pressionou a parte inferior das costas, mas a sensação horrível não desapareceu.

De repente, ocorreu-lhe algo, envergonhando-se por não ter pensado nisso antes.

Liga para a polícia! Que estás a fazer? Liga para a polícia!

Procurou o telefone. Não estava no bolso direito, onde tinha a certeza de ter sentido o seu peso. Pousou a câmara na neve e palpou-se, frenética.

Onde está? Onde está? Não está aqui, não está aqui! Deixaste-o cair?

Ergueu o casaco para sentir os bolsos das calças de fato de treino. Com uma gratidão que beirava a de uma oração atendida, encontrou o telefone. A luz do ecrã era-lhe dolorosa. Ter-lhe-ia iluminado o rosto de tal modo que o Homem do Canto a encontrasse? A mão tremia-lhe tanto que o telefone não desbloqueava. Apertou a aliança de casamento do marido contra a palma da mão para se acalmar, e por fim conseguiu segurar no telemóvel com firmeza suficiente para o aparelho reconhecer o seu rosto e desbloquear. Marcou o número.

– Qual é a sua emergência?

A voz era tão alegre que a sua mente ficou em branco, incapaz de associá-la à floresta escura, à ameaça, ao seu terror.

– Está lá, qual é a sua emergência? Está?

A irritação a escorregar na voz do outro lado do telefone despertou-a.

– Sim, sim! Está aqui alguém. Ele veio atrás de mim. Por favor!

– Qual é a sua morada?

Disse à operadora, repetiu, deu o seu nome, e no final de cada pedaço de informação ouvia a sua língua seca sussurrar:

– Estou na floresta. Atrás da casa. Por favor, mande alguém. Por favor, ele está aqui, ele voltou, por favor.

A mulher continuava a fazer perguntas, disse-lhe para não desligar, mas tornava-se-lhe cada vez mais difícil falar à medida que o medo lhe fazia inchar lábios e língua. O risco de estar ali, com o telefone iluminado, cresceu-lhe na sua mente, todo o seu corpo ficou a tremer, tremendo além do seu controlo. Não desligou, mas apagou o ecrã do telefone, abafou o som, e meteu-o no bolso, incapaz de suportar a luz, o ruído.

A princípio, pensou que o seu tremor era causado simplesmente pelo puro terror da sua situação, a sua mente em pânico sem saber o que fazer. Mas, à medida que a floresta continuava a envolvê-la, escura e silenciosa, percebeu que estava com frio. Frio extremo. Caminhara durante vinte minutos pela floresta coberta de neve. Nos últimos quinze minutos estivera parada, sem gorro, sem uma das luvas, sobre as suas pernas danificadas pelo frio. De pé numa camada de neve que estava a encher de gelo as suas botas na floresta escura.

Atordoadas, apanhou a luva. Tinha caído na neve durante a busca pelo telefone. Calçou-a na mão congelada. Formou um punho dentro dela, como faz uma criança, para a aquecer.

E agora? E agora? O que fazes? Onde está ele?

Nada se movia. Sempre que se mexia, olhava à volta, tudo o que conseguia sentir era o frio do ar inalado, a consciência do frio suado do nó doloroso na base das suas costas.

Espera. Espera pela polícia. Às vezes a coisa mais difícil de fazer é esperar.

Apanhou a câmara de vida selvagem de onde estava, perto dos seus pés, meio enterrada na neve.

Estupidez deixá-la. Não a percas. Tens de protegê-la. É uma prova.

Amaldiçoou a sua órbita fraturada, a forma como a sua visão estava turva nas extremidades, especialmente na escuridão. Sentia-se uma coisa pequena e quebrada sob o olhar do Homem do Canto. Ele viria por trás dela com aquela arma de outro mundo, aquela que era demasiado pequena e macia para existir, e a última palavra que ela ouviria seria «deliciosa».

Uma luz varreu-a, cortada em fragmentos pelas árvores, e em princípio era o feixe de uma lanterna, era o Homem do Canto, a prendê-la, a cegá-la, naquele foco de luz, sem escape.

Mas depois ouviu o rangido metálico de uma porta de carro. Uma voz.

– Olá? Minha senhora? Onde está?

O alívio atingiu-a como um soco no estômago, e ela correu e rastejou pela neve em direção ao sargento.

— Ele está aqui, ele está aqui!

Mesmo no escuro, mesmo através do seu pânico, ela viu a dureza da expressão do sargento. Ele não trazia máscara, e tinha o maxilar tão tenso de raiva que ela parou de correr antes de chegar onde ele estava, junto ao carro-patrolha.

— Minha senhora. Tem de parar com isto.

Ela olhou em volta freneticamente.

— Onde estão os outros?

Ele cruzou os braços e inclinou a cabeça para ela.

Não há reforços. Ele acha que estás a mentir. Histérica.

— Eu ia para casa de qualquer maneira. Disse-lhes que passava por aqui. Porque não vamos para dentro, sim?

— Mas ele pode estar lá dentro. Ele pode ter entrado. Quando saí, saí pela garagem, percebe? — Gesticulou descontroladamente para a porta da garagem aberta, visível de onde estavam. — Isso significa que deixei a casa destrancada, e quando fui para a floresta, não reativei o alarme novo. Não pensei, estava... Ele pode estar lá dentro!

Pareces louca. Acalma-te. Explica.

Mas não conseguia parar de tremer, não conseguia dar uma explicação decente.

— Ele esteve aqui! — disse a sua voz espessa e desesperada. — Pode ver... Olhe, olhe! — Depositou, com uma pressão, a câmara nas mãos do sargento, tremendo.

Ele afastou-se da câmara como se fosse uma coisa doente.

— O que é isto?

— Eu apanhei-o. Apanhei-o na câmara.

O sargento pegou no dispositivo. Virou-o. O ecrã iluminou-se, e ela observou-o a mexer nos botões.

— Use as setas. Passe por mim. Passe pelo veado. Vai ver.

Ele olhou para a câmara enquanto ela se virava, os olhos a procurarem o Homem do Canto na escuridão. Era inútil. As luzes da casa lançavam um círculo amarelo em volta deles que a cegava para tudo o que estivesse fora dele.

As coisas selvagens estão invisíveis enquanto cercam as pessoas à volta de uma fogueira.

A tensão no maxilar do sargento diminuiu. Olhou para ela, depois clicou novamente, observando. Clicou uma terceira vez, depois levantou a cabeça lentamente, os olhos a encontrarem-se com os dela.

– Acho que é melhor irmos para dentro – disse ele.

– M-mas... ele pode estar lá dentro! Não percebe? Eu deixei a porta da garagem aberta.

O sargento não disse nada, apenas se virou e entrou na garagem.

Ela não o seguiu, presa pelo medo no espaço liminar entre a sua casa e a floresta.

– Ele pode estar lá dentro – gritou.

O sargento parou e virou-se para ela. Apontou para a câmara e disse calmamente.

– Viu o vídeo, certo? Pelo que parece, quem quer que estivesse aqui ainda está lá fora. A câmara tê-lo-ia apanhado se ele voltasse para dentro de casa.

A sua mente percorreu os vídeos rapidamente. O último sinal do Homem do Canto foi ele a desaparecer atrás do pinheiro enquanto ela entrava na garagem, às 16 horas. Instintivamente, ela olhou na direção da árvore, mas apenas era visível o topo a balançar contra o céu noturno. Sabia que não estava a pensar logicamente, trémula com o terror e o frio.

Estás a esquecer-te de alguma coisa? Parece que te estás a esquecer de algo. Mas o sargento tem de ter razão. Ele deve estar a pensar mais claramente do que tu. O Homem do Canto está lá fora, e é aí que está o perigo. Lá fora!

A escuridão pareceu-lhe imediatamente mais ameaçadora, as luzes e o calor da casa representando a segurança. Seguiu o sargento lá para dentro, carregou no botão para fechar a porta da garagem. Trancou a porta de passagem para a garagem atrás de si e correu para espreitar pela janela junto à porta do jardim, lembrando-se dos vizinhos a procurar no escuro qualquer sinal do Homem do Canto. Não se conseguia sentar. A energia nervosa, a adrenalina obrigavam-na a sacudir as mãos, a andar de um lado para o outro em frente à porta, verificando se as portas estavam trancadas, se o alarme estava ativado, espreitando repetidamente para a noite.

O sargento sentou-se no pequeno banco da entrada, mais perto da cozinha, alheio ao seu andar agitado a cinco metros de distância. Olhava para o pequeno ecrã, o polegar largo movendo-se suavemente sobre os botões. A sua postura afundava-se enquanto fazia *scroll*, sem levantar o olhar enquanto ela tentava explicar, balbuciando do lado oposto da entrada.

– Então lembrei-me da câmara, na floresta. Para ver os veados? Os animais? O meu marido colocou-a lá. No ano passado! Para os miúdos. Eu tinha-me esquecido. Depois vi-o. No vídeo! Por isso chamei a polícia. Vê a data e hora? Ele estava lá, à espera, escondido atrás da árvore. Acho que... acho que ele tem de estar perto agora. Atrás da árvore? Ou na floresta? Ele pode estar em qualquer lugar. Eu não sei. Eu não sei onde ele está.

– Ok – disse o sargento suavemente, os olhos ainda fixos no ecrã. – Tudo bem. – Tinha o rosto tenso, parecendo envelhecer à medida que aceitava o que estava a ver.

– Não devia chamar alguém? – perguntou ela. – Não devia... ir à procura dele?

O sargento olhou para ela.

– Ele está lá – murmurou. – Ele esteve mesmo aqui.

Ela não disse nada, mas o tom do sargento tinha mudado tanto, soava tanto como uma criança perdida, que ela cessou o seu andar nervoso.

– E a senhora... aqueles miúdos. Jesus Cristo. – Abanou a cabeça. – Merda. É que... ora bem.

Como se as imagens o tivessem enfraquecido fisicamente, o sargento pousou delicadamente a câmara no banco ao seu lado. Tirou o telemóvel e hesitou um momento antes de marcar o número.

– Sim, olá, sou eu – disse ao telefone. Com o cotovelo apoiado numa coxa, inclinou a cabeça pesadamente na mão e esfregou a testa. – Preciso de toda a gente aqui. – O sargento ouviu. – Sim. Eu sei. Sei o que disse, mas... – Respirou fundo. Exalou. – Vocês não vão acreditar no que estou a ver. Ela tem uma porra de um víd...

Por trás do sargento, o Homem do Canto saiu da cozinha escura. Um grito congelou-se na garganta dela ao ver tamanha impossibilidade, a figura do Homem do Canto tão imensa sobre o agente que parecia de uma espécie completamente diferente. Arma indistinta na mão, num único passo ficou ao lado do sargento. Sem pausa no movimento, sem indício de hesitação, o Homem do Canto acertou no sargento uma vez, duas, três vezes consecutivas na coroa do crânio, *toc-toc-toc*.

Por um momento, o sargento ficou direito no banco, a boca formando um O silencioso. Depois, escorreu-lhe sangue negro, grosso, pelo rosto. A mão que segurava o telefone caiu ao seu lado, relaxada, e o telefone caiu no chão, o som do embate no tijolo da entrada tão alto que não parecia natural. O sargento inclinou-se para a direita e desabou sobre o banco. O seu corpo encolhido sobre a câmara, como se algo de essencial lhe tivesse sido retirado e o tivesse esvaziado.

Ela não se conseguia mexer. Estava presa pelo terror, incapaz de compreender.

Mas ele está lá fora. Estás segura.

O Homem do Canto virou-se para olhar para ela. Imóvel, rígida, e apenas consciente do nó duro e gelado na parte inferior das costas, onde se lhe

acumulara todo o suor induzido pelo medo, ela viu os lábios dele recolherem-se num sorriso.

– Tu – rosnou ele. – Não te mexes.

Era simultaneamente uma ordem e uma simples constatação de facto. Cada pedaço dela parecia congelado, qualquer movimento completamente impossível.

Tal como nos teus sonhos. Mas isto é real. Como é que isto é real?

A olhar para o Homem do Canto, para o corpo e o sangue do sargento, ela compreendeu que, se ela ou o sargento tivessem assistido aos vinte minutos completos de vídeo gravado enquanto ela procurava a câmara, poderiam ter visto o Homem do Canto a esgueirar-se ao fundo em direção à casa para se esconder.

Isto é culpa tua. Não pensaste. Pensa!

O Homem do Canto olhou para baixo, para o sargento, estendendo a mão para a câmara de vida selvagem. Com um sobressalto, ela compreendeu que fora por isso que ele se tinha revelado. Fora por isso que matara o sargento em vez de esperar que ele saísse da casa. Ele ouvira a conversa deles. Sabia que o sargento o tinha visto. Sabia que a sua imagem estava naquela câmara.

Primeiro o sargento, depois a câmara, depois tu. Ele está a destruir testemunhas por ordem de credibilidade.

Ainda que o sargento parecesse agora pequeno e vazio, o Homem do Canto tinha de se esforçar para puxar o dispositivo de baixo do corpo murchado. O sangue do sargento respingara sobre a câmara, acumulara-se no banco, e já estava a pingar para o chão. O Homem do Canto parecia incapaz de agarrar a câmara escorregadia. Ele estava descalço, aproximara-se silenciosamente, de meias, e o sangue do chão ensopava, vermelho-brilhante, um dedo da meia branca de algodão. Grunhia enquanto empurrava o sargento com uma mão enluvada, tentando puxar-lhe a câmara de baixo do corpo com a outra.

A visão da atrapalhão do Homem do Canto, a sua irritação humana, o pequeno buraco na sua meia ao lado daquele dedo a ficar vermelho, a forma como os seus dedos pálidos escorregavam sem conseguirem agarrar a câmara, tudo isso alterou qualquer coisa de indefinível no ar que fez os músculos dela contraírem-se. Uma parte antiga do seu cérebro inundou-se com a compreensão de que o Homem do Canto era mortal, que a presa podia escapar, que, embora tudo tivesse de repente corrido mal, não tinha acabado. Todo o seu corpo lesionado ficou tenso, preenchido com a certeza instintiva de que só o movimento poderia salvá-la agora.

Virou-se subitamente, destrancou a porta atrás dela, abriu-a, fechou-a com força, da mesma maneira que já fizera centenas de vezes, e fugiu para a noite.

As suas pernas estavam pesadas das lesões, da neve. Os seus pulmões, os seus músculos, tão exaustos que era como se avançasse por entre um ar

espesso e viscoso. Todas as coisas estavam achatadas à sua frente enquanto os seus olhos feridos tentavam ver no escuro.

Vai. Corre. Não olhes para trás.

Um rastro de sangue aí jaz.

Correu em saltos irregulares ao longo do caminho repisado em direção ao cemitério e ao trilho, forçando-se a ir mais depressa, a ultrapassar a dor, os montes de neve, a impedir que a horrível suavidade do medo lhe dobrasse as articulações de formas não naturais. A escolha da direção foi inconsciente; ela era uma criatura caçada a correr para o abrigo primordial da floresta.

Através do som do vento a soprar nas árvores, através do som do ar gelado a entrar e sair dos seus pulmões, ouviu uma gargalhada, a voz zombeteira do Homem do Canto a cantarolar:

A correr, a correr, sou leve com o ar!

Sou o Homem Biscoito de Gengibre...

Ela sabia como aquela história acabava.

Deliciosa.

Não olhes. Corre, apenas.

Enquanto forçava o seu sangue, os seus músculos a fazerem mais, mais, mais, lembrou-se de que ela, o sargento, a câmara não eram as únicas testemunhas. Não eram os únicos a terem visto o Homem do Canto.

As crianças. Elas são as próximas. Por que outra razão é que ele voltaria? E vai tornar a voltar por elas.

Esta mudança, ter passado a pensar num propósito maior, forçou o seu cérebro a deixar de agir apenas por instinto. Sentiu-o deslizar para o seu modo mais experiente, mapeando distâncias, desconstruindo o espaço, variáveis, opções a desdobrarem-se, a girar em dimensões e possibilidades imaginárias.

Não consegues correr mais do que ele.

A que distância estaria ele? Durante quanto tempo ficara ele paralisado pela surpresa de a ver fugir? Tinha de ter calçado botas antes de ter saído em sua perseguição. Teria ele demorado o suficiente para ter conseguido destruir a câmara? Provavelmente, não. Provavelmente, deixou-a ficar para vir atrás dela. Provavelmente, ele estava perto. Muito perto.

Está, no máximo, a quinze metros de ti. Provavelmente, mais perto. Chegou a hora da verdade. Estás sozinha. Ninguém te pode ajudar agora.

Corre.

À frente estava o trilho, as suas árvores carregadas de neve formando uma boca negra.

Atrai-o lá para dentro. Engole-o. Leva-o para onde o possas ver. Chegou a hora da verdade. Não podes falhar. Agora. Vai.

À medida que avançava, passando pelos túmulos e entrando na escuridão mais acentuada e protegida do trilho da floresta, arrancou as luvas e deixou-as cair na neve. Puxou o casaco para cima, não confiando nas suas mãos feridas para o abrirem sem isso a atrasar. Puxou para cima a camisola, a camisa interior, até ter a pele da barriga e das costas exposta enquanto corria.

Ele é apenas um homem. Demasiado confiante na sua própria força. Na sua superioridade. E o que ele não sabe pode magoá-lo. Tu consegues fazer isto. Porque não há escolha. Porque não podes falhar.

Parou abruptamente no ponto mais escuro do trilho, o ramo baixo de um enorme pinheiro-branco sombreando-a mesmo até da luz da lua, e virou-se rapidamente para enfrentar o Homem do Canto. Ele estava na abertura do caminho, no máximo a doze metros de distância, avançando tão facilmente, tão casualmente pela neve em direção a ela que, por um momento, ela viu o leão-da-montanha, a facilidade com que ele, com que este predador poderia apanhá-la e destruí-la. Como, numa fração de segundo, ele poderia despedaçar o seu plano esboçado à pressa, o seu próprio corpo.

– Espera! – gritou ela, e embora a sua voz estivesse enfraquecida pelo medo, debilitada pelo esforço, o Homem do Canto parou de correr ao som do seu exausto lamento. No escuro, ela não conseguia ver a sua expressão, mas delineado como estava pelas luzes agora distantes da casa, registou a inclinação curiosa da sua cabeça, um brilho lunar dos olhos amarelos de felino na inexpressividade do rosto. Aquilo fê-la recuar à primeira vez que o viu, contornado pela luz do sol de agosto.

À volta das suas figuras imóveis, o vento frio soprava pela floresta, fazendo cair neve dos ramos altos ao seu redor, flocos a girarem-lhe pelo colarinho adentro, a derreterem-se no seu pescoço, a derreterem-se na pele desajeitadamente exposta da barriga e da parte inferior das costas, o casaco, a camisola e a camisa parecendo-lhe um estranho colete salva-vidas enrolado à volta do seu torso.

Conseguirá ele ver-te? Ver-te o suficiente para se perguntar que estás tu a fazer?

– Linda menina – disse ele. – Não vale a pena correr.

O Homem do Canto começou a caminhar em direção a ela.

– Eu lembro-me de ti – disse ela.

Uma longa pausa, apenas o som do vento entre eles, e ela não sabia ao certo se ele ouvira o sussurro da sua voz através da respiração pesada, através do seu terror sufocante.

– Por vezes, há pessoas que se lembram de mim – disse ele por fim, soando tão desdenhoso como desiludido.

– Pessoas?

A sua figura escura estava a cerca de oito metros de distância, ainda a mover-se lentamente. Uma enorme mão estendia-se visível contra o branco da neve, o Homem do Canto a mantê-la erguida como se se aproximasse de um cavalo arisco. Ela chegou uma mão para trás das costas, até alcançar o ponto frio e duro na parte inferior.

Consegue ele ver? Consegue ele ver?

Espera até tu conseguires ver.

– Pessoas – ele repetiu. – É a minha altura. O meu tamanho. Torna-me memorável. É... inconveniente. Mas não tem importado.

Enquanto ele falava, ela envolveu desajeitadamente os dedos trémulos da sua mão não ferida em torno do punho frio e puxou-o. Com um estalido suave, a arma saiu do coldre preso ao cós das suas calças, na parte inferior das costas. Segurou-a firmemente, suada e quente no lado que estivera encostado à sua pele enquanto dormia na banheira, enquanto o serralheiro e a empresa de alarmes lhe tornavam a casa segura, enquanto conduzia para a oficina e de regresso. A arma parecia congelada, mais fria do que o frio, onde a roupa levantada a expusera ao ar, exceto no sítio do punho em que ela colara um dos penos rápidos amarelos e brancos.

Trouxe a arma lentamente até ao flanco, mantendo-a o mais próximo possível da sua perna para a esconder da vista do Homem do Canto nas sombras. O tremor da sua mão piorava quanto mais ele se aproximava, tão violento que ela via o chão de linóleo do seu quarto na residência. Sentia-o encostado ao rosto.

Não. Outra vez, não. Aguenta-te. Aguenta-te firme. O medo é apenas uma reação física, tão real como um estalo na cara, um golpe no crânio. Já aguentaste isso e mais. Tens de fazer isto, ou vais perder, vais morrer. E eles também. Isto não é sobre ti. Ele está muito, muito determinado. Chegou a hora da verdade.

O seu polegar pressionou o penso rápido. A sensação daquela coisa macia colada, o conhecimento das suas cores brilhantes, a lembrança das crianças, do seu amor puro, fizeram o seu terrível tremor diminuir ligeiramente. Apertou a mão com mais força. E ainda assim ele aproximava-se, ainda assim ele podia saltar.

Não. Ele está a divertir-se de mais para ser rápido.

Cinco metros e meio. Quatro metros e meio.

– Isso mesmo. Espera aí. Inútil.

O ronronar do Homem do Canto dava-lhe novamente a sensação de que ele a via como um animal nervoso e imprevisível. Ele movia-se cautelosamente, lentamente, mas com a confiança ereta de ser ele a criatura superior. De estar na iminência de um desejo cumprido.

Quatro metros. Três metros e meio.

– Quantas pessoas? Se lembravam de ti? – perguntou ela na esperança de o distrair, na esperança de que o som da voz dele a ajudasse a fazer pontaria.

Ele estava agora suficientemente perto para, quando a luz da lua lhe iluminou as feições, ela ver a intensidade inabalável dos seus olhos, o tremor de excitação que lhe levantava o canto do lábio.

– Algumas – disse ele com uma inclinação de cabeça.

– Quantas... não se lembravam? – gaguejou ela, as suas palavras reduzidas ao essencial, mal audíveis.

– Mais. – A palavra foi prolongada sensualmente, de forma cruel. – Mas não importa. Agora são todos meus. – Fez uma pausa, endireitou-se com orgulho, e acrescentou num tom instrutivo: – É assim que funciona.

Na sua mente, ela viu-o da forma como ele se via. A sua sombra

arrastava atrás dele, como uma capa, a dor que ele havia infligido, o poder que tinha exercido. Viu-o envolver-se nessa capa, tecida com os fantasmas que ele criara, aprisionara, acariciando nostalgicamente, com dedos achatados, a caixa que roubara à sua filha, coisas que roubara a outros.

E então a imagem desapareceu. Apenas a neve. Os bosques. Apenas ela e o Homem do Canto.

– Não – disse ela, a palavra leve, mas com firmeza. – Não funciona assim. Eles não são teus.

Ele parou de se mover em direção a ela, momentaneamente surpreso.

– E achas que sabes como é que as coisas funcionam?

Ela viu o rosto da sua mãe, a forma como as suas marcas lhe clareavam uma parte da pestana, da sobrancelha, sentiu o calor do seu sorriso, o aperto da mão da mãe enquanto caminhavam, *bum-bum, bum-bum*, um batimento cardíaco, uma forma secreta de dizer «amo-te», o mesmo que ela agora fazia com os seus filhos. Viu a sua mão esbranquiçada esboçar linhas limpas e letras angulares. Sentiu o painel do esconderijo fechar-se com um clique. Viu a beleza giratória da perfeição das abelhas. A gravidade puxava a arma pesada para baixo na sua mão, as suas partes desmontadas, remontadas na imaginação enquanto visualizava a sua mecânica, os passos para a pôr em ação.

– Eu sei como as coisas funcionam – disse ela, ouvindo o espaço que deixara inconscientemente entre as palavras, como se cada uma fosse uma frase crucial por si só.

– Então sabes que és... incidental.

Ela respirou fundo e pensou na penugem macia atrás da orelha da filha. Na marca de nascença em forma de goma na coxa do seu filho.

Amo-te. Amo-te.

Abriu os olhos.

– Ninguém é incidental – disse ela. – Há o tempo. O cuidado.

Ele ficou imóvel, a observá-la, e ela perguntou-se se ele compreenderia o que ela queria dizer, se tinha alguma noção de custo e valor, do esforço que a vida exige para ser criada, para ser cultivada.

– Sabes quem é que eu vou visitar a seguir – disse ele, a sorrir.

Ela sentiu, vibrando através do ar, a necessidade que ele tinha de ver a sua reação à ameaça da destruição de coisas que lhe eram preciosas, a ânsia por ela reconhecer a própria impotência, para ele se poder banhar nela.

Quando ela não respondeu, ele retomou a marcha. Os seus passos eram firmes e o seu olhar inabalável, como se ele estivesse a saborear a antecipação do momento inevitável em que a sua mão finalmente se enrolaria em torno do pescoço dela.

Dois metros e setenta centímetros. Dois metros e quarenta centímetros.

A mente dela estreitou-se até um ponto minúsculo.

Tu és a que observa. Tu és a que cuida das crianças. Tu és a que sabe como as coisas funcionam.

Ele pensava que te via. Nunca te viu. Mas tu vê-lo a ele.

O seu corpo inteiro aceitou a situação.

Tu é que és o Homem do Canto.

Ergueu a arma e puxou desajeitadamente o ferrolho para trás, que se moveu suavemente para o lugar com um clique preciso. Seguiu-se um momento de silêncio após o som inesperadamente alto, ambos paralisados de surpresa. Ela quebrou o momento, usando as duas mãos trémulas para apontar a arma à imensa figura escurecida, tentando estabilizar a arma o melhor que podia.

Ele avançou, apagando o mundo inteiro.

– Não – exalou ela. – Não.

Apesar do assassinio do sargento, apesar da existência do Homem do Canto, demonstrável a qualquer pessoa mórbida o suficiente para espreitar para o quarto que ele ocupava no hospital, ela ainda teve de suportar uma visita domiciliária e uma entrevista com os assistentes sociais. Para obter autorização para recuperar os seus filhos, teve de esperar que a polícia encontrasse uma explicação para o seu nível de álcool no sangue, que finalmente entrevistasse o vizinho, descobrindo que as bebidas quentes que ele lhe dera naquela noite tinham levado um pouco de *whisky*.

– Para aquecê-la – explicou o vizinho –, como os cães de salvamento que usavam barris de conhaque? Ajuda.

– O sargento estava preocupado – disse o polícia jovem timidamente. – Era uma preocupação genuína. Achava que a senhora magoara as crianças, e pensava que andava a beber. E a mentir sobre isso. Ele não a reportou aos assistentes sociais para a obrigar a dizer alguma coisa. Ele não era assim. Era um bom polícia. Um bom homem.

Ela tinha a certeza de que o polícia jovem se autoconvencera de que aquilo era verdade.

Mesmo sendo, finalmente, obrigado a devolver os miúdos, o seu sogro continuava a não lhe atender o telefone quando ela ligava. Pediu ajuda à assistente social e ao polícia jovem, preocupada com o que poderia acontecer quando aparecesse no apartamento dele para os levar.

O agente prometeu levá-la lá pessoalmente para ela ir buscar os filhos.

– Quero ajudar. Preciso de fazer algo de bom – disse o polícia jovem com um sorriso triste, um olhar distante.

Ela escolheu acreditar nos seus motivos declarados, embora a polícia em geral estivesse claramente a ser prestável para a apaziguar, preocupada não só com a possibilidade de um processo pelas suas falhas, mas também de ela falar com os jornalistas que se amontoavam, famintos, ao redor do hospital, da esquadra de polícia e nas fronteiras da sua propriedade.

Ensurdida pelos tiros, sentira-se rodeada por uma maré rugidora enquanto observava a polícia a ajudar a carregar o Homem do Canto para a ambulância, os via fotografar a cena. Viu-os encontrar e ensacar a arma de couro preto e pesado que mais tarde viria a saber que se chamava moca, o objeto longo e pesado que o Homem do Canto usara para assassinar o sargento. Após a devida autorização dos paramédicos, os agentes deixaram-na na esquadra, à espera do regresso da sua audição para a interrogarem devidamente.

O polícia jovem tinha ido ao hospital, recitado os direitos do Homem do Canto antes de lhe arrancar alguns cabelos pela raiz, recolhendo amostras do seu corpo para obter provas. Ela imaginava as mãos do Homem do Canto paralisadas dos lados, impotentes para os deter.

Os fios invisíveis do ADN ligavam o Homem do Canto a pedaços de si deixados por toda a Nova Inglaterra. No Maine rural, dois avós mortos por golpes na cabeça, a neta de dez anos ainda desaparecida, uma pegada num peitoril da janela. Em Hyannis, uma mãe morta, meninas desaparecidas. No norte do Vermont, uma mãe viva, uma menina morta. Uma casa inteira na costa de Rhode Island limpa e vazia. Um único cabelo correspondente. O mais pequeno vestígio de fluido.

Depois houve a enxurrada de crimes não resolvidos possivelmente relacionados, mas sem quaisquer provas físicas. Pessoas que tinham dito a amigos que se sentiam vigiadas. Que pequenas coisas haviam desaparecido. Antes do assassinio. Antes de uma criança desaparecer.

Recordou-se do orgulho na voz do Homem do Canto quando ele sibilou a palavra «muitos». Perguntou-se se, enquanto o seu ADN estava a ser recolhido, ele estaria excitado com a perspectiva de ser o foco do fascínio macabro do mundo. Talvez tivesse gostado de pensar nas novas vias de controlo que se abriam para ele. Como brincaria com as forças da lei. Manteria os corpos escondidos, insinuaria vagamente os horrores que deixara para trás. Daria entrevistas, negá-las-ia. Veria a dor dos sobreviventes e reviveria a sua selvajaria.

Mas quando ela disparou contra o Homem do Canto, quando apontou diretamente para ele, com a intenção de o matar, as suas mãos trémulas e feridas, a sua inexperiência, a física da própria arma fizeram com que esta recuasse quando puxou o gatilho três vezes, enviando as balas para cima. Se ele não fosse tão alto, se ela não fosse tão baixa, provavelmente teria falhado completamente. Mas ele era muito alto. E ela era muito baixa. Assim, uma única bala atingiu-o na base do pescoço e cortou-lhe instantaneamente a medula espinal. Ele teria, quase garantidamente, sangrado até à morte se a chamada telefónica interrompida do sargento não tivesse galvanizado uma resposta rápida e preocupada. A polícia e os paramédicos estancaram-lhe o sangramento, e retiraram cuidadosamente a arma das mãos dela tão pouco tempo depois de ela disparar, tão pouco tempo depois de ele cair, que ela se sentou atônita na neve, surda e desorientada.

Pesquisou na *internet* por radiografias de colunas vertebrais, ficou a saber quais as vértebras que devia ter atingido para obter aquele resultado específico. Adormecia a diagramar o provável trajeto da bala, o recuo da arma, a maneira como o Homem do Canto percebeu o que ela tinha nas mãos, a maneira como ele se virou ligeiramente para o lado oposto a ela enquanto avançava, tornando essa lesão particular, tornando a sua sobrevivência possível. A sua ilustração mental da física da cena acalmava-a depois dos pesadelos. Tranquilizava-a quando ouvia um ruído invulgar em casa.

O Homem do Canto estava paralisado do pescoço para baixo.

Quão rapidamente terá aceitado ele isso? Quanto tempo terá demorado a perceber que agora precisava de dinheiro, ajuda, cuidados próximos e constantes? Que ela o tornara totalmente vulnerável? Se ele fosse minimamente como ela, todas as manhãs acordaria a pensar que estava no seu velho mundo, e seria mergulhado na lembrança do que perdera. Mas ele não era como ela, por isso talvez se tenha adaptado muito mais depressa. O polícia jovem insinuara que a polícia deixara o Homem do Canto sozinho, pedindo aos médicos e enfermeiros que fizessem o mesmo, dentro dos limites seguros, para demonstrar a sua completa dependência do sistema. Depois disso, sugerira o agente, o Homem do Canto parecera perceber a sua nova realidade. Respondia a perguntas. Descrevia crimes. Embora estivesse a prolongar as coisas. Dava apenas pequenos pedaços de cada vez. O que, pensava ela, era logicamente característico. Durante quanto mais tempo fosse útil, durante quanto mais tempo pudesse ser usado para resolver casos, mais seguro o sistema o manteria. E quando ele deixasse de ser útil? Embora o sistema tivesse sido cruel com ela, reconhecia friamente que para ele seria muito pior, os seus companheiros criminosos seriam muito piores, tratando-se de alguém recém-vulnerável que confessara tamanha maldade.

Alguns jornalistas violaram a restrição do perímetro da sua propriedade.

– Minha senhora, conhecia-o? Porque é que ele a escolheu como alvo? O que teria feito de diferente? Sabe alguma coisa sobre a família, trabalho, antecedentes...?

Nessas perguntas, ela ouviu: «O que é que a senhora fez de errado? Por favor, diga-me, para que eu possa dizer a mim mesmo que nada de horrível me acontecerá. Como é que ele se tornou quem era? Por favor, diga-me, porque ele é mais importante do que a senhora. Preciso de dizer a mim mesma que seria capaz de o identificar, de o impedir, de nunca me cruzar com ele. Eu, eu, eu. Ele. Ele. Ele.»

Aguardou. Desenhou mentalmente gráficos daquilo que acontecia sempre aos homens terríveis com os seus crimes horríveis. Eixo Y, interesse público. Eixo X, tempo. Uma linha para as vítimas e sobreviventes. Outra para o monstro. Pelo seu cálculo, essas linhas estavam quase a cruzar-se, a dela...

E das crianças e de todas as almas perdidas e devastadas desvanecendo-se para desaparecer à medida que a linha do Homem do Canto subia cada vez

mais. Em menos de uma semana, a maioria dos jornalistas já deixara a sua rua, dirigindo-se para a encantadora cidade de New Hampshire, onde o Homem do Canto vivera, um lugar seguro onde aparentemente não tinha cometido nenhum crime.

As histórias dos outros que ele tinha assombrado, visado e destruído mostraram-lhe uma realidade alternativa cheia de aniquilação e questões sem resposta, um lugar separado dela, dos seus filhos, pela mais fina das cortinas.

Deixou de fazer perguntas à polícia sobre outros casos além do seu.

Apesar dos seus prováveis motivos ulteriores, estava grata ao polícia jovem, que a levou a buscar os seus filhos. Esperando no exterior do complexo de apartamentos sénior, o seu sogro, debruçado sobre as crianças, de braços cruzados, ressentido. Mas o velho suavizou-se ao ver o carro da polícia a chegar. Deu ao agente os seus pêsames pelo sargento, enquanto ela se ajoelhava no passeio, abraçando as crianças.

A dor do frio do cimento nos seus joelhos ajudou-a a entender que aquilo era real. Ajudou-a a aceitar que o cheiro deles, o cabelo deles e a respiração deles estavam próximos novamente. Seus, mas não seus.

Eles também não te pertencem. Não é assim que funciona.

– Tenho tantas saudades vossas, eu disse que viria buscar-vos!

Deixou os filhos passarem os dedos pela sua cara em recuperação, perguntarem sobre o seu olho, as suas contusões amareladas.

No olhar duro do velho, ela pensou ler «Sei que deves ter feito algo para mereceres isto», viu que, apesar das suas perdas, ele ainda não compreendia que o sofrimento e a desgraça caem tão ampla e uniformemente como a neve, derretendo-se até à invisibilidade, mas deixando a sua dor para trás.

De regresso a casa, a beber café com o polícia jovem, ouviu os gritos felizes das crianças a brincarem às escondidas, descendo as escadas da cozinha, e ficou involuntariamente tensa.

O trauma não acaba quando o trauma acaba.

– Neste momento precisamos de mantê-las como provas – disse o polícia jovem –, mas a certa altura vamos poder devolver as coisas da sua filha. As que ele levou.

Pensou nas roupas, no ursinho de peluche, na roupa interior e nos *collants* de *ballet* da sua filha. Na caixa de tesouros em forma de carro. O Homem do Canto a contaminar tudo.

– Não quero nada de volta a não ser a caixa de tesouros.

Algumas coisas são substituíveis. Outras não.

Conversou com o polícia jovem sobre o acaso. O medo de fantasmas do seu filho, o seu marido a instalar a câmara de vida selvagem em consequência disso, a longa vida útil do dispositivo alimentado por painéis solares, o facto de o Homem do Canto ter virado para um lado em vez do outro no cimo das escadas da cozinha, o caminho da bala, um em um milhão. Consequia enumerar uma lista quase infinita de coincidências que a haviam salvado. Coincidências que formavam o pequeno e fino tecido que a separava da

devastação daquelas outras famílias.

O polícia jovem pigarreou, mexeu desajeitadamente na sua chávena de café.

– Não foi só sorte, o facto de ter acabado com ele. É uma lutadora. Não se subestime. – Encolheu os ombros. – As coisas acontecem por uma razão.

Não contestou, consciente de não ter inclinação natural para pensar bem de si mesma. Que, ao contrário dele, não via nenhuma habilidade, nenhuma força que a tivesse ajudado, mas falhado a todos os outros. Ela não era melhor do que eles, não era mais merecedora de sobrevivência. Então, ficou em silêncio, sabendo o quanto as pessoas odiavam admitir ou reconhecer o grande espaço que o acaso ocupa na vida. E, pior, na morte.

– E, afinal de contas – continuou o polícia jovem –, também teve a sua dose de azar. Uma má sequência de cartas. O seu marido. Este tipo a escolhê-la. Não conseguimos perceber como fez as suas... escolhas. Ele mesmo não parece conseguir explicar. E depois... zero provas, rastros, impressões digitais? O seu nível de álcool no sangue. – O polícia jovem abanou a cabeça perante a série de eventos que a haviam tornado indigna de credibilidade. – Encontrar explicações? Mesmo depois de o termos sob custódia? Foi difícil. Esse seu vizinho a pôr *whisky* na sua bebida para a aquecer naquela noite. Quem faria isso? Quem pensaria sequer em perguntar? Ele fingiu trabalhar naquele café, para que o identificasse mal? A moca? Não é uma arma que costumemos ver. Sim. Também teve algum azar.

Ela rangeu os dentes. Tentou forçar a voz a um tom uniforme, mas não conseguiu evitar soar ríspida e fria.

– Mas a maioria dos acontecimentos não foi apenas azar, pois não? Porque havia o prego no meu pneu. O cheiro a fumo de cigarro. As coisas desaparecidas da minha filha. A forma como a chave suplente foi movida. Como nos sentíamos observados. O assento da sanita levantado. O meu telemóvel fora do lugar. O intercomunicador desligado. Ignorar tudo isso, pôr isso de lado, isso foi uma escolha.

É mais fácil acreditar que uma mulher está a mentir do que acreditar que coisas más aconteceram sob a vossa vigilância. Mais fácil acreditar que a coisa mais simples é sempre a correta. E é simples dizer que uma mulher é louca.

O polícia jovem fez uma careta. Perguntou-se o que estaria ele autorizado a admitir. Que instruções recebera. O que é que conseguiria admitir a si próprio.

– Foi... infeliz – disse ele. – Uma série infeliz de... coisas inesperadas, improváveis. – Numa clara tentativa de mudar de assunto, perguntou: – Acha que vai deixar os seus filhos visitarem o avô? Ele parecia querer isso.

– Eu agradeço-lhe. Vou enviar-lhe um cheque para cobrir as despesas do tempo que ficaram com ele.

– Quero dizer, ele assumiu a responsabilidade de ficar com eles. Talvez devesse dar-lhe uma oportunidade.

Ela inclinou a cabeça para o polícia jovem, momentaneamente perplexa com o facto de, apesar de o seu sogro manter os seus filhos afastados dela, de a acusar de homicídio e de abuso infantil, das constantes reprimendas, dos comentários não propriamente sussurrados, da agressão, se achar que isso seria compensado por algumas semanas a cuidar dos seus próprios netos, sangue do seu sangue. Mas então, claro, lembrou-se de que, embora se sentisse totalmente, completamente alterada, o mundo à sua volta não tinha mudado.

– Não é suficiente – disse-lhe. – Nem sequer de perto.

O polícia jovem parecia prestes a repreendê-la, mas reconsiderou.

– Então, há alguns desenvolvimentos no seu caso. – Bateu nervosamente na sua chávena de café, e ela foi tomada por um *déjà vu*, recordando a forma como ela e o sargento haviam estado ali, juntos, algumas semanas depois da morte do seu marido, a beber café, sentados naqueles mesmos lugares. – A coisa menor é que descobrimos onde ele se deve ter escondido.

– Não me disse já? Na cave?

– Bem, não é cem por cento certo. Mas achamos que ele se escondeu na cave no próprio dia. Dado o... cheiro a cigarro que a senhora e o técnico do alarme mencionaram.

– Mmm.

– Então. Por termos recuperado o cartão da sua câmara, sabemos que ele chegou a sua casa pouco antes do meio-dia, no dia dos acontecimentos. Esperou que saísse com as crianças, conforme o previsto. Depois, como disse, provavelmente escondeu-se na cave. Não encontrámos a cópia da sua chave entre as coisas dele, mas é seguro assumir que ele copiou a chave escondida na pedra falsa... É impossível saber quando, mas nalgum momento antes de ter nevado. Com base na sua linha temporal, ele provavelmente subiu por volta da meia-noite. A chamada chegou dos seus vizinhos por volta das cinco da manhã. E claro, o vídeo mostra-o novamente no dia seguinte, por volta das duas da manhã, a sair pelo caminho, escondendo os seus rastros ao caminhar sobre as pegadas deixadas por si e pelos nossos homens. – As sobranceiras do polícia jovem franziram-se, dadas as confirmações da falibilidade da polícia. – Isso significa que ele saiu de cá doze horas depois de terminarmos a busca. Quer dizer, depois de vermos aquela divisão secreta, foi uma busca bastante intensa. Mas o que descobrimos foi que ele subiu para o forno a lenha. Escondeu-se lá. Encontrámos um cabelo e, sem dúvida, coincide.

Recordou que, enquanto soluçava no sofá, devastada, tinha notado cinzas espalhadas à volta da lareira e embutidas na carpete. Pensou que fosse apenas outro sinal de descuido da polícia em sua casa.

– Isso é sequer possível? A porta do forno é minúscula.

– Sim, exatamente! – O agente acenou vigorosamente com a cabeça. – Foi por isso que não o vimos. Como é que um homem daquele tamanho se esconde de uma busca policial tão minuciosa, não é? Por fim, pensámos... talvez ali. Depois procurámos e encontrámos o tal cabelo. Um dos nossos, um

tipo grande, voluntariou-se para tentar entrar naquele forno. Foi apertado, mas ele conseguiu. Disse que era claustrofóbico como o diabo. Sair? Isso foi toda uma cena. – O polícia jovem riu-se. – Quase ficou preso. Pensámos que ele ia desmaiar. Ainda assim... ele conseguiu. A certa altura, vamos interrogá-lo de novo sobre o seu caso e confirmar tudo isto. Só que agora, com estes outros casos...

– Claro – disse ela, cedendo prioridade aos desaparecidos, aos mortos, aos destroçados, mesmo que essa informação lhe causasse dolorosos relampejos de imaginações. *Flash*, o Homem do Canto dobrando os membros para dentro do forno como uma aranha. *Flash*, ele ouvindo os seus filhos no esconderijo. *Flash*, ele a ranger os dentes, a pensar se teria tempo para lhes chegar.

– Isso significa que ele deve ter ouvido as crianças, não significa? Naquela noite. Depois de eu fugir? Eles estavam escondidos mesmo ali.

– É possível. Quero dizer, não poderia ter sido por muito tempo, imagino... Que eles ficaram todos escondidos na lareira? Mas ele certamente terá ouvido quando encontrámos as crianças. Terá ouvido a nossa busca por ele. Deve tê-lo assustado bastante, dado que ficou tanto tempo na casa depois de nos termos ido embora.

– Não o assustou o suficiente para não voltar – disse ela.

O polícia jovem abanou a cabeça, contrito.

– Não, não assustou. Mas, pelo que conseguimos perceber, ele não mexeu na porta da casa de banho enquanto a senhora lá estava dentro. – O polícia jovem encolheu os ombros. – Quem sabe o que tinha ele em mente? Quem sabe porque voltou?

Ela esfregou o ponto dorido entre as sobrancelhas.

– Ele voltou porque queria ver se a minha filha estava cá. Provavelmente planeava esconder-se e esperar por ela. Fazer-me mal... isso provaria que ele existia. Ele não queria estragar a sua oportunidade de chegar até ela. E naquela noite... ele disse-me que eu era incidental. Entende? Ele não estava aqui por mim.

O polícia jovem acenou com a cabeça, depois pigarreou.

– Então. A coisa maior de que lhe queria falar. – Desviou os olhos, notoriamente desconfortável. – Quanto dos vídeos é que viu? Da sua câmara de vigilância?

– Não muito. Liguei para a polícia quando vi que ele tinha estado escondido atrás daquele pinheiro naquele dia.

– Bem. Há... outros vídeos. Vídeos na sua câmara que remontam a setembro, ou algo assim. Ainda tinha espaço após tanto tempo porque, quando ficou sem espaço, apagou o cartão e começou a preenchê-lo novamente. Portanto, não sabemos nada de antes de setembro. Mas ele aparece num vídeo em meados de outubro. A dirigir-se para a sua casa. O que significa que ele andava a observar-vos. E que pode ter entrado em sua casa. Antes daquela noite.

– Não compreendo – disse ela.

Mas compreendia. Lembrou-se de o agente dizer que ter alguém a observar uma casa antes de um assalto não era incomum, o frio instantâneo da sua constatação de que não tinha sido o seu marido a assombrá-los, mas o Homem do Canto. Percebeu isso novamente quando leu nos relatórios policiais que outros alvos haviam dito a pessoas que se sentiam vigiados, que lhes tinham desaparecido coisas. Pensou no monitor de vigilância, inexplicavelmente desligado. Na forma como a sua filha tinha reconhecido a voz e a figura do Homem do Canto.

Mas especular que ele os havia perseguido e, pior, que tinha invadido a casa antes era uma sombra, comparativamente com uma prova fotográfica.

Imaginou o Homem do Canto a pairar sobre ela, a observar, um espectro da paralisia do sono tornado manifesto. Ouviu a filha dizer:

– Mas eu conheço-o. Conheço essa voz. O homem no canto. Dos meus sonhos.

Viu a sua menina apontar para o pinheiro, dizer:

– Vi um homem outra vez. A observar-me, dali.

Era real. Tinhas razão. Era ele o tempo todo.

– Temo-lo no vídeo, a ir e vir. Ele fez o mesmo com os outros. Invadindo. Espreitando uma casa. Às vezes fazia isso durante muito tempo, entrando e saindo de casas. Perseguindo pessoas. Pelo que ele diz? Gostava disso. Eu... queria que soubesse disto por nós. Antes de o saber... por outra fonte.

– Quantas... ele disse... quantas vezes invadiu a minha casa? Antes?

– Aparece no vídeo uma vez em outubro. Outra vez em novembro. Depois no mês passado, uma vez, três noites antes de tudo acontecer.

Ela demorou um bocado a recompor-se.

– Mas... ele bateu com a cabeça nas escadas. E não sabia do sótão. Ele teria sabido, se tivesse estado cá dentro antes. E eu... normalmente acordo tão facilmente, e os ruídos da casa, ele ter-me-ia acordado... Faz tudo tanto barulho.

O polícia jovem encolheu os ombros.

– Talvez naquela noite ele tenha sido mais barulhento. E talvez a senhora tenha o sono mais pesado do que pensa.

Talvez, talvez, talvez. Usas tampões nos ouvidos para dormires melhor, na verdade. Mas a tua filha viu-o. Lembrou-se dele. A observar do canto. Talvez ele não andasse a vaguear pela casa. Talvez ficasse apenas a observá-la a ela. Talvez, se não tivesses acordado, ele só a tivesse observado naquela noite também.

– Não gosto de pensar nisso – disse. – Não gosto nada disso.

Devias ter acreditado nela. Devias ter acreditado na tua menina.

O polícia jovem acenou com a cabeça, pesadamente.

– Sim. Mas estão em segurança agora.

Em segurança.

– Há... mais uma coisa. Provavelmente, não é nada.

Ela sentiu um aperto no estômago.

– O quê?

– Bem, alguns dos rapazes estão a pensar se pode ser possível... Se ele pode ter empurrado o seu marido pelas escadas. Os agentes federais perguntaram-lhe. Ele negou. Mas... ele aparece no vídeo nessa altura. Não no dia em que encontrou o seu marido, mas em outubro, como eu disse. Ele pode ter entrado na sua propriedade vindo de outra direção, no entanto. Pode ter vindo cá a casa mais vezes do que o vídeo mostra.

– Mas o sargento disse que o meu marido não podia ter sido empurrado...

O polícia jovem fez um gesto de mais ou menos com a mão.

– Foi mais concluir que a senhora não o conseguiria ter empurrado. Mas um homem maior? Fala-se em reabrir o caso. Mesmo que, como digo, ele negue.

Ela pousou as mãos na chávena de café, a pensar.

– Ele disse qualquer coisa sobre libertar o meu filho se nos mostrássemos, caso contrário eu ficaria com «mais» sangue nas mãos. Porquê «mais», sabe? Poderia ele ter-se referido ao meu marido? Culpar-me disso por alguma razão? – Abanou a cabeça. – Mas... qual é a importância disso? Ele está... incapacitado. O meu marido morreu. Está feito. Podemos nunca chegar a saber ao certo. A vida é insatisfatória quando se trata de conhecer a verdade. – Suspirou, pensando nos desconhecidos, nas perguntas a que o Homem do Canto poderia nunca responder, nas que ninguém sequer saberia fazer. – De qualquer maneira, sem o meu marido, ele achava que estávamos vulneráveis.

– Esse foi o erro dele – disse o polícia jovem, e ela pensou ter ouvido orgulho na sua voz.

– Estava a pensar... O sargento disse que, quando esteve no esconderijo, não conseguiu ouvir nada. Não conseguia ouvir as pessoas a deslocarem-se. Foi por isso que achou que eu estava a mentir. Pelo menos em parte. Não percebo como é que isso aconteceu. Tudo... todos os sons foram tão claros para mim, na altura.

O polícia jovem coçou-se atrás da orelha, como se o que estava prestes a dizer o deixasse desconfortável.

– Sim, bem. Depois de vermos o seu vídeo, depois... do que aconteceu? Experimentei. Alguns dos outros também. Entrámos lá, fizemos barulho na casa, e conseguíamos ouvir bem. Não tão bem quanto a senhora, mas a senhora conhece melhor a casa. – Fez uma pausa, entristecido. – Acho que era a audição do sargento. Acho que talvez estivesse a perder a audição e não se apercebeu. De que outra forma poderia aquele homem tê-lo surpreendido?

A não ser que o sargento ouvisse perfeitamente bem, e tenha mentido sobre isso para te pressionar.

– Eu também não o ouvi a aproximar-se de nós naquela noite. Ele era... silencioso. Acontece que estava mais próximo do sargento do que de mim.

Isso fez a diferença.

Ficaram em silêncio por um minuto, ouvindo as crianças a brincar lá em cima.

Com uma voz baixinha, o polícia jovem disse:

– Talvez ele seja louco? E por isso fez estas coisas?

Ela bebeu um gole de café devagar e suspirou.

– Quando estava tudo a acontecer, lembro-me de pensar «Não terá de ser, de alguma forma, insano alguém que faça algo assim?». Mas ele não era irracional. Ele escolheu-nos, desde que viu a minha filha no café e fingiu trabalhar lá. Pegou no nosso recibo, provavelmente obteve o nosso nome a partir dele. Depois observou-nos. Roubou a chave escondida e copiou-a. Planeou tudo com antecedência. E aparentemente até invadiu a casa antes. – Fez uma pausa, esfregando a têmpora para aliviar a dor interna que lhe causava esta nova informação. – Mas não consigo deixar de pensar que, quando ele percebeu que eu tinha escapado, ido buscar ajuda, o que fez? Ele deve ter calculado a probabilidade de me apanhar. Deve ter ponderado a probabilidade de deixar vestígios seus, se fugisse. Sentou-se nesta casa e fez todos os cálculos. Então, pôs o meu telefone de volta no sítio. Colocou tudo, ou quase tudo, de volta ao normal. Escondeu-se. Tão bem que vocês procuraram por toda a casa e não o encontraram. Esperou durante horas enquanto todos procuravam por ele. Esperou meio dia depois de terem saído. E, por fim, seguiu sobre as vossas pegadas pela neve fora. Deixou tão poucos sinais, que vocês não acreditaram que ele existia. Percebe? Pensou em tudo, todas as contingências, ali mesmo no momento.

O polícia jovem acenou com a cabeça.

– É só que.... Imagine. Imagine a presença de espírito. Para fazer tudo isso. Como é possível ser-se louco e, ainda assim, fazer tudo isso? E isto foi só desta vez. Ele já fez isto, feriu outras pessoas, durante muito tempo. Pode estar doente. Provavelmente está. Mas escolheu fazer o que fez. Não foi apenas um impulso do momento. Ele achava que tinha direito a coisas que não lhe pertencem. Que não podem pertencer a ninguém. E foi atrás delas.

O polícia jovem pousou as mãos na chávena quente. Com surpresa, ela ouviu um tremor na sua voz.

– Quero acreditar que ele seja louco, sabe? Em vez de acreditar que alguém faria... que alguém gostaria de fazer essas coisas.

Lembrou-se novamente de quão jovem ele era. Lembrou-se de que, apesar do uniforme, apesar de a própria ingenuidade dela lhe ter sido arrancada pela morte da mãe, a experiência retira a inocência a ritmos diferentes a pessoas diferentes.

– Essas coisas acontecem todos os dias – disse ela. – Apenas a outras pessoas. Noutros lugares. E, na maioria das vezes, o perigo vem de pessoas conhecidas. O mal não tem de significar loucura.

Ele assentiu novamente. Demorou um momento a recompor-se antes de perguntar:

- Acha que vai vender esta casa? Mudar-se?
- Não – disse ela.
- Porquê?
- É a nossa casa. Protegeu-nos.
- Mas... todas as memórias? Não acha que será difícil? Para as crianças?
- Ela sentiu a amargura da sua própria expressão.
- Não importa para onde as levasse, teriam de lidar com tudo por que passaram.
- Sim – disse ele sem convicção. – Suponho que sim.

Deixou as crianças partilharem um quarto naquela noite. Lembrando-se de que na manhã seguinte havia recolha do lixo, vestiu o casaco e levou o contentor pelo caminho de acesso, limpo de neve. Mesmo com as botas, os pés picavam-lhe dolorosamente; permanentemente sensíveis ao frio onde o gelo os cortara fundo.

As lesões físicas eram mais fáceis de enfrentar. Era improvável que todas as suas unhas dos pés voltassem a crescer. O olho, avisou o médico, talvez nunca recuperasse a clareza anterior.

Mas o Homem do Canto deixara danos mais profundos. A ansiedade apoderava-se dela inesperadamente, deixando-a sem fôlego. As crianças estavam num estado de vigilância nervosa como os coelhos, preocupadas com nenhum lugar ser verdadeiramente seguro.

Talvez as outras pessoas tivessem razão. Talvez ela e os filhos devessem procurar uma nova casa. Um lugar inviolado, onde os mementos das suas provações não pairassem por perto.

Deixou o contentor de lixo na estrada. Ao subir pelo caminho de acesso, a casa apareceu entre as árvores. Ela parou, as suas memórias sobrepondo-se umas às outras como um filme preso numa câmara, exposição sobre exposição. O seu marido a cortar a relva. Os seus filhos a perseguirem-se um ao outro pelo quintal. Refeições, fogueiras acolhedoras, copos de vinho. O conforto tranquilo da vida diária. Felicidade profunda.

Esse era o problema, não era? Mudarem-se poderia afastá-los das más memórias, mas também os afastaria das boas. E havia tantas boas. Semicerrou os olhos para a casa, recordando como o limpa-chaminés parecera tão perturbado com o lugar, insistindo que tinha de estar assombrado.

Sim, agora conseguia ver. Uma espécie de aura enegrecida, sabedoria antiga, pulsava da casa à luz branca da lua. A outros olhos, aquilo poderia parecer ameaçador. Mas, para ela, ecoava aquele enigma antigo: «quanto de uma coisa tem de ser substituído para que deixe de ser o que era?».

Porque a casa já não era, garantidamente, o que tinha sido quando foi construída. Tanta coisa fora danificada, reparada, restaurada. Divisões inteiras removidas, vigas reforçadas, madeira consumida por insetos e substituída.

Mas a sua casa era mais marcante, mais viva que outras, porque o seu

olhar humano via como estava assombrada por aqueles milhares de toques humanos; evidências de quantos tinham passado por ali, cuidado e amado aquele lugar. Vibrava com essas marcas. E ela entendeu que, tal como a casa, ela e as crianças seriam transformadas não apenas pelos danos, mas pela reparação.

Cerrou a mão ferida num punho em torno da cicatriz na palma, resoluta.

Amanhã apresentaria as crianças aos vizinhos que a tinham ajudado. Ainda melhor, fariam um esforço para conhecer todos os vizinhos. Depois, tal como prometera, levaria as crianças em busca de uma árvore de Natal. Escolheriam uma das não vendidas, não escolhidas, que tinha visto empilhadas atrás de um centro de jardinagem próximo. Levariam para casa quaisquer coroas e guirlandas que ainda por lá houvesse tanto tempo depois das festividades, enchendo a casa com cheiros de vida suficientemente fortes para a tornarem verde em pleno inverno. Juntos, encontrariam conforto nas luzes que pendurariam, na memória do marido e pai que perderam. Juntos, veriam os dias ficarem mais longos.

E, nessa noite, entraria na casa que os tinha protegido. Nessa noite, adormeceria num lugar que existia há séculos, prova da beleza nascida da sobrevivência.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada a Helen Heller, cujo entusiasmo por este livro desde a primeira vez que falámos mudou a minha vida. A sua perspicácia, ideias, críticas sempre acertadas e apoio inabalável significaram tudo para mim.

Tive a sorte incrível de trabalhar com os editores Jeramie Orton e Harriet Bourton. Os seus comentários ponderados nunca deixaram de me impressionar, e fizeram deste livro o que ele é. Obrigada a ambos, verdadeiramente, pela vossa franqueza, gentileza e fé nesta história.

Obrigada a Pamela Dorman por me acolher numa família editorial verdadeiramente maravilhosa.

Saliann St-Clair e a equipa da Marsh Agency, obrigada pelo vosso trabalho incansável no mercado internacional.

A todos na WME, aprecio imensamente tudo o que fizeram enquanto representantes deste livro.

Obrigada a Jane Glaser por todo o apoio.

Aos meus primeiros leitores, sem ordem particular – Courtney Stephens, Nachel Mathoda, Liz Wendell, Sian Gilbert e Jamie Sogn –, o vosso *feedback* foi fundamental, e não poderia estar-vos mais grata.

Para Christine Pride, Laurie Edwards e Rakesh Satyal, o vosso encorajamento paciente e os conselhos dados a esta forasteira em terra estrangeira foram cruciais nos meus momentos mais desanimados e desencorajados.

Yvette Yun e Marith Zoli, as minhas incríveis mentoras. Ensinaram-me tanto e foram as primeiras pessoas a destacar o meu talento de uma pilha de escritos e a ver algum potencial. Ser-vos-ei eternamente grata.

À minha comunidade de escrita – vocês sabem quem são –, passámos por momentos difíceis juntos, e nalguns dias vocês foram a única coisa que me fez seguir em frente e pôr palavras na página. Obrigada, sempre.

Rye, a tua bondade, encorajamento e capacidade de me fazeres sentir sempre melhor provam que tenho a melhor irmã do mundo. Obrigada por não seres apenas uma pessoa incrível, mas também uma leitora perspicaz.

Ao meu pai, Robert, que guardou todos aqueles livros que escrevi na quarta classe e que se certificou de que eu soubesse exatamente o que fazer quando encontrasse um leão-da-montanha. Tu deste-me uma vida inteira de apoio e gargalhadas.

Obrigada aos meus sogros, Ruth Anne e Randy, por me elogiarem sempre e por nunca deixarem de ajudar com qualquer coisa, desde tomar conta das crianças até fazer cimento.

A minha avó Lil e a minha mãe, Catherine, foram leitoras vorazes durante toda a vida, que inspiraram o meu amor pelos livros e por tudo o que é ficção. Eu sei que ambas estão a olhar cá para baixo e vão dizendo «Nós avisámos», quando me veem a questionar a minha decisão de seguir Direito. Como sempre, certas.

Na frente da inspiração, tenho alguns agradecimentos. Primeiro, claro, à minha casa. É impossível aquecer-te, mas és deslumbrante e envelheceste de forma graciosa. Se fores assombrada, os teus fantasmas são benevolentes. Um grande obrigada-mas-não-obrigada ao empreiteiro que me fez começar a preocupar-me com o que faria se alguém alguma vez invadissem a minha casa.

E, claro, muitos agradecimentos à minha ansiedade. Eu sabia que servirias para alguma coisa.

Thomas e Eleanor, se estiverem a ler isto antes do ano de 2032, são demasiado novos. Por favor, voltem a arrumar o livro. Mas saibam que vos amo e vivo maravilhada por ter tido a sorte de ser vossa mãe.

E, finalmente, ao meu marido, Jason. A coisa mais inteligente que fiz foi perceber aos dezassete anos que tinha encontrado o amor. Obrigada por esta vida maravilhosa.

Table of Contents

1.	Capa
2.	Ficha Técnica
3.	1
4.	2
5.	3
6.	4
7.	5
8.	6
9.	7
10.	8
11.	9
12.	10
13.	11
14.	12
15.	13
16.	14
17.	15
18.	16
19.	17
20.	18
21.	19
22.	20
23.	21
24.	22
25.	23
26.	24
27.	25
28.	26
29.	27
30.	28
31.	29
32.	30
33.	31
34.	32
35.	33
36.	34
37.	35
38.	AGRADECIMENTOS

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)